

ALICE MUNRO FUGITIVA



BIBLIOTECA AZUL
PRÊMIO NOBEL
DE LITERATURA

ALICE
MUNRO

FUGITIVA

Tradução
Pedro Sette-Câmara



BIBLIOTECA AZUL

Copyright © 2004 by Alice Munro

Copyright da tradução © 2014 Editora Globo

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *Runaway*

Editor responsável: Ana Lima Cecilio

Editor assistente: Erika Nogueira Vieira

Editor digital: Erick Santos Cardoso

Capa: Mariana Newlands

Diagramação: Jussara Fino

Foto de capa: Kurt Hutton/ Picture Post/ Getty Images

cip-brasil. catalogação na publicação

sindicato nacional dos editores de livros, rj

M939f

Munro, Alice, 1931-

Fugitiva / Alice Munro; tradução Pedro Sette-Câmara.

1ª ed. — São Paulo: Globo, 2014.

352 p.; 21 cm.

Tradução de: *Runaway*

isbn 978-85-250-5714-3

1. Conto canadense. i. Sette-Câmara, Pedro. ii. Título.

14-10413 cdd: 869.13

cdu: 821.111(71)-3

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa, para o Brasil adquiridos por editora globo s. a.

Av. Jaguaré, 1485

São Paulo-sp 05346-902

www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Fugitiva](#)

[Ocasião](#)

[Daqui a pouco](#)

[Silêncio](#)

[Paixão](#)

[Ofensas](#)

[Peças](#)

[Poderes](#)

[Notas](#)

Em memória das minhas amigas

Mary Carey

Jean Livermore

Melda Buchanan

Fugitiva

Carla ouviu o carro chegando antes de ele passar pela pequena elevação na estrada que por ali chamavam de colina. É ela, pensou. A sra. Jamieson — Sylvia — voltando das férias na Grécia. Da porta do estábulo — mas recuada o bastante para não poder ser vista de imediato — ela observava a estrada que a sra. Jamieson teria de percorrer, já que sua casa ficava uns oitocentos metros depois da casa de Clark e Carla, na mesma estrada.

Se fosse alguém pronto para virar em seu portão, a essa altura estaria diminuindo a velocidade. Mas Carla ainda tinha esperanças. *Tomara que não seja ela.*

Era. A sra. Jamieson voltou a cabeça uma vez, rapidamente — ocupada que estava em manobrar o carro pelas valetas e poças que a chuva tinha deixado no cascalho — mas não tirou a mão do volante para acenar, ela não viu Carla. Carla chegou a ter um vislumbre de um braço bronzeado, nu até o ombro, o cabelo pintado num tom mais claro do que antes, agora mais branco do que louro platinado, e uma expressão que era determinada e exasperada e que se divertia com sua própria exasperação — exatamente a cara que a sra. Jamieson faria ao transpor uma estrada como aquela. Quando ela virou a cabeça, houve algo como um súbito esgar — de inspeção, de esperança — que fez Carla dar um passo para trás.

Bem.

Talvez Clark ainda não soubesse. Se estivesse sentado na frente do computador, estaria de costas para a janela e para a estrada.

Mas a sra. Jamieson talvez precisasse sair de novo. Na volta do aeroporto, talvez não tivesse parado para fazer compras — não antes de chegar em casa e ver o que estava faltando. Clark talvez a visse, então. E, quando a noite caísse, as luzes de sua casa apareceriam. Mas estávamos em julho, e só escurecia bem tarde. Talvez ela estivesse tão cansada que nem acendesse a luz, e fosse dormir cedo.

Por outro lado, ela poderia telefonar. Agora, a qualquer momento.

Era o verão de chuva e mais chuva. Era a primeira coisa que se ouvia logo de manhã cedo, fazendo barulho no telhado da casa móvel. As trilhas estavam cobertas de lama, o capim alto encharcado, as folhas acima da cabeça despejando aguaceiros aleatórios até naqueles momentos em que efetivamente nada caía do céu e as nuvens pareciam estar se dissipando. Toda vez que saía, Carla usava um chapéu alto de feltro australiano, de abas largas, e guardava a longa e espessa trança dentro da camisa.

Ninguém aparecia para cavalgar nas trilhas, ainda que Clark e Carla tivessem colocado cartazes em todos os acampamentos, nos cafés, no mural do posto de informações turísticas e em todos os outros lugares de que tinham conseguido se lembrar. Só vinham alguns alunos para as aulas e esses eram os de sempre, não as levas de crianças de férias, os ônibus repletos dos acampamentos de verão, que tinham sido o sustento deles no verão passado. E mesmo os de sempre com que eles contavam estavam dando um tempo para viajar de férias, ou simplesmente cancelando as aulas porque o clima não estava ajudando em nada. Se chegassem muito tarde, Clark cobrava de qualquer jeito pela hora. Uns reclamaram, e sumiram de vez.

Ainda havia alguma renda dos três cavalos de que eles cuidavam. Esses três, e os quatro que possuíam, estavam agora no campo, vagando pela grama debaixo das árvores. Pareciam nem se dar ao trabalho de perceber que a chuva tinha parado por um instante, como tantas vezes parava à tarde. Só o suficiente para dar esperanças — as nuvens esbranquiçavam, adelgaçavam-se e deixavam passar um brilho difuso que nunca chegava a ser luz do sol de verdade, e que geralmente sumia antes do jantar.

Carla tinha acabado de limpar o esterco do estábulo. Tinha limpado com calma — ela gostava do ritmo de suas tarefas regulares, do espaço alto sob o teto do estábulo, dos cheiros. Então foi até o picadeiro para ver se o chão estava seco o bastante, para o caso de o aluno das cinco aparecer.

A maior parte das chuvas contínuas não era particularmente forte, nem vinha carregada pelo vento, mas semana passada tinha havido uma agitação súbita e depois uma rajada pela copa das árvores e uma chuva cegante quase horizontal. Em quinze minutos a tempestade passou. Mas restaram galhos pela estrada, fios elétricos tinham caído, e um bom pedaço da cobertura de plástico do cercado tinha sido arrancado. A poça no fim da pista parecia um lago, e Clark trabalhara até depois de escurecer, escavando um canal para drená-la.

A cobertura ainda não tinha sido consertada. Clark tinha amarrado arame para não deixar os cavalos entrarem na lama, e Carla tinha demarcado uma pista mais curta.

Naquele momento, Clark estava na internet caçando algum lugar para comprar material para a cobertura. Algum mercado de sucata, com preços que eles pudessem pagar, ou alguém tentando se livrar do material de segunda mão. Ele não ia até o Armazém de Construção de Hy e Robert Buckley na cidade, que chamava de Armazém de Construção Rouberto Ladrão, porque lhes devia muito dinheiro e tivera uma briga com eles.

Não era só com as pessoas a quem devia dinheiro que Clark brigava. Sua simpatia, cativante à primeira vista, podia azedar a qualquer momento. Havia lugares em que ele não entrava, aos quais sempre mandava Carla ir, por causa de alguma querela. Um desses lugares era a farmácia. Uma senhora tinha passado à frente dele — quer dizer, ela tinha ido pegar alguma coisa que tinha esquecido e voltou e passou à frente, em vez de ir para o fim da fila, e ele reclamou, e a caixa lhe disse: “Ela tem enfisema”, e Clark disse: “É mesmo? E eu tenho hemorroidas”, e o gerente foi convocado, dizendo que aquilo era desnecessário. E na cantina na estrada não deram o desconto do café da manhã, porque já tinha passado das onze, e Clark discutiu e então jogou seu copo de café no chão — passou quase raspando, disseram, numa criança em um carrinho. Ele disse que a criança estava a um quilômetro de distância e que deixou o copo cair porque não tinham dado o protetor de papelão. Eles disseram que ele não tinha pedido protetor. Ele disse que não devia nem ter que pedir.

— Você esquentou — disse Carla.

— Homem esquentou.

Ela nem tinha comentado nada a respeito da briga que ele tivera com Joy Tucker. Joy Tucker era a bibliotecária da cidade que deixava seu cavalo com eles. O cavalo era uma pequena e arisca alazã chamada Lizzie — às vezes, de brincadeira, Joy Tucker chamava-a de Lizzie Borden.^[1] Ontem ela não estava nem um pouco de brincadeira, e reclamou de a cobertura ainda não ter sido consertada, e de Lizzie estar com péssima aparência, como se tivesse pego um resfriado.

Na verdade, não havia nada de errado com Lizzie. Clark tinha tentado — para os padrões dele — acalmá-la. Mas então foi Joy Tucker quem esquentou e disse que aquele lugar era uma espelunca, que Lizzie merecia coisa melhor, e Clark disse: “À vontade.” Joy não tinha — ainda — tirado Lizzie dali, como Carla esperara. Mas Clark, que antes tinha feito da pequena égua seu bicho de

estimação, recusou-se a fazer qualquer outra coisa por ela. O resultado era que os sentimentos de Lizzie estavam feridos — ela teimava na hora do exercício, e dava coices de protesto na hora de limpar os cascos, o que tinha de ser feito todos os dias, para que não dessem fungo. Carla tinha de ficar atenta para não levar mordiscadas.

Mas para Carla o pior de tudo era a ausência de Flora, a cabritinha branca que fazia companhia aos cavalos no estábulo e nos campos. Havia dois dias que ela não dava as caras. Carla estava com medo de que cães selvagens ou coiotes a tivessem pego, ou mesmo um urso.

Ela tinha sonhado com Flora noite passada e na noite antes dessa. No primeiro sonho, Flora tinha andado direto até a cama com uma maçã vermelha na boca, mas no segundo sonho — noite passada — ela fugiu correndo quando viu Carla chegando. Sua pata parecia machucada, mas mesmo assim ela corria. Ela levou Carla até uma cerca de arame farpado do tipo que poderia fazer parte de algum campo de batalha, e então ela — Flora — esgueirou-se pela cerca, de pata machucada e tudo, simplesmente passou como se fosse uma enguia branca e sumiu.

Os cavalos tinham visto Carla dirigir-se para o picadeiro e foram todos para perto da cerca — todos encharcados, apesar dos cobertores neozelandeses — para que ela reparasse neles quando voltasse. Ela conversou baixinho com eles, pedindo desculpas por vir de mãos vazias. Acariciou seus pelos e esfregou seus narizes e perguntou se tinham alguma notícia de Flora.

Grace e Juniper bufaram e ergueram o focinho, como se reconhecessem o nome e compartilhassem sua preocupação, mas então Lizzie se meteu no meio delas e tirou a cabeça de Grace do afago de Carla. Ela deu uma mordiscada na mão de Carla só para garantir que a mensagem tinha sido transmitida, e Carla teve de passar algum tempo ralhando com ela.

Até três anos atrás, Carla nunca tinha realmente prestado atenção em casas móveis. Não era nem assim que ela as chamava. Assim como seus pais, ela teria achado “casa móvel” pretensioso. Algumas pessoas moravam em trailers, e pronto. Não havia diferença entre um trailer e outro. Quando Carla foi morar ali, quando escolheu aquela vida com Clark, começou a ver as coisas de outro jeito. Depois disso ela começou a falar “casa móvel”, e a prestar atenção para ver como as pessoas as arrumavam. Que tipo de cortinas usavam, o jeito como tinham pintado as beiradas, as ambiciosas varandas ou deques, ou quais

cômodos a mais tinham sido acoplados. Ela mal podia esperar para começar a fazer suas próprias melhorias.

Clark a tinha acompanhado em seus projetos por um tempo. Tinha construído novos degraus de entrada, e passou um bom tempo procurando um corrimão de ferro forjado. Ele nunca reclamava do dinheiro gasto em tinta para a cozinha e o banheiro ou no material das cortinas. A pintura tinha sido apressada — na época, ela não sabia que era preciso tirar as dobradiças das portas do guarda-louças. Nem que era preciso forrar as cortinas, que já tinham desbotado.

Clark só hesitava quanto a arrancar o carpete, que era o mesmo em todos os cômodos, e era aquilo que ela mais queria trocar. Ele era dividido em quadradinhos marrons, cada qual com um padrão de floreios e formas em marrom mais escuro, ferrugem e castanho-claro. Por muito tempo ela tinha achado que eram os mesmos floreios e figuras, dispostos do mesmo jeito, em cada quadrado. Então, quando teve mais tempo, muito tempo, para examiná-los, concluiu que havia quatro padrões unidos para criar quadrados maiores idênticos. Às vezes ela conseguia distinguir o arranjo com facilidade e às vezes precisava se esforçar para ver.

Ela fazia isso quando chovia lá fora e o mau humor de Clark pesava por todo o espaço ali dentro, e ele não queria dar atenção a nada que não fosse a tela do computador. Mas a melhor coisa a fazer nesses momentos era inventar ou lembrar de alguma coisa para fazer no estábulo. Os cavalos nem olhavam para ela quando ela estava infeliz, mas Flora, que nunca ficava amarrada, vinha se esfregar nela e erguer os olhos com uma expressão que não era bem de compaixão — era mais como uma caçoada camarada — no brilho incerto de seus olhos amarelo-esverdeados.

Flora já era uma cabrita semiadulta quando Clark a trouxe de uma fazenda aonde tinha ido barganhar por alguns arreios de cavalos. As pessoas ali estavam desistindo da vida no campo, ou ao menos de criar animais — tinham vendido os cavalos mas não tinham conseguido se livrar dos bodes. Ele tinha ouvido falar que um bode trazia tranquilidade e bem-estar a um estábulo, e resolveu tentar. Eles queriam que ela desse cria no futuro mas nunca tinha havido sinal nenhum de que ela tinha entrado no cio.

No começo ela foi o bicho de estimação só de Clark, seguindo-o por toda parte, dançando para chamar sua atenção. Ela era ágil, graciosa e provocante como um gatinho, e sua semelhança com uma inocente menina apaixonada fazia os dois rirem. Mas, ao ficar mais velha, ela pareceu se apegar a Carla, e nesse apego ela de repente ficou muito mais séria, menos irrequieta — agora ela

parecia capaz de um humor controlado e irônico. O comportamento de Carla com os cavalos era mais terno e rígido do que maternal, mas a camaradagem com Flora era bem diferente, porque Flora não lhe permitia qualquer sensação de superioridade.

— Ainda nenhum sinal da Flora? — disse ela, tirando as botas que usava no estábulo. Clark tinha colocado na internet um aviso de cabra perdida.

— Ainda não — disse ele, num tom de voz preocupado mas não antipático. Ele sugeriu, não pela primeira vez, que Flora talvez só tivesse saído para arrumar um bode por aí.

Nenhuma palavra sobre a sra. Jamieson. Carla colocou a chaleira para esquentar. Clark estava assobiando sozinho, como costumava fazer quando ficava sentado na frente do computador.

Às vezes Clark lhe dava respostinhas. *Vai catar coquinho*, dizia, devolvendo alguma provocação. Ou então ria — mas não conseguia lembrar o que era engraçado, quando ela perguntava depois.

Carla levantou a voz para perguntar: “Quer chá?”, e, para sua surpresa, ele levantou e foi até a cozinha.

— Olha só — disse ele. — Carla, olha só.

— Que foi?

— Ela ligou.

— Quem?

— Sua Alteza. A rainha Sylvia. Acabou de voltar.

— Não ouvi o carro.

— Não perguntei se você tinha ouvido.

— Ela telefonou pra quê?

— Ela quer que você vá lá ajudar a arrumar a casa. Foi o que ela disse.

Amanhã.

— O que você respondeu?

— Falei que tudo bem. Mas é melhor você ligar e confirmar.

Carla disse: — Não sei pra quê, se você falou que eu ia. — Ela serviu o chá nas canecas. — Limpei a casa dela antes de ela viajar. Não consigo imaginar o que é que já tem pra fazer.

— Talvez alguns vadios tenham entrado e feito uma baderna enquanto ela estava fora. A gente nunca sabe.

— Não preciso telefonar agora mesmo — disse ela. Quero aproveitar meu chá e quero tomar uma ducha.

— Quanto mais cedo, melhor.

Carla levou o chá para o banheiro, gritando de volta: — A gente precisa ir na lavanderia. As toalhas, mesmo depois de secar, ficam com cheiro de mofo.

— Carla, nada de mudar de assunto.

Mesmo depois de ela entrar no chuveiro, ele ficou parado do outro lado da porta falando com ela.

— Carla, eu não vou deixar você escapar.

Ela achou que ele talvez ainda estivesse parado ali na hora em que saiu, mas ele tinha voltado para o computador. Ela se vestiu como se fosse ir até a cidade — a esperança era de que, se eles pudessem sair dali, ir até a lavanderia, comprar comida naquele lugar do cappuccino, talvez conseguissem falar de outro jeito, talvez fosse possível algum alívio. Ela foi até a sala de estar num passo ligeiro e abraçou-o por trás. Mas assim que fez isso uma onda de tristeza engoliu-a — devia ter sido o calor do chuveiro, liberando suas lágrimas — e ela se curvou por cima dele, se desfazendo toda e chorando.

Ele tirou as mãos do teclado, mas ficou imóvel.

— Só não fica bravo comigo — disse ela.

— Não estou bravo. Só detesto quando você fica assim, só isso.

— Eu estou assim porque você está zangado.

— Para de dizer o que eu estou. Você está me sufocando. Começa logo a fazer o jantar.

Foi isso que ela fez. Àquela altura era óbvio que o aluno das cinco da tarde não ia aparecer. Ela pegou as batatas e começou a descascá-las, mas suas lágrimas não paravam e ela não conseguia ver o que estava fazendo. Limpou o rosto com papel toalha e arrancou uma folha para levar consigo e saiu para a chuva. Não entrou no estábulo porque ali era triste demais sem Flora. Andou pelo caminho que levava para a floresta. Os cavalos estavam no outro campo. Eles vieram até a cerca para observá-la. Todos, menos Lizzie, que saltitou e bufou um pouco, tendo o bom senso de entender que a atenção dela estava em outro lugar.

Tinha começado quando eles leram o obituário, o do sr. Jamieson. Saiu no jornal da cidade, e o rosto dele apareceu no jornal da noite. Até o ano anterior, eles só sabiam que os Jamieson eram vizinhos reservados. Ela dava aula de Botânica na faculdade a sessenta quilômetros dali, então passava um bom tempo na estrada. Ele era poeta.

Isso todo mundo sabia. Mas ele parecia ocupado com outras coisas. Para um poeta, e para um homem idoso — devia ter vinte anos a mais que a sra.

Jamieson — ele era robusto e ativo. Fez melhorias no sistema de drenagem da casa, limpando o duto e revestindo-o com pedras. Cavou, plantou e cercou uma horta, abriu trilhas na floresta, cuidou de reparos na casa.

A casa em si era uma esquisitice visual triangular que ele tinha construído anos atrás, com alguns amigos, usando as fundações de uma velha casa de fazenda arruinada. Aquele tipo de pessoa que era chamado de “hippies” — ainda que o sr. Jamieson provavelmente fosse um pouco velho para aquilo, mesmo na época, antes da sra. Jamieson. Tinha uma história de que ele plantava maconha na floresta, vendia, e guardava o dinheiro em jarras seladas de vidro, que eram enterradas em volta da propriedade. Clark ouvira isso de gente que tinha conhecido na cidade. Achou que era bobagem.

“Senão alguém já teria entrado e desenterrado. Alguém ia ter arrumado um jeito de fazê-lo dizer onde é que estava tudo.”

Quando leram o obituário, Carla e Clark ficaram sabendo que Leon Jamieson tinha recebido um grande prêmio, cinco anos antes de morrer. Um prêmio de poesia. Ninguém nunca tinha falado naquilo. Parecia que as pessoas conseguiam acreditar em dinheiro de droga enterrado em jarras de vidro, mas não em dinheiro ganho escrevendo poesia.

Pouco depois disso Clark falou: — A gente podia ter obrigado ele a pagar.

Carla soube imediatamente do que ele estava falando, mas entendeu como piada.

— Tarde demais agora — disse ela. — Não dá mais para pagar nada depois que você morre.

— Ele não pode. Mas ela poderia.

— Ela foi pra Grécia.

— Ela não vai ficar na Grécia.

— Ela não sabia — disse Carla, mais sóbria.

— Eu não disse que ela sabia.

— Ela não tinha a menor ideia.

— Isso a gente pode resolver.

Carla disse: — Não. Não.

Clark prosseguiu como se ela não tivesse dito nada.

— Podemos falar que vamos entrar com um processo. As pessoas ganham dinheiro assim o tempo todo.

— Como é que você vai fazer isso? Não dá pra processar quem já morreu.

— É só ameaçar ir pra imprensa. Um poeta todo importante. Os jornais iam adorar. É só ameaçar que ela cede.

— Isso é tudo fantasia sua — disse Carla. — Você está de brincadeira.

— Não — disse Clark. — A bem da verdade, não estou não.

Carla disse que não queria mais falar daquilo, e ele disse que tudo bem.

Mas eles falaram no dia seguinte, e no outro e no outro. Às vezes ele tinha umas ideias assim que não eram viáveis, que talvez fossem até ilegais. Ele falava delas cada vez mais empolgado e então — ela não sabia bem por que — parava. Se a chuva tivesse parado, aquele verão podia ter sido mais normal, ele podia ter deixado essa ideia ir embora junto com as outras. Mas isso não tinha acontecido, e durante o último mês ele tinha batido nessa mesma tecla como se o plano fosse perfeitamente viável e sério. A questão era quanto dinheiro pedir. Pouco, e a mulher podia não levá-los a sério, podia ficar com vontade de ver se eles estavam blefando. Muito, e ela podia ficar irritada e talvez não ceder.

Carla tinha parado de dizer que era piada. Em vez disso, ela lhe disse que não ia funcionar. Disse que, para começar, as pessoas esperavam que os poetas fossem daquele jeito. Então não valia a pena pagar nada para encobrir aquilo.

Ele disse que ia funcionar se eles fizessem tudo direito. Carla ia desabar e contar a história toda para a sra. Jamieson. Então Clark ia aparecer, como se tudo tivesse sido uma surpresa para ele, como se tivesse acabado de descobrir. Ele ia ficar furioso, ia falar em contar para o mundo todo. Ele ia deixar a sra. Jamieson ser a primeira a falar em dinheiro.

— Você foi ofendida. Foi molestada e humilhada e eu fui ofendido e humilhado porque você é minha esposa. É uma questão de respeito.

De novo e de novo ele falou assim com ela e ela tentou evitá-lo, mas ele insistiu.

— Promete — disse ele. — Promete.

Isso tudo porque um dia ela tinha contado a ele coisas que agora não podia retirar nem negar.

Às vezes ele fica interessado em mim...

O velho...

Às vezes ele me chama para ir no quarto quando ela não está...

Isso.

Quando ela tem de sair para fazer compras e a enfermeira também não está lá.

Uma inspiração de sorte dela, inspiração que imediatamente o agradou.

Então o que é que você faz? Você vai?

Ela se fez de tímida.

Às vezes.

Ele te chama para ir no quarto dele. E aí? Carla, e aí?

Vou lá ver o que ele quer.

E o que é que ele quer?

Isso era perguntado e contado em sussurros, mesmo que não houvesse ninguém por perto para ouvir, mesmo quando eles estavam na terra do nunca da cama. Uma história de ninar, em que todos os detalhes eram importantes e precisavam ser acrescentados a cada vez, e isso com relutância convincente, timidez, risinho, *que safada, que safada*. E não era só ele que ficava ansioso e grato. Ela também. Ansiosa para agradá-lo e deixá-lo excitado, para deixar a si mesma excitada. Grata toda vez que aquilo continuava funcionando.

E em algum lugar da mente dela *era* verdade, ela viu o lúbrico velhote, o balanço que ele fazia no lençol, acamado mesmo, quase sem conseguir falar, mas proficiente na linguagem de sinais, indicando seu desejo, tentando ganhar a cumplicidade dela em obsequiosas gracinhas e intimidades com gestos do dedo e do cotovelo. (A recusa dela era uma necessidade, ainda que, talvez estranhamente, uma pequena decepção, para Clark.)

Volta e meia vinha uma imagem que ela tinha de sufocar, sob o risco de que ela arruinasse tudo. Ela pensava no corpo verdadeiro, débil, envolto nos lençóis, medicado e encolhendo a cada dia em sua cama de hospital alugada, vislumbrado apenas nas poucas vezes em que a sra. Jamieson ou a enfermeira que ia lá tinham esquecido de fechar a porta. Ela mesma nunca se aproximando dele mais do que isso.

Na verdade, ela ficava apreensiva por ir à casa dos Jamieson, mas precisava do dinheiro, e sentia pena da sra. Jamieson, que parecia tão assombrada e perplexa, como se estivesse andando enquanto dormia. Uma ou duas vezes, Carla não tinha aguentado e feito alguma coisa realmente boba só para descontrair o clima. O tipo de coisa que ela fazia quando um cavaleiro de primeira viagem, apavorado e sem jeito, estava se sentindo humilhado. Ela costumava tentar aquilo também quando o mau humor de Clark não passava. Com ele isso não funcionava mais. Mas a história sobre o sr. Jamieson tinha funcionado, decisivamente.

Não havia jeito de evitar as poças no caminho, nem o capim alto e encharcado que o margeava, nem a flor de cenoura bravia que desabrochava recentemente. Mas o ar estava quente o bastante para que ela não ficasse com frio. Suas roupas estavam encharcadas, como se fosse de seu próprio suor ou das lágrimas que lhe

escorriam pelo rosto junto da chuva fina. O choro foi passando com o tempo. Ela não tinha nada com que limpar o nariz — o papel toalha estava àquela altura ensopado — mas inclinou-se e assoou-o com vontade numa poça.

Ela ergueu a cabeça e conseguiu fazer o demorado assobio vibrante que era seu sinal — e também o de Clark — para Flora. Esperou alguns minutos e chamou o nome de Flora. De novo e de novo, assobio e nome, assobio e nome.

Flora não respondeu.

Era quase um alívio, porém, sentir tão somente a dor do sumiço de Flora, do sumiço talvez para sempre de Flora, em comparação com a embrulhada em que tinha se metido em relação à sra. Jamieson, e com a gangorra de sua aflição com Clark. Pelo menos isso de Flora ir embora não era por causa de nada que ela, Carla, tivesse feito.

Na casa, não havia nada para Sylvia fazer além de abrir as janelas. E pensar — com uma avidez que a consternava sem chegar a surpreendê-la — na primeira oportunidade de ver Carla.

Toda a parafernália da doença tinha sido removida. O quarto que tinha sido de Sylvia e do marido, e depois sua câmara mortuária, tinha sido limpo e arrumado de modo a parecer que nada nunca tinha acontecido ali. Carla tinha ajudado com tudo durante os poucos dias frenéticos entre a cremação e a partida para a Grécia. Cada peça de roupa que Leon jamais usava e algumas que não tinha usado nunca, incluindo presentes das irmãs que ele sequer chegou a tirar da embalagem, tinham sido empilhados no banco de trás do carro e entregues ao bazar beneficente. Os comprimidos dele, os apetrechos de barbear, as latas do fortificante que o sustentou enquanto foi possível, os pacotes do biscoito de gergelim que ele comia às dúzias, as garrafas plásticas cheias da loção que aliviava suas costas, as peles de carneiro em que ele se deitava — tudo isso foi jogado em sacos plásticos e levado como se fosse lixo, e Carla não questionou nada. Ela nunca disse “Talvez alguém possa usar isso”, nem observou que pacotes inteiros com latas ainda estavam fechados. Quando Sylvia disse “Preferia não ter levado as roupas pra cidade. Queria ter queimado tudo no incinerador”, Carla não mostrou surpresa.

Elas limparam o forno, esfregaram os armários, passaram pano em paredes e janelas. Um dia Sylvia sentou-se na sala de estar para dar uma olhada em todas as cartas de condolências que tinha recebido. (Não havia papéis e cadernos acumulados para organizar, como se poderia esperar de um escritor, nenhuma

obra inacabada nem rascunhos rabiscados. Ele tinha dito a ela, meses antes, que tinha jogado tudo fora. *E sem arrependimentos.*)

A parede da casa voltada para o sul era feita de janelas imensas. Sylvia olhou para cima, surpresa com a pálida luz do sol que saía — ou talvez surpresa com a silhueta de Carla, pernas descobertas, braços descobertos, em cima de uma escada, seu rosto resoluto coroadado por um friso de cabelo dourado que era curto demais para a trança. Ela borrifava e esfregava o vidro com vontade. Quando viu Sylvia olhando para ela, parou e abriu os braços como se tivesse sido congelada ali, fazendo uma careta boba, de gárgula. As duas começaram a rir. Sylvia sentia aquele riso percorrendo-a inteira, como um riacho brincalhão. Voltou para as cartas enquanto Carla retomou a limpeza. Concluiu que todas aquelas palavras gentis — genuínas ou automáticas, as homenagens e os lamentos — podiam tomar o mesmo rumo das peles de carneiro e dos biscoitos.

Quando ela ouviu Carla tirando a escada, ouviu as botas nas tábuas, subitamente ficou tímida. Ficou sentada onde estava, com a cabeça abaixada, enquanto Carla entrava na sala e passava por ela a caminho da cozinha para colocar o balde e os panos de volta debaixo da pia. Carla mal parou, foi rápida como um pássaro, mas conseguiu deixar um beijinho na cabeça abaixada de Sylvia. Então seguiu, assobiando algo para si mesma.

Aquele beijo estava na cabeça de Sylvia desde então. Ele não significava nada em particular. Significava *Anime-se*. Ou *Quase acabando*. Significava que eram boas amigas que tinham enfrentado um bocado de trabalho deprimente juntas. Ou talvez só que o sol tinha aparecido. Que Carla estava pensando em voltar para casa, para seus cavalos. Mesmo assim, Sylvia viu-o como um vivo desabrochar, suas pétalas estendendo-se dentro dela com uma ardência tumultuada, como uma onda de calor da menopausa.

Com relativa frequência aparecia alguma aluna numa de suas turmas de botânica — alguma particularmente dotada de sagacidade, dedicação e um desajeitado egoísmo, ou mesmo de paixão verdadeira pelo mundo natural, que a recordava de si mesma na juventude. Essas meninas ficavam em torno dela com devoção, esperando alguma espécie de intimidade que — na maioria dos casos — não conseguiam sequer imaginar, e logo lhe davam nos nervos.

Carla não tinha nada a ver com elas. Se lembrava alguém da vida de Sylvia, teria de ser alguma das garotas que ela conhecera no ensino secundário — aquelas que eram inteligentes mas nunca demais, que levavam jeito para esportes mas não competiam obsessivamente, que eram vivazes mas não alvoroçadas. Naturalmente felizes.

— O lugar onde eu estava, aquela cidadezinha, aquela cidadezinha tão pequena, com meus dois velhos amigos, bem, era aquele tipo de lugar em que o ônibus de turismo, que só ia mesmo muito de vez em quando, parava como se estivesse se perdido, e os turistas saíam e davam uma olhada em volta e ficavam totalmente desorientados porque não estavam em lugar nenhum. Não havia nem nada para comprar.

Sylvia estava falando da Grécia. Carla estava sentada perto dela. A garota estonteante, com membros largos, desconfortável, estava finalmente sentada ali, na sala que tinha sido preenchida com pensamentos dela. Ela sorria muito de leve, meneava a cabeça um pouco atrasada.

— E no começo — disse Sylvia — no começo eu também fiquei desorientada. Estava tão quente. Mas é verdade o que dizem da luz. É maravilhosa. Então entendi o que é que havia para fazer, e havia só aquelas coisas simples, mas com elas dava para encher o dia. Você anda quase um quilômetro na estrada para comprar azeite e mais quase um quilômetro na outra direção para comprar pão ou vinho, e nisso vai a manhã, e você almoça debaixo das árvores e depois do almoço está quente demais para fazer qualquer coisa exceto fechar as persianas e deitar na cama e quem sabe ler. No começo você lê. Depois você repara que as sombras estão mais compridas e você levanta e vai dar um mergulho. Ah — soltou ela, interrompendo a si mesma —, ah, esqueci.

Levantou-se num pulo e foi pegar o presente que tinha trazido, e que na verdade não tinha esquecido nem um pouco. Ela não queria entregá-lo a Carla de imediato, queria que o momento viesse mais naturalmente, e, enquanto estava falando, pensou de antemão no momento em que poderia falar do mar, em dar um mergulho. E dizer, como estava dizendo agora, “dar aqueles mergulhos me lembrou disso porque é uma pequena réplica, você sabe, uma pequena réplica de um cavalo que acharam no fundo do mar. Feito de bronze. Tiraram de lá depois desse tempo todo. Dizem que é do século ii antes de Cristo”.

Quando Carla chegara e olhara em volta para ver se tinha trabalho a fazer, Sylvia falou: — Ah, sente um pouco. Não tem ninguém para conversar comigo desde que cheguei. Por favor. — Carla tinha sentado na beira de uma cadeira, com as pernas afastadas, as mãos entre os joelhos, parecendo de certo modo desolada. Como que em busca de alguma cortesia distante, tinha dito: — E que tal a Grécia?

Agora ela estava de pé, com o papel de seda amarfanhado em volta do cavalo, que não tinha desembrulhado de todo.

— Ele representaria um cavalo de corrida — disse Sylvia. — Dando o último arranque, fazendo o esforço derradeiro numa corrida. O cavaleiro, também, o garoto, você vê que ele está levando o cavalo até o limite das forças.

Ela não mencionou que o garoto a fazia lembrar de Carla, e agora ela não conseguia dizer por quê. Ele não tinha mais do que dez ou onze anos. Talvez a força e a graça do braço que teria segurado as rédeas, ou as rugas na testa infantil, a concentração e o puro esforço nela fossem de algum modo semelhantes a Carla limpando as enormes janelas na última primavera. As pernas fortes nas bermudas, os ombros largos, as amplas esfregadas no vidro, e ainda o modo como tinha brincado, fazendo pose, convidando ou até ordenando Sylvia a rir.

— Dá pra ver mesmo — disse Carla, agora examinando conscientemente a pequenina estátua em bronze esverdeado. — Muito, muito obrigada.

— De nada. Vamos tomar um café, que tal? Acabei de fazer. O café na Grécia era bem forte, um pouco mais forte do que eu gosto, mas o pão era divino. E os figos maduros eram sublimes. Sente mais um pouco, por favor. Você devia me parar quando eu começo a falar assim. E as coisas aqui? Como é que tem sido a vida?

— Tem chovido a maior parte do tempo.

— Dá pra perceber. Dá pra ver que choveu — disse Sylvia levantando a voz do canto da sala que servia de cozinha. Ao servir o café, ela decidiu que não falaria nada do outro presente que tinha trazido. Não tinha custado nada (o cavalo tinha custado mais do que a menina provavelmente conseguiria imaginar), era só uma pedra pequenina de um branco meio rosado que ela tinha pego na estrada.

— É pra Carla — ela tinha dito à sua amiga Maggie, que estava andando a seu lado. — Sei que é bobo. Só quero que ela tenha um pedacinho deste lugar.

Ela já tinha falado de Carla para Maggie, e para Soraya, sua outra amiga ali, dizendo como a presença da menina tinha se tornado cada vez mais importante para ela, como um laço indescritível parecia ter surgido entre as duas e servido de consolo nos terríveis meses da última primavera.

— Era só para ver alguém, alguém tão cheio de vigor e de saúde vindo à minha casa.

Maggie e Soraya tinham rido de um jeito benevolente, mas irritante.

— Tem sempre uma menina — disse Soraya, esticando com indolência seus pesados braços morenos, e Maggie disse: — Todas nós passamos por isso em algum momento. Uma paixonite por uma menina.

Sylvia ficou atrapalhada e zangada por causa daquele termo datado — *paixonite*.

— Talvez seja porque Leon e eu nunca tivemos filhos — disse. — Que besteira. Amor maternal deslocado.

Suas amigas falaram todas ao mesmo tempo, dizendo de maneiras ligeiramente diversas que podia ser besteira, mas que, no fim das contas, era amor.

Mas hoje a menina não parecia nem um pouco a Carla em que Sylvia vinha pensando, não era de jeito nenhum o espírito vivo e calmo, a jovem criatura generosa e descontraída que lhe tinha feito companhia na Grécia.

Ela mal tinha demonstrado interesse no presente. Quase tão indiferente quando em relação ao gesto com que estendeu a mão para pegar a caneca de café.

— Teve uma coisa que achei que você teria gostado muito — disse Sylvia com energia. — As cabras. Elas eram bem pequeninas, mesmo adultas. Umas malhadas, outras brancas, ficavam pulando nas rochas como se fossem, como se fossem os espíritos daquele lugar. — Ela riu de um jeito artificial, não conseguia se segurar. — Eu não ficaria surpresa se elas tivessem coroas de flores nos chifres. Como vai sua cabritinha? Esqueci o nome dela.

— Flora. — Carla disse.

— Flora.

— Não está mais com a gente.

— Como assim? Você vendeu?

— Sumiu. A gente não sabe aonde ela foi.

— Ah, que pena. Que pena. Mas será que não existe chance de ela voltar?

Não houve resposta. Sylvia olhava diretamente a menina, algo que até aquele momento ela não tinha sido exatamente capaz de fazer, e viu que os olhos dela estavam cheios de lágrimas, o rosto manchado — na verdade, parecia sujo — e que ela parecia inchada de angústia.

Ela nada fez para evitar o olhar de Sylvia. Apertou os lábios contra os dentes, fechou os olhos e balançou para trás e para a frente como num uivo surdo, e então, de maneira chocante, efetivamente uivou. Uivou e chorou e engoliu o ar e as lágrimas escorreram rosto abaixo e o catarro pelo nariz e começou a procurar ensandecidamente algo em volta com que se limpar. Sylvia correu e trouxe bastante Kleenex.

— Não se preocupe, você está aqui, está tudo bem — disse ela, pensando que talvez o melhor a fazer fosse tomar a menina em seus braços. Mas ela não tinha o menor desejo de fazer isso, o que ainda poderia piorar as coisas. A menina podia sentir o quanto Sylvia não queria fazer aquilo, o quanto na verdade ela estava chocada com aquele ruidoso acesso.

Carla disse alguma coisa, disse a mesma coisa outra vez.

— Horrível, isso — disse ela. — Horrível.

— Nada disso, nada disso. Todos precisamos chorar às vezes. Está tudo bem, não se preocupe.

— Horrível.

E Sylvia não conseguia deixar de sentir o quanto, a cada instante daquele espetáculo de tristeza, a menina ia ficando mais banal, mais parecida com aquelas estudantes apagadas em seu escritório. Algumas reclamavam das notas, mas isso no mais das vezes era só uma tática, um breve choramingo nada convincente. A torneira só abria de verdade, o que era menos comum, quando a questão tinha a ver com um caso amoroso, com os pais, ou com uma gravidez.

— O problema não é sua cabra, é?

— Não. Não.

— Acho que você está precisando de um copo d'água — disse Sylvia.

Ela deixou a água gelar um tempo, tentando pensar o que mais poderia fazer ou dizer, e quando voltou, Carla já estava se acalmando.

— Olha. Olha — disse Sylvia, enquanto a água era engolida. — Não melhora assim?

— Sim.

— Não é a cabra. O que é?

Carla disse: — Não aguento mais.

O que é que ela não aguentava mais?

Pois era o marido.

Ele passava o tempo todo zangado com ela. Agia como se a odiasse. Não havia nada que ela fizesse direito, nada que ela pudesse dizer. Morar com ele a estava deixando louca. Às vezes ela achava que já estava louca. Às vezes achava que era ele que estava louco.

— Carla, ele te bateu?

Não. Ele não a tinha machucado fisicamente. Mas ele a odiava. Ele a desprezava. Ele não aguentava quando ela chorava, e ela não conseguia ficar sem chorar por causa da raiva que sentia.

Ela não sabia o que fazer.

— Talvez você saiba o que fazer — disse Sylvia.

— Ir embora? Eu iria se pudesse — Carla começou a chorar de novo. — Eu daria qualquer coisa para ir embora. Não posso. Não tenho dinheiro nenhum. Não tenho lugar nenhum no mundo para ir.

— Bem. Pense. Será que isso é mesmo verdade? — disse Sylvia, em sua melhor pose de conselheira. — Onde estão seus pais? Você não me disse que cresceu em Kingston? Sua família não está por lá?

Os pais dela tinham se mudado para a Colúmbia Britânica. Odiavam Clark. Não estavam nem aí se ela estava viva ou morta.

Irmãos ou irmãs?

Um irmão, nove anos mais velho. Casado, em Toronto. Também não dava a mínima. Não gostava de Clark. A esposa dele era esnobe.

— Já pensou num abrigo para mulheres?

— Eles só te aceitam se você tiver sido espancada. E todo mundo ia descobrir e seria ruim para os negócios.

Sylvia deu um leve sorriso.

— E lá é hora de se preocupar com isso?

Então Carla realmente riu. — Eu sei — disse. — Nem consigo mais pensar direito.

— Escuta — disse Sylvia. — Escuta só. Se você tivesse dinheiro para sair daqui, aonde iria? Aonde você iria? O que é que você faria?

— Eu iria para Toronto — disse Carla, de maneira resoluta. — Mas não ia nem chegar perto do meu irmão. Eu ia ficar numa pensão ou algo assim e ia arrumar um emprego numa hípica.

— E você acha que consegue fazer isso?

— Eu estava trabalhando numa hípica no verão em que conheci Clark. Tenho muito mais experiência hoje do que naquela época. Muito mais.

— Parece que você já planejou tudo — disse Sylvia, ponderada.

Carla disse: — Agora planejei.

— Então quando você iria, se pudesse ir?

— Agora. Hoje. Nesse minuto.

— A única coisa que te impede é a falta de dinheiro?

Carla respirou fundo. — A única coisa — disse.

— Tudo bem — disse Sylvia. — Agora escute o que eu vou propor. Não acho que você deva ir para uma pensão. Acho que você devia pegar o ônibus para Toronto e ficar na casa de uma amiga minha. O nome dela é Ruth Stiles. Ela mora sozinha numa casa enorme e não vai se importar se alguém passar um

tempo ali. Você pode ficar na casa dela até arrumar um emprego. Vou te ajudar com algum dinheiro. Deve haver um monte de hípicas em Toronto.

— Há sim.

— Então o que você acha? Quer que eu telefone e descubra a que horas sai o ônibus?

Carla disse que sim. Estava tremendo. Passava as mãos de cima a baixo nas coxas e sacudia a cabeça bruscamente de um lado para o outro.

— Não acredito — disse ela. — Eu vou te pagar. Quer dizer, obrigado. Pago sim. Não sei o que dizer.

Sylvia já estava no telefone, discando para a rodoviária.

— Ssshhh, vou ver os horários — disse. Ela ouviu, e desligou. — Sei que você vai pagar. Tudo bem quanto a Ruth? Vou falar com ela. Só tem um problema. — Ela dirigiu um olhar crítico a Carla. — Não dá para você ir vestida assim.

— Não posso ir em casa pegar nada — disse Carla, em pânico. — Vou ficar bem.

— Vai ter ar-condicionado no ônibus. Você vai congelar. Eu devo ter alguma coisa que você possa usar. A gente não tem mais ou menos a mesma altura?

— Você é dez vezes mais magra.

— Nem sempre fui assim.

No fim, acabaram escolhendo uma jaqueta de linho marrom, que mal tinha sido usada — Sylvia tinha achado um equívoco comprá-la, o estilo era descontraído demais —, calças justas castanho-claro e uma camisa creme de seda. Os tênis de Carla teriam de acompanhar esse traje, porque os pés dela eram dois tamanhos maiores que os de Sylvia.

Carla foi tomar uma ducha — coisa que não tinha se dado ao trabalho de fazer com a cabeça com que estava naquela manhã — e Sylvia ligou para Ruth. Ruth teria uma reunião fora naquela noite, mas ia deixar a chave com os inquilinos do andar de cima e tudo que Carla teria de fazer seria tocar a campainha deles.

— Mas ela vai ter de pegar um táxi na rodoviária. Ela consegue fazer isso, não é? — disse Ruth.

Sylvia riu. — Ela não é uma incapaz, não se preocupe. Ela é só alguém que está numa situação ruim, isso acontece.

— Que bom então. Quer dizer, que bom que ela está saindo dessa.

— Ela não tem nada de incapaz — disse Sylvia, pensando em Carla experimentando as calças justas e a jaqueta de linho. Como se recuperavam rápido de uma crise de desespero esses jovens, e como estava bonita a menina naquelas roupas novas.

O ônibus iria parar na cidade às 14h20. Sylvia decidiu fazer omeletes para o almoço, forrar a mesa com a toalha azul-escuro, pegar as taças de cristal e abrir uma garrafa de vinho.

— Espero que você esteja com fome o bastante para comer alguma coisa — disse ela quando Carla voltou limpa e brilhante em suas roupas emprestadas. Levemente sardenta, sua pele estava vermelha do chuveiro, e seu cabelo, úmido e escurecido fora da trança, o cabelo frisado agora achatado contra a cabeça. Ela disse que estava com fome, mas quando tentou colocar na boca uma garfada do omelete, o tremor de suas mãos não deixou.

— Não sei por que estou tremendo assim — disse. — Deve ser empolgação. Nunca pensei que seria tão fácil.

— É muito súbito — disse Sylvia. — Talvez não pareça muito real.

— Mas parece. Agora tudo parece real de verdade. O tempo antes de agora, nele é que eu estava confusa.

— De repente, quando você decide alguma coisa, quando realmente decide, é assim que é. Ou é assim que deveria ser.

— Se você tem uma amiga — disse Carla com um sorriso envergonhado e um rubor se espalhando pela testa. — Se você tem uma amiga de verdade. Estou falando de uma amiga como você. — Ela deitou o garfo e a faca e levantou a taça de vinho desajeitadamente com as duas mãos. — Bebendo a uma verdadeira amiga — disse, desconfortável. — Provavelmente eu não devia dar nem um gole, mas vou.

— Eu também — disse Sylvia, afetando jovialidade. Ela bebeu, mas arruinou o momento dizendo: — Você vai ligar pra ele? Vai fazer o quê? Ele vai precisar saber. Pelo menos ele vai ter de saber onde você está na hora em que estiver esperando que você chegue em casa.

— Ligar não — disse Carla, alarmada. — Não consigo. Talvez se você...

— Não — disse Sylvia. — Não.

— Claro que não, que burrice. Eu nem devia ter dito isso. É que é difícil pensar direito. O que eu devia fazer é colocar um bilhete na caixa de correio. Mas não quero que ele receba o bilhete cedo demais. Não quero que a gente nem passe por ali quando estivermos no carro indo para a cidade. Quero ir pelo outro

caminho. Então, se eu escrever — se eu escrever, você poderia, será que você poderia talvez colocar na caixa de correio quando voltar?

Sylvia concordou com isso, sem enxergar nenhuma boa alternativa.

Ela trouxe caneta e papel. Serviu um pouco mais de vinho. Carla ficou pensando, e então escreveu algumas palavras.

Saí de caixa. Vai ficar tudo bem.

Essas foram as palavras que Sylvia leu quando desdobrou o papel na volta da rodoviária. Óbvio que Carla sabia a diferença entre *casa* e *caixa*. Era só que ela tinha ficado falando em colocar um bilhete na *caixa*, e estava num estado de exaltada confusão. Talvez mais confusão do que Sylvia tinha percebido. O vinho tinha trazido à tona uma fala torrencial, mas que não parecia acompanhada de nenhuma tristeza ou incômodo em particular. Ela tinha falado da hípica em que tinha trabalhado e onde tinha conhecido Clark, quando tinha dezoito anos e acabado de terminar o secundário. Os pais queriam que ela fizesse faculdade, e ela tinha concordado, desde que pudesse escolher veterinária. Tudo que ela desejava, e que tinha desejado a vida inteira, era trabalhar com animais e morar no campo. Ela tinha sido uma daquelas garotas meio abobadas na escola, uma daquelas garotas a respeito das quais faziam piadas de mau gosto, mas ela não ligava.

Clark era o melhor professor de equitação da hípica. Havia pencas de mulheres atrás dele, elas iam fazer equitação só para ter aula com ele. Carla fazia brincadeiras com ele por causa das mulheres, e no começo ele parecia gostar, mas depois ficou incomodado. Ela pediu desculpas e tentou compensar fazendo com que ele falasse de seu sonho — de seu plano, na verdade — de ter uma escola de equitação, uma hípica, em algum lugar no campo. Um dia ela entrou no estábulo e viu-o arrumando a sela e percebeu que tinha se apaixonado por ele.

Agora ela achava que era só sexo. Provavelmente era só sexo.

Quando chegou o outono, era para ela largar o trabalho e ir para a faculdade em Guelph, mas ela se recusou a ir, dizendo que precisava de um ano de folga.

Clark era muito inteligente mas não tinha esperado nem terminar o secundário. Tinha perdido por completo o contato com a família. Ele achava que as famílias eram como um veneno no sangue. Tinha sido ajudante num hospital psiquiátrico, dj numa estação de rádio em Lethbridge, em Alberta, membro de uma equipe de construção rodoviária nas estradas perto de Thunder Bay,

aprendiz de barbeiro, vendedor numa loja de artigos militares. E esses eram só os empregos de que ele falou.

Ela tinha colocado nele o apelido de Cigano Errante, por causa da música, uma música antiga que sua mãe costumava cantar. Agora ela ficava cantando a música pela casa o tempo todo e a mãe sabia que tinha alguma coisa aí.

Noite passada ela dormiu na cama

Coberta com sedosos panos

Essa noite ela vai dormir no chão

Ao lado do amante ciga-a-a-no.

A mãe disse: — Ele vai partir seu coração, isso é certo. — O padraсто, engenheiro, nem chegou a dar a Clark tanto poder. — Um fracassado — falou. — Um vagabundo qualquer. — Como se Clark fosse um inseto que ele pudesse simplesmente espantar das roupas.

Então Carla disse: — Por acaso um vagabundo poupa dinheiro suficiente para comprar uma fazenda? Coisa que, por sinal, ele fez? — e o padraсто simplesmente disse: — Não vou discutir com você. — Ela nem era filha dele mesmo, acrescentou, como se isso resolvesse tudo.

Então era natural que Carla fugisse com Clark. Do jeito como os pais dela estavam agindo, praticamente garantiram isso.

— Você vai entrar em contato com seus pais quando estiver instalada? — disse Sylvia. — Em Toronto?

Carla levantou as sobrancelhas, chupou as bochechas e fez um “O” atrevido com a boca. E disse: — Não.

Certamente um pouco bêbada.

De volta em casa, tendo deixado o bilhete na caixa de correio, Sylvia lavou os pratos que ainda estavam na mesa, lavou e areou a frigideira de omelete, jogou os guardanapos e a toalha de mesa azuis no cesto de roupa suja, e abriu as janelas. Fez isso tudo com uma sensação confusa de arrependimento e irritação. Ela tinha pego uma barra nova de sabonete com cheiro de maçã para a menina tomar banho e o cheiro dela ainda estava na casa, assim como tinha ficado no ar dentro do carro.

A chuva tinha parado. Ela não conseguia ficar quieta, então foi andar um pouco no caminho que Leon tinha limpado. O cascalho que ele tinha jogado nos lugares lamacentos tinha sido quase todo levado pela chuva. Eles costumavam sair para andar toda primavera, procurando orquídeas selvagens. Ela lhe ensinou

o nome de cada uma das flores selvagens — todos os quais, à exceção do trílio, ele esqueceu. Ele costumava chamá-la de sua Dorothy Wordsworth.

Na última primavera ela saiu uma vez e colheu para ele um punhado de violetas dentes-de-cão, mas ele olhou para elas — como às vezes olhava para ela — apenas com cansaço, com repúdio.

Ela continuava a ver Carla, Carla entrando no ônibus. Seus agradecimentos tinham sido sinceros, seu aceno descontraído. Ela tinha se acostumado com sua salvação.

De volta à casa, por volta das seis, Sylvia ligou para Toronto, para Ruth, sabendo que Carla ainda não teria chegado. Quem atendeu foi a secretária eletrônica.

— Ruth — disse Sylvia. — É Sylvia. É pra falar dessa menina que eu mandei. Espero que ela não venha a ser um incômodo. Tomara que tudo dê certo. Talvez você ache que ela é um pouco cheia de si. Talvez seja só a juventude dela. Você me conta. Ok.?

Ela telefonou outra vez antes de ir dormir mas a secretária atendeu, e ela disse: — É Sylvia de novo. Só para ver se está tudo bem — e desligou. Era entre nove e dez da noite, não estava nem escuro de verdade. Ruth ainda devia estar fora e a menina não ia querer atender o telefone na casa de uma estranha. Ela tentou lembrar do nome dos inquilinos de Ruth no andar de cima. Eles certamente ainda não tinham ido deitar. Mas ela não conseguia lembrar. Ainda bem. Telefonar para eles teria significado preocupar-se demais, ficar ansiosa demais, ir longe demais.

Ela tinha ido para a cama, mas era impossível ficar ali, então ela pegou um edredom mais leve e foi para a sala de estar e deitou no sofá, onde tinha dormido nos três últimos meses da vida de Leon. Ela não achava provável que fosse conseguir dormir ali também — não havia cortinas nas janelas, e ela conseguia perceber, pela aparência do céu, que a lua tinha nascido, ainda que não conseguisse vê-la.

E de repente ela só sabia que estava num ônibus em algum lugar — na Grécia? — com muita gente que não conhecia, e o motor do ônibus estava fazendo um som preocupante, como alguém batendo numa porta. Acordou e viu que era na porta dela que estavam batendo.

Carla?

Carla tinha ficado com a cabeça abaixada até que o ônibus tivesse saído da cidade. As janelas eram de vidro fumê, ninguém poderia ver do lado de dentro,

mas ela tinha de tomar cuidado para não ficar olhando para fora. Tinha medo de que Clark aparecesse. Saindo de uma loja ou esperando para atravessar a rua, totalmente ignorante de estar sendo abandonado por ela, achando que aquela era uma tarde qualquer. Não, pensando que aquela era a tarde em que o plano deles — o plano dele — tinha sido colocado em ação, ansioso para saber até onde ela tinha chegado com ele.

Quando o ônibus já estava na estrada ela olhou para cima, respirou fundo, contemplou os campos, que através dos vidros tinham um leve tom violeta. A presença da sra. Jamieson a tinha cercado de uma espécie singular de segurança e sanidade e feito com que sua fuga parecesse a coisa mais racional que se conseguiria imaginar, aliás a única coisa digna que alguém no lugar de Carla poderia fazer. Carla tinha se sentido capaz de uma confiança a que não estava acostumada, revelando sua vida à sra. Jamieson de um modo que parecia destinado a angariar simpatia e ainda assim seria irônico e veraz. E adaptado a estar à altura daquilo que, até onde ela conseguia perceber, eram as expectativas da sra. Jamieson — de Sylvia. Ela tinha a sensação de que era possível decepcionar a sra. Jamieson, que lhe parecia a mais sensível e rigorosa das pessoas, mas achou que não estava correndo esse risco.

Desde que não tivesse de ficar perto dela tempo demais.

O sol estava brilhando, como já estava havia algum tempo. Quando elas se sentaram para almoçar, fez com que as taças de vinho cintilassem. Não chovia desde o início da manhã. Soprava vento o bastante para levantar a grama na margem da estrada, as ervas que cresciam de seus tufo encharcados.

Nuvens de verão, não de chuva, deslizavam rapidamente pelo céu. O campo inteiro estava mudando, espreguiçando-se, no brilho verdadeiro de um dia de julho. E enquanto o ônibus corria ela conseguia ver não muitos vestígios do passado recente — nenhuma poça enorme nos campos, mostrando onde as sementes tinham sido levadas, nenhuma espiga triste e magricela, nem cereais acamados.

Ocorreu-lhe que ela devia dizer isso a Clark — que talvez eles tivessem escolhido o que por alguma razão bizarra era um canto muito úmido e deprimente do país, e que havia outros lugares onde eles poderiam ter tido sucesso.

Ou será que ainda podiam?

Então ela se deu conta de que não diria nada a Clark. Nunca mais. Ela não ficaria preocupada com o que aconteceria com ele, nem com Grace, Mike,

Juniper, Blackberry ou Lizzie Borden. Se por qualquer razão Flora voltasse, ela não ficaria sabendo.

Essa era a segunda vez que ela deixava tudo para trás. A primeira tinha sido exatamente como naquela velha canção dos Beatles — colocar o bilhete na mesa e sair furtivamente de casa às cinco da manhã, encontrar Clark no estacionamento da igreja ali na rua. Ela estava efetivamente cantarolando aquela música enquanto o motor os levava para longe. *She's leaving home, bye-bye*. Naquele momento ela se lembrou de como o sol estava se levantando atrás deles, de como ela olhava para as mãos de Clark no volante, os pelos escuros em seus antebraços desenvoltos, e respirava o cheiro de dentro da caminhonete, um cheiro de óleo e de metal, de ferramentas e de estábulos. O ar frio da manhã de outono soprava pelas juntas enferrujadas da caminhonete. Era o tipo de veículo em que ninguém de sua família jamais andava, que praticamente nunca aparecia nas ruas em que eles viviam.

A preocupação de Clark com o trânsito naquela manhã (eles tinham chegado à autoestrada 401), sua preocupação com o andar da caminhonete, suas respostas bruscas, seus olhos estreitados, e até sua leve irritação com a leviana animação dela — tudo isso a deixava eletrizada. Assim como o caos da vida pregressa dele, sua solidão declarada, a ternura com que ele tratava um cavalo, e ela. Ela o via como o arquiteto da vida à frente deles, ela a cativa, sua submissão ao mesmo tempo justa e encantadora.

— Você não sabe o que está deixando para trás — escreveu-lhe sua mãe na única carta que ela recebeu e nunca respondeu. Mas naqueles vertiginosos momentos de fuga cedo de manhã ela certamente sabia o que estava deixando para trás, ainda que sua ideia de para onde estava indo fosse um tanto nebulosa. Ela desprezava seus pais, a casa deles, o quintal atrás dela, os álbuns de fotos, as férias, os utensílios da Cuisinart, o lavabo, os closets, o sistema subterrâneo de irrigação do gramado. No curto bilhete que escreveu, ela tinha usado a palavra *autêntica*.

Sempre senti a necessidade de uma vida mais autêntica. Sei que não posso esperar que vocês entendam isso.

O ônibus agora estava parado na primeira cidade do caminho. A parada era em um posto de gasolina. Era o mesmo posto a que ela e Clark costumavam ir, no começo, para comprar combustível barato. Naqueles dias o mundo deles tinha incluído diversas cidades rurais da região e às vezes eles tinham agido como turistas, experimentando as especialidades de bares de hotel encardidos.

Pés de porco, chucrute, panquecas de batata, cerveja. E eles cantavam durante o caminho inteiro de volta para casa como caipiras doidos.

Mas depois de um tempo todas as saídas começaram a ser vistas como desperdício de tempo e dinheiro. Elas eram o que as pessoas faziam antes de compreender as realidades de suas vidas.

Agora ela estava chorando, seus olhos marejaram sem que ela percebesse. Ela decidiu pensar em Toronto, nos primeiros passos à frente. No táxi, na casa que nunca tinha visto, na cama estranha em que dormiria sozinha. Em olhar no dia seguinte a lista telefônica para pegar os endereços das hípicas, e então ir aonde quer que elas estivessem, pedindo emprego.

Ela não conseguia visualizar aquilo. Ela própria andando de metrô ou de bonde, cuidando de novos cavalos, falando com novas pessoas, vivendo todos os dias entre hordas de pessoas que não eram Clark.

Uma vida, um lugar, escolhido por aquela razão específica — não conter Clark.

A coisa estranha e terrível que ia ficando clara para ela a respeito daquele mundo do futuro, da maneira como ela agora o enxergava, era que ela não existiria nele. Ela só ia andar por aí, abrir a boca e falar, fazer isso ou aquilo. Ela não estaria ali de verdade. E o que era estranho era que ela estava fazendo aquilo tudo, ela estava andando naquele ônibus na esperança de recuperar-se. Como talvez dissesse a sra. Jamieson — como ela própria talvez dissesse, com satisfação —, *assumindo o comando da própria vida*. Sem ninguém fazendo cara feia para ela, sem que o humor de ninguém lhe infligisse tristezas.

Mas o que seria importante para ela? Como ela iria saber que estava viva?

Enquanto ela estava fugindo dele — agora — Clark ainda tinha lugar em sua vida. Mas quando ela tivesse acabado de fugir, quando ela simplesmente fosse adiante, o que ela colocaria no lugar dele? O que mais — quem mais — poderia ser um desafio tão vívido?

Ela tinha conseguido parar de chorar, mas tinha começado a tremer. Ela não estava bem e teria de compor-se, controlar-se. “Controle-se”, Clark lhe dizia às vezes, passando por um cômodo onde ela estava toda encolhida, tentando não chorar, quando na verdade era isso que ela precisava fazer.

O ônibus tinha parado em outra cidade. Aquela era a terceira cidade desde que ela tinha entrado no ônibus, o que significava que eles tinham passado pela segunda cidade sem que ela sequer percebesse. O ônibus devia ter parado, o motorista devia ter dito o nome, e ela não tinha ouvido nem visto nada na névoa

de seu temor. Logo eles chegariam à estrada principal, estariam a toda velocidade a caminho de Toronto.

E ela estaria perdida.

Ela estaria perdida. Qual a razão de entrar num táxi e dar o novo endereço, de acordar de manhã, escovar os dentes e sair para o mundo? Por que deveria ela arrumar um emprego, colocar comida na boca, ser levada pelo transporte público de um lugar a outro?

Seus pés agora pareciam estar a uma enorme distância de seu corpo. Seus joelhos, nas calças secas, pareciam levar barras de ferro. Ela estava afundando para o chão como um cavalo ferido que nunca iria levantar.

O ônibus já tinha alojado os poucos passageiros e bagagens que tinham ficado esperando naquela cidade. Uma mulher e um bebê em seu carrinho acenavam. O prédio atrás deles, o café que servia de ponto de ônibus, também estava em movimento. Uma onda liquidificadora passou pelos tijolos e janelas como se eles estivessem prestes a dissolver-se. Temendo pela própria vida, Carla jogou seu imenso corpo, seus membros de ferro, para a frente. Aos tropeços, gritou: — Me deixem descer.

O motorista freou, falou alto irritado: — Você não vai para Toronto? — As pessoas lançaram-lhe olhares casualmente curiosos, ninguém parecia entender que ela estava aflita.

— Preciso descer aqui.

— Tem um banheiro lá atrás.

— Não. Não. Eu preciso descer.

— Não vou ficar esperando. Está claro? Você tem bagagem?

— Não. Sim. Não.

— Não tem bagagem?

Uma voz no ônibus disse: — Claustrofobia. É isso que ela tem.

— Você está passando mal? — perguntou o motorista.

— Não. Não. Só quero sair daqui.

— Ok. Ok. Por mim tudo bem.

— Vem me buscar. Por favor. Vem me buscar.

— *Estou indo.*

Sylvia tinha esquecido de trancar a porta. Ela percebeu que devia estar trancando-a agora, não abrindo, mas era tarde demais, ela tinha aberto.

E ninguém ali.

Todavia, ela tinha certeza, as batidas tinham sido reais.

Ela fechou a porta e dessa vez trancou-a.

Houve um som brincalhão, um tilintar leve, vindo da parede de janelas. Ela acendeu a luz, mas não viu nada ali, e desligou-a de novo. Algum bicho — um esquilo, talvez? As portas de correr que se abriam entre as janelas, levando ao pátio, também não tinham sido trancadas. Não estavam nem sequer fechadas, porque tinham sido deixadas abertas uns três centímetros desde a hora em que ela quis ventilar a casa. Ela começou a fechá-las e alguém riu, ali perto, perto o bastante para estar na sala com ela.

— Sou eu — disse um homem. — Te assustei?

Ele estava colado no vidro, estava bem ao lado dela.

— É Clark — disse. — Clark ali da estrada.

Ela não ia convidá-lo a entrar, mas estava com medo de bater a porta na cara dele. Ele poderia segurar a porta antes que ela conseguisse fechá-la. Ela também não queria acender a luz. Ela tinha dormido numa camiseta comprida. Deveria ter pego o edredom no sofá e se enrolado nele, mas já era tarde demais.

— Você quer se vestir? — disse ele. — O que eu tenho aqui pode bem ser o que você está precisando.

Ele estava com uma sacola de compras na mão. Estendeu-a bruscamente, mas não tentou entrar com ela.

— O quê? — disse ela, com a voz entrecortada.

— Pode olhar. Não é uma bomba não. Olha, pega.

Ela colocou a mão dentro da bolsa, sem olhar. Era macio. Então reconheceu os botões da jaqueta, a seda da blusa, o cinto nas calças.

— Só achei que era melhor devolver isso — disse ele. — Isso é seu, não é?

Ela apertou as mandíbulas para que seus dentes não batessem. Sua boca e sua garganta foram afligidas por uma temerosa secura.

— Pelo que entendi, essas roupas são suas — disse ele, brando.

A língua dela se mexia como um novelo de lã. Ela se forçou a dizer: — Onde está Carla?

— Quer dizer Carla, minha esposa?

Agora ela conseguia ver o rosto dele mais claramente. Ela conseguia ver o quanto ele estava gostando daquilo.

— Minha esposa Carla está dormindo em casa. Dormindo na nossa cama. No lugar dela.

Ele era um homem ao mesmo tempo bonito e de aparência tola. Alto, seco, robusto, mas curvado de um jeito que parecia artificial. Um ar ameaçador

afetado, deliberado. Uma mecha escura caindo sobre a testa, um bigodinho vaidoso, olhos que pareciam tanto esperançosos quanto zombeteiros, um sorriso juvenil perpetuamente à beira da cara amuada.

Ela sempre sentira repulsa ao vê-lo — ela tinha mencionado essa repulsa a Leon, que disse que o homem era só inseguro em relação a si próprio, só um pouco afável demais.

O fato de que ele era inseguro em relação a si próprio não faria com que ela ficasse nem um pouco mais segura agora.

— Ela está bem exausta — disse ele. — Depois da sua pequena aventura. Você devia ver a sua própria cara, você devia ver a cara que fez quando reconheceu essas roupas. O que você achou? Por acaso achou que eu tinha matado ela?

— Fiquei surpresa — disse Sylvia.

— Aposto que ficou. Depois de ter dado aquela ajuda toda para ela fugir.

— Eu a ajudei — disse Sylvia com esforço considerável —, ajudei porque ela parecia estar aflita.

— Aflita — disse ele, como se examinasse a palavra. — Acho que sim. Ela estava bem aflita mesmo quando saltou do ônibus e me ligou para eu ir buscá-la. Ela estava chorando tanto que eu mal conseguia entender o que ela estava dizendo.

— Ela queria voltar?

— Isso mesmo. Pode ter certeza de que ela queria voltar. Ela estava totalmente histérica para voltar. Ela é uma menina que varia muito nas suas emoções. Mas acho que você não a conhece tão bem quanto eu.

— Ela parecia bem feliz por estar indo embora.

— É mesmo? Bom, só posso acreditar no que você diz. Não vim aqui discutir.

Sylvia não disse nada.

— Vim aqui dizer que não gosto de você interferindo na minha vida com a minha esposa.

— Ela é um ser humano — disse Sylvia, ainda que soubesse que seria melhor ficar quieta. — Além de ser sua esposa.

— Minha nossa, é mesmo? Minha esposa é um ser humano? Não me diga. Obrigado pela informação. Mas não tente dar uma de esperta comigo. *Sylvia*.

— Eu não estou tentando dar uma de esperta.

— Muito bem. Que bom que não. Não quero me zangar. Só tenho umas coisinhas bem importantes para dizer para você. Primeiro, não quero você

metendo o nariz em lugar nenhum, em momento nenhum, na minha vida e na da minha esposa. Segundo, não quero que ela venha mais aqui nunca mais. Não que ela vá ter alguma vontade de vir aqui, tenho muita certeza disso. A opinião que ela tem de você nesse momento não é lá muito boa. E é hora de você aprender a limpar a própria casa. Bom — disse ele. — Bom. Isso ficou claro?

— Bastante claro.

— Ah, realmente espero que sim. Espero mesmo.

Sylvia disse: — Ficou.

— E sabe o que mais eu acho?

— O quê?

— Acho que você me deve alguma coisa.

— O quê?

— Acho que você me deve, talvez, você me deve desculpas.

Sylvia disse: — Tudo bem. Se você acha. Me desculpe.

Ele se mexeu de lugar, talvez só para estender a mão, e com o movimento de seu corpo, ela deu um gritinho.

Ele riu. Colocou a mão no caixilho da porta para garantir que ela não a fecharia.

— *O que é aquilo?*

— O que é o quê? — disse ele, como se ela estivesse arriscando um truque, que não iria funcionar. Mas então ele viu alguma coisa refletida na janela, e deu um giro súbito para olhar.

Não muito longe da casa havia uma área desocupada do terreno que muitas vezes ficava cheia de neblina. A neblina estava lá naquela noite, tinha estado lá o tempo inteiro. Mas agora num ponto havia uma mudança. A neblina tinha ficado mais espessa, assumido um formato diferente, virado uma coisa pontuda e brilhosa. Primeiro era uma bola de dente-de-leão, vindo a toda, e então se condensando num animal etéreo, de puro branco, obstinado, parecendo um unicórnio gigante, vindo na direção deles.

— Deus do céu — disse Clark baixinho, com devoção. E pegou Sylvia pelo ombro. Esse toque não a alarmou nem um pouco — ela o aceitou sabendo que ele a tocava ou para protegê-la, ou para tranquilizar-se.

Então a visão explodiu. Da neblina, e da luz que a magnificava — que como se via agora era a de um carro passando naquela estradinha, provavelmente procurando algum lugar para estacionar — e do meio disso veio uma cabra branca. Uma cabritinha branca saltitante, pouco maior do que um cão pastor.

Clark soltou-a. Disse: — Mas de que buraco saiu você?

— É a sua cabra — disse Sylvia. — Não é a sua cabra?

— Flora — disse ele. — Flora.

A cabra tinha parado a cerca de um metro deles, ficado tímida e abaixado a cabeça.

— Flora — disse Clark. — Mas de onde é que você veio? Você quase matou a gente de susto.

A gente.

Flora se aproximou mas não ergueu os olhos. Ela encostou a cabeça nas pernas de Clark.

— Maldito animal idiota — disse, com a voz trêmula. — De onde você saiu?

— Ela estava perdida — disse Sylvia.

— Pois é. Estava. Nunca achei que fôssemos vê-la outra vez, para dizer a verdade.

Flora ergueu o olhar. A luz do luar foi refletida em seus olhos.

— Quase matou a gente de susto — disse-lhe Clark. — Você foi procurar um namorado? Quase mata a gente de susto. Não foi? A gente achou que você era um fantasma.

— Foi o efeito da névoa — disse Sylvia. Ela passou da porta para o pátio então. Bem segura.

— Pois é.

— E ainda o farol daquele carro.

— Tipo uma aparição — disse ele, recuperando-se. E contente por ter pensado naquela descrição.

— É verdade.

— A cabra que veio do espaço. É isso que você é. Você é a maldita cabra que veio do espaço — disse ele, dando palmadinhas em Flora. Mas quando Sylvia estendeu sua mão livre para fazer o mesmo — a outra mão ainda estava com a sacola de roupas que Carla tinha usado — Flora imediatamente baixou a cabeça, como se estivesse se preparando para uma boa chifrada.

— As cabras são imprevisíveis — disse Clark. — Elas podem parecer domesticadas mas na verdade não são. Não depois de adultas.

— Ela já é adulta? Parece tão pequena.

— Ela nunca vai ficar maior do que isso.

Eles ficaram olhando a cabra, como que esperando que ela fornecesse mais assunto para conversa. Mas isso aparentemente não ia acontecer. A partir daquele momento eles não podiam ir nem adiante, nem voltar. Sylvia teve a

impressão de ter visto a sombra de um arrependimento cruzar o rosto dele por causa disso.

Mas ele reconheceu. Disse: — É tarde.

— Acho que sim — disse Sylvia, como se aquilo tivesse sido uma visita qualquer.

— Ok, Flora. Hora de voltarmos para casa.

— Vou tomar outras providências caso eu precise de ajuda — disse ela. — Provavelmente não vou precisar agora, de qualquer modo — acrescentou ela quase rindo. — Vou parar de incomodar vocês.

— Tudo bem— disse ele. — Melhor você entrar. Vai ficar com frio.

— As pessoas costumavam achar que a neblina de noite era perigosa.

— Isso para mim é novidade.

— Então boa noite — disse ela. — Boa noite, Flora.

O telefone tocou naquele momento.

— Com licença.

Ele ergueu uma das mãos e virou-se. — Boa noite.

Era Ruth ao telefone.

— Ah — disse Sylvia. — Mudança de planos.

Ela não dormiu, pensando naquela cabritinha, cuja aparição vinda da névoa lhe parecia cada vez mais mágica. Até se perguntou se, talvez, Leon pudesse ter alguma coisa a ver com aquilo. Se fosse poeta, escreveria um poema a respeito de algo assim. Mas, pela experiência dela, os temas que ela achava que poderiam servir a um poeta não interessavam a Leon.

Carla não tinha ouvido Clark sair, mas acordou quando ele voltou. Ele disse a ela que só tinha ido dar uma olhada no estábulo.

— Passou um carro na estrada há pouco e me perguntei o que tinham vindo fazer aqui. Não consegui voltar a dormir sem sair e dar uma conferida em tudo.

— E estava tudo bem?

— Até onde eu vi, sim. E então, enquanto eu estava acordado — disse ele —, achei que podia aproveitar e fazer uma visita ali depois na estrada. Fui devolver as roupas.

Carla se sentou na cama.

— Você não foi acordá-la, certo?

— Ela acordou. Foi tudo bem. Tivemos uma conversinha.

— Ah.

- Foi tudo bem.
- Você não mencionou nada daquilo, foi?
- Nem toquei no assunto.
- Era tudo invenção. De verdade. Você precisa acreditar. Era tudo mentira.
- Ok.
- Você precisa acreditar em mim.
- Então eu acredito em você.
- Fui eu que inventei tudo.
- Ok.

Ele foi para a cama.

— Os seus pés estão gelados — disse ela. — Parecem molhados.

— Sereno forte. Olha só — disse ele. — Quando eu li o seu bilhete, pareceu que eu fiquei vazio por dentro. Verdade. Se você algum dia fosse embora, eu ia ter a sensação de que já não tenho nada mais dentro de mim.

O tempo bom persistia. Nas ruas, nas lojas, no correio, as pessoas se cumprimentavam dizendo que o verão finalmente tinha chegado. A grama do pasto e até os pobrezinhos dos grãos acamados levantaram a cabeça. As poças secaram, a lama virou pó. Uma brisa quente soprava e todos tinham vontade de fazer coisas de novo. O telefone tocava. Perguntas sobre trilhas a cavalo, sobre aulas de equitação. Os acampamentos de verão agora demonstravam interesse, tendo cancelado as idas aos museus. As minivans se aglomeravam, com seus montes de crianças inquietas. Os cavalos trotavam altivos ao longo das cercas, livres das mantas.

Clark tinha conseguido um pedaço de cobertura grande o bastante por um bom preço. Ele tinha passado todo o primeiro dia depois do Dia da Fuga (era assim que eles chamavam a viagem de ônibus de Carla) consertando a cobertura do picadeiro.

Por alguns dias, enquanto faziam suas tarefas, ele e Carla acenavam um para o outro. Se ela por acaso passasse perto dele, e não houvesse ninguém mais por perto, Carla talvez beijasse seu ombro através do tecido leve de sua camisa de verão.

— Se você algum dia tentar fugir de mim de novo, vou te dar umas boas palmadas — disse-lhe, e ela respondeu: — Vai, é?

— O quê?

— Me dar umas boas palmadas.

— Com certeza. — Ele estava animado agora, irresistível, como quando ela o tinha conhecido.

Havia pássaros por toda parte. Pássaros pretos de asas vermelhas, sabiás, um par de pombos arrulhando ao raiar do dia. Muitos corvos, e gaivotas vindas do lago em missões de reconhecimento, e enormes urubus que ficavam sentados nos galhos de um carvalho morto a coisa de um quilômetro dali, na margem da floresta. De início eles só ficavam ali parados, secando suas asas volumosas, erguendo-se às vezes para um voo experimental, batendo um pouco as asas, e então compondo-se para deixar que o sol e o ar quente cumprissem sua função. Cerca de um dia depois eles estavam restaurados, voando alto, dando voltas e se lançando de novo ao chão, desaparecendo na floresta, voltando para descansar na árvore nua de sempre.

A dona de Lizzie — Joy Tucker — apareceu de novo, bronzeada e de bom humor. Ela tinha simplesmente cansado da chuva e aproveitado suas férias para caminhar nas Montanhas Rochosas. Agora estava de volta.

— Chegou na hora certa para pegar o bom tempo — disse Clark. Ele e Joy Tucker logo estavam brincando como se nada tivesse acontecido.

— Lizzie parece estar em boa forma — disse ela. — Mas onde está a amiguinha dela? Qual o nome — Flora?

— Fugiu — disse Clark. — De repente ela foi para as Montanhas Rochosas.

— Lá está cheio de bodes selvagens. Cada um com um chifre impressionante.

— Estou sabendo.

Por três ou quatro dias eles estiveram simplesmente ocupados demais para descer e olhar a caixa do correio. Quando Carla abriu-a, encontrou a conta de telefone, uma promessa de que se eles assinassem certa revista poderiam ganhar um milhão de dólares, e a carta da sra. Jamieson.

Minha querida Carla,

Fiquei pensando a respeito dos acontecimentos (um tanto dramáticos) dos últimos dias e me pego falando sozinha, mas na verdade com você, tantas vezes, que achei que deveria falar-lhe, mesmo que — esse é melhor jeito de que disponho agora — somente por carta. E não se preocupe — você não precisa me responder.

A sra. Jamieson prosseguia dizendo que tinha medo de ter se envolvido intimamente demais na vida de Carla e cometido o equívoco de por alguma razão achar que a felicidade e a liberdade de Carla eram a mesma coisa. A única

coisa com que ela se importava era a felicidade de Carla e agora ela via que ela — Carla — deveria encontrá-la em seu casamento. Tudo que ela podia esperar era que talvez a fuga e as turbulentas emoções de Carla tivessem trazido seus verdadeiros sentimentos à superfície, e talvez também para seu marido um reconhecimento dos verdadeiros sentimentos dele.

Ela disse que entenderia perfeitamente se Carla preferisse evitá-la no futuro e que sempre seria grata pela presença de Carla em sua vida durante uma época tão difícil.

A coisa mais estranha e mais maravilhosa em toda essa sequência de acontecimentos me parece o reaparecimento de Flora. Na verdade, mais parece um milagre. Onde é que ela tinha estado esse tempo todo, e por que escolheu exatamente aquele momento para reaparecer? Tenho certeza de que seu marido descreveu-o para você. Estávamos falando na porta do pátio e eu — olhando para fora — fui a primeira ver aquela coisa branca saindo da noite e descendo em nossa direção. Claro que foi o efeito da neblina no chão. Mas realmente aterrorizante. Acho que dei um grito bem alto. Nunca em minha vida me senti tão enfeitiçada, no sentido verdadeiro. Imagino que eu deva ser sincera e dizer que fiquei com medo. Lá estávamos nós, dois adultos, petrificados, e de repente da névoa vem a pequena Flora perdida.

Deve haver nisso alguma coisa de especial. Claro que sei que Flora é um bicho como qualquer outro e que provavelmente ela passou seu tempo distante pegando alguma gravidez por aí. Num certo sentido, seu retorno não tem qualquer conexão com as nossas vidas humanas. Contudo, sua aparição naquele momento teve um profundo efeito em seu marido e em mim. Quando dois seres humanos divididos pela hostilidade ficam ambos, ao mesmo tempo, mistificados — não, assustados — pela mesma aparição, há um laço que brota entre eles, e eles se encontram unidos da maneira mais inesperada. Unidos em sua humanidade — é só assim que consigo descrever. Despedimo-nos quase como amigos. Flora, então, tem seu papel como um anjo bom na minha vida e talvez também na de seu marido e na sua.

Com todos os meus votos de felicidade, Sylvia Jamieson

Assim que Carla leu a carta, ela a amassou. Então a queimou na pia. As chamas cresceram de modo alarmante e ela abriu a água, e então tirou os nojentos restos pretos moles e jogou-os privada abaixo como deveria ter feito desde o começo.

Ela ficou ocupada o resto do dia, e no dia seguinte, e no dia depois desse. Durante esse tempo ela acompanhou dois grupos nas trilhas, teve de dar aulas para crianças, individualmente e em grupo. De noite, quando Clark colocava seus braços em torno dela — por mais ocupado que estivesse agora, ele nunca estava cansado demais, nem zangado — ela não achava difícil cooperar.

Era como se ela tivesse uma agulha assassina em algum lugar dos pulmões, e, respirando com cuidado, conseguia evitar senti-la. Mas de vez em quando ela precisava respirar fundo, e lá estava ela.

Sylvia tinha alugado um apartamento na cidade da universidade em que dava aula. A casa não estava à venda — ou ao menos não havia nenhum anúncio de venda na frente dela. Leon Jamieson tinha recebido alguma espécie de prêmio póstumo — a notícia estava nos jornais. Dessa vez, não se falava em dinheiro.

À medida que iam chegando os secos dias dourados do outono — estação de lucro e incentivos — Carla percebeu que tinha se acostumado com a aguda ideia que tinha se alojado nela. Não era mais tão aguda — na verdade, ela não a surpreendia mais. E agora ela era habitada por uma noção quase sedutora, uma tentação constantemente à espreita.

Bastava que ela levantasse os olhos, bastava que olhasse em alguma direção, para saber aonde poderia ir. Uma caminhada à noitinha, uma vez que as tarefas do dia estivessem cumpridas. Até a margem da floresta, até a árvore nua em que os urubus se reuniam.

E então os ossinhos sujos na grama. O crânio, com talvez algumas tiras de pele ensanguentada grudada. Crânio esse que ela poderia segurar como se fosse uma xícara de chá, numa só mão. O conhecimento numa mão.

Ou talvez não. Nada ali.

Outras coisas poderiam ter acontecido. Ele poderia ter afugentado Flora. Ou amarrado-a na caçamba da caminhonete e dirigido certa distância e soltado-a. Levado-a de volta ao lugar onde a tinham comprado. Para que ela não ficasse por perto, lembrando-os.

Ela poderia estar livre.

Os dias passaram e Carla não voltou àquele lugar. Resistiu firme à tentação.

Ocasião

Em meados de junho de 1965, o semestre em Torrance House já acabou. Juliet não recebeu uma oferta de emprego fixo — a professora que ela tinha substituído ficou melhor — e agora poderia estar a caminho de casa. Mas está fazendo aquilo que chamou de um pequeno desvio. Um pequeno desvio para ver uma amiga que mora no litoral.

Cerca de um mês atrás, ela tinha ido com outra professora — Juanita, a única pessoa na equipe com idade próxima à dela, e sua única amiga — ver a reprise de um filme chamado *Hiroshima Mon Amour*. Juanita depois confessou que ela própria, assim como a mulher do filme, estava apaixonada por um homem casado — o pai de um aluno. Então Juliet disse que chegou a ficar numa situação bem parecida, mas não deixou as coisas irem adiante por causa da trágica situação da esposa. A esposa dele era completamente inválida, como se o cérebro não funcionasse. Juanita respondeu que adoraria que o cérebro da esposa de seu amante não funcionasse, mas não era esse o caso — ela era forte, cheia de saúde, e podia dar um jeito de botar Juanita no olho da rua.

E pouco depois disso, como que conclamada por aquelas mentiras ou meias-verdades, veio uma carta. O envelope estava desbotado, como se tivesse passado algum tempo num bolso, e era endereçado a “Juliet (Professora), Torrance House, rua Mark, nº 1482, Vancouver, Colúmbia Britânica”. A diretora entregou-o a Juliet, dizendo: “Acho que isso é para você. Estranho não haver sobrenome, mas o endereço está certo. Imagino que possam ter olhado na lista telefônica.”

Cara Juliet,

Eu tinha esquecido qual era a escola em que você dava aula, mas outro dia lembrei, do nada, e isso me pareceu um sinal de que eu devia te escrever. Espero que você ainda esteja aí, mas o trabalho teria de ser muito ruim mesmo para você desistir antes de o semestre acabar, e de todo jeito você não me parece o tipo que desiste.

Que tal o clima da costa oeste? Se você acha que chove muito em Vancouver, então pense o dobro, porque é isso que chove por aqui.

Muitas vezes penso em você sentada olhando as ~~escadas~~ estrelas. Está vendo só, escrevi escadas, já é madrugada e eu devia estar dormindo.

Ann continua na mesma. Quando voltei da minha viagem achei que ela tinha piorado um bocado, mas isso foi porque eu consegui ver de uma só vez o quanto ela foi ladeira abaixo nos últimos dois ou três anos. Vendo-a todo dia, eu não tinha notado a decadência dela.

Acho que não te falei que tinha parado em Regina para ver meu filho, que hoje está com onze anos. Ele mora lá com a mãe. Também reparei que ele tinha mudado muito.

Fiquei contente porque lembrei o nome da escola, mas agora estou morrendo de medo porque não consigo lembrar seu sobrenome. Vou selar isso de todo jeito e rezar para que o nome surja na minha cabeça.

Penso sempre em você.

Penso sempre em você.

Penso sempre em você zzzzzz

O ônibus leva Juliet do centro de Vancouver até a Horseshoe Bay e então sobe na balsa. Depois atravessa uma península, toma outra barca, chega de novo ao continente e então à cidade onde mora o homem que escreveu a carta. Whale Bay. E como é rápido — antes mesmo de chegar a Horseshoe Bay — sair da cidade e chegar no mato. Ela passou o semestre inteiro morando entre os gramados e jardins de Kerrisdale, com as montanhas do litoral norte surgindo na paisagem como uma cortina de teatro toda vez que o tempo abria. O terreno da escola era protegido e civilizado, cercado por um muro de pedra, com alguma coisa desabrochando em cada estação do ano. E nos terrenos das casas ali em torno era a mesma coisa. Uma profusão decorativa — rododendros, azevinho, louro e glicínias. Mas antes de você chegar a Horseshoe Bay, já fica cercado pela floresta, floresta de verdade, não de parque. E daí em diante — água e pedra, árvores escuras, musgo pendente. Aqui e ali um rastro de fumaça de alguma casinha de aparência choca e maltratada, com um quintal cheio de lenha, trastes e pneus amontoados, carros e partes de carros, bicicletas quebradas ou usáveis, brinquedos, todas as coisas que precisam ficar do lado de fora quando as pessoas não dispõem de garagens ou de porões.

As cidades em que o ônibus para não são nem um pouco organizadas. Em alguns lugares, algumas casas repetitivas — conjuntos habitacionais de empresas — foram construídas uma ao lado da outra, mas a maioria das casas é como aquelas da floresta, cada qual com seu próprio quintal atravancado, como se tivessem sido construídas uma perto da outra só por acidente. As ruas não são pavimentadas, com exceção da estrada principal, e não há calçadas. Não há prédios enormes e sólidos para abrigar Correios ou Prefeituras, nem quarteirões ornamentados de lojas que tenham sido feitos para chamar a atenção. Nem

monumentos de guerra, bebedores, parquinhos floridos. Às vezes uma escola ou hospital mais modernos — decentes, mas baixos e sem graça, como galpões.

E em algum momento — de modo perceptível na segunda barca — as dúvidas dela a respeito daquilo tudo começam a revirar-lhe o estômago.

Sempre penso em você

Penso em você sempre

Isso não passa do tipo de coisa que as pessoas dizem para tranquilizar, ou movidas por um leve desejo de manter alguém sob controle.

Mas tem de haver algum hotel, ou ao menos cabines para turistas, na Whale Bay. Ela vai até lá. Ela deixou sua grande mala na escola, para pegar depois. Ela só está com a bolsa de viagem pendurada no ombro, não vai chamar atenção. Vai ficar uma noite. Talvez ligar para ele.

E dizer o quê?

Que ela está ali por acaso para visitar uma amiga. Sua amiga Juanita, da escola, que tem uma casa de verão — onde? Juanita tem um chalé na floresta, ela é uma dessas mulheres destemidas, que gostam de mato (bem diferente da Juanita real, que raramente tira o salto alto). E o chalé acabou que não é longe, ao sul da Whale Bay. Como acabou a visita ao chalé e a Juanita, Juliet achou — ela achou — que, já que ela já estava quase ali mesmo — ela achou que poderia aproveitar...

Pedras, árvores, água, neve. Essas coisas, constantemente rearranjadas, compunham o cenário seis meses atrás, do lado de fora da janela do trem, numa manhã entre o Natal e o Ano Novo. As pedras eram grandes, às vezes acidentadas, às vezes lisas, cinza escuro ou mesmo pretas. As árvores eram em sua maioria daquelas que têm folhas o ano inteiro, pinheiros, abetos ou cedros. Os abetos — negros — tinham algo que parecia arvorezinhas-extra, miniaturas de si mesmos, encravadas bem na parte de cima. As árvores que não eram desse tipo eram esguias e estavam nuas — talvez fossem álamos, larícios ou amieiros. Algumas tinham manchas nos troncos. A neve formava espessas capas em cima das pedras, e estava afixada no lado das árvores que recebia o vento. Ela estava depositada numa cobertura lisa e macia sobre a superfície de muitos lagos congelados, grandes e pequenos. Só havia água sem gelo em eventuais correntes rápidas, escuras e estreitas.

Juliet tinha um livro aberto no colo, mas não estava lendo. Ela não tinha tirado os olhos daquilo que acontecia em torno. Estava sozinha num assento

duplo, e havia outro desses vazio a seu lado. Foi nesse espaço que ela fez sua cama à noite. Naquele momento, o condutor estava ocupado naquele vagão-leito, desmontando os arranjos noturnos. Em alguns lugares, as cortinas verde-escuro com zíper ainda estavam penduradas até o chão. Havia um cheiro daquele pano, como se fosse pano de tenda, e talvez um leve odor de roupas de dormir e de privadas. Uma rajada de ar fresco de inverno toda vez que alguém abria as portas nas duas extremidades do vagão. As últimas pessoas estavam indo tomar café, outras voltavam.

Havia rastros na neve, pequenos rastros de animais. Colares de contas, dando voltas, desaparecendo.

Juliet tinha vinte e um anos e já possuía graduação e mestrado em letras clássicas. Estava trabalhando na tese de doutorado, mas tinha parado um tempo para dar aulas de latim numa escola particular para meninas em Vancouver. Ela nunca tinha se preparado para o magistério, mas uma vaga inesperada no meio do semestre fez com que a escola se dispusesse a contratá-la. Provavelmente ninguém mais tinha respondido ao anúncio. O salário era menos do que qualquer professor qualificado estaria disposto a receber. Mas Juliet estava feliz por ganhar qualquer dinheiro, depois dos anos que passara com ínfimas bolsas de estudo.

Ela era uma menina alta, de pele clara e ossos finos, com cabelo castanho-claro, que nem com laquê ficava armado. Sua aparência era a de uma aluna alerta. Cabeça bem erguida, queixo uniformemente redondo, nariz arrebitado, olhos brilhantes, e uma testa sempre rubra de esforço ou gratidão. Seus professores adoravam-na — nesses tempos, eles ficavam gratos por qualquer pessoa que fosse estudar línguas antigas, e especialmente por alguém tão capaz — mas também ficavam preocupados. O problema era que ela era uma menina. Se ela se casasse — o que poderia acontecer, já que ela nem era feia para uma menina que ganhava bolsa, não era nada feia — ela jogaria fora os duros esforços deles e dela própria, e se ela não se casasse provavelmente ficaria fria e isolada, perdendo promoções para homens (que precisavam mais delas, porque tinham famílias para sustentar). E ela não seria capaz de defender a peculiaridade de sua opção por Letras Clássicas, de aceitar que outras pessoas achariam que elas são irrelevantes, ou áridas, nem de deixar isso para lá com a facilidade de um homem. Escolhas peculiares simplesmente eram mais fáceis para os homens, a maioria dos quais encontraria mulheres contentes por casar-se com eles. O contrário, nem tanto.

Quando veio a oferta do emprego, eles insistiram para que ela aceitasse. Que bom para você. Saia um pouco, vá ver o mundo. Vá ver um pouco da vida real.

Juliet estava acostumada a esse tipo de conselho, mas tinha ficado desapontada por ouvi-lo daqueles homens que não pareciam ter passeado com muita vontade pelo mundo real. Na cidade onde ela cresceu, seu tipo de inteligência era muitas vezes colocado na mesma categoria de uma perna manca ou um polegar a mais, e as pessoas logo apontavam as desvantagens que se poderia esperar — a incapacidade dela de operar uma máquina de costura ou de fazer um embrulho bonito, ou de reparar que sua combinação estava aparecendo. O que seria dela, eis a questão.

Questão que ocorrera até a sua mãe e seu pai, que sentiam orgulho dela. Sua mãe queria que ela fosse popular, e portanto insistiu que ela aprendesse a patinar e a tocar piano. Ela não fez nenhuma das duas coisas voluntariamente, nem fez bem. O pai dela só queria que ela fosse integrada. Você tem de se integrar, dizia ele, ou então as pessoas vão fazer da sua vida um inferno. (Isso passava por cima do fato de que ele, e particularmente a mãe de Juliet, não eram tão integrados assim, e não sofriam. Talvez ele duvidasse que Juliet fosse ter a mesma sorte.)

Mas eu me integro bem, disse Juliet quando foi para a faculdade. No departamento de Letras Clássicas eu me integro. Estou extremamente bem.

Mas aí vinha a mesma mensagem, dos professores, que pareciam valorizá-la e alegrar-se com ela. Neles, a jovialidade não escondia a preocupação. Vá para o mundo, disseram. Como se o lugar onde ela tinha estado até então fosse lugar nenhum.

Mesmo assim, no trem, ela estava feliz.

Taiga, pensou ela. Ela não sabia se aquela era a palavra certa para o que estava olhando. Talvez ela tivesse concebido a si mesma, em algum nível, como uma moça num romance russo, aventurando-se por uma paisagem desconhecida, aterrorizante e arrebatadora, onde os lobos uivavam à noite e onde ela encontraria seu destino. Ela não se importava que esse destino — num romance russo — provavelmente fosse aborrecido, trágico, ou os dois.

Não era o destino pessoal que estava em questão, de todo jeito. O que a atraía — a encantava, na verdade — era a própria indiferença, a repetição, o descuido e o desprezo pela harmonia que se podia encontrar na desarranjada superfície da cobertura pré-cambriana.

Uma sombra apareceu no canto do seu olho. Então uma perna vestida, aproximando-se.

— Esse assento está ocupado?

Claro que não estava. O que ela poderia dizer?

Mocassins com borla, calças largas castanho-claro, paletó quadriculado castanho-claro e marrom com riscas vinho, camisa azul-escuro, gravata vinho salpicada de azul e dourado. Tudo novíssimo e tudo — à exceção dos sapatos — parecendo um pouco largo demais, como se o corpo do lado de dentro tivesse encolhido um pouco desde a compra.

Era um homem talvez na casa dos cinquenta, com feixes de cabelo castanho-dourado espalhados pelo couro cabeludo. (Não podia ser pintado, não é mesmo, quem pintaria uma cobertura capilar tão escassa?) Suas sobrancelhas eram mais escuras, avermelhadas, macilentas e espessas. A pele de seu rosto era bastante enrugada, grossa como a superfície do leite azedo.

Ele era feio? Bem, claro. Era feio, mas na opinião dela eram feios muitos, muitos homens por volta daquela idade. Ela não teria dito, tempos depois, que ele era particularmente feio.

As sobrancelhas dele se ergueram, seus olhos claros e umedecidos ficaram mais largos, como que para projetar sociabilidade. Ele se acomodou na frente dela. Disse: — Não há muito para ver lá fora.

— Não — ela baixou os olhos para o livro.

— Ah — disse ele, como se as coisas estivessem confortavelmente começando. — E até onde você vai?

— Vancouver.

— Eu também. Atravessando o país inteiro. O negócio é aproveitar a viagem para ver tudo, não é?

— Hm-hm.

Mas ele insistiu.

— Você também embarcou em Toronto?

— Sim.

— Eu sou de Toronto. Morei lá a vida toda. Você mora lá também?

— Não — disse Juliet, outra vez olhando para o livro e fazendo força para prolongar a pausa. Mas alguma coisa, sua criação, seu constrangimento, Deus sabe se talvez sua piedade, eram fortes demais para ela, e ela deu o nome de sua cidade natal, e depois localizou-a dando sua distância em relação a diversas cidades maiores, sua posição em relação à Georgiana Bay no lago Huron.

— Tenho uma prima que mora em Collingwood. É bonito lá em cima. Fui visitar ela e a família algumas vezes. Você está viajando sozinha? Que nem eu?

Ele ficava batendo as mãos uma em cima da outra.

— Estou. — Estava, pensa ela. Estava.

— Essa é a primeira vez que faço uma viagem grande para qualquer lugar. Uma senhora viagem para fazer sozinho.

Juliet não disse nada.

— Vi que você estava toda sozinha lendo seu livro e pensei: de repente ela está sozinha e o caminho é longo, então será que a gente podia quem sabe fazer companhia um para o outro?

Ao ouvir as palavras *fazer companhia um para o outro* Juliet sentiu dentro de si uma fria turbulência. Ela entendeu que ele não estava tentando seduzi-la. Uma das coisas desmoralizantes que às vezes acontecia era que homens bem desajeitados e solitários, e nada atraentes, fariam uma aproximação ousada, dando a entender que ela devia estar no mesmo barco que eles. Mas ele não estava fazendo isso. Ele queria uma amiga, não uma namorada. Ele queria *companhia*.

Juliet sabia que, para muita gente, ela talvez parecesse esquisita e solitária — e ela era assim, de certo modo. Mas ela também tinha tido a experiência, durante boa parte da vida, de sentir-se cercada de pessoas que queriam sugar sua atenção, seu tempo e sua alma. E, normalmente, ela deixava.

Seja disponível, seja afável (ainda mais se você não for *popular*) — era isso que ela tinha aprendido numa cidade pequena, e também num dormitório de meninas. Acomode qualquer pessoa que queira sugar você inteira, mesmo que ela não tenha a menor ideia de quem você é.

Ela encarou diretamente o homem e não sorriu. Ele percebeu a determinação dela, houve um espasmo de preocupação em seu rosto.

— É bom esse livro? É sobre o quê?

Ela não ia dizer que era a respeito da Grécia antiga e do considerável apego que os gregos tinham pelo irracional. Ela não ia dar aulas de grego, mas teria de dar um curso chamado Pensamento Grego, por isso estava relendo Dodds para ver se tirava alguma coisa. Ela disse: — Eu realmente quero ler. Acho que vou para o vagão panorâmico.

Levantou-se e se afastou, achando que não deveria ter dito aonde estava indo, era possível que ele levantasse e fosse atrás, pedindo desculpas, preparando-se para um novo pedido. Ou que estivesse frio no vagão de observação, e ela ia querer ter levado o suéter. Era impossível voltar agora para buscá-lo.

A vista do vagão panorâmico, na parte de trás do trem, parecia menos satisfatória para ela do que a vista do vagão-leito. Agora sempre havia a intrusão

do próprio trem diante de você.

Talvez o problema fosse o frio que sentia, como achou que sentiria. E perturbada. Mas não arrependida. Um instante a mais e a viscosa mão dele — ela achou que a mão seria ou viscosa ou seca e escamosa — teria sido estendida, nomes teriam sido trocados, ela teria sido tragada. Era a primeira vitória daquele tipo que ela jamais tinha obtido, e contra o adversário mais digno de pena, o mais triste. Ela conseguia ouvi-lo ainda agora, mastigando as palavras *fazer companhia*. Desculpas e insolência. Desculpas, seu hábito. E insolência, o resultado de alguma esperança ou resolução rompendo a superfície da sua solidão, do seu estado faminto.

Era necessário, mas não tinha sido fácil, não tinha sido nem um pouco fácil. Na verdade, era uma vitória maior ainda, com certeza, enfrentar alguém num estado como aquele. Era uma vitória maior do que se ele tivesse vindo com lábia e autoconfiança. Mas por algum tempo ela se sentiria mal.

Havia apenas duas outras pessoas sentadas no vagão de observação. Duas senhoras mais velhas, cada qual sentada sozinha. Quando Juliet viu um grande lobo cruzando a superfície nevada e perfeita de um pequeno lago, entendeu que provavelmente elas também o estavam vendo. Mas nenhuma das duas rompeu o silêncio, e isso foi agradável a ela. O lobo também não reparou no trem, não hesitou nem se apressou. Seu pelo era longo, prateado com tons de branco. Será que ele achava que assim ficava invisível?

Enquanto ela observava o lobo, outro passageiro chegou. Um homem, que pegou um assento oposto ao dela, do outro lado do corredor. Ele também estava com um livro. Depois veio um casal de idosos — ela pequenina e cheia de energia, ele grande e desajeitado, puxando e soltando o ar com força e desdém.

— Frio aqui — ele disse, quando se sentaram.

— Quer que eu vá pegar seu casaco?

— Não precisa.

— Não me incomodo.

— Pode deixar.

Num instante a mulher disse: — Realmente aqui você vê as coisas. — Ele não respondeu, e ela tentou de novo. — Dá pra ver tudo em volta.

— O que tem pra ver.

— Espera só a gente passar pelas montanhas. Vai ser uma coisa. Você gostou do café da manhã?

— Os ovos estavam crus.

— Eu sei. — A mulher se compadeceu. — Fiquei pensando. Eu devia ter me metido na copa e feito eles eu mesma.

— Eles têm uma cozinha completa.

— Olha só.

Juliet e o homem do outro lado do corredor ergueram os olhos dos livros ao mesmo tempo, e seus olhares se cruzaram, calmamente evitando qualquer expressividade. E naquele segundo ou segundo e meio o trem diminuiu, depois parou, e eles olharam para outro lado.

Eles tinham chegado a um pequeno povoado na floresta. De um lado havia a estação, pintada em vermelho escuro, e de outro algumas casas pintadas da mesma cor. Casas ou barracões, para os trabalhadores ferroviários. Então foi anunciado que eles ficariam parados ali por dez minutos.

A neve tinha sido tirada da plataforma da estação, e Juliet, olhando adiante, viu algumas pessoas saindo do trem para caminhar um pouco. Ela também gostaria de caminhar um pouco, mas não sem casaco.

O homem do outro lado do corredor levantou-se e desceu os degraus sem olhar em volta. As portas se abriram em algum lugar embaixo, trazendo uma corrente sub-reptícia de ar frio. O marido idoso perguntou o que eles estavam fazendo ali, e qual era mesmo o nome daquele lugar. A esposa dele foi até a frente do vagão para tentar ver o nome, mas não conseguiu.

Juliet estava lendo sobre menadismo. De acordo com Dodds, os rituais aconteciam à noite, no meio do inverno. As mulheres iam até o topo do monte Parnaso, e uma vez, quando ficaram isoladas por causa de uma tempestade de neve, foi preciso mandar uma equipe de resgate. As candidatas a mônades foram trazidas de volta com as roupas duras como pranchas, tendo, em pleno frenesi, aceitado o resgate. Aquilo parecia um comportamento bastante contemporâneo para Juliet, parecia lançar uma luz moderna na atividade dos celebrantes. Será que as alunas veriam assim? Não havia muita chance. Elas provavelmente ficariam blindadas contra qualquer possibilidade de entretenimento, de envolvimento, como qualquer estudante. E aquelas que não estavam tão blindadas não iam querer demonstrar isso.

O chamado para o embarque soou, o ar fresco foi cortado, houve movimentos relutantes de partida. Ela ergueu os olhos para observar, e viu, a certa distância à frente, a locomotiva desaparecendo numa curva.

E então um solavanco ou uma trepidação, uma trepidação que pareceu percorrer o trem inteiro. Uma sensação, até ali, do vagão balançando. Uma parada abrupta.

Todos ficaram sentados esperando o trem retomar o movimento, e ninguém disse nada. Até o marido reclamão ficou quieto. Passaram-se os minutos. As portas abriam e fechavam. As vozes dos homens chamavam, uma sensação crescente de medo e agitação. No vagão-bar, que era logo abaixo, uma voz de autoridade — talvez a do condutor. Mas não era possível ouvir o que ele estava dizendo.

Juliet se levantou e foi para a parte da frente do trem, olhando a parte de cima dos vagões à frente. Ela viu algumas figuras correndo na neve.

Uma das senhoras sozinhas veio e se sentou ao lado dela.

— Tive a sensação de que ia acontecer alguma coisa — disse ela. — Senti ali, na parada. Não queria que a viagem recomeçasse. Achei que ia acontecer alguma coisa.

A outra senhora sozinha veio e ficou de pé atrás delas.

— Não deve ser nada — disse ela. — Talvez um galho no meio dos trilhos.

— Eles têm aquela coisa que vai na frente do trem — disse-lhe a primeira senhora. — Ela vai de propósito para pegar coisas como galhos no meio dos trilhos.

— De repente ele acabou de cair.

As duas senhoras falavam com o mesmo sotaque do norte da Inglaterra, e sem a polidez de estranhos ou conhecidos. Agora que Juliet pôde olhá-las bem, viu que provavelmente eram irmãs, ainda que uma tivesse um rosto mais jovem, mais largo. Então elas viajavam juntas mas sentavam separadas. Ou talvez tivessem tido uma briga.

O condutor estava subindo as escadas até o vagão de observação. Ele se virou, no meio, para falar.

— Não há motivo sério de preocupação, senhores, parece que batemos em algum obstáculo nos trilhos. Lamentamos pelo atraso, e vamos voltar a andar assim que pudermos, mas pode ser que fiquemos parados aqui um tempinho. O chefe dos garçons avisou que daqui a alguns minutos teremos café gratuito aqui.

Juliet seguiu-o escada abaixo. Ela tinha percebido, no momento em que se levantou, um problema só dela que a obrigaria a voltar a seu assento e à sua bagagem, não importando se o homem esnobado estivesse ali ou não. Enquanto ela atravessava os vagões, encontrou outras pessoas indo e vindo. As pessoas estavam coladas nas janelas de um lado do trem, ou paravam entre os vagões, como se esperassem a abertura das portas. Juliet não tinha tempo de fazer perguntas, mas, ao esgueirar-se por elas ouviu que talvez tivesse sido um urso, ou um alce, ou uma vaca. E as pessoas se perguntavam o que uma vaca estaria

fazendo ali no mato, ou por que os ursos não estavam todos dormindo agora, ou se algum bêbado não tinha caído no sono nos trilhos.

No vagão-restaurante, as pessoas estavam sentadas nas mesas, cujas toalhas brancas tinham sido todas removidas. Estavam tomando o café gratuito.

Ninguém estava no assento de Juliet, nem no assento em frente a ele. Ela pegou sua bolsa e correu para o banheiro. O sangramento mensal era a cruz da vida dela. Numa ocasião, tinha interferido na redação de importantes exames de três horas, porque não era possível deixar a sala em busca de reforços.

Vermelha, com cólicas, sentindo-se um pouco tonta e nauseada, ela se sentou na privada, removeu seu absorvente encharcado, embrulhou-o em papel higiênico e colocou-o no receptáculo oferecido. Quando levantou, ajustou o absorvente novo tirado da bolsa. Viu que a água e a urina na privada estavam vermelhas com seu sangue. Ela pôs a mão no botão de descarga e então percebeu à frente de seus olhos o aviso para não dar descarga com o trem parado. Isso significava, claro, quando o trem estava na estação, onde aconteceria a descarga, de modo muito desagradável, bem onde as pessoas poderiam vê-la. Ali, ela poderia arriscar.

Mas bem no momento em que ela tocou novamente o botão, ouviu vozes por perto, não no trem, mas do lado de fora da janela de vidro esmerilhado do banheiro. Talvez trabalhadores ferroviários passando ali.

Ela decidiu ficar até o trem voltar a se mover, mas quanto tempo isso ia demorar? E se alguém quisesse entrar desesperadamente? Concluiu que tudo que podia fazer era baixar a tampa e sair.

Voltou para seu assento. A seu lado, um menino de quatro ou cinco anos passava lápis de cor nas páginas de um livro de colorir. A mãe dele falou com Juliet sobre o café gratuito.

— Gratuito pode ser, mas parece que você precisa ir lá e pegar você mesma — disse ela.

— Você se importaria em dar uma olhada nele enquanto eu vou?

— Não quero ficar com ela — disse o menino, sem olhar para cima.

— Eu vou — disse Juliet. Mas naquele momento um garçom entrou no vagão com o carrinho de café.

— Aí está. Não devia ter reclamado tão cedo — disse a mãe. — Você ouviu que foi um c-o-r-p-o?

Juliet sacudiu a cabeça, negando.

— Ele nem estava de casaco. Alguém viu ele descer e andar adiante, mas ninguém percebeu o que ele estava fazendo. Ele deve ter dado a volta na curva,

assim o maquinista não conseguiu ver até que fosse tarde demais.

Alguns assentos adiante, no lado da mulher do corredor, um homem disse: — Olha, estão voltando — e algumas pessoas levantaram, do lado de Juliet, e pararam para ver. A criança levantou também, colando a cara no vidro. A mãe mandou-o sentar-se.

— Pinte! Olha a bagunça que você fez, passou das linhas.

— Não consigo olhar — disse ela a Juliet. — Não consigo olhar esse tipo de coisa.

Juliet levantou e olhou. Viu um pequeno grupo de homens andando pesadamente de volta à estação. Uns tinham tirado os casacos, que estavam empilhados em cima da maca que alguns estavam carregando.

— Não dá para ver nada — disse um homem atrás de Juliet para uma mulher que não tinha levantado. — Cobriram ele todo.

Nem todos os homens que andavam de cabeça baixa eram funcionários ferroviários. Juliet reconheceu o homem que havia sentado na fileira ao lado dela no vagão panorâmico.

Após mais dez ou quinze minutos, o trem começou a andar. Na curva era possível ver sangue dos dois lados do vagão. Mas havia uma área pisada, uma pilha de neve retirada. O homem atrás dela levantou-se outra vez. — Foi ali que aconteceu, acho — ficou olhando um pouco para ver se havia algo mais, e então virou e sentou-se. O trem, em vez de acelerar para compensar pelo tempo perdido, parecia estar indo mais lentamente do que antes. Por respeito, talvez, ou por apreensão do que poderia estar adiante, logo depois da próxima curva. O chefe dos garçons passou pelo vagão anunciando os primeiros lugares do almoço, e a mãe e o filho imediatamente se levantaram e o seguiram. Começou uma procissão, e Juliet ouviu uma mulher que passava dizer: — Mesmo?

A mulher falando com ela disse baixinho: — Foi o que ela disse. Cheio de sangue. Deve ter esguichado quando o trem passou por cima...

— Nem fale uma coisa dessas.

Pouco depois, quando a procissão tinha terminado e as primeiras pessoas estavam almoçando, apareceu o homem — o homem do vagão panorâmico que tinha sido visto andando na neve.

Juliet levantou-se e rapidamente foi atrás dele. No espaço negro e frio entre os carros, exatamente quando ele empurrava a pesada porta à sua frente, ela disse: — Com licença. Preciso perguntar uma coisa.

Aquele espaço era repleto de ruídos súbitos, do retinir das pesadas rodas contra os trilhos.

— O quê?

— O senhor é médico? Foi ver o homem que...

— Não sou médico. Não tem nenhum médico no trem. Mas eu tenho alguma experiência médica.

— Qual a idade dele?

O homem olhou para ela com paciência firme e algum incômodo.

— Difícil dizer. Jovem não era.

— Ele estava usando camisa azul? O cabelo dele era pintado meio louro meio marrom?

Ele sacudiu a cabeça, não para responder a pergunta, mas para recusá-la.

— Era alguém que a senhora conhecia? — disse ele. — Nesse caso, a senhora deveria dizer ao condutor.

— Não.

— Com licença, então. — Ele abriu a porta e deixou-a.

Claro. Ele achou que ela estava cheia de uma curiosidade nojenta, como tantas outras pessoas.

Cheio de sangue. Isso era nojento, isso sim.

Ela nunca poderia contar a ninguém o terrível equívoco que tinha sido cometido, a horrenda piada que havia naquilo. As pessoas iriam achá-la particularmente cruel e desalmada se ela algum dia falasse desse assunto. E o que estava numa das pontas daquele equívoco — o corpo esmagado do suicida — dificilmente pareceria, na narração, mais sórdido e medonho do que seu próprio sangue menstrual.

Nunca contar a ninguém. (Na verdade, ela contou, alguns anos depois, a uma mulher chamada Christa, mulher essa cujo nome ela ainda não conhecia.)

Mas ela queria muito dizer alguma coisa a alguém. Pegou seu caderno e, numa de suas páginas pautadas, começou a escrever uma carta aos pais.

Ainda não chegamos à fronteira de Manitoba e as pessoas estão em sua maioria reclamando que a paisagem é muito monótona, mas elas não podem dizer que a viagem carece de incidentes dramáticos. Essa manhã, paramos em algum povoado esquecido nas florestas do norte, pintado inteiro de Vermelho Ferroviário Deprimente. Eu estava sentada na parte de trás do trem, no vagão de observação, e morta de frio porque eles economizam no aquecimento ali (devem pensar que as glórias da paisagem vão fazer você esquecer o desconforto) e eu estava com preguiça demais de me arrastar de volta para pegar meu suéter. Ficamos sentados ali uns dez ou quinze minutos e então voltamos a andar; e consegui ver a locomotiva dando a volta na curva à frente, e subitamente houve como que um Baque Horrendo...

Ela, o pai e a mãe sempre achavam importante trazer histórias interessantes para dentro de casa. Isso demandava um sutil ajuste não apenas dos fatos mas da sua própria posição no mundo. Ou ao menos era isso que Juliet tinha percebido, quando seu mundo era a escola. Ela tinha criado para si um observador deveras superior, invulnerável. E agora, que ela estava longe de casa o tempo todo, essa postura tinha se tornado um hábito, quase um dever.

Porém, assim que ela escreveu as palavras *Baque Horrendo*, sentiu-se incapaz de ir adiante. Incapaz, em seu linguajar de costume, de ir adiante.

Ela tentou olhar pela janela, mas o cenário, composto dos mesmos elementos, tinha mudado. A menos de cento e cinquenta quilômetros, o clima parecia mais quente. Havia franjas de gelo nos lagos, não coberturas. A água negra, as pedras negras, debaixo das nuvens de inverno, enchiam o ar de trevas. Ela ficou cansada de olhar e pegou seu Dodds, abrindo-o em qualquer página, porque, afinal, ela já tinha lido o livro antes. A cada poucas páginas ela parecia ter tido uma orgia de sublinhados. Ela se sentia atraída por aquelas passagens, mas, quando as lia, viu que aquilo que tinha marcado com tanta satisfação havia algum tempo agora parecia obscuro e perturbador.

... aquilo que para a visão parcial dos vivos parece a ação de um demônio é percebido pela intuição mais ampla dos mortos como um aspecto de justiça cósmica...

O livro escorregou de suas mãos, seus olhos fecharam, e agora ela estava caminhando com algumas crianças (alunos?) na superfície de um lago. Em todo lugar que um deles pisava aparecia uma rachadura formada por cinco lados, todos lindamente regulares, fazendo com que o gelo parecesse um chão de ladrilhos. As crianças perguntaram o nome daqueles ladrilhos de gelo, e ela respondeu, cheia de confiança: *pentâmetro iâmbico*. Mas elas riram, e com seu riso as rachaduras alargaram. Ela então percebeu seu erro e entendeu que somente a palavra certa poderia salvar a situação, mas não conseguia achá-la.

Ela acordou e viu o mesmo homem, o homem que ela tinha seguido e atazanado entre os vagões, sentado à sua frente.

— Você estava dormindo — ele sorriu levemente ao dizer isso. — Óbvio.

Ela tinha dormido com a cabeça pendendo para a frente, como uma senhora idosa, e havia baba no canto de sua boca. Além disso, ela sabia que precisava ir ao banheiro feminino imediatamente, na esperança de que não houvesse nada em sua saia. Disse “com licença” (exatamente o que ele tinha dito a ela), levou a bolsa e saiu andando com a pressa menos deliberada que conseguia demonstrar.

Quando voltou, limpa, arrumada e reforçada, ele ainda estava ali.

Ele falou imediatamente. Disse que queria pedir desculpas.

— Percebi que fui rude com você. Quando você me perguntou...

— Sim — disse ela.

— Estava certa — disse ele. — A sua descrição do homem.

Aquilo parecia, da parte dele, menos uma oferta do que uma transação necessária e direta. Se ela não quisesse falar, ele talvez simplesmente se levantasse e fosse embora, sem ficar particularmente desapontado, tendo feito aquilo que tinha vindo fazer.

Vergonhosamente, os olhos de Juliet transbordaram de lágrimas. Foi tão inesperado que ela não teve tempo de virar o rosto.

— Tudo bem — disse ele. — Está tudo bem.

Ela acenou com a cabeça diversas vezes, fungou miseravelmente, assoou o nariz no lenço que enfim achou na bolsa.

— Estou bem — disse ela, e então ela lhe disse, de maneira muito direta, o que tinha acontecido. Como o homem se inclinou e perguntou se o assento estava ocupado, como ele sentou, como ela estava olhando pela janela e como ela não conseguia mais fazer aquilo e por isso tentou ou fingiu tentar ler o livro, como ele tinha perguntado onde ela pegou o trem, e ficou sabendo onde ela morava, e ficou tentando puxar conversa, até que ela simplesmente levantou e foi embora.

A única coisa que ela não revelou para ele foi a expressão *fazer companhia*. Ela acreditava que, se falasse aquilo, ia começar a chorar de novo.

— As mulheres sempre são interrompidas — disse ele. — Mais fácil interromper uma mulher do que um homem.

— Pois é. Verdade.

— Acham que as mulheres vão ser mais gentis.

— Mas ele só queria ter alguém para conversar — disse ela, mudando de lado um pouco. — Ele queria alguém mais do que eu *não* queria ninguém. Agora eu percebo isso. E eu não tenho cara de rude. Não tenho cara de cruel. Mas fui.

Uma pausa, enquanto ela mais uma vez controlava as fungadas e os olhos marejados.

Ele disse: — Você nunca quis fazer isso com ninguém antes?

— *Claro*. Mas nunca tinha feito. Nunca tinha ido tão longe. E por que eu fiz isso dessa vez... é que ele era tão humilde. E ele estava cheio de roupas novas, que provavelmente tinha comprado para a viagem. Provavelmente ele estava deprimido e pensou em fazer uma viagem para conhecer gente e fazer amigos.

Talvez se a viagem dele fosse mais curta — disse ela. — Mas ele falou que estava indo para Vancouver e eu ficaria presa com ele. Por dias.

— De fato.

— Poderiam ser dias mesmo.

— Realmente.

— Então.

— Péssima sorte — disse ele, sorrindo muitíssimo de leve. Da primeira vez que você tem coragem de ser ríspida com um sujeito ele vai e se joga debaixo de um trem.

— Pode ter sido a gota d'água — disse ela, agora se sentindo menos defensiva. — Pode ter sido.

— Acho que você vai simplesmente ter de tomar mais cuidado, da próxima vez.

Juliet levantou o queixo e encarou-o.

— Você acha que eu estou exagerando.

Então aconteceu algo tão súbito e inesperado quanto suas lágrimas. Sua boca começou a contorcer-se. Subia um riso profano.

— Acho que isso é um pouco extremo.

— Um pouco — disse ele.

— Você acha que eu estou fazendo drama?

— É natural.

— Mas você acha que é um erro — disse ela, controlando o riso. — Você acha que a culpa é só uma complacência?

— O que eu acho é... — disse ele. — Acho que isso é uma coisa menor. Vão acontecer coisas na sua vida, provavelmente vão acontecer coisas na sua vida, que vão fazer com que isso pareça menor. Outras coisas a respeito das quais você vai conseguir sentir-se culpada.

— Mas será que não é isso que sempre dizem? Para quem é mais jovem? Dizem: ah, um dia você não vai mais pensar assim. Espere e veja. Como se você não tivesse o direito a nenhum sentimento sério. Como se não fosse capaz.

— Sentimentos — disse ele. — Eu estava falando de experiência.

— Mas você meio que está dizendo que a culpa não serve para nada. Tem gente que diz isso. É verdade?

— Você que tem que me dizer.

Eles continuaram falando assim por um tempo considerável, em voz baixa, mas de maneira tão veemente que as pessoas que passavam às vezes olhavam atônitas, ou até ofendidas, como às vezes podem ficar aqueles que ouvem

debates que parecem desnecessariamente abstratos. Juliet percebeu, depois de um tempo, que ainda que ela estivesse defendendo — muito bem, na opinião dela — a necessidade de certos sentimentos de culpa na vida tanto pública quanto privada, ao menos naquele momento ela já não sentia mais nada. Seria possível até dizer que ela estava se divertindo.

Ele sugeriu que eles fossem para o bar, onde poderiam tomar café. Ao chegar ali, Juliet percebeu que estava com bastante fome, ainda que o horário de almoço tivesse acabado há muito tempo. Só era possível arrumar *pretzels* e amendoins, e ela os engoliu de tal maneira que a conversa refletida e levemente competitiva que eles estavam tendo antes não podia mais ser retomada. Então, eles falaram de si mesmos. O nome dele era Eric Porteous e ele morava num lugar chamado Whale Bay, em algum lugar ao norte de Vancouver, na costa oeste. Mas ele não estava indo direto para lá, faria uma parada em Regina para ver algumas pessoas que não via há muito tempo. Era pescador, pescava camarões. Ela perguntou sobre a experiência médica que ele tinha mencionado, e ele disse: — Ah, não é muito. Estudei um pouco. Quando você está sozinho no mato ou no barco qualquer coisa pode acontecer. Com as pessoas que estão trabalhando com você. Ou com você mesmo.

Ele era casado, e o nome da esposa dele era Ann.

Há oito anos, disse ele, Ann tinha se ferido num acidente de carro. Passou várias semanas em coma. Saiu do coma, mas ainda estava paralisada, incapaz de andar ou mesmo de alimentar-se sozinha. Ann parecia entender quem ele era, e quem era a mulher que cuidava dela — com a ajuda dessa mulher ele conseguia mantê-la em casa — mas as tentativas dela de falar e de compreender o que estava acontecendo em torno logo cessaram.

Eles tinham ido a uma festa. Ela não estava com muita vontade de ir, mas ele quis ir. Então ela decidiu voltar para casa andando sozinha, porque não estava gostando muito da festa.

Foi um bando de bêbados de outra festa que saiu da estrada e derrubou-a. Adolescentes.

Por sorte, ele e Ann não tinham filhos. Sim, por sorte.

— Você fala disso para as pessoas e elas sentem que precisam dizer: que terrível. Que tragédia. Et cetera.

— E você pode culpá-las? — disse Juliet, que tinha quase chegado a dizer algo semelhante.

Não, disse ele. Mas era só que o negócio era muito mais complicado. Será que Ann achava que aquilo era uma tragédia? Provavelmente não. E ele? Era

algo a que você se acostumava, era um novo tipo de vida. E pronto.

Todas as experiências prazerosas de Juliet com homens tinham acontecido na fantasia. Um ou dois astros de cinema, o adorável tenor — não o herói viril e sem coração — de uma gravação antiga de *Don Giovanni*. Henrique v, da maneira como tinha lido em Shakespeare e como Laurence Olivier o tinha representado no filme.

Isso era ridículo, patético, mas quem precisava saber? Na vida real tinha havido humilhações e decepções que ela tinha tentado afastar da mente tão rápido quanto possível.

Havia a experiência de ficar ostensivamente encalhada no elenco das meninas indesejadas nos bailes da escola, e de, apesar do tédio, fazer brucas tentativas de ser mais animada quando saía com rapazes de que nem gostava tanto assim, que nem gostavam dela tanto assim. A experiência de, ano passado, sair com o sobrinho do orientador da tese, que veio visitar, e ser arrombada — não daria para chamar de estupro, ela também tinha aquele propósito — tarde da noite no chão do parque Willis.

No caminho de casa ele explicou que ela não era o tipo dele. E ela se sentiu humilhada demais para retrucar — ou até por saber, naquele momento que ele não era o dela.

Ela nunca tinha tido fantasias a respeito de um homem específico e real — menos ainda a respeito de qualquer um de seus professores. Os homens mais velhos — na vida real — pareciam-lhe ligeiramente repulsivos.

Que idade tinha esse homem? Ele estava casado havia pelo menos oito anos — e talvez dois anos, dois ou três anos mais do que isso. O que fazia com que ele tivesse trinta e cinco ou trinta e seis anos. O cabelo dele era escuro e enrolado, um pouco grisalho nos lados, sua testa era larga e mostrava os sinais das intempéries, seus ombros, largos e um pouco curvados. Ele quase não era mais alto do que ela. Seus olhos eram distantes um do outro, escuros, e ávidos mas também reticentes. Seu queixo, redondo, tinha uma covinha, combativo.

Ela lhe contou do emprego, do nome da escola — Torrance House. (“Quanto você quer apostar que chamam de Tormento?”) Contou que não era professora de verdade mas que tinham ficado contentes de conseguir alguém que tivesse estudado grego e latim na faculdade. Praticamente ninguém mais fazia isso.

— Então por que você fez isso?

— Ah, só para ser diferente, acho.

Então ela disse que sempre soube que nunca devia contar a nenhum homem ou rapaz, para que ele não perdesse imediatamente o interesse.

— E porque eu adoro aquilo. Adoro aquilo tudo. Mesmo.

Eles jantaram juntos — cada qual tomando uma taça de vinho — foram para o vagão de observação, onde sentaram no escuro, sozinhos. Dessa vez Juliet levou o suéter.

— As pessoas devem achar que não tem nada para ver aqui de noite — disse ele. — Mas olha só as estrelas que dá para ver numa noite clara.

De fato a noite estava clara. Não havia lua — ao menos não ainda — e as estrelas apareciam em densos arbustos, tanto pálidas quanto brilhantes. E, como qualquer pessoa que tinha vivido e trabalhado em barcos, ele conhecia bem o mapa do céu. Ela só sabia localizar a Ursa Maior.

— Já é um começo — disse ele. — Veja as duas estrelas do lado da Ursa, são as guardas dela. Viu? Depois vem a Ursa Menor. Você vai subindo, a ponta é a Estrela Polar. — E continuou.

Ele mostrou a ela Órion, e disse que era a maior constelação no hemisfério norte no inverno. E Sirius, o Cão Maior, que naquela época do ano era a estrela mais brilhante de todo o céu de inverno.

Juliet ficou contente com a aula, mas também gostou quando chegou sua vez de ensinar. Ele conhecia os nomes, mas não as histórias.

Ela contou que Órion tinha sido cegado por Enópio, mas recuperou a visão olhando para o sol.

— Ele foi cegado porque era bonito demais, mas Hefesto veio socorrê-lo. Depois Ártemis matou-o mesmo assim, mas ele foi transformado em constelação. Era comum que, quando alguém realmente precioso ficava em sérios apuros, fosse transformado em constelação. Onde está Cassiopeia?

Ele apontou para ela um W não muito óbvio.

— É para ser uma mulher sentada. Também foi por causa da beleza — disse ela.

— Era perigoso ser bonito?

— Com certeza. Ela era casada com o rei da Etiópia e era a mãe de Andrômeda. E se gabava de sua beleza e a punição foi ser banida para o céu. Também não tem uma Andrômeda?

— É uma galáxia. Deve dar para ver hoje à noite. É a coisa mais distante que dá para ver a olho nu.

Mesmo quando a orientava, dirigindo seu olhar para um ponto no céu, ele nunca a tocava. Claro que não. Era casado.

— Quem era Andrômeda? — perguntou ele.

— Ela foi acorrentada a uma rocha, mas Perseu a salvou.

Whale Bay.

Um longo píer, alguns barcos grandes, um posto de gasolina com uma loja que tem uma placa na janela dizendo que ali também ficam o ponto de ônibus e os correios.

Um carro estacionado ao lado dessa loja traz na janela uma placa de táxi feita em casa. Ela continua parada exatamente onde desceu do ônibus. O ônibus se afasta. O táxi buzina. O motorista sai e vem na direção dela.

— Só a senhora — diz. — Está indo para onde?

Ela pergunta se existe algum lugar em que os turistas costumam hospedar-se. Óbvio que não há um hotel.

— Não sei se tem alguém alugando quartos esse ano. Posso perguntar lá dentro. Você não conhece ninguém por aqui?

Nada a fazer além de dizer o nome de Eric.

— Ah, claro — diz ele, aliviado. — Pode entrar, eu te levo lá rapidinho. Mas é pena, você não veio para o velório.

De início ela tem a impressão de que ele disse *casório*. Ou teria sido *vitória*? Ela pensa em competições de pescaria.

— Um momento triste — diz o motorista, agora sentando atrás do volante. “Mas o fato é que ela nunca ia ficar melhor.”

Velório. A esposa. Ann.

— Tudo bem — diz ele. — Acho que ainda vai ter gente por perto. Claro que você perdeu o funeral. Foi ontem. Uma enormidade. Não podia vir mesmo?

Juliet diz: — Não.

— Eu não devia estar chamando de velório, não é? Velório é o que acontece antes do enterro, não é isso? Não sei como chamam o que acontece depois. Não é pra chamar de festa, é? Posso te levar lá e só te mostrar todas as flores e as homenagens, que tal?

Indo para o interior, saindo da estrada principal, após cerca de meio quilômetro de estrada esburacada e poeirenta, fica o cemitério da Whale Bay. E perto da cerca está o montículo de terra inteiramente coberto de flores. Flores de verdade desbotadas, flores de plástico brilhosas, uma pequena cruz de madeira com o nome e a data. Fitas encaracoladas de ouropel espalhadas pela grama do cemitério. Ele chama a atenção dela para todos os sulcos, para a bagunça que as rodas de tantos carros fizeram ontem.

— Metade deles nunca nem sequer a viu. Agora, conheciam ele, então quiseram vir de qualquer jeito. Todo mundo conhece o Eric.

Ele vira o carro e eles retornam, mas não o caminho inteiro até a autoestrada. Ela quer dizer ao motorista que mudou de ideia, que não quer visitar ninguém, quer esperar na loja para pegar o ônibus de volta. Ela pode dizer que realmente entendeu errado o dia, e agora está com tanta vergonha de ter perdido o funeral que não quer nem dar as caras.

Mas ela não consegue abrir a boca. E ele vai contar sobre ela, com toda certeza.

Eles estão seguindo por estradinhas estreitas, passando por algumas casas. Toda vez que eles passam por uma rampa de entrada sem virar, ela tem a sensação de uma anistia temporária.

— Bom, isso me surpreende — diz o motorista, e então eles viram. — Aonde foi todo mundo? Tinha meia dúzia de carros quando passei aqui há uma hora. Nem a caminhonete dele está aí. Acabou a festa. Desculpe, eu não devia ter dito isso.

— Se não tem ninguém — diz Juliet, ansiosa — eu poderia simplesmente voltar.

— Ah, tem gente sim, não se preocupe com isso. A Ailo está em casa. Olha ali a bicicleta dela. Você conhece a Ailo? Sabe, aquela que toma conta das coisas? — ele já saiu do carro e está abrindo a porta dela.

Assim que Juliet põe os pés para fora, um grande cão amarelo vem latindo, aos saltos, e uma mulher o chama da varanda da casa.

— Ah, calma aí, Pet — diz o motorista, colocando no bolso o dinheiro da corrida e rapidamente voltando para o carro.

— Para. Para, Pet. Quieta. Ela não vai te fazer mal — diz a mulher. — Ela é só uma filhotinha.

“Pet pode ser só uma filhotinha”, pensa Juliet, “mas mesmo assim poderia me derrubar no chão.” E agora um pequeno cachorro marrom avermelhado vem juntar-se à algazarra. A mulher desce os degraus, gritando: — Pet. Corky. Comportem-se. Se eles acharem que você está com medo, vão te perturbar ainda mais.

O *você* dela soa como *focê*.

— Não estou com medo — diz Juliet, dando um passo para trás quando o focinho do cão amarelo quase se esfrega em seu braço.

— Entre, então. Vocês dois, calados, ou vou acabar com a raça de vocês. Você confundiu o dia do funeral?

Juliet sacode a cabeça como que para pedir desculpas. Ela se apresenta.

— Bom, que pena. Meu nome é Ailo. — Elas apertam as mãos.

Ailo é uma mulher alta, de ombros largos, com corpo volumoso mas não flácido, e seu cabelo, louro quase branco, cai solto por cima dos ombros. A voz dela é forte e insistente, com uma rica produção sonora na garganta. Um sotaque alemão, holandês, escandinavo?

— Melhor você sentar aqui na cozinha. Está tudo uma zona. Vou te dar um café.

A cozinha é iluminada, com uma claraboia no teto alto e inclinado. Há pilhas de pratos, copos e panelas por toda parte. Pet e Corky mansamente seguiram Ailo à cozinha e começam a lambiscar o que quer que estivesse na assadeira que ela pôs no chão.

Além da cozinha, subindo dois degraus largos, há uma espécie de sala de estar penumbrosa, cavernosa, com grandes almofadas jogadas pelo chão.

Ailo puxa uma cadeira perto da mesa. — Agora sente-se. Sente-se aqui para tomar café e comer um pouco.

— Estou bem, não precisa — diz Juliet.

— Não. Tem café que acabei de fazer, e vou tomar o meu enquanto trabalho. E sobrou muita coisa para comer.

Ela coloca na frente de Juliet, junto com o café, um pedaço de torta — verde brilhante, coberta com um pouco de merengue encolhido.

— Gelatina de limão — diz ela, sem dar sua aprovação. — Talvez o gosto seja bom. Ou será que tem ruibarbo?

— Tudo bem. — Juliet diz.

— Tanta bagunça aqui. Eu limpo depois de velório, arrumo tudo. Então funeral. Agora depois do funeral tenho que limpar tudo de novo.

A voz dela está repleta de um robusto ressentimento. Juliet sente-se obrigada a dizer: — Posso ajudar depois de comer.

— Não. Acho que não — diz Ailo. — Eu sei tudo. — Seus movimentos não são rápidos, mas decididos e eficientes. (Essas mulheres nunca querem ajuda. Elas te conhecem de trás para a frente.) Ela continua secando os copos e pratos e talheres, colocando aquilo que secou em armários e gavetas. Então ela tira a sujeira de tachos e panelas — incluindo aquela que ela tira dos cachorros —, submergindo-os em água com sabão, esfregando as superfícies das mesas e bancadas, torcendo os panos de prato como se fossem pescoços de criança. E falando com Juliet, fazendo pausas.

— Você é amiga de Ann? Conhecía ela de antes?

— Não.

— Não. Acho que não. Você jovem demais. Então por que veio para o funeral?

— Não vim — diz Juliet. — Eu não sabia. Só vim fazer uma visita. — Ela tenta falar como se aquilo tivesse sido um capricho dela, como se tivesse milhões de amigos e andasse por aí fazendo visitas casuais.

Com uma energia singularmente focalizada e despeitosa, Ailo enxuga uma panela, optando por não dar resposta a isso. Ela deixa Juliet esperando por várias outras panelas antes de falar.

— Você veio visitar Eric. Achou a casa certa. Eric mora aqui.

— Você não mora aqui, mora? — diz Juliet, como se assim pudesse mudar de assunto.

— Não. Não moro aqui. Moro mais embaixo, com meu esposo. — A palavra *esposso* tem um peso, de orgulho e censura.

Sem perguntar, Ailo enche a xícara de café de Juliet, e em seguida sua própria xícara. Ela traz um pedaço de torta para si, com uma camada rosada embaixo e uma camada cremosa em cima.

— Creme de ruibarbo. Tem de comer para não estragar. Não preciso, mas como mesmo assim. Quem sabe você quer um pedaço?

— Não. Obrigada.

— Agora. Eric saiu. Ele não volta hoje à noite. Acho que não. Ele foi para a casa de Christa. Você conhece Christa?

Juliet sacode a cabeça de leve.

— Aqui todos moramos e sabemos a situação dos outros. Sabemos bem. Não sei como é onde você mora. Em Vancouver? — (Juliet faz que sim.) — Numa cidade. Não é a mesma coisa. Para Eric ser tão bom e cuidar da esposa, ele precisar ajuda, está vendo? Eu ajuda.

Demonstrando muito pouca sabedoria, Juliet diz: — Mas você não é paga?

— Óbvio sou paga. Mas é mais do que um trabalho. Também o outro tipo de ajuda de uma mulher, ele precisa. Você entende o que falo? Não mulher com esposo, não acredito nisso, não ser bom, é jeito de ter brigas. Primeiro Eric teve Sandra, depois ela se mudou e agora tem Christa. Um tempo curto teve Christa e também Sandra, mas elas eram amigas, era tudo bem. Mas Sandra ter filhos, quer se mudar para ter escolas maiores. Christa é artista. Faz coisas de madeira que você encontra na praia. Qual o nome dessa madeira?

— Madeira flutuante — diz Juliet, sem a menor vontade. Está paralisada de decepção, de vergonha.

— É isso. Ela leva as coisas para uns lugares e vendem as coisas para ela. Coisas grandes. Animais e pássaros mas sem realidade. Sem realidade?

— Sem realismo?

— Isso. Isso. Ela nunca teve filhos. Acho que ela não vai querer estar se mudando. Eric contou isso a você? Quer mais café? Ainda tem na cafeteira.

— Não. Não, obrigada. Não, não falou.

— Então. Agora eu contei. Se você termina eu pego a xícara para lavar.

Ela faz um desvio para cutucar com o sapato o cão amarelo deitado do outro lado da geladeira.

— Você ter que levantar. Menina preguiçosa. Logo vamos para casa. — Tem um ônibus de volta para Vancouver, passa às oito e dez — diz ela, ocupada na pia, de costas para a ambiente.

— Você pode vir para casa comigo e quando chegar a hora meu esposo vai levar você de carro. Você pode jantar conosco. Vou de bicicleta, vou devagar e assim você pode acompanhar. Não é longe.

O futuro imediato parece tão firmemente decidido que Juliet se levanta sem pensar, olha em volta procurando sua bolsa. Em seguida senta-se de novo, mas em outra cadeira. Aquela nova visão da cozinha parece dar-lhe resolução.

— Acho que vou ficar aqui — diz ela.

— Aqui?

— Não tenho muita coisa para carregar. Vou andar até o ônibus.

— Como você vai achar o caminho? É um quilômetro e meio.

— Isso nem é tanto — Juliet se pergunta como vai saber o caminho, mas pensa que, afinal, é só ir descendo.

— Ele não vai voltar, você sabe — diz Ailo. — Essa noite não.

— Não importa.

Ailo dá de ombros com força, talvez com desdém.

— Levanta, Pet. Levanta. — Virando de lado, diz: — Corky vai ficar. Quer que ela fique dentro ou fora?

— Acho que prefiro fora.

— Vou prender ela então, para não seguir a gente. Talvez ela não queira ficar com uma estranha.

Juliet não diz nada.

— A porta tranca quando a gente sai. Está vendo? Assim, se você sair e quiser entrar de novo, tem de apertar aqui. Mas quando você sai, não aperta. Fica trancado. Entendeu?

— Entendi.

— A gente não costumava se dar ao trabalho de usar tranca aqui, mas hoje em dia tem muitos estranhos.

Depois de eles terem ficado olhando as estrelas, o trem parou algum tempo em Winnipeg. Eles saíram e andaram num vento tão frio que era doloroso respirar, quanto mais falar. Quando embarcaram de novo no trem, sentaram no bar e ele pediu conhaque.

— Para esquentar a gente e colocar você para dormir — disse ele.

Ele não ia dormir. Ia ficar acordado até desembarcar em Regina, em algum momento perto do raiar do dia.

A maior parte dos beliches já estava feita, as cortinas verde-escuro estreitando o corredor, quando ele a acompanhou de volta a seu vagão. Todos os vagões tinham nomes, e o dela se chamava Miramichi.

— É este — disse ela, no espaço entre os carros, com sua mão já abrindo a porta para ela.

— Vamos dizer adeus aqui, então. — Ele recolheu a mão, e eles se equilibraram contra os solavancos para que ele pudesse beijá-la longamente. Isso acabado, ele não a soltou, mas abraçou-a e acariciou suas costas, e então começou a beijar seu rosto inteiro.

Mas ela se afastou, disse num tom de urgência: — Sou virgem.

— Sim, sim — ele riu, e beijou seu pescoço, e então soltou-a e abriu a porta à frente dela. Eles andaram pelo corredor até que ela achasse seu próprio beliche. Ela pôs as costas completamente contra a cortina, virando, e efetivamente esperando que ele a beijasse de novo ou a tocasse, mas ele se esgueirou quase como se eles tivessem se encontrado por acaso.

Que burrice, que desastre. Com medo, claro, de que as carícias de sua mão se estendessem para baixo e chegassem ao nó que ela tinha feito para prender o absorvente ao cinto. Se ela fosse o tipo de garota que podia confiar em tampões, aquilo não precisava ter acontecido.

E por que *virgem*? Já que ela tinha ido a extremos tão desagradáveis, em Willis Park, para garantir que essa condição não fosse impedimento? Ela devia estar pensando no que ia dizer a ele — ela nunca seria capaz de dizer-lhe que estava menstruada — para o caso de ele ter esperanças de levar as coisas adiante. Como ele poderia ter tido planos como aquele, aliás? Como? Onde? No beliche dela, com tão pouco espaço, e todos os outros passageiros muito provavelmente ainda acordados em volta deles? De pé, agitando-se para a frente

e para trás, colados em alguma porta, que qualquer pessoa poderia vir e abrir, naquele precário espaço entre os vagões?

Então agora ele podia contar a alguém que passou a noite inteira ouvindo essa menina boba exibindo seus conhecimentos de mitologia grega, e no final — quando ele finalmente lhe deu um beijo de boa noite, para se livrar dela — ela começou a gritar que era virgem.

Ele não parecia o tipo de homem que faria aquilo, quealaria esse tipo de coisa, mas ela não conseguia deixar de imaginar.

Ela passou a maior parte da noite acordada, mas adormeceu quando o trem parou em Regina.

Sozinha, Juliet podia explorar a casa. Mas não é isso que ela faz. Em vinte minutos, no mínimo, ela vai ficar livre da presença de Ailo. Não que ela esteja com medo de que Ailo volte para dar uma olhada nela, ou para pegar alguma coisa que tenha esquecido. Ailo não é o tipo de pessoa que esquece coisas, nem ao fim de um dia extenuante. E se ela tivesse achado que Juliet ia roubar alguma coisa, simplesmente a teria posto para fora.

Ela, porém, é o tipo de mulher que reivindica seu espaço, particularmente espaço na cozinha. Tudo ao alcance dos olhos de Juliet fala da ocupação de Ailo, das plantas (ervas?) em vasos no peitoril à tábua de corte e ao linóleo polido.

E quando ela tinha conseguido fazer Ailo recuar, não para fora do recinto mas talvez de volta para o lado da antiquada geladeira, Juliet se depara com Christa. Eric tem uma mulher. Claro que tem. Christa. Juliet imagina uma Ailo mais jovem, mais sedutora. Quadril largo, braços fortes, cabelo longo — louro perfeito, sem branco —, seios sacudindo desimpedidos debaixo de uma camisa folgada. A mesma ausência agressiva de requinte — que, em Christa, ficaria sexy. A mesma maneira deleitosa de mastigar e depois cuspir suas palavras.

Duas outras mulheres vêm-lhe à cabeça. Briseida e Criseida, as companheiras de Aquiles e Agamênon. Ambas descritas como “de adoráveis bochechas”. Quando o professor leu aquela palavra (de que ela não conseguia lembrar agora), a testa dele ficou bem rosa e ele pareceu conter uma risadinha. Por aquele instante, Juliet desprezou-o.

Então, se Christa fosse uma versão mais rústica, mais nórdica de Briseida/Criseida, será que Juliet conseguiria começar a desprezar Eric também?

Mas como ela poderia saber, se for pela estrada e entrar no ônibus?

O fato é que ela nunca quis entrar naquele ônibus. Assim parece. Com Ailo fora do caminho, é mais fácil para ela descobrir suas próprias intenções. Enfim

ela levanta e faz mais café, e o serve numa caneca, não numa das xícaras que Ailo separou.

Ela está agitada demais para sentir fome, mas examina as garrafas na bancada, que as pessoas devem ter trazido para o velório. Conhaque de cereja, aguardente de pera, licor Tia Maria, vermute doce. As garrafas foram abertas, mas seus conteúdos não atraíram o público. O beber mais empenhado foi feito a partir das garrafas vazias enfileiradas por Ailo ao lado da porta. Gim e uísque, cerveja e vinho.

Ela coloca licor Tia Maria no café, e leva a garrafa consigo ao subir os degraus da grande sala de estar.

Aquele é um dos dias mais longos do ano. Mas as árvores da região, aquelas enormes, densas e verdes o ano todo, e o arbuto de membros avermelhados, tapam a luz do sol que se põe. A luz do céu mantém a cozinha clara, ao passo que as janelas da sala não passam de longos cortes na parede, e ali a escuridão já começou a se acumular. O chão não é acabado — há tapetes velhos e gastos sobre quadrados de compensado — e a mobília da sala está arrumada de maneira peculiar e desordenada. Basicamente almofadas, largadas no chão, escabelos forrados de couro que rachou. Uma imensa poltrona de couro, do tipo que reclina e tem apoio para os pés. Um sofá coberto por uma colcha de retalhos autêntica mas puída, uma televisão ancestral, estantes feitas de tijolos e tábuas — nas quais não há livros, só pilhas de *National Geographics* antigas, e algumas revistas de vela e números da *Popular Mechanics*.

Ailo obviamente ainda não arrumou aquela sala. Há manchas de cinza nos tapetes, onde os cinzeiros foram derrubados. E migalhas por toda parte. Ocorre a Juliet que ela poderia procurar o aspirador, se houver algum, mas então lhe ocorre que mesmo que ela consiga fazê-lo funcionar, é provável que alguma coisa dê errado — os finos tapetes podem ficar roídos e prender na máquina, por exemplo. Então ela simplesmente senta na poltrona de couro, acrescentando mais Tia Maria à medida que o nível do café vai descendo.

Não há nada nessa costa que lhe apeteça muito. As árvores são largas demais, ficam aglomeradas e não têm nenhuma personalidade própria — elas simplesmente compõem uma floresta. As montanhas são grandiosas e implausíveis demais, e as ilhas que flutuam nas águas do estreito de Georgia são insistentemente pitorescas. Essa casa, com seus amplos espaços, tetos inclinados e madeira inacabada, é desolada e inibida.

A cachorra late de tempos em tempos, mas não de modo urgente. Talvez ela queira entrar e ter companhia. Mas Juliet nunca teve cachorro — um cachorro na

casa seria uma testemunha, não um companheiro, e só faria com que ela se sentisse constrangida.

Talvez a cachorra esteja latindo para cervos exploradores, para um urso, ou para um puma. Tinha aparecido alguma coisa nos jornais de Vancouver a respeito de um puma — ela acha que foi nessa costa — que tinha mutilado uma criança.

Quem ia querer viver onde você é obrigado a dividir cada trecho do espaço ao ar livre com animais hostis à espreita?

Kallipareos. De belas bochechas. Agora ela lembrou. A palavra homérica se agita no anzol. E para além disso ela de súbito toma consciência de todo seu vocabulário grego, de tudo que parece ter sido colocado num armário por quase seis meses já. Como não estava dando aulas de grego, ela pôs tudo de lado.

É isso que acontece. Você põe aquilo de lado um tempo, e volta e meia procura no armário alguma coisa e você lembra, e pensa: *daqui a pouco*. Então aquilo vira alguma coisa que simplesmente está ali, no armário, e outras coisas se amontoam na frente dela, em cima dela e um dia você já nem pensa mais nela.

A coisa que era o seu lindo tesouro. Você não pensa nela. Uma perda em que num dado momento você não suportaria pensar, e que agora se tornou algo de que você mal se lembra.

É isso que acontece.

E mesmo que não seja posta de lado, mesmo que você ganhe seu sustento com ela, todo dia? Juliet pensa nos professores mais velhos da escola, como a maioria deles pouco se importa com o que está ensinando, o que quer que seja. Veja o caso de Juanita, que escolheu espanhol porque combina com seu nome de batismo (ela é irlandesa) e porque quer falá-lo bem, para usá-lo em suas viagens. Não se pode dizer que o espanhol seja o tesouro dela.

Poucas pessoas, muito poucas, possuem um tesouro, e se você possui, precisa cuidar dele. Você não pode se permitir entrar numa cilada, e ter o tesouro levado de você.

O Tia Maria de certo modo funcionou com o café. Ele faz com que ela se sinta despreocupada, mas poderosa. Permite que ela pense que Eric, afinal, não é tão importante. É alguém com quem ela pode entreter-se. Entreter-se é o termo. Como Afrodite se entreteve com Anquises. E depois, um dia de manhã, ela simplesmente vai embora.

Ela se levanta e encontra o banheiro, e depois volta e deita no sofá, cobrindo-se com a colcha — está com sono demais para perceber os pelos de

Corky nela, ou o cheiro de Corky.

Quando ela acorda é plena manhã, ainda que sejam apenas no relógio da cozinha.

Ela está com dor de cabeça. Tem um vidro de aspirina no banheiro — ela toma duas, lava o rosto, penteia o cabelo, pega a escova de dentes na bolsa e escova os dentes. Então faz café fresco e come um pedaço de pão caseiro sem se dar ao trabalho de esquentar ou de passar manteiga. Ela se senta à mesa da cozinha. A luz do sol, escorrendo através das árvores, pincela de cobre os troncos macios dos arbustos. Corky começa a latir, e late muito tempo antes que a caminhonete vire no quintal e a silencie.

Juliet ouve a porta da caminhonete bater, ouve-o falando com a cachorra, e é tomada de receio. Ela quer se esconder em algum lugar (depois ela diz: *Eu poderia ter rastejado para debaixo da mesa*, mas claro que ela não pensa em fazer nada ridículo assim). É como aquele momento na escola antes de o vencedor do prêmio ser anunciado. Só que é pior, porque ela não possui uma esperança concreta. E porque nunca haverá outra oportunidade tão decisiva em sua vida.

Quando a porta se abre, ela não consegue erguer os olhos. Nos joelhos, os dedos das mãos estão entrelaçados, cerrados.

— Você aqui — diz ele. Ele está rindo de triunfo e admiração, como que diante de um ato absolutamente espetacular de descaramento e ousadia. Quando ele abre os braços, é como se um vento tivesse soprado na cozinha, fazendo com que ela erga os olhos.

Seis meses atrás ela não sabia que esse homem existia. Seis meses atrás, o homem que morreu debaixo do trem ainda estava vivo, e talvez escolhendo as roupas para sua viagem.

— Você aqui.

Ela consegue notar, pela voz dele, que ele a está reivindicando. Ela se levanta, um tanto anestesiada, e vê que ele é mais velho, mais gordo, mais impetuoso do que ela lembrava. Ele vai na direção dela e ela se sente revirada de cima a baixo, avassalada de alívio, tomada de felicidade. Que desconcertante, isso. Que próximo da aflição.

Só que Eric não estava tão surpreendido quanto fingiu. Ailo tinha telefonado na noite anterior, para avisá-lo da garota estranha, Juliet, e ofereceu-se para verificar para ele se a garota tinha pego o ônibus. Ele tinha achado de algum modo correto assumir o risco de que ela faria isso — para testar a sorte, talvez

— mas quando Ailo telefonou para dizer que a menina não tinha ido embora ele ficou sobressaltado com a alegria que sentiu. Mesmo assim, ele não voltou imediatamente para casa, nem contou para Christa, ainda que soubesse que teria de contar a ela, muito em breve.

Isso tudo Juliet vai absorvendo pouco a pouco nas semanas e meses que se seguem. Algumas informações vêm por acidente, e outras como resultado de suas imprudentes sondagens.

Sua própria revelação (de não ser virgem) é considerada menor.

Christa não tem nada a ver com Ailo. Não tem quadris largos nem cabelos louros. É uma mulher de cabelos escuros, magra, espirituosa e às vezes rabugenta, que vai se tornar a grande amiga e o grande sustentáculo de Juliet nos anos que virão — ainda que ela nunca vá abandonar um hábito de provocações maliciosas, a faísca irônica de uma rivalidade submersa.

Daqui a pouco

Dois perfis se encaram. Um é o perfil de uma novilha perfeitamente alva, com uma expressão particularmente branda e terna, o outro é o de um homem de rosto verde, nem jovem, nem velho. Ele parece um burocrata menor, talvez um carteiro — está usando um boné daquele tipo. Seus lábios estão descoloridos, o branco de seus olhos brilha. Uma mão, provavelmente a dele, oferece, da margem inferior da pintura, uma pequena árvore ou um galho exuberante, carregado de joias.

Na margem superior da pintura há nuvens negras, e abaixo delas umas poucas casas bambas e uma igreja de brinquedo com cruz de brinquedo, pousada na curva superfície da terra. Dentro dessa curva um homem pequeno (desenhado, porém, numa escala maior que a dos prédios) caminha com passo decidido com uma foice no ombro, e uma mulher, desenhada na mesma escala, parece esperar por ele. Mas ela está de cabeça para baixo.

Há também outras coisas. Por exemplo, uma menina ordenhando uma vaca, dentro da bochecha da novilha.

Juliet decidiu imediatamente comprar aquela reprodução como presente de Natal para os pais.

— Porque me lembra deles — disse a Christa, sua amiga que tinha vindo com ela da Whale Bay para fazer algumas compras. Elas estavam na loja da Galeria de Arte de Vancouver.

Christa riu: — O homem verde e a vaca? Eles vão ficar lisonjeados.

Christa nunca levava nada a sério no começo, ela tinha de fazer alguma piada a respeito. Juliet não se incomodava. Grávida de três meses da bebê que viria a ser Penelope, ela tinha subitamente ficado livre das náuseas, e, por essa razão, estava sujeita a acessos de euforia. Ela pensava em comida o tempo todo, e nem queria ter entrado na loja, porque tinha avistado uma cantina.

Ela adorava tudo no quadro, mas principalmente as figuras pequeninas e os prédios bambos na parte de cima. O homem com a foice e a mulher de cabeça

para baixo.

Ela procurou o nome. *Eu e a aldeia*.

O sentido era delicado.

— Chagall. Gosto de Chagall — disse Christa. — Picasso era um canalha.

Juliet estava tão feliz com o que tinha encontrado que mal conseguia prestar atenção.

— Sabe o que dizem que ele falou? *Chagall é para vendedoras* — disse-lhe Christa. — E qual o problema com as vendedoras? Chagall deveria ter dito que Picasso era para gente de cara engraçada.

— Quer dizer, o quadro me faz pensar na vida deles — disse Juliet. — Não sei por quê, mas faz.

Ela já tinha dito a Christa algumas coisas sobre os pais — como eles viviam num isolamento curioso mas não infeliz, ainda que seu pai tivesse alguma fama como professor. Em parte eles ficavam isolados por causa do problema cardíaco de Sara, mas também porque assinavam revistas que ninguém por perto lia, porque ouviam programas na rádio pública que ninguém por perto ouvia. Porque Sara fazia suas próprias roupas — às vezes sem grande competência — a partir de padrões da *Vogue*, em vez de usar os da *Butterick*. Até pelo modo como eles guardavam certa impressão de juventude em vez de engordar e encurvar como os pais dos colegas de escola de Juliet. Pela descrição de Juliet, Sam era parecido com ela — pescoço longo, queixo protuberante, cabelo castanho-claro escorrido — e Sara era uma frágil loura pálida, uma beleza delgada e desalinhada.

Quando Penelope tinha um ano e um mês, Juliet tomou um avião com ela para Toronto, e então pegou o trem. Isso tinha sido em 1969. Ela saltou numa cidade a uns trinta quilômetros de distância da cidade onde tinha crescido, e onde Sam e Sara ainda moravam. Aparentemente o trem não parava mais ali.

Ela ficou decepcionada por saltar naquela estação desconhecida e não rever o súbito reaparecimento das árvores, calçadas e casas de que se lembrava — e então, logo logo, sua própria casa, a casa de Sam e Sara, espaçosa mas modesta, sem dúvida com a mesma pintura branca rachada e descuidada, atrás do frondoso bordo vermelho.

Sam e Sara ali, naquela cidade em que ela nunca os tinha visto, estavam sorridentes mas ansiosos, diminuídos.

Sara deu um curioso gritinho, como se tivesse sido picada por alguma coisa. Algumas pessoas na plataforma viraram para olhar.

Ao que parece, ela estava apenas empolgada.

— Longa e curta, mas ainda combinando — disse ela.

De início Juliet não compreendeu o sentido. Então decifrou-o — Sara estava usando uma saia preta de linha até o tornozelo e uma jaqueta combinando. A gola e as mangas da jaqueta eram de tecido verde-limão com pontinhos pretos. Um tecido do mesmo material verde cobria seu cabelo. Devia ter feito ela mesma aquele traje, ou ter mandado alguma costureira fazer. As cores não favoreciam sua pele, e dava a impressão de que um fino pó de giz havia se assentado sobre ela.

Juliet estava usando um vestido curto preto.

— Eu estava me perguntando o que vocês iam pensar de mim, de preto no verão, parece que estou toda de luto — disse Sara. — E aí você aparece combinando. Você está ótima, acho excelentes esses vestidos curtos.

— E o cabelo longo — disse Sam. — Uma perfeita hippie. — Ele se curvou para olhar o rosto da bebê. — Oi, Penelope.

Sara disse: — Que bonequinha.

Ela estendeu os braços para Penelope — ainda que o que saísse de suas mangas fossem gravetos frágeis demais para segurar um peso como aquele. E nem precisaram, porque Penelope, que ficou tensa assim que ouviu a voz da avó, então gemeu e se virou, escondendo o rosto no pescoço de Juliet.

Sara riu. — Agora eu sou um espantalho? — Mais uma vez, sua voz parecia descontrolada, subindo a picos agudos e caindo, atraindo olhares. Aquilo era novidade — ou talvez nem tanto. Juliet achava que talvez antigamente as pessoas sempre olhassem para a mãe dela quando ria ou falava, mas antigamente o que elas notavam eram os arroubos de alegria, algo feminino e atraente (ainda que nem todo mundo também fosse gostar daquilo, iam dizer que ela estava sempre tentando chamar a atenção).

Juliet disse: — Ela está tão cansada.

Sam apresentou a moça que estava de pé atrás deles, mantendo distância como se estivesse tomando cuidado para não ser identificada como parte do grupo. E de fato não havia ocorrido a Juliet que ela fosse.

— Juliet, essa é a Irene. Irene Avery.

Juliet estendeu a mão o máximo que pôde enquanto segurava Penelope e a bolsa de fraldas, e quando ficou claro que Irene não ia apertar sua mão — ou que talvez não tivesse notado a intenção — ela sorriu. Irene não sorriu de volta. Ficou absolutamente parada, mas deu a impressão de querer fugir.

— Olá— disse Juliet.

Irene disse: — Prazer em conhecê-la — numa voz audível o bastante, mas sem expressão.

— Irene é nossa fada madrinha — disse Sara, e então o rosto de Irene mudou. Franziu levemente a sobrancelha, sensivelmente envergonhada.

Ela não era tão alta quanto Juliet — que era alta — mas tinha os ombros e os quadris mais largos, com braços fortes e um queixo protuberante. Ela tinha o cabelo negro, encaracolado e grosso, puxado para trás num hirsuto rabo de cavalo, sobrancelhas espessas e aquele tipo de pele que fica bronzeada com facilidade. Seus olhos eram verdes ou azuis, uma cor clara e surpreendente em contraste com aquela pele, e difíceis de perscrutar por serem encovados. Também porque ela mantinha a cabeça levemente abaixada e virava o rosto para o lado. Essa circunspecção parecia calejada e proposital.

— Ela faz um bocado de trabalho para uma fada — disse Sam, com seu largo sorriso estratégico. — Vou contar para o mundo inteiro que faz.

E agora, é claro, Juliet recordou a menção nas cartas de alguma mulher que tinha vindo ajudar, porque as forças de Sara tinham diminuído drasticamente. Mas ela tinha imaginado alguém bem mais velho. Irene certamente não era mais velha do que ela.

O carro era o mesmo Pontiac que Sam tinha adquirido usado talvez uns dez anos atrás. A pintura azul original aparecia numas faixas aqui e ali, mas tinha quase toda desbotado para o cinza, e os efeitos do sal usado nas estradas no inverno podiam ser vistos na franja de ferrugem de sua anágua.

— A velha égua cinza — disse Sara, quase sem fôlego após a breve caminhada da plataforma da ferrovia.

— Ela continua fiel — disse Juliet. Falou com admiração, como parecia ser esperado. Ela tinha esquecido que era assim que eles chamavam o carro, ainda que o nome tivesse sido dado por ela.

— Ah, ela é sempre fiel — disse Sara, assim que se acomodou, com a ajuda de Irene, no banco de trás. — E nós somos sempre fiéis a ela.

Juliet entrou no banco da frente, arranjando-se com Penelope, que outra vez começava a choramingar. O calor dentro do carro era absurdo, ainda que ele tivesse ficado parado com as janelas abaixadas na escassa sombra dos álamos da estação.

— Para falar a verdade, estou considerando — disse Sam enquanto dava a ré —, estou considerando trocá-la por uma caminhonete.

— Ele não está falando sério — ganiu Sara.

— Por causa dos negócios — continuou Sam. — Seria muito mais útil. E dá para anunciar um pouco sempre que você dirige, só com o nome na porta.

— Ele está brincando — disse Sara. — Como é que eu vou ficar andando num veículo que diz *Legumes Frescos*? É para eu ser a abóbora ou o repolho?

— Melhor conter a matraca, senhorinha — disse Sam — ou nem vai mais ter fôlego quando chegarmos em casa.

Após quase trinta anos dando aulas nas escolas públicas do condado — dez anos na última escola —, Sam tinha subitamente se demitido e decidido vender vegetais, em tempo integral. Ele sempre tinha cultivado uma horta enorme, e framboesiras, no lote extra adjacente à casa, e eles vendiam o excedente para algumas pessoas na cidade. Mas agora, aparentemente, aquilo deveria virar seu modo de ganhar a vida, vendendo para mercearias e talvez uma barraca no portão da frente.

— Isso é sério? — disse Juliet em voz baixa.

— Pode apostar que é.

— Você não vai sentir falta de dar aulas?

— Neca de pitibiriba. Estava de saco cheio. De saco transbordante já.

Era verdade que, após aqueles anos todos, nunca lhe tinham oferecido, em escola nenhuma, a posição de diretor. Ela supôs que fosse disso que ele estava de saco cheio. Ele era um professor extraordinário, aquele cujas palhaçadas e energia todos lembrariam, seu sexto ano sendo inigualável a qualquer outro ano na vida de seus alunos. Contudo, ele era preterido, repetidas vezes, e provavelmente por essa razão mesma. Seria possível dizer que seus métodos solapavam a autoridade. Imagine então a Autoridade dizendo que ele não era o tipo de pessoa que deveria estar no comando, que ele faria menos mal ficando onde estava.

Ele gostava de trabalho ao ar livre, era bom em conversar com as pessoas, provavelmente teria sucesso vendendo legumes.

Mas Sara detestaria.

Juliet também não gostava. Contudo, se era preciso ficar do lado de alguém, ela teria de escolher o dele. Ela não ia definir-se como uma esnobe.

E a verdade era que ela se considerava — considerava a si mesma, e a Sam e a Sara, mas particularmente a si mesma — superiores, a seu modo, a todos ao redor. Então que diferença faria ele ser vendedor de legumes?

Sam agora estava falando numa voz mais baixa, conspiratória.

— Qual o nome dela?

Ele queria dizer o da bebê.

— Penelope. Nunca vamos chamá-la de Penny. Penelope.

— Não, quis dizer... quis dizer o sobrenome.

— Ah. Bem, acho que é Henderson-Porteous. Ou Porteous-Henderson. Mas será que isso é demais, quando o nome dela já é Penelope? Sabíamos disso, mas queríamos Penelope. Vamos ter de arrumar isso de algum jeito.

— Então. Ele botou nela o nome dele — disse Sam. Bem, já é alguma coisa. Quer dizer, que bom.

Juliet ficou surpresa um momento, e depois deixou de ficar.

— Claro que colocou — disse ela. Fingindo achar aquilo confuso e divertido. — É filha dele.

— Sim, claro. Claro. Mas considerando as circunstâncias.

— Nunca lembro das circunstâncias — disse ela. — Se você está falando do fato de não sermos casados, isso mal chega a ser algo a ser levado em consideração. Onde a gente mora, as pessoas que a gente conhece, não é uma coisa que preocupe ninguém.

— Imagino que não — disse Sam. — Ele era casado com a primeira?

Juliet tinha contado a respeito da esposa de Eric, de quem ele tinha cuidado nos oito anos que ela viveu após seu acidente de carro.

— Ann. Tinha sim. Bem, na verdade não sei. Mas sim. Acho que tinha sido. Tinha sim.

Sara se dirigiu ao banco da frente: — Não seria bom pararmos para um sorvete?

— Nós temos sorvete no congelador em casa — respondeu Sam. E acrescentou baixinho, de modo chocante, para Juliet: — Se você levá-la a qualquer lugar para comer, ela vai dar um espetáculo.

As janelas ainda estavam abaixadas, o vento quente soprava pelo carro. Era pleno verão — estação que nunca chegava, até onde Juliet conseguia perceber, na costa oeste. As árvores de madeira de lei arqueavam-se no limite extremo dos campos, fazendo cavernas pretas azuladas de sombra, e as plantações e os bosques à frente delas, debaixo da forte luz do sol, eram de dourado e verde. O trigo, jovem e vigoroso, cevada, milho e feijão — estalando nitidamente nos seus olhos.

Sara disse: — Essa conferência aí é sobre o quê? Aí no banco da frente? O vento não deixa ouvir nada.

Sam disse: — Nada de mais. Estou só perguntando a Juliet se o amigo dela ainda está mexendo com pescaria.

Eric ganhava a vida pescando camarão, e há muito tempo fazia isso. Ele tinha sido aluno de medicina. Isso acabou porque ele fez um aborto numa amiga (não numa namorada). Tudo foi bem, mas por alguma razão a história circulou. Isso era algo que Juliet tinha pensado em revelar a seus pais de mente tão aberta. Ela queria, talvez, criar uma imagem dele como alguém culto, não um mero pescador. Mas por que isso teria importância, ainda mais agora que Sam era vendedor de legumes? Além disso, talvez essa mente não fosse tão aberta quanto ela tinha pensado.

Havia mais a vender do que legumes frescos e frutinhas vermelhas. Geleia, suco engarrafado e temperos eram produzidos na cozinha. Na primeira manhã da visita de Juliet, a fabricação da geleia de framboesa estava em progresso. Irene estava no comando, sua blusa molhada de vapor ou de suor, colada em sua pele entre as omoplatas. Volta e meia ela corria os olhos pela tv, que tinha sido levada num carrinho pelo corredor até a porta da cozinha, de modo que você tinha de se esgueirar por ela para poder entrar. Na tela estava passando um programa infantil matinal, com um desenho do Bullwinkle. Volta e meia Irene soltava uma gargalhada com as palhaçadas do desenho, e Juliet ria um pouco, por camaradagem. Nisso Irene sequer reparou.

Foi preciso abrir espaço na bancada para que Juliet pudesse ferver e esmagar um ovo para o café da manhã de Penelope, e fazer um pouco de café e torradas para si mesma. — Isso dá? — perguntou-lhe Irene, numa voz que era dúvida, como se Juliet fosse uma intrusa cujas demandas não pudessem ser antecipadas.

Bem de perto, dava para ver quantos finos cabelos negros havia nos antebraços de Irene. Alguns também cresciam nas bochechas dela, bem na frente dos ouvidos.

Pelo canto dos olhos, ela observava tudo que Juliet fazia, observava-a mexendo nos botões do fogão (sem lembrar de início quais bocas eles controlavam), observou-a tirar o ovo da panela e descascá-lo (dessa vez a casca grudou e saiu em pedacinhos, e não em pedaços grandes, fáceis), e depois escolhendo o pires para amassá-lo.

— Cuidado para ela não jogar isso no chão. — Era uma referência ao pires de porcelana. — Você não tem um prato de plástico para ela?

— Vou tomar conta — disse Juliet.

A verdade é que Irene também era mãe. Ela tinha um filho de três anos e uma filha que logo ia fazer dois. Seus nomes eram Trevor e Tracy. O pai deles

tinha morrido no verão passado num acidente na granja em que trabalhava. Ela própria tinha três anos a menos do que Juliet — vinte e dois. A informação a respeito dos filhos e do marido veio em resposta às perguntas de Juliet, e a idade pôde ser estimada a partir do que ela disse em seguida.

Quando Juliet disse: “Ah, sinto muito” — falando do acidente e tendo a sensação de que tinha sido rude meter-se na vida dela, e que agora era hipocrisia da sua parte compadecer-se — Irene disse: — Pois é. Na hora certa para o meu aniversário de vinte e um anos —, como se os infortúnios fossem algo a acumular, como amuletos numa pulseira.

Após Penelope ter comido todo o ovo que estava disposta a aceitar, Juliet içou-a sobre um lado do quadril e levou-a para cima.

Não havia lugar nenhum onde deixar a bebê, que ainda não andava, mas conseguia engatinhar bem rápido. Certamente ela não poderia ser deixada nem por cinco minutos na cozinha, com a água fervente no esterilizador, a geleia quente e as facas de corte — era demais pedir a Irene que a olhasse. E logo para abrir a manhã, a bebê tinha se recusado a ser simpática com Sara. Assim, Juliet levou-a pelas escadas cercadas para o sótão — tendo fechado a porta atrás de si — e colocou-a para brincar nos degraus, enquanto ela própria procurava o antigo cercadinho. Por sorte, Penelope era especialista em degraus.

A casa tinha toda a altura de seus dois andares, os cômodos tinham pé-direito alto mas eram como caixotes — ou ao menos era essa a impressão de Juliet agora. O teto era tão agudamente inclinado que dava para andar no meio do sótão. Juliet costumava fazer isso, quando criança. Andava por ali contando para si mesma alguma história que tinha lido, com alguns acréscimos ou alterações. Dançava — isso também — na frente de uma plateia imaginária. A plateia verdadeira consistia em móveis quebrados ou simplesmente proscritos, armários velhos, um casaco de pele de búfalo imensamente pesado, a casa de andorinhas (presente de muito tempo atrás de alunos de Sam, que não tinha atraído nenhuma andorinha), o capacete alemão que teria sido trazido para casa pelo pai de Sam ao voltar da Primeira Guerra Mundial, e uma pintura amadora involuntariamente engraçada do *Emress of Ireland* afundando no golfo de São Lourenço, com figuras em forma de palitinhos voando em todas as direções.

E ali, contra a parede, estava *Eu e a aldeia*. De frente — sequer tentaram esconder o quadro. Também não havia pó nele, então não fazia muito tempo que estava ali.

Ela achou o cercadinho após procurar alguns instantes. Era uma peça de mobília elegante e pesada, com chão de madeira e gradeado nos lados. E o

carrinho de bebê. Os pais dela tinham guardado tudo, tinham desejado outro filho. Houve pelo menos um aborto espontâneo. O riso na cama deles, nas manhãs de domingo, fazia com que Juliet tivesse a impressão de que a casa tinha sido invadida por uma perturbação sub-reptícia, e até vergonhosa, não favorável a ela mesma.

O carrinho era do tipo que se inclinava para o bebê ficar sentado. Disso Juliet esquecera, ou nem soubera. Àquela altura suando, e coberta de poeira, ela começou a trabalhar para que aquela transformação se efetuassem. Esse tipo de trabalho nunca era fácil para ela, ela nunca entendia de imediato o jeito de montar as coisas, e teria levado o carrinho inteiro escada abaixo e ido ao jardim para pedir a ajuda de Sam, se não fosse por Irene. Os olhos claros de Irene, com suas piscadelas, seus olhares indiretos mas examinadores, suas mãos competentes. Sua vigilância, na qual havia algo que não poderia exatamente ser chamado de desprezo. Juliet não sabia que nome dar àquilo. Uma atitude indiferente mas inflexível, como a de um gato.

Ela enfim conseguiu inclinar o carrinho. Era um estorvo, dava uma vez e meia o carrinho com que ela estava acostumada. E, claro, estava imundo. Como ela própria estava àquela altura, e Penelope, nos degraus, mais ainda. E bem do lado da mão da bebê uma coisa que Juliet nem tinha notado. Um prego. O tipo de coisa em que você nem prestava atenção, até que tinha um filho na fase de botar tudo na boca, e então você tinha de ficar prestando atenção o tempo todo.

E ela não tinha prestado. Tudo ali a distraía. O calor, Irene, as coisas que eram familiares e as coisas que não eram.

Eu e a aldeia.

— Ah— disse Sara. — Eu tinha esperanças de que você não fosse notar. Não leve a mal.

O solário era agora o quarto de Sara. Persianas de bambu tinham sido penduradas nas janelas, enchendo o pequeno cômodo, que antes era parte da varanda, com uma luz amarelo-ocre e um calor uniforme. Sara, entretanto, estava usando pijamas de lã rosa. Ontem, na estação, com suas sobrancelhas desenhadas e seu batom framboesa, seu lenço na cabeça e seu paletó, ela tinha parecido uma senhora idosa francesa (não que Juliet tivesse visto muitas senhoras idosas francesas), mas agora, com as madeixas de cabelo branco esvoaçando, seus olhos brilhantes e ansiosos debaixo de sobrancelhas quase inexistentes, ela mais parecia uma criança bizarramente envelhecida. Estava sentada perto dos travesseiros com as colchas até a cintura. Quando Juliet a

acompanhou até o banheiro, revelou-se que, apesar do calor, ela estava usando não só meias quanto pantufas na cama.

Uma cadeira de encosto reto tinha sido colocada ao lado da cama dela, porque seu assento era mais fácil de alcançar para ela do que uma mesa. Nele havia comprimidos e remédios, talco, creme hidratante, uma xícara meio bebida de chá com leite, um copo revestido com os restos de algum tônico escuro, talvez ferro. Em cima da cama havia revistas — cópias antigas da *Vogue* e do *Ladies' Home Journal*.

— Tudo bem — disse Juliet.

— A gente tinha pendurado. Ficava no corredor de trás, perto da porta da sala de jantar. Então o papai tirou.

— Por quê?

— Ele não me disse nada a respeito. Nem disse que ia tirar. Então um dia simplesmente não estava mais lá.

— Por que ele tiraria?

— Ah. Alguma ideia que ele deve ter tido, você sabe.

— Uma ideia? Como assim?

— Ah. Eu acho, sabe, acho que provavelmente teve a ver com a Irene. Podia perturbar a Irene.

— Não tinha ninguém nu nele. Não era como o Botticelli.

De fato, uma reprodução do *Nascimento de Vênus* chegou a ficar pendurada na sala de estar de Sam e Sara. Ela tinha sido o objeto de nervosas piadas quando eles recebiam outros professores para jantar.

— Não. Mas era *moderno*. Acho que isso deixava papai desconfortável. Ou talvez olhar enquanto Irene olhava — isso deixava ele desconfortável. Ele podia ficar com medo de que assim ela ficasse... meio que desprezando a gente. Sabe como é... pensando que nós somos esquisitos. Ele não ia gostar que Irene pensasse que somos esse tipo de gente.

Juliet disse: — O tipo de pessoa que penduraria esse tipo de quadro? Quer dizer que ele ia se importar tanto assim com o que ela ia achar dos nossos quadros?

— Você sabe como é o papai.

— Ele não tem medo de discordar das pessoas. Não era esse o problema no emprego dele?

— Quê? — disse Sara. — Ah. Claro. Ele discorda. Mas às vezes toma cuidado. E Irene. Irene é... ele é cuidadoso com ela. Ela é muito preciosa para nós, a Irene.

— Ele achou que ela ia largar o emprego se achasse que a gente tinha um quadro esquisito?

— Eu teria deixado ali, meu amor. Pra mim, tudo que vem de você é importante. Mas o papai...

Juliet não disse nada. Desde que tinha uns nove ou dez anos, ela e Sara tinham um acordo a respeito de Sam. *Você sabe como é o papai.*

Essa foi a época de elas serem mulheres juntas. Permanentes caseiros foram testados no cabelo teimoso e fino de Juliet, sessões de costura produziram os vestidos que ninguém tinha, os jantares eram sanduíches de manteiga-de-amendoim-e-tomate-e-maionese nas noites em que Sam chegava tarde por causa de uma reunião na escola. As histórias dos antigos amigos e amigas de Sara eram contadas e recontadas, as peças que pregavam e o tanto que se divertiam na época em que Sara também era professora de escola, antes de seu coração ficar ruim demais. Histórias da época antes disso, quando ela ficava na cama com febre reumática e tinha os amigos imaginários Rollo e Maxine, que solucionavam mistérios, até assassinatos, como os personagens de alguns livros infantis. Vislumbres de Sam fascinado cortejando-a, desastres com o carro emprestado, a vez em que Sam apareceu na porta de Sara disfarçado de vagabundo.

Sara e Juliet, fazendo caramelo e passando fitas pelos ilhós das bordas das anáguas, entremeando as duas. E então, de repente, Juliet não queria mais nada daquilo, queria na verdade falar com Sam tarde da noite na cozinha, perguntar sobre buracos negros, a Era do Gelo, Deus. Ela detestava o modo como Sara enfraquecia a conversa com perguntas bobas inocentes, o modo como Sara sempre de algum modo tentava levar o assunto de volta para si mesma. Era por isso que as conversas tinham de acontecer tarde da noite e tinha de haver o acordo jamais mencionado por ela ou por Sam. *Espera até ficarmos livres de Sara.* Só por ora, claro.

Um lembrete ia junto. *Seja boazinha com Sara. Ela arriscou a vida dela para ter você, é bom lembrar disso.*

— Papai não se importa de discordar de pessoas que estão *acima* dele — disse Sara, respirando fundo. — Mas você sabe como ele é com as pessoas que estão *abaixo* dele. Ele vai fazer qualquer coisa só para garantir que elas não sintam que são nem um pouco diferentes dele, ele simplesmente tem de se abaixar ao nível delas...

Juliet sabia, claro. Ela conhecia o jeito como Sam falava com o garoto no posto de gasolina, como ele brincava na loja de ferragens. Mas não dizia nada.

— *Ele tem de puxar o saco deles* — disse Sara com uma súbita mudança de tom, uma ponta hesitante de maldade, uma risadinha fraca.

Juliet limpou o carrinho, e Penelope, e a si mesma, e foi dar uma caminhada até a cidade. Ela tinha a desculpa de precisar de certa marca de sabão neutro desinfetante para lavar as fraldas — se ela usasse sabão comum a bebê teria assaduras. Mas ela também tinha outras razões, irresistíveis, ainda que embaraçosas.

Era o caminho que ela tinha feito para a escola durante anos de sua vida. Mesmo quando ela estava na faculdade, e vinha para casa fazer uma visita, ainda era a mesma — uma menina indo para a escola. Será que ela nunca ia parar de ir à escola? Alguém tinha perguntado isso a Sam na época em que ela tinha acabado de ganhar o Prêmio Universitário de Tradução de Latim, e ele disse: “Acho que não.” Ele mesmo contava essa história. Deus o livrasse de contar dos prêmios. Isso era com Sara — ainda que Sara talvez tivesse esquecido qual o motivo do prêmio.

E lá estava ela, redimida. Como qualquer outra moça, empurrando sua bebê. Preocupada com o sabão da fralda. E não era só a bebê dela. O fruto de um caso. Ela às vezes falava de Penelope desse jeito, só com Eric. Ele levava na brincadeira, ela falava como brincadeira, porque, claro, eles viviam juntos e já fazia algum tempo que era assim, e pretendiam continuar juntos. O fato de eles não serem casados não significava nada para ele, até onde ela sabia, e ela própria muitas vezes esquecia disso. Mas às vezes — e agora, particularmente, ali em casa, era o fato de ela não ser casada que lhe dava um rubor de estar realizada, vinha uma sensação boba de felicidade.

— Então, hoje você foi no centro — disse Sam. (Será que ele sempre tinha dito *ir no centro*? Sara e Juliet diziam *ir na cidade*.) — Viu alguém conhecido?

— Tive que ir na farmácia — disse Juliet. — Então bati um papo com Charlie Little.

Essa conversa aconteceu na cozinha, depois das onze da noite. Juliet tinha concluído que era a melhor hora para preparar as mamadeiras de Penelope para o dia seguinte.

— *Little Charlie*? — disse Sam, que sempre teve esse outro hábito de que ela não lembrava, o hábito de continuar a chamar as pessoas por seus apelidos de escola. — E ele admirou a prole?

— Mas claro.

— No que fez ele muito bem.

Sam estava sentado à mesa, tomando uísque de centeio e fumando um cigarro. Isso de ele tomar uísque era novidade. Como o pai de Sara bebia — não chegava a ser alcoólatra, ele sempre trabalhou como veterinário, mas aterrorizava a casa o suficiente para deixar a filha horrorizada com o álcool —, Sam nunca teve o hábito de beber sequer cerveja em casa, ao menos até onde sabia Juliet.

Juliet tinha ido na *drugstore* porque lá era o único lugar para comprar o sabão para as fraldas. Ela não esperava ver Charlie, ainda que sua família fosse dona da loja. Da última vez que ela tinha tido notícias dele, ele ia ser engenheiro. Ela tinha mencionado isso hoje, talvez por falta de tato, mas ele foi cortês e jovial quando lhe disse que isso não tinha dado certo. Ele tinha crescido horizontalmente, e seu cabelo tinha afinado, perdido algo das ondulações e do brilho. Cumprimentou Juliet com entusiasmo, com elogios para ela e para a bebê, e isso a tinha deixado confusa, de modo que ela sentiu o rosto e o pescoço esquentando, transpirando de leve, durante o tempo todo em que eles conversaram. No secundário, ele nem teria tido tempo para ela — só para um cumprimento decente, já que seus modos eram sempre afáveis, democráticos. Ele saía com as garotas mais desejadas da escola, e agora, contou, era casado com uma delas. Janey Peel. Eles tinham dois filhos, um da idade de Penelope, outro mais velho. Era por essa razão, disse, com uma sinceridade que parecia dever algo à própria situação de Juliet — era por essa razão que ele não tinha ido estudar engenharia.

Assim, ele sabia como ganhar um sorriso e um balbúcio de Penelope, e conversou com Juliet de pai para mãe, alguém que agora estava no mesmo nível. Ela se sentiu lisonjeada e contente como uma idiota. Mas havia mais na atenção dele do que isso — a rápida olhadela em sua mão esquerda, a brincadeira a respeito do próprio casamento. E algo mais. Ele sorrateiramente a avaliava, talvez agora ele a visse como uma mulher que exibia os frutos de uma vida sexual audaciosa. Juliet, dentre todo mundo. A apatetada, a estudiosa.

— Ela parece com você? — ele tinha perguntado, quando se agachou para ver Penelope de perto.

— Lembra mais o pai — disse Juliet casualmente, mas com uma torrente de orgulho, o suor agora reluzindo em seu lábio superior.

— É mesmo? — disse Charlie, e ficou ereto, falando com confiança. — Mas vou te dizer uma coisa. Achei que foi uma vergonha...

Juliet disse a Sam: — Ele me falou que achou uma vergonha o que aconteceu com você.

— Ah, é? É mesmo? E o que você respondeu?

— Eu não sabia o que dizer. Eu não sabia do que ele estava falando. Mas eu não queria que ele soubesse.

— Sei.

Ela sentou à mesa.

— Queria beber alguma coisa, mas não gosto de uísque.

— Então agora você bebe também?

— Vinho. A gente faz o nosso próprio vinho. Todo mundo na baía faz.

Ele então contou a ela uma piada, o tipo de piada que nunca teria contado antes. Era sobre um casal que ia a um motel, e seu remate era a frase “Então é que nem o que eu digo pras garotas na escola dominical: você não precisa beber e fumar pra se divertir.”

Ela riu mas sentiu o rosto esquentar, como aconteceu com Charlie.

— Por que você largou o trabalho? — disse ela. — Te despediram por minha causa?

— Por favor — riu Sam. — Não pense que você é tão importante assim. Não me demitiram. Não fui mandado embora.

— Então tá. Você saiu.

— Saí.

— E isso teve alguma coisa a ver comigo?

— Saí porque já não aguentava mais ficar com a corda no pescoço. Passei anos pensando em sair.

— Não teve nada a ver comigo?

— Vá lá — disse Sam. — Entrei numa discussão. Falaram umas coisas.

— Que coisas?

— Você não precisa saber. E não se preocupe — disse ele, após um momento. — Não me despediram. Eles nem podiam ter me despedido. Existem regras. É o que eu te disse: eu já estava pronto para ir embora de qualquer jeito.

— Mas você não percebe — disse Juliet. — Você não *percebe*. Você não percebe como isso é *ridículo* e como aqui é um lugar abjeto para se viver, em que as pessoas dizem esse tipo de coisa, e como, se eu contasse isso para alguém, nem iam acreditar. Ia parecer uma piada.

— Bom. Infelizmente a sua mãe e eu não moramos no mesmo lugar que você. É aqui que nós moramos. Será que esse seu sujeito também acha que aqui

é uma piada? Não quero conversar mais sobre isso essa noite, vou me deitar. Vou dar uma olhada na mamãe e depois vou me deitar.

— O trem de passageiros... — disse Juliet ainda com força, até com escárnio. — Ele ainda para aqui. Não para? Você não queria que eu desembarcasse aqui. *Não é mesmo?* Saindo da sala, seu pai não respondeu.

A luz do último poste da cidade agora se projetava na cama de Juliet. O grande bordo vermelho tinha sido cortado, trocado por um canteiro de ruibarbo de Sam. Noite passada ela tinha deixado as cortinas fechadas para proteger a cama, mas essa noite ela tinha a sensação de precisar do ar lá fora. Assim, ela tinha de botar o travesseiro no pé da cama, junto com Penelope, que tinha dormido feito um anjo com toda aquela luz em sua cara.

Ela queria ter bebido um pouco do uísque. Deitou rija de frustração e raiva, escrevendo em sua mente uma carta para Eric. *Não sei o que estou fazendo aqui, eu nunca devia ter vindo aqui, mal posso esperar para voltar para casa.*

Casa.

Mal tinha amanhecido, ela acordou com o som de um aspirador. Então uma voz — a de Sam — interrompeu o barulho, e ela deve ter adormecido de novo. Quando acordou, mais tarde, achou que devia ter sido um sonho. Do contrário, Penelope teria acordado, o que não aconteceu.

A cozinha estava mais fresca naquela manhã, sem estar tomada pelo cheiro de fruta em fogo baixo. Irene estava afixando pequenas tampas de algodão quadriculado e etiquetas em todos os potes.

— Achei que tinha ouvido você passando o aspirador — disse Juliet, tentando arrancar algum bom humor. — Devo ter sonhado. Ainda eram umas cinco da manhã.

Irene demorou um momento para responder. Estava escrevendo numa etiqueta. Ela escrevia com muita concentração, os lábios presos entre os dentes.

— Era ela — disse, quando terminou. — Ela acordou seu pai e ele teve de ir mandar ela parar.

Aquilo parecia improvável. Ontem Sara só tinha saído da cama para ir ao banheiro.

— Ele me falou — disse Irene. — Ela acorda no meio da noite e acha que tem que fazer alguma coisa, e então ele tem de levantar e mandar ela parar.

— De repente essa é a hora em que ela tem energia — disse Juliet.

— Pois é. — Irene estava começando a trabalhar em outra etiqueta. Quando acabou, ela virou para encarar Juliet.

— Ela quer acordar seu pai e ganhar atenção, é isso. Ele morto de cansaço e tem de levantar da cama e cuidar dela.

Juliet se afastou. Como não queria colocar Penelope no chão — como se a criança não estivesse segura ali — ela a equilibrava num lado do quadril enquanto pescava o ovo com uma colher, quebrando e tirando a casca e esmagando-o só com uma mão.

Enquanto alimentava Penelope, ela tinha medo de falar, para que o tom da voz não alarmasse a bebê e a fizesse chorar. Alguma coisa, porém, comunicou-se a Irene. Ela disse, numa voz mais contida — mas com um tom sutilmente provocador: — É assim que eles ficam. Quando ficam doentes assim, não conseguem evitar. Eles só conseguem pensar em si mesmos.

Os olhos de Sara estavam fechados, mas ela abriu-os imediatamente. — Ah, minhas queridas — disse ela, como se estivesse rindo de si mesma. — Minha Juliet. Minha Penelope.

Penelope parecia estar se acostumando com ela. Pelo menos essa manhã ela não chorou, nem virou a cara.

— Aqui — disse Sara, pegando uma de suas revistas. — Solta ela e deixa-a mexer nisso aqui.

Penelope fez cara de dúvida um instante, e então pegou uma página e rasgou-a vigorosamente.

— Muito bem — disse Sara. — Todo bebê adora rasgar revista. Eu lembro.

Na cadeira ao lado da cama havia uma tigela de mingau de aveia, quase intocada.

— Você não tomou o café da manhã? — disse Juliet. — Não era isso que você queria?

Sara olhou a tigela como se a ocasião demandasse sérias considerações, mas não fosse possível realizá-las.

— Não lembro. Não. Acho que eu não queria. — Ela teve um pequeno acesso de risinhos e arquejos. — Quem sabe? Já me passou pela cabeça: de repente ela está me envenenando. — Ao se recuperar, ela disse: — Estou só brincando Mas ela é muito durona. A Irene. Não podemos subestimá-la: a Irene. Viu os pelos nos braços dela?

— Parece cabelo de gato — disse Juliet.

— De gambá.

— Tomara que nenhum pelo caia na geleia.

— Não me faça... rir de novo...

Penelope ficou tão absorta rasgando revistas que logo Juliet pôde deixá-la no quarto de Sara e levar o mingau de aveia para a cozinha. Sem dizer nada, começou a preparar uma gemada. Irene estava entrando e saindo, levando caixas de geleia para o carro. Nos degraus de trás, Sam estava limpando com a mangueira a terra agarrada às batatas que tinha acabado de colher. Ele tinha começado a cantar — baixinho demais de início para que suas palavras fossem ouvidas. Então, à medida que Irene subia os degraus, mais alto.

Irene, boa no-o-ite,

Irene, boa noite,

Boa noite, Irene, boa noite, Irene,

Te vejo nos meus sonhos.

Irene, na cozinha, virou-se e gritou: — Pare de cantar essa música sobre mim.

— Que música sobre você? — disse Sam, fingindo surpresa. — Quem está cantando uma música sobre você?

— Você estava. Agora mesmo.

— Ah... aquela música. A música da Irene? A garota na música? Minha nossa! esqueci que era esse o seu nome também.

Ele recomeçou, mas cantarolando disfarçadamente. Irene ficou ouvindo, corada, com o peito subindo e descendo, esperando para dar o bote se ouvisse uma palavra.

— Não cante sobre mim. Se tem meu nome, é sobre mim.

De repente Sam cantou a plenos pulmões.

No último sábado à noite me casei

Eu e minha esposa ficamos juntos...

— Para. Para agora — gritou Irene, de olhos arregalados, inflamada. — Se você não parar eu vou aí fora e vou te esguichar com a mangueira.

Sam estava entregando geleia, naquela tarde, a várias mercearias e a umas poucas lojas de presentes que tinham encomendado. Convidou Juliet para ir junto. Ele tinha ido à loja de ferragens e comprado uma cadeirinha nova para Penelope.

— Eis aí uma coisa que não temos no sótão — disse. — Quando você era pequena, não sei se isso existia. De todo modo, não teria feito diferença. A gente

não tinha carro.

— Muito estilosa — disse Juliet. — Espero que não tenha custado uma fortuna.

— Foi uma bagatela — disse Sam, protegendo a cabeça dela para que entrasse no carro.

Irene estava no canteiro, colhendo mais framboesas. Seriam usadas para as tortas. Sam buzinou duas vezes e acenou quando partiram, e Irene decidiu responder, levantando um braço como se estivesse espantando uma mosca.

— Excelente moça — disse Sam. — Não sei como teríamos sobrevivido sem ela. Mas imagino que para você ela pareça bem rude.

— Eu mal a conheço.

— Nada. Ela está apavorada em relação a você.

— Duvido muito. — E, tentando pensar em algo elogioso ou ao menos neutro para dizer a respeito de Irene, Juliet perguntou como o marido dela tinha morrido na granja.

— Não sei se ele era criminoso ou só imaturo. De todo jeito, ele entrou na granja com uns marginais que estavam querendo ganhar um extra com galinhas roubadas, e claro que eles conseguiram disparar o alarme e o fazendeiro veio armado e, querendo ou não atirar nele, atirou...

— Meu Deus.

— Assim, Irene e a família do marido foram para o tribunal mas o sujeito se livrou. Bom, ele ia ficar livre. Deve ter sido complicado para ela, mesmo assim. Mesmo que não pareça que o marido fosse grande coisa.

Juliet disse que claro que deve ter sido complicado e perguntou se Irene tinha sido aluna dele na escola.

— Não, não, não. Ela mal chegou a frequentar escola, até onde sei.

Ele disse que a família dela tinha vivido no Norte, em algum lugar perto de Huntsville. Isso. Em algum lugar ali por perto. Um dia eles foram todos para a cidade. Pai, mãe, filhos. E o pai falou que tinha coisas a fazer e logo ia encontrá-los. Ele disse onde. Quando. E eles ficaram andando sem dinheiro para gastar, até que chegasse a hora. E ele simplesmente nunca apareceu.

— Nunca quis aparecer. Largou eles. Então eles tiveram que viver da previdência. Foram morar num casebre no campo, onde era barato. A irmã mais velha de Irene, a que sustentava a família, mais do que a mãe, pelo que entendi, morreu de apêndice supurado. Não teve jeito de levá-la até a cidade, havia uma tempestade de neve e eles não tinham telefone. Irene não queria voltar para a escola, porque a irmã meio que protegia ela da maneira como as outras crianças

agiam em relação a eles. Hoje ela parece durona mas acho que nem sempre foi assim. Talvez ainda hoje seja mais uma máscara.

“E agora — contou ele — agora a mãe de Irene estava cuidando do garotinho e da garotinha, mas imagina só, depois desses anos todos o pai tinha aparecido e estava tentando convencer a mãe a voltar com ele, e se isso acontecesse Irene não sabia o que ia fazer, porque não queria os filhos dela perto dele.

“E são crianças bonitinhas, aliás. A menina tem algum problema de fenda palatina e já fez uma operação mas vai precisar de outra depois. Vai ficar tudo direitinho com ela. Mas isso é só um detalhe.”

Um detalhe.

Qual o problema com Juliet? Ela não sentia qualquer compaixão sincera. No fundo, ela sentia que se rebelava contra aquela ladainha miserável. Era demais. Quando a fenda palatina apareceu na história o que ela realmente quis fazer foi reclamar. *Já é demais.*

Ela sabia que estava errada, mas o sentimento não cedia. Ela estava com medo de dizer qualquer outra coisa, para que sua boca não traísse o coração duro. Ela estava com medo de dizer a Sam: “E o que é que tem de tão maravilhoso nessa tristeza toda, por acaso isso faz dela uma santa?” Ou ela poderia dizer, de maneira totalmente imperdoável: “Espero que você não pretenda misturar a gente com pessoas desse naipe”.

— Estou te falando — disse Sam —, na época em que ela veio nos ajudar eu já não sabia mais o que fazer. No último outono, a sua mãe era pura e simplesmente uma catástrofe. E não exatamente porque ela estivesse largando tudo. Não. Melhor seria se ela estivesse largando tudo. Melhor se não tivesse feito nada. O que ela fazia, ela começava a fazer uma coisa e então não conseguia continuar. O tempo todo. Não que isso fosse totalmente novidade. Quer dizer, eu sempre tinha que ficar atrás dela, e ajudá-la a fazer as tarefas domésticas. Eu e você também — lembra? Ela sempre foi essa mocinha bonitinha com problema no coração e estava acostumada a ter gente servindo. Algumas vezes ao longo dos anos pensei que ela poderia ter se esforçado mais.

“Mas o negócio ficou tão brabo — disse ele —, ficou tão complicado que eu chegava em casa e via a máquina de lavar no meio da cozinha e roupas molhadas jogadas por toda parte. E a zona que ela deixava quando ia assar alguma coisa e desistia, uns negócios pretos, carbonizados no forno. Eu ficava com medo de ela botar fogo nela mesma. Botar fogo na casa. Eu dizia para ela diversas vezes, fica na cama. Mas ela não ficava e depois deixava aquela bagunça toda, chorando. Eu

trouxe algumas moças para fazer um teste e elas não aguentavam. Aí é que entra a Irene.

“Irene — disse ele, com um robusto suspiro. — Bendito seja aquele dia. Estou dizendo. Bendito seja.”

Mas, como tudo que era bom, disse ele, aquilo ia acabar. Irene ia casar. Com um viúvo de quarenta ou cinquenta anos. Fazendeiro. Parecia que ele tinha dinheiro e, para o bem dela, Sam supunha e esperava que fosse verdade. Porque o homem não tinha muito mais que o recomendasse.

— Deus do céu, não tem. Até onde eu sei, ele só tem um dente. Mau sinal, na minha opinião. Orgulhoso ou avarento demais para botar dentes novos. Imagina só — uma menina que nem ela, de ótima aparência.

— Quando vai ser?

— Em algum momento do outono. No outono.

Penelope tinha dormido esse tempo todo — ela adormeceu na cadeirinha logo depois que o carro começou a andar. As janelas da frente estavam abertas e Juliet conseguia sentir o cheiro do feno, que tinha acabado de ser cortado e enfardado — ninguém mais fazia rolos de feno. Alguns álamos ainda estavam de pé, hoje maravilhas em seu isolamento.

Pararam na cidade construída toda ao longo de uma rua num vale estreito. A rocha matriz se projetava das paredes do vale — o único lugar em muitos quilômetros onde era possível ver rochas tão imensas. Juliet lembrava de ir ali quando havia um parque em que era preciso pagar para entrar. No parque havia uma cascata, uma casa de chá que servia tortinhas de morango e sorvete — e com certeza outras coisas de que ela não conseguia se lembrar. As cavernas na rocha tinham o nome de cada um dos Sete Anões. Sam e Sara ficavam sentados no chão perto da cascata tomando sorvete enquanto ela corria para explorar as cavernas. (Que na verdade não eram nada demais — quase nem eram profundas.) Ela queria que eles fossem junto mas Sam dizia: — Você sabe que sua mãe não consegue subir em nada.

— Corre lá — disse Sara. — Volte e conte para a gente. — Ela estava toda arrumada. Uma saia preta de tafetá que fazia um círculo em torno dela na grama. Chamavam isso de saia bailarina.

Deve ter sido um dia especial.

Juliet perguntou a Sam a respeito disso quando ele saiu da loja. De início ele não conseguia lembrar. Então lembrou. Lugarzinho ladrão, disse. Ele não lembrava quando tinha fechado.

Juliet não conseguia ver na rua vestígio nenhum de uma cascata ou de uma casa de chá.

— Alguém que traz paz e ordem — disse Sam, e ela demorou um instante para entender que ele ainda estava falando de Irene. — Ela faz tudo. Corta a grama e capina a horta. Dá o melhor de si em tudo o que faz e age como se fosse um privilégio fazer aquilo. É isso que sempre me deixa impressionado.

Qual teria sido a ocasião para aquela descontração? Um aniversário, um aniversário de casamento?

Sam falava insistentemente, até solenemente, por sobre o ruído da luta do carro colina acima.

— Ela me devolveu a fé nas mulheres.

Sam corria para dentro de cada loja após dizer a Juliet que não demoraria nem um minutinho, e voltava para o carro um bom tempo depois explicando que não tinha conseguido se desvencilhar. As pessoas queriam bater papo, estavam guardando piadas para contar para ele. Algumas o acompanhavam ao lado de fora para ver a filha e a bebê.

— Então é essa a menina que sabe latim — disse uma mulher.

— Está começando a enferrujar — disse Sam. — Hoje em dia ela está bem ocupada.

— Com certeza — disse a mulher, esticando o pescoço para dar uma olhada em Penelope. — Mas não são uma bênção? Ah, os pequeninos.

Juliet pensou que podia falar com Sam a respeito da tese a que planejava retornar — ainda que no momento isso fosse apenas um sonho. Esses assuntos costumavam surgir naturalmente entre eles. Não entre ela e Sara. Sara diria: “Agora me conte o que é que você está estudando”, e Juliet faria um resumo, e Sara talvez perguntaria como ela conseguia guardar todos aqueles nomes gregos. Mas Sam sabia do que ela estava falando. Na faculdade, ela mencionou que o pai lhe tinha explicado o que significava *taumaturgia* quando ela se deparou com a palavra aos doze ou treze anos. Perguntaram se o pai dela era acadêmico.

— Claro — disse ela. — Professor do sexto ano.

Agora ela tinha a sensação de que ele iria sutilmente tentar colocá-la para baixo. Ou talvez não tão sutilmente. Talvez ele usasse a expressão *no mundo da lua*. Ou dissesse que tinha esquecido coisas que ela não poderia acreditar que ele tinha esquecido.

Mas talvez ele tivesse. Cômodos na mente dele se fechavam, as janelas eram tapadas — o que havia neles tinha sido julgado por ele inútil demais,

impróprio demais, para ver a luz do dia.

A voz de Juliet saiu mais severa do que ela tinha pretendido.

— Ela quer casar, a Irene?

Essa pergunta deixou Sam sobressaltado, vindo como veio naquele tom e após um silêncio considerável.

— Não sei — disse ele. E, após um instante: — Não sei como ela poderia.

— Pergunte a ela — disse Juliet. — Você deve estar querendo, considerando o que sente por ela.

Andaram por uns dois ou três quilômetros antes de ele abrir a boca. Claramente ela o tinha ofendido.

— Não sei do que você está falando — disse ele.

— Feliz, Zangado, Dunga, Soneca, Atchim — disse Sara.

— Mestre — disse Juliet.

— Mestre. *Mestre*. Feliz. Atchim, *Mestre*, Zangado, *Dengoso*, Atchim... Não. Soneca, *Dengoso*, Zangado... *Soneca*, Feliz, Mestre, *Dengoso*...

Tendo contado nos dedos, Sara disse: — Aí não foram oito?

— Fomos lá mais de uma vez — disse ela. — Costumávamos chamar aquele lugar de Templo da Moranguinho... Ah, eu adoraria ir lá de novo.

— Bom, não tem mais nada lá — disse Juliet. — Não consegui nem ver onde era.

— Tenho certeza de que eu conseguiria. Por que eu não fui junto? Um passeio de carro no verão. E quem precisa de força para andar de carro? O papai está sempre dizendo que eu não tenho força.

— Você foi me receber.

— Pois é, fui — disse Sara. — Mas ele não queria. Tive que fazer birra.

Ela estendeu o braço para ajeitar os travesseiros atrás da cabeça, mas não conseguia, então Juliet fez isso para ela.

— Ora — disse Sara. — Que coisa mais inútil que eu sou. Mas acho que eu aguento um banho. E se aparecer alguém?

Juliet perguntou se ela estava esperando alguma visita.

— Não. Mas e se?

Então Juliet levou-a para o banheiro e Penelope engatinhou atrás delas. Então, quando o banho estava pronto e a vovó tinha sido içada para dentro, Penelope decidiu que o banho devia ser para ela também. Juliet tirou a roupa dela, e deu banho na bebê e na mulher velha. Ainda que Sara, nua, não parecesse

tanto uma mulher velha quanto uma menina velha — uma mulher que, digamos, tinha sofrido alguma doença exótica, devastadora, desidratante.

Penelope aceitou a presença dela sem fazer alarde, mas o tempo todo segurou firme seu próprio sabonete amarelo em forma de pato.

Foi no banho que Sara finalmente encontrou forças para perguntar, de modo circunspecto, a respeito de Eric.

— Tenho certeza de que é um bom homem — disse ela.

— Às vezes — disse Juliet, casualmente.

— Ele foi tão bom para a primeira esposa.

— Única esposa — Juliet corrigiu-a. — Até agora.

— Mas tenho certeza de que agora que você tem esse neném — você está feliz, quer dizer. Tenho certeza de que você está feliz.

— Tão feliz quanto se pode ficar quando se vive em pecado — disse Juliet, surpreendendo a mãe ao torcer uma toalhinha encharcada sobre sua cabeça ensaboada.

— É disso que estou falando — disse Sara após mergulhar a cabeça e cobrir o rosto, com um gritinho feliz. Depois: — Juliet?

— Sim?

— Você sabe que eu não estou falando sério se por acaso eu disser alguma coisa feia sobre o papai. Eu sei que ele me ama. Ele só está infeliz.

Juliet sonhou que era criança de novo, e naquela casa, ainda que a disposição dos cômodos fosse um pouco diferente. Ela olhava pela janela de um dos cômodos desconhecidos, e via um arco de água cintilando no ar. Essa água vinha da mangueira. Seu pai, de costas para ela, estava regando o jardim. Uma figura ia e vinha dos canteiros de framboesas e, após algum tempo, foi possível ver que era Irene — mas uma Irene mais infantil, ágil e vivaz. Ela se desviava da água que jorrava da mangueira. Se escondia, reaparecia, quase sempre com sucesso, mas sempre levando um respingo imediatamente antes de fugir. O jogo era para ser descontraído, mas Juliet, atrás da janela, observava-o com repugnância. Seu pai passou o tempo todo de costas para ela, mas ela acreditava — ela de algum modo *via* — que ele segurava a mangueira baixo, à frente do corpo, e que era somente o bocal que ele movia para a frente e para trás.

O sonho era permeado de um horror viscoso. Não o tipo de horror que bate suas formas fora da sua pele, mas o tipo que serpenteia pelas passagens mais estreitas do seu sangue.

Quando ela acordou, ainda tinha aquela sensação. O sonho lhe pareceu vergonhoso. Óbvio, banal. Uma indulgência obscena consigo mesma.

Houve uma batida na porta da frente no meio da tarde. Ninguém usava a porta da frente — Juliet achava-a um pouco difícil de abrir.

O homem ali parado trajava uma camisa amarela bem passada de mangas curtas, e calças cáqui. Era talvez alguns anos mais velho do que ela, alto mas de aparência um tanto frágil, o peito levemente escavado, mas vigoroso em sua saudação, incansável em seu sorriso.

— Gostaria de falar com a dona da casa — disse.

Juliet deixou-o parado ali e foi ao solário.

— Tem um homem na porta — disse ela. — Parece que ele quer vender alguma coisa. Mando embora?

Sara apoiava as mãos para levantar-se. — Não, não — disse, sem fôlego. — Dá uma arrumadinha em mim, por favor? Ouvi a voz dele. É Don. É meu amigo Don.

Don já tinha entrado na casa e sua voz vinha do lado de fora da porta do solário.

— Não se preocupe, Sara. Sou só eu. Você está vestida?

Sara, com um olhar louco e feliz, estendeu a mão para pegar a escova de cabelos que não conseguia usar, e então desistiu e passou os dedos pelos cabelos. Sua voz soou jovial: — Temo que isso seja o mais apresentável que eu vá ficar. Entre aqui.

O homem apareceu, apressou-se na direção dela, e ela levantou os braços para ele. — Você está com cheiro de verão — ela disse. — O que é? — Ela passou o dedo na blusa. — Roupas passadas. Algodão passado. Puxa, que bem feito.

— Fui eu mesmo que passei — disse ele. — A Sally está na igreja cuidando das flores. Um trabalho nada mau, hein?

— Ótimo — disse Sara. — Mas você quase que não entra. Juliet achou que você era vendedor. Juliet é minha filha. Minha querida filha. Conte, não contei? Conte que ela vinha. Don é meu pastor, Juliet. Meu amigo e meu pastor.

Don endireitou a coluna, tomou a mão de Juliet.

— Que bom você estar aqui. Encantado em conhecê-la. E você não estava tão errada assim, para dizer a verdade. Eu sou uma espécie de vendedor.

Juliet sorriu polidamente diante da piada pastoral.

— O senhor é pastor em que igreja?

A pergunta fez Sara rir. — Puxa, vamos ter que entregar o jogo, não é?

— Sou da igreja da Trindade — disse Don, com seu sorriso inabalável. — E quanto a entregar o jogo, eu já sabia que Sara e Sam não faziam parte de nenhuma igreja da comunidade. Só comecei a fazer visitas de qualquer jeito porque a sua mãe é uma senhora encantadora.

Juliet não conseguia lembrar se era a igreja anglicana ou a unida que se chamava Trindade.

— Você pode pegar para o Don alguma cadeira aceitável, meu amor? — disse Sara. — Olha ele aí curvado em cima de mim feito uma cegonha. E algum refresco, Don? Quer uma gemada? A Juliet faz para mim umas gemadas deliciosas. Não. Não. Isso provavelmente é muito pesado. Você acaba de vir do calor do dia. Chá? É quente também. *Ginger ale*? Algum suco? Que suco temos aí, Juliet?

Don disse: — Não quero nada, só um copo d'água. Isso seria bem-vindo.

— Não quer chá? Mesmo? — Sara estava realmente sem fôlego. — Mas acho que eu gostaria de um pouco. Você certamente bebe meia xícara. Juliet?

Na cozinha, sem mais ninguém — dava para ver Irene no jardim, hoje ela estava capinando perto dos feijões — Juliet se perguntou se o chá não era um ardil para tirá-la do solário para que eles trocassem algumas palavras a sós, talvez até algumas palavras de oração. Essa ideia lhe dava náuseas.

Sam e Sara jamais tinham pertencido a qualquer igreja, ainda que Sam tivesse dito a alguém, no começo da vida deles ali, que eles eram druidas. Circulou a informação de que eles pertenciam a uma igreja sem representação na cidade, o que fez com que eles fossem vistos de maneira um pouco melhor do que gente sem religião. Juliet mesma tinha frequentado um pouco a escola dominical na igreja anglicana, mas foi sobretudo porque ela tinha uma amiga anglicana. Sam, na escola, nunca tinha se rebelado contra ter de ler a Bíblia e rezar o Pai Nosso todas as manhãs, assim como não tinha objeções a cantar “God Save the Queen”.

— Existem momentos em que você abre a boca e momentos em que é melhor calar — disse ele. — Se eles ficam contentes sob esse aspecto, de repente te deixam contar para os alunos alguns fatos sobre a evolução.

Sara uma vez tinha ficado interessada na fé Bahá’i, mas Juliet acreditava que esse interesse tinha sumido.

Ela fez chá suficiente para os três e achou alguns biscoitos digestivos no armário — e também a bandeja de bronze que Sara costumava pegar para

ocasiões ilustres.

Don aceitou uma xícara, e engoliu a água gelada que ela tinha lembrado de trazer para ele, mas sacudiu a cabeça para os biscoitos.

— Não pra mim, obrigado.

Ele pareceu dizer isso de maneira particularmente enfática. Como se não ficasse bem.

Ele perguntou a Juliet onde ela morava, como era o clima na costa leste, qual o trabalho do marido dela.

— É pescador de camarões, mas na verdade ele não é meu marido — disse Juliet, com amabilidade.

Don mexeu a cabeça. Ah, sim.

— O mar lá é bravo?

— Às vezes.

— Whale Bay. Nunca ouvi falar, mas agora vou lembrar dela. Que igreja você frequenta na Whale Bay?

— Não frequentamos. Não vamos à igreja.

— Não tem uma igreja do seu tipo por perto?

Sorrindo, Juliet sacudiu a cabeça.

— *Nenhuma* igreja é do nosso tipo. Não acreditamos em Deus.

A xícara de Don estrepitou de leve quando ele a colocou no pires. Ele disse que lamentava ouvir aquilo.

— Lamento mesmo por ouvir isso. Há quanto tempo você pensa assim?

— Não sei. Desde que pensei a sério no assunto.

— E a sua mãe me disse que você tem uma filha. Você tem uma filhinha, não é?

Juliet disse que sim, tinha sim.

— E ela nunca foi batizada? Você pretende criá-la como pagã?

Juliet falou que esperava que Penelope decidisse isso por conta própria algum dia.

— Mas não temos a intenção de lhe dar uma criação religiosa, isso mesmo.

— É triste — disse Don, em voz baixa. — Para vocês, é triste. Você e o seu, como quer que você o chame, vocês decidiram rejeitar a graça de Deus. Bem. Vocês são adultos. Mas rejeitá-la para a filhinha de vocês... é como negar-lhe alimento.

Juliet sentiu sua postura rachando. — Mas nós não *acreditamos* — disse ela. — Não acreditamos na graça de Deus. Não é a mesma coisa que negar alimento, é recusar-se a criá-la à base de mentiras.

— Mentiras. Aquilo em que milhões de pessoas no mundo todo acreditam, você chama de mentiras. Você não acha que é um pouco presunçoso da sua parte dizer que Deus é uma mentira?

— Milhões de pessoas não acreditam nisso, elas simplesmente vão à igreja — disse Juliet, a voz esquentando. — Elas simplesmente não pensam. Se Deus existe, então Deus me deu uma inteligência, e ele não quer que eu use?

“No mais — disse ela, tentando não se alterar —, no mais, milhões de outras pessoas acreditam em coisas diferentes. Acreditam em Buda, por exemplo. Então como milhões de pessoas acreditarem em alguma coisa pode torná-la verdadeira?

— Cristo está vivo — respondeu Don imediatamente. — Buda não.

— Isso são só palavras. O que elas significam? Não vejo prova nenhuma de que qualquer um dos dois esteja vivo, se é para ficar nisso.

— *Você* não vê. Mas outras pessoas veem. Você sabia que Henry Ford, Henry Ford ii, que tem tudo que qualquer pessoa na vida poderia desejar, mesmo assim se ajoelha e reza pra Deus toda noite?

— Henry Ford? — gritou Juliet. — Henry Ford? Que importância *Henry Ford* pode ter para mim?

A discussão estava tomando o rumo que as discussões desse tipo acabam tomando inevitavelmente. A voz do pastor, que no início estava mais triste do que zangada — ainda que sempre indicando uma convicção de aço — estava assumindo um tom agudo, de repreensão, ao passo que Juliet, que começara, como julgava, numa resistência razoável — calma, arguta, polida de maneira um tanto enlouquecedora — agora estava numa raiva fria e cortante. Ambos ficavam procurando argumentos e refutações que fossem mais ultrajantes do que úteis.

Enquanto isso, Sara mordiscava um biscoito digestivo, sem olhar para eles. Volta e meia ela tremia, como se as palavras deles a atingissem, mas eles nem conseguiam mais notar.

O que acabou com o espetáculo deles foi o choro alto de Penelope, que acordou tendo feito xixi e tinha reclamado baixinho por algum tempo, e depois reclamou com mais força, e finalmente entregou-se à fúria. Sara ouviu-a primeiro, e tentou atrair a atenção deles.

— Penelope — disse ela, quase sussurrando, e depois, com mais esforço: — Juliet. Penelope. — Juliet e o pastor ambos olharam para ela distraidamente, e então o pastor disse, abaixando subitamente a voz: — Sua filha.

Juliet saiu correndo do quarto. Ela estava tremendo quando levantou Penelope, quase furou-a quando estava prendendo a fralda seca. Penelope parou de chorar, não porque estivesse confortada, mas porque estava alarmada com aquela rude atenção. Seus olhos imensos arregalados, seu olhar atônito, perfuraram a preocupação de Juliet, e ela tentou acalmar-se, falando tão delicadamente quanto conseguia e então erguendo a filha, indo e voltando com ela pelo corredor do andar de cima. Penelope não ficou imediatamente tranquila, mas após alguns minutos a tensão começou a sair de seu corpo.

Juliet sentiu a mesma coisa acontecendo com ela, e, quando ela achou que ambas tinham recobrado uma dose suficiente de autocontrole, levou Penelope para baixo.

O pastor tinha saído do quarto de Sara e estava esperando por ela. Numa voz que poderia estar contrita, mas que na verdade soava assustada, ele disse: — Que bebê bonito.

Juliet disse: — Obrigada.

Ela achou que agora eles poderiam despedir-se devidamente, mas alguma coisa o impedia. Ele continuava a olhar para ela, sem se mexer. Estendeu a mão como que para pegar o ombro dela, e então deixou-a cair.

— Você sabe se você tem — disse ele, e então sacudiu de leve a cabeça. O *tem* tinha saído como se fosse *dem*.

— Zugo — disse ele, e deu um tapinha na garganta com a mão. Acenou na direção da cozinha.

A primeira coisa que Juliet pensou foi que ele devia estar bêbado. A cabeça dele fazia um leve movimento para a frente e para trás, seu olhos pareciam cobertos com filme. Será que ele tinha vindo aqui bêbado, será que tinha trazido alguma coisa no bolso? Então ela lembrou. Uma menina, aluna da escola em que ela uma vez tinha dado aula por um semestre. Essa menina, diabética, sofria uma espécie de convulsão, a língua ficava espessa, e ela ficava agitada, hesitante, como se tivesse passado tempo demais sem comida.

Apoiando Penelope no quadril, ela segurou o braço dele e levou-o até a cozinha. Suco. Era isso que tinham dado à menina, era disso que ele estava falando.

— Um minutinho, um minutinho e tudo bem — disse ela. Ele permanecia de coluna reta, as mãos contra o balcão, a cabeça abaixada.

Não havia suco de laranja — ela lembrava de ter dado o resto a Penelope de manhã, e de ter pensado em sair para comprar mais. Mas havia uma garrafa de

refrigerante de uva, que Sam e Irene gostavam de beber quando voltavam do trabalho na horta.

— Aqui — disse ela. Só com uma mão, como tinha se acostumado a fazer, serviu um copo cheio. — Aqui. — E, enquanto ele bebia, ela disse: — Desculpe não ter suco. Mas o que importa é o açúcar, não é? Você precisa de um pouco de açúcar?

Ele bebeu, disse: — Sim. Açúcar. Obrigado. — A voz dele já estava ficando mais limpa. Ela também se lembrava disso da garota da escola — como a recuperação era rápida e parecia miraculosa. Mas antes de ele estar totalmente recuperado, ou totalmente ele mesmo, enquanto ainda estava com a cabeça inclinada, os olhos dele encontraram os dela. Não de propósito, ao que parecia, só por acaso. O olhar dele não tinha gratidão, nem perdão — não era nada pessoal, na verdade, era só o olhar cru de um animal em choque, apoiando-se no que quer que conseguisse encontrar.

E, após alguns segundos os olhos, o rosto, tornaram-se o rosto do homem, do pastor, que pousou o copo e sem mais uma palavra fugiu da casa.

Sara estava ou dormindo ou fingindo dormir quando Juliet foi pegar a bandeja de chá. Seu estado de sono, seu estado de sonolência e seu estado de vigília àquela altura tinham fronteiras tão delicadas e cambiantes que era difícil identificá-los. De todo modo, ela falou, ela disse em pouco mais do que um sussurro: — Juliet?

Juliet parou no corredor.

— Você deve achar que Don é.., um sujeito bem simplório — disse Sara. — Mas ele não está bem. É diabético. Caso grave.

Juliet disse: — Sim.

— Ele precisa da fé dele.

— Argumento de quem tem medo — disse Juliet, mas baixinho, e talvez Sara não tenha ouvido, porque continuou falando.

— A minha fé não é tão simples — disse Sara, com a voz trêmula (e parecendo, a Juliet, naquele instante, estrategicamente comovente). — Não consigo descrever. Mas é... tudo que eu posso dizer... é *alguma coisa*. É *uma coisa*... maravilhosa. Quando as coisas ficam ruins demais para mim... quando fica tão ruim que eu... sabe o que penso nessas horas? Eu penso: tudo bem. Eu penso... daqui a pouco. *Daqui a pouco eu vou ver Juliet*.

Temido (Queridíssimo) Eric,

Por onde começar? Estou bem e Penelope está bem. Tanto quanto possível. Ela agora anda confiante em volta da cama de Sara mas ainda fica receosa de tentar sem apoios. O calor de verão é impressionante em comparação com a costa oeste. Mesmo quando chove. É bom que chova porque Sam está a pleno vapor no negócio de hortaliças. Outro dia sai com ele no ancestral veículo entregando framboesas frescas e geleia (feita por uma espécie de Ilse Koch júnior que habita nossa cozinha) e as primeiras batatas desenterradas da estação. Ele está delirante de entusiasmo. Sara fica na cama e dorme ou olha revistas de moda antigas. Veio um pastor visitá-la e ele e eu entramos numa discussão idiota a respeito da existência de Deus ou algum assunto controverso desses. Mas a visita até que está indo bem...

Essa foi uma carta que Juliet achou anos depois. Eric deve tê-la guardado por acidente — não tinha qualquer importância particular na vida deles.

Ela tinha voltado à casa de sua infância uma vez mais, para o funeral de Sara, alguns meses depois de aquela carta ter sido escrita. Irene não estava mais por ali, e Juliet não tem qualquer lembrança de ter perguntar ou de ficar sabendo onde ela estava. O mais provável é que ela tivesse se casado. Como fez Sam de novo, alguns anos depois. Casou-se com outra professora, uma mulher gentil, bela, competente. Eles moravam na casa dela — Sam pôs abaixo a casa onde ele e Sara tinham vivido, e ampliou a horta. Quando a esposa dele se aposentou, eles compraram um trailer e começaram a fazer longas viagens de inverno. Visitaram Juliet duas vezes na Whale Bay. Eric levou-os para passear de barco. Ele e Sam se davam bem. Como disse Sam, uma relação excelente.

Ao ler a carta, Juliet crispou-se, como qualquer pessoa ao descobrir a voz preservada e desconcertante de um antigo eu fabricado. Ela se perguntava de onde vinha um disfarce tão animado, em contraste com a dor de suas lembranças. Então ela pensou que, naquela época, devia ter acontecido alguma mudança de que ela não se lembrava. Alguma mudança relacionada a onde era sua casa. Não na Whale Bay com Eric, mas atrás, onde tinha sido antes, em toda a sua vida antes.

Porque é o que acontece em casa que você tenta proteger, da melhor maneira que pode, pelo máximo de tempo que consegue.

Mas ela não tinha protegido Sara. Quando Sara tinha dito *daqui a pouco vou ver Juliet*, Juliet não tinha encontrado resposta. Será que não poderia ter encontrado? Por que tanta dificuldade? Simplesmente responder *Sim*. Para Sara teria sido tão importante — para ela própria, certamente nem um pouco. Mas ela tinha se virado, tinha levado a bandeja para a cozinha, e ali tinha lavado e secado as xícaras e também o copo em que fora servido o refrigerante de uva. Ela tinha guardado tudo.

Silêncio

Na curta viagem de barca da Buckley Bay até a Denman Island, Juliet saiu do carro e ficou na frente da embarcação, na brisa do estio. Uma mulher de pé ali a reconheceu, e elas começaram a conversar. Não é incomum que as pessoas queiram olhar de novo Juliet e se perguntem onde foi que a viram antes, e, às vezes, se lembrem. Ela aparece regularmente no canal da tv da Província, entrevistando pessoas que levam vidas singulares ou dignas de nota, e comandando com destreza painéis de discussão, num programa chamado *Questões Contemporâneas*. Hoje usa o cabelo curto, o mais curto possível, e assumiu um tom castanho-avermelhado bem escuro, combinando com a armação de seus óculos. Ela costuma usar calças pretas — como hoje — e uma camisa de seda marfim, e, às vezes, uma jaqueta preta. Ela é aquilo que sua mãe teria chamado de uma mulher que realmente impressiona.

— Com licença. As pessoas devem vir sempre perturbar a senhora.

— Não tem problema — diz Juliet. — Só quando eu acabo de sair do dentista ou algo assim.

A mulher tem mais ou menos a idade de Juliet. Cabelo preto longo com faixas acinzentadas, sem maquiagem, saia jeans comprida. Ela mora em Denman, por isso Juliet pergunta o que ela sabe sobre o Centro de Equilíbrio Espiritual.

— Porque a minha filha está ali — diz Juliet. — Ela está em retiro ali, ou fazendo um curso, não sei que nome dão. Há seis meses. É a primeira vez que vou ver minha filha em seis meses.

— Tem alguns lugares assim — diz a mulher. — Eles meio que vêm e vão. Não estou insinuando que tenha alguma coisa suspeita neles. Só que eles normalmente ficam no meio do mato, você sabe como é, e não têm muito a ver com a comunidade. Bom, qual seria a razão de um retiro se tivessem?

Ela diz que Juliet deve estar ansiosa para ver de novo a filha, e Juliet diz que sim, muito.

— Estou mal acostumada — diz. — Ela tem vinte anos, a minha filha. Vai completar vinte e um esse mês, na verdade. E nunca ficamos muito longe uma da outra.

A mulher conta que tem um filho de vinte, uma filha de dezoito e outra de quinze, e que há dias em que ela *pagaria* a eles para que fossem para um retiro, em separado ou todos juntos.

Juliet ri. — Bom. Eu só tenho uma filha. Claro que não vou garantir que, daqui a algumas semanas, eu não vá querer mandar ela de volta.

Esse é o típico papo de mãe, amoroso mas exasperado, em que Juliet acha fácil entrar (Juliet é especialista em respostas tranquilizadoras), mas a verdade é que Penelope mal deu razões para reclamar, e, se ela quisesse ser absolutamente sincera, àquela altura ela diria que um dia sem algum contato com a filha é difícil de suportar, quanto mais seis meses. Penelope trabalhou em Banff no verão, como camareira, e fez viagens de ônibus ao México e, de carona, a Newfoundland. Mas sempre morou com Juliet, e nunca houve um intervalo de seis meses.

Ela me traz alegrias, Juliet poderia ter dito. Não que ela seja uma dessas Polianas alegrinhas que só querem ver o lado bom. Espero que a minha criação tenha dado resultado melhor. Ela tem graça e compaixão, é sábia, como se já estivesse nesse planeta há oitenta anos. A natureza dela é reflexiva, e não toda bagunçada como a minha. Um pouco reticente, como o pai. Ela também tem uma beleza angelical, como a minha mãe, ela é loira como a minha mãe, mas não tão frágil quanto ela. Forte e nobre. Moldada, devo dizer, como uma cariátide. E, ao contrário do que dizem, não tenho o menor ciúme. Todo esse tempo sem ela — e sem ter qualquer notícia dela, porque o Equilíbrio Espiritual não permite cartas nem telefonemas — esse tempo todo eu fiquei numa espécie de deserto, e, quando chegou o recado dela, eu estava como velho trecho de terra ressequida que recebia uma dose plena de chuva.

Espero te ver domingo à tarde. É hora.

Hora de ir para casa, Juliet esperava que fosse esse o sentido, mas claro que ela teria de deixar isso a cargo de Penelope.

Penelope tinha desenhado um mapa rudimentar, e Juliet logo se viu estacionada na frente de uma igreja antiga — isso é, do prédio de uma igreja com setenta e cinco ou oitenta anos, coberto de estuque, não tão antiga nem vagamente tão impressionante quanto costumavam ser as igrejas na parte do Canadá onde Juliet

tinha crescido. Atrás dela havia uma construção mais recente, com telhado inclinado e janelas em toda a fachada, e também um palco simples e alguns bancos e algo que parecia um campo de vôlei com uma rede frouxa. Tudo estava meio acabado, e aquele trecho de terra um dia limpo estava sendo reclamado por zimbros e álamos.

Algumas pessoas — ela não conseguia dizer se eram homens ou mulheres — estavam fazendo trabalhos de marcenaria no palco, enquanto outras ficavam sentadas nos bancos em grupos pequenos distintos. Todos usavam roupas comuns, não túnicas amarelas nem nada assim. Por alguns minutos, ninguém reparou no carro de Juliet. Então uma das pessoas nos bancos ergueu-se e andou sem pressa na direção dela. Um homem baixinho, de meia idade, usando óculos.

Ela saiu do carro, cumprimentou-o e perguntou por Penelope. Ele não abriu a boca — talvez houvesse uma regra de silêncio —, mas acenou a cabeça, afastou-se e entrou na igreja. Dali logo saiu, não Penelope, mas uma mulher gorda e lenta de cabelo branco, usando jeans e um suéter largo.

— Que honra conhecê-la — disse ela. — Entre, por favor. Pedi a Donny que fizesse um pouco de chá.

Ela tinha um rosto limpo e largo, um sorriso ao mesmo tempo maroto e meigo, e aquilo que Juliet imaginava que era chamado de olhos cintilantes.

— Meu nome é Joan — disse ela. Juliet estava esperando um pseudônimo como Serenidade, ou algo de tempero oriental, nada tão comum e familiar quanto Joan. Depois, é claro, ela pensou na papisa Joana.

— Eu vim ao lugar certo, não vim? Não conheço Denman — disse ela, desarmada. — Você sabe que eu vim ver Penelope?

— Claro. Penelope. — Joan prolongou o nome, com um tom levemente de celebração.

O interior da igreja estava escuro, com tecidos púrpura pendurados sobre as janelas altas. Os bancos e o resto do mobiliário da igreja tinham sido removidos, e cortinas brancas lisas tinham sido costuradas para formar cubículos privados, como numa enfermaria. O cubículo a que Juliet fora dirigida, porém, não tinha cama, só uma mesinha e algumas cadeiras de plástico, e algumas prateleiras abertas, com pilhas desarrumadas de papéis soltos.

— Temo que ainda estejamos no processo de arrumar as coisas aqui — disse Joan. — Juliet. Posso chamá-la de Juliet?

— Sim, claro.

— Não estou acostumada a falar com celebridades. Joan junta as mãos numa posição de prece sob o queixo. — Não sei se devo ser informal ou não.

— Não sou exatamente uma celebridade.

— Ah, é sim. Não diga uma coisa dessas. E vou colocar pra fora de uma vez, eu admiro você muito pelo seu trabalho. É uma luz na escuridão. A única coisa que presta na tv.

— Obrigada — disse Juliet. — Recebi um bilhete de Penelope...

— Eu sei. Mas desculpe por eu ter de dizer isso, Juliet, desculpe mesmo, e não quero que você fique decepcionada... Penelope não está aqui.

A mulher diz as palavras *Penelope não está aqui* com toda a leveza possível. Você pensaria que a ausência de Penelope poderia ser transformada em matéria para uma contemplação interessante, até para o deleite mútuo.

Juliet precisa respirar fundo. Por um instante, não consegue falar. O medo jorra dentro dela. A presciência. E então ela recua para a consideração razoável daquele fato. Vasculha a bolsa atrás de algo.

— Ela disse que esperava...

— Eu sei. Eu sei — diz Joan. — Ela tinha a intenção de estar aqui, mas o fato é que ela não pôde...

— Onde está ela? Aonde ela foi?

— Não sei dizer.

— Não sabe ou não quer?

— Não sei. Não faço ideia. Mas sei uma coisa que pode deixar você mais tranquila. Aonde quer que ela tenha ido, o que quer que ela tenha decidido, vai ser a coisa certa para ela. Vai ser a coisa *certa* para a espiritualidade e para o crescimento dela.

Juliet decide deixar isso passar. Ela sente náuseas ao ouvir a palavra *espiritualidade*, que parece incluir — como ela costuma dizer — tudo entre rodas de oração tibetanas e missas pontificais. Ela nunca tinha esperado que Penelope, com sua inteligência, acabasse se metendo em nada dessa espécie.

— Só achei que eu devia saber — diz — caso ela quisesse que eu mandasse alguma das coisas dela.

— Dos pertences dela? — Joan parece incapaz de conter um largo sorriso, ainda que imediatamente o modifique com uma expressão de ternura.

— Penelope agora não está muito preocupada com seus *pertences*.

Às vezes Juliet sentia, no meio de uma entrevista, que a pessoa à frente dela possuía reservas de hostilidade que não apareciam fora das câmeras. Uma pessoa que Juliet subestimasse, que ela julgasse deveras burra, poderia ter esse tipo de força. Uma hostilidade brincalhona, mas letal. A questão, assim, é nunca

mostrar que você ficou perplexa, nunca exibir o menor sinal de hostilidade em contrapartida.

— Quando falo em crescimento, estou falando do nosso crescimento interior, claro — diz Joan.

— Entendo — diz Juliet, olhando-a nos olhos.

— Penelope teve na vida uma oportunidade tão maravilhosa de conhecer pessoas interessantes... puxa, ela nem precisou conhecer pessoas interessantes, ela *cresceu* com uma pessoa interessante, você é a *mãe* dela... Mas, você sabe, às vezes há uma dimensão que falta, as crianças quando crescem têm a sensação de que *faltou* alguma coisa...

— Ah, sim — diz Juliet. — Eu sei que as crianças crescidas podem ter todo tipo de reclamação.

Joan decidiu vir com tudo.

— A dimensão espiritual, preciso dizer isso, será que não faltou absolutamente na vida de Penelope? Imagino que ela não tenha crescido numa casa religiosa.

— A religião não era um assunto proibido. Nós podíamos falar a respeito.

— Mas talvez fosse o jeito como você falava. O seu jeito intelectual? Se é que você me entende. Você é tão inteligente — acrescentou, gentil.

— Você é quem diz.

Juliet está ciente de que qualquer controle da entrevista, e dela própria, estava sendo abalado, e poderia ser perdido.

— Não sou *eu* que digo, Juliet. É o que *Penelope* diz. Penelope é uma menina ótima e querida, mas chegou a nós com uma sede enorme. Uma sede das coisas que não estavam disponíveis em sua casa. Lá estava você, com sua vida maravilhosa, ocupada, cheia de sucesso... mas, Juliet, preciso dizer que a sua filha conheceu a solidão. Ela conheceu a infelicidade.

— Será que a maioria das pessoas não sente isso, em algum momento? Solidão, infelicidade?

— Não cabe a mim dizer. Ah, Juliet. Você é uma mulher que tem intuições maravilhosas. Tantas vezes vi você na tv e pensei: como é que ela consegue chegar bem no coração das coisas desse jeito, sendo o tempo todo gentil e educada com as pessoas? Nunca imaginei que eu fosse um dia conversar cara a cara com você. E, mais ainda, que eu fosse estar na posição de *ajudar* você...

— Acho que talvez você esteja equivocada nesse ponto.

— Você se sente ferida. É natural que se sinta assim.

— Também é só da minha conta.

— Sim, claro. Talvez ela vá entrar em contato com você. Afinal.

Penelope entrou sim em contato com Juliet, algumas semanas depois. Chegou um cartão de aniversário no aniversário dela própria — de Penelope —, o dia dezanove de junho. Era o tipo de cartão que você manda para um conhecido cujos gostos não consegue adivinhar. Não era um cartão com uma piada mais grosseira, nem um cartão verdadeiramente espirituoso, nem um cartão sentimental. Na capa havia um pequeno buquê de amores-perfeitos amarrado por uma fina fita roxa cuja cauda trazia as palavras *Feliz Aniversário*. Essas palavras eram repetidas do lado de dentro, com as palavras *Desejo a você um* acrescentadas em letras douradas logo acima.

E não havia assinatura. Juliet de início achou que alguém tinha mandado esse cartão a Penelope, e esquecido de assinar, e que ela, Juliet, o tinha aberto por engano. Alguém que tivesse o nome e a data de nascimento de Penelope em seu arquivo. O dentista dela, talvez, ou o professor de direção. Mas quando ela verificou o que estava escrito no envelope, viu que não tinha havido engano — lá estava o nome dela própria, de fato, escrito com a letra da própria Penelope.

Os carimbos do correio nem davam mais pistas. Todos diziam *Correio do Canadá*. Juliet tinha alguma ideia de que havia maneiras de dizer ao menos de que província vinha uma carta, mas para isso seria necessário consultar o Correio, ir lá com a carta e muito provavelmente ser convocado a provar que tinha direito àquela informação. E com certeza alguém iria reconhecê-la.

Ela foi visitar sua velha amiga Christa, que tinha morado na Whale Bay na época em que ela própria morava ali, antes mesmo de Penelope nascer. Christa estava em Kitsilano, numa casa para pessoas com deficiência. Ela tinha esclerose múltipla. Seu quarto ficava no térreo, com uma pequena varanda particular, e Juliet ficava sentada com ela ali, olhando um trecho ensolarado do gramado, e as glicínias desabrochando ao longo da cerca que escondia as latas de lixo.

Juliet contou a Christa toda a história da viagem à Denman Island. Ela não tinha contado a mais ninguém, e tinha esperanças de talvez nunca ter de contar a ninguém. Todos os dias, quando ela estava a caminho de casa, vindo do trabalho, ela se perguntava se talvez Penelope não estaria esperando no apartamento. Ou ao menos que fosse haver uma carta. E então houve — aquele cartão nada delicado — ela o tinha rasgado com as mãos tremendo.

— Ele significa alguma coisa — disse Christa. — Ele te diz que ela está bem. Alguma coisa vai acontecer. Vai sim. É só ter paciência.

Juliet ficou algum tempo falando amargamente da Mãe Shipton. Era esse o nome que ela tinha decidido dar-lhe, depois de ter brincado com Papisa Joana e não gostado. Que cambalacho maldito, disse ela. Que atitude repelente, sórdida, por trás da fachada religiosa meiguinha de segunda categoria. Era impossível imaginar que Penelope tivesse se deixado levar por ela.

Christa sugeriu que talvez Penelope tenha visitado aquele lugar porque tinha considerado escrever algo a respeito. Alguma espécie de jornalismo investigativo. Trabalho de campo. O ângulo pessoal — aquele negócio demorado, pessoal, que era tão popular hoje em dia.

Investigando há seis meses?, disse Juliet. Penelope teria sacado a Mãe Shipton em dez minutos.

— É esquisito — admitiu Christa.

— Você não está sabendo alguma coisa e não quer me contar, está? — disse Juliet. — Detesto até perguntar isso. Estou me sentindo tão perdida. Estou me sentindo uma idiota. Aquela mulher queria que eu me sentisse uma idiota, claro. Como a personagem que solta alguma coisa numa peça e todo mundo se afasta porque sabe alguma coisa que ela não sabe...

— Não fazem mais esse tipo de peça — disse Christa. — Hoje ninguém sabe de nada. Não, Penelope não me contou nada que não tenha contado a você. Por que contaria? Ela ia saber que eu ia acabar te contando.

Juliet ficou em silêncio um instante, e depois murmurou, amuada.

— Já houve coisas que você não me contou.

— Ah, pelo amor de Deus — disse Christa, mas sem qualquer animosidade. — Isso de novo não.

— Isso de novo não — concordou Juliet. — Estou de mau humor, só isso.

— Simplesmente fique firme. É uma das provações de ter um filho. Ela não te fez passar por muitas, afinal. Daqui a um ano isso tudo estará bem distante.

Juliet não contou que, no fim das contas, ela não tinha conseguido ir embora com dignidade. Tinha virado e gritado suplicante, furiosa.

— O que ela te disse?

E a Mãe Shipton ficou lá parada olhando-a, como se tivesse esperado por aquilo. Um sorriso gordo de pena tinha esticado seus lábios fechados enquanto ela sacudia a cabeça.

Durante o ano seguinte Juliet volta e meia receberia telefonemas de pessoas que eram conhecidas de Penelope. A resposta às perguntas delas era sempre a mesma. Penelope tinha decidido tirar um ano para descansar. Estava viajando. O calendário de viagens dela não era de jeito nenhum fixo, e Juliet não tinha meios de contatá-la, nem qualquer endereço para dar.

Ela não teve notícias de ninguém que tivesse sido amigo próximo. Isso poderia significar que as pessoas que tinham sido próximas de Penelope sabiam muito bem onde ela estava. Ou talvez que elas também estavam viajando por países estrangeiros, tinham encontrado empregos em outras províncias, embarcado em novas vidas, cheias ou imprevisíveis demais naquele momento para que elas pudessem perguntar-se sobre velhos amigos.

(“Velhos amigos”, naquele estágio da vida, significava alguém que você não tinha visto por seis meses.)

Sempre que entrava em casa, a primeira coisa que Juliet fazia era procurar a luzinha piscando na secretária eletrônica — a coisa mesma que ela costumava evitar, achando que haveria alguém a atazanando por causa de algo que ela tinha dito em público. Ela tentou diversos truques bobos, relacionados ao número de passos que dava até o telefone, ao modo como ela o pegava, ao modo como respirava. *Tomara que seja ela.*

Nada funcionava. Após algum tempo, o mundo pareceu esvaziado das pessoas que Penelope conhecera, os namorados que ela tinha largado e aqueles que a tinham largado, as meninas com quem ela tinha fofocado e nas quais provavelmente confiara. Ela tinha frequentado um internato particular para meninas — Torrance House — em vez de fazer o secundário na escola pública, e isso significava que a maior parte de suas amigas mais antigas — mesmo aquelas que ainda eram amigas dela na faculdade — vinham de lugares fora da cidade. Algumas vinham do Alasca, de Prince George ou do Peru.

Não houve mensagem no Natal. Mas, em junho, outro cartão, bem no estilo do primeiro, sem qualquer palavra escrita. Juliet tomou um gole de vinho antes de abri-lo, e jogou-o fora imediatamente. Ela tinha acessos de choro, de vez em quando tremia incontrolavelmente, mas saía deles em súbitos arroubos de fúria, andando pela casa e batendo o punho na palma da mão. A fúria era dirigida a Mãe Shipton, mas a imagem daquela mulher tinha sumido, e finalmente Juliet teve de admitir que ela era apenas uma conveniência.

Todas as fotos de Penelope foram banidas para o seu quarto, junto com pilhas de desenhos que ela tinha feito antes que elas fossem embora da Whale Bay, seus livros e a cafeteira de prensa francesa que só fazia uma xícara que ela

tinha comprado de presente para Juliet com o primeiro salário que ganhou em seu trabalho de verão no McDonald's. E também presentes caprichosos para o apartamento, como um ventiladorzinho de plástico para grudar na geladeira, um tratorzinho de corda, uma cortina de contas de vidro para ficar pendurada na parede do banheiro. A porta do quarto foi fechada e em algum tempo seria possível passar por ela sem ficar perturbada.

Juliet pensou muito em sair daquele apartamento, em dar a si mesma o benefício de um novo ambiente. Mas disse a Christa que não podia fazer isso, porque aquele era o endereço que Penelope tinha, e só era possível redirecionar a correspondência por três meses, de modo que ao fim deles não haveria um lugar onde sua filha pudesse encontrá-la.

— Ela sempre pode encontrar você no trabalho — disse Christa.

— Quem sabe quanto tempo vou ficar lá? — disse Juliet. — Ela provavelmente está em alguma comuna onde eles não têm permissão para comunicar-se. Com algum guru que dorme com todas as mulheres e manda elas mendigarem nas ruas. Se eu a tivesse mandado para a escola dominical e ensinado ela a rezar, isso provavelmente não teria acontecido. Eu devia. Eu devia. Teria sido como uma inoculação. Eu negligenciei a *espiritualidade* dela. Foi o que a Mãe Shipton falou.

Quando Penelope mal tinha completado treze anos, foi para um acampamento nas montanhas Kootenay, na Colúmbia Britânica, com uma amiga de Torrance House e a família da amiga. Juliet era a favor daquilo. Fazia apenas um ano que Penelope estava em Torrance House (tinha sido aceita em condições financeiras favoráveis, porque sua mãe já tinha dado aula ali), e Juliet ficava contente por ela já ter feito uma amizade tão firme e ter sido imediatamente recebida pela família da amiga. E também por ela estar indo acampar — algo que as crianças comuns faziam e que Juliet, quando criança, nunca teve a oportunidade de fazer. Não que ela fosse querer, já estando enfiada nos livros — mas ela recebia bem os sinais de que Penelope estava se tornando um tipo de garota mais normal do que ela própria tinha sido.

Eric estava apreensivo em relação àquilo tudo. Ele achava Penelope muito nova. Não gostava que ela saísse de férias com gente de quem ele não sabia quase nada. E agora que ela tinha ido para um colégio interno, eles já a viam tão pouco tempo — por que encurtá-lo?

Juliet tinha outra razão — ela simplesmente queria Penelope fora do caminho durante as primeiras semanas das férias de verão, porque o clima ainda estava um pouco pesado entre ela e Eric. Ela queria as coisas resolvidas, e elas não estavam resolvidas. Ela não queria ter de fingir que estava tudo bem por causa da filha.

Eric, por outro lado, teria achado ótimo ver os problemas postos de lado, longe do caminho. Na opinião de Eric, a civilidade restauraria os bons sentimentos, e a aparência de amor bastaria para ir adiante até que o amor mesmo pudesse ser redescoberto. E se nunca houvesse nada mais do que uma aparência — bem, isso teria de bastar. Eric conseguia ir vivendo com aquilo.

Conseguia mesmo, pensou Juliet, com desânimo.

Ter Penelope em casa, uma razão para eles se comportarem bem — para Juliet comportar-se bem, já que era ela, na opinião dele, que aticava todo o rancor — isso Eric acharia muito bom.

Então Juliet disse a ele, e criou uma nova causa de amargor e culpa, porque ele sentia saudades demais de Penelope.

A razão para a briga deles era antiga e vulgar. Na primavera, por meio de uma revelação banal — e da sinceridade ou talvez da malícia de Ailo, antiga vizinha deles, que mantinha certa lealdade à esposa falecida de Eric e algumas reservas a respeito de Juliet — Juliet tinha descoberto que Eric tinha dormido com Christa. Christa há muito tempo era sua amiga íntima, mas antes disso ela tinha sido namorada de Eric, *amante* (ninguém mais usava essa palavra) dele. Ele a abandonara quando convidou Juliet para morar com ele. Ela tinha sabido de tudo a respeito de Christa na época e não poderia em plena razão ser contra aquilo que tinha acontecido na época antes de ela e Eric ficarem juntos. Ela não objetou. Aquilo a que ela objetava — que, segundo ela, tinha partido seu coração — tinha acontecido depois. (Mas mesmo assim muito tempo atrás, dizia Eric.) Tinha acontecido quando Penelope tinha um ano, e Juliet a tinha levado para Ontário. Quando Juliet tinha voltado para casa para visitar os pais. Para visitar — como agora ela sempre ressaltava — sua mãe que estava morrendo. Quando ela estava longe, e amando e sentindo saudades de Eric com cada partícula de seu ser (hoje ela acreditava nisso), Eric simplesmente tinha retomado seus velhos hábitos.

De início ele confessara em uma ocasião (bêbado), mas, com maiores insistências, e algum álcool no aqui-e-agora, ele disse que era possível que tivesse sido mais de uma vez.

Possível? Ele não conseguia lembrar? Tantas vezes que ele não conseguia lembrar?

Mas ele conseguia lembrar.

Christa veio ver Juliet, para garantir para ela que não tinha sido nada sério. (Era esse o bordão de Eric, também.) Juliet mandou-a ir embora e nunca mais voltar. Christa concluiu que aquele era um bom momento para visitar o irmão na Califórnia.

A indignação de Juliet com Christa era na verdade algo como uma formalidade. Ela compreendia que algumas roladas na grama com uma antiga namorada (a desastrosa descrição de Eric, em sua mal calculada tentativa de minimizar as coisas) não eram vagamente tão ameaçadoras quanto ele agarrar alguma mulher que tivesse acabado de conhecer. Além disso, a indignação dela com Eric era tão feroz e irresistível que deixava pouco espaço para culpar qualquer outra pessoa.

O que ela dizia era que ele não a amava, nunca a tinha amado, tinha zombado dela, com Christa, pelas costas. Que tinha feito dela motivo de piada para gente como Ailo (que sempre a detestara). Que tinha tratado-a com desprezo, que olhava o amor que ela sentia (ou sentira) com desprezo, que vivia uma mentira com ela. O sexo não significava nada para ele, ou ao menos não o que significava (significara) para ela, ele faria com quem estivesse à mão.

Somente a última dessas acusações tinha o mais mínimo grão de verdade, e em seus momentos mais calmos ela sabia disso. Mas até aquela pequenina verdade bastava para pôr abaixo tudo em volta dela. Não era para ser assim, mas era. E Eric não conseguia — com toda a sinceridade, ele não conseguia — enxergar por que deveria ser assim. Ele não ficava surpreso por ela objetar, reclamar, até chorar (ainda que uma mulher como Christa nunca fosse fazer isso), mas por ela ficar realmente perturbada, por ela considerar-se desprovida de tudo que a tinha sustentado — e por causa de algo que tinha acontecido *doze anos atrás* — isso ele não conseguia entender.

Às vezes ele achava que ela estava fingindo, fingindo da melhor maneira possível, e outras vezes ele ficava repleto de uma tristeza real por tê-la feito sofrer. A tristeza deixava-os excitados, e eles faziam amor magnificamente. E toda vez ele achava que isso seria o fim, que as agruras tinham acabado. Toda vez ele estava equivocado.

Na cama, Juliet ria e falava de Pepys e da sra. Pepys, inflamados de paixão em circunstâncias similares. (Desde que tinha mais ou menos abandonado os

estudos clássicos, ela estava lendo de tudo, e hoje em dia suas leituras pareciam ter a ver com adultério.) Nunca tão frequente, nunca tão apaixonado, dissera Pepys, ainda que ele inclusive tivesse registrado que sua esposa pensara também em matá-lo enquanto dormia. Juliet ria disso, mas, meia hora depois, quando ele se despedia antes de sair de barco para verificar suas armadilhas de camarão, ela exibia um rosto de pedra e lhe dava um beijo resignado, como se ele estivesse indo encontrar uma mulher no meio da baía, debaixo de um céu chuvoso.

Havia mais do que chuva. O mar quase não estava encapelado quando Eric saiu, mas depois, à tarde, veio um vento repentino, do sudeste, e rasgou as águas da passagem de Desolation e do estreito de Malaspina. Ele continuou quase até escurecer — e nessa última semana de junho só escurecia por completo por volta das onze da noite. Àquela altura um barco a vela de Campbell River tinha desaparecido, com dois adultos e três crianças a bordo. E também dois barcos de pesca — um com dois homens a bordo e o outro com um homem apenas — Eric.

A manhã seguinte estava calma e ensolarada — as montanhas, as águas, as costas, tudo lustroso e cintilante.

Era possível, claro, que nenhuma daquelas pessoas estivesse perdida, que tivessem encontrado abrigo e passado a noite em algumas das inumeráveis pequenas praias. O que era mais provável no caso dos pescadores que no da família no barco à vela, que não eram pessoas da região, mas turistas de Seattle. Barcos partiram imediatamente, naquela manhã, para vasculhar o litoral, as ilhas e a água.

As crianças afogadas foram encontradas primeiro, com seus coletes salva-vidas, e ao fim do dia também os corpos dos pais. Um avô que os acompanhava só foi encontrado no dia seguinte. Os corpos dos homens que estavam pescando juntos nunca apareceram, ainda que os restos do barco tenham surgido na praia em Refuge Cove.

O corpo de Eric foi encontrado no terceiro dia. Juliet não teve permissão para vê-lo. Alguma coisa, diziam (querendo se referir a algum animal) o tinha atacado, depois de o corpo aparecer na praia.

Foi talvez por causa disso — porque ver o corpo era fora de questão e não havia necessidade de agente funerário — que entre os amigos mais antigos de Eric e seus companheiros pescadores ganhou força a ideia de cremar Eric na praia. Juliet não se opôs. Era preciso emitir um atestado de óbito, então ligaram para o escritório do médico em Powell River que ia uma vez por semana à

Whale Bay e ele concedeu a Ailo, que era sua assistente semanal, além de enfermeira registrada, a autoridade para fazer isso.

Havia muita madeira flutuante em volta, uma abundância daquela casca salgada de mar que rende uma fogueira superior. Em poucas horas tudo estava pronto. A notícia se espalhou — de algum modo, mesmo com tão pouco sobreaviso, começaram a chegar mulheres com comida. Foi Ailo quem assumiu o comando — seu sangue escandinavo, seu porte ereto e seu cabelo branco solto pareciam adequá-la naturalmente ao papel de Viúva do Mar. As crianças corriam em volta das toras, e eram enxotadas para longe da pira crescente, do embrulho amortalhado e surpreendentemente magro que era Eric. O café para a cerimônia foi dado pelas mulheres de uma das igrejas, e caixas de cerveja, assim como garrafas de bebida de todo tipo, foram discretamente deixados, por ora, nas malas dos carros e nas cabines das picapes.

Surgiu a questão de quem ia falar, e de quem acenderia a pira. Perguntaram a Juliet, será que ela queria fazer isso? E Juliet — nervosa e ocupada, entregando canecas de café — disse que elas tinham se enganado, que, como viúva, o certo seria ela se jogar nas chamas. Ela na verdade riu ao dizer isso, e aqueles que tinham perguntado recuaram, com medo de ela estar ficando histérica. O homem que tinha sido o parceiro mais constante de Eric no barco aceitou acender, mas disse que não servia para falar. Ocorreu a alguns que ele não teria sido boa escolha de qualquer jeito, já que sua esposa era anglicana evangélica, e ele poderia ter-se sentido obrigado a dizer coisas que teriam perturbado Eric caso ele pudesse ouvi-las. Então o marido de Ailo se ofereceu — era um homenzinho desfigurado por um incêndio num barco, anos atrás, um socialista ateu ranzinza, e em sua fala ele se perdeu de Eric, exceto quando o reivindicou como Irmão na Luta. Surpreendeu o tanto de tempo que ele falou, o que foi atribuído, posteriormente, à vida suprimida que levava sob o jugo de Ailo. Pode ter havido certa inquietação na plateia antes de seu recital de rancores ser interrompido, certa sensação de que o acontecimento podia estar saindo não tão esplêndido, não tão solene ou comovente como se teria esperado. Mas quando o fogo começou a arder essa sensação sumiu, e houve grande concentração, inclusive, ou especialmente, entre as crianças, até a hora em que um dos homens gritou:

— Tirem as crianças daqui.

Isso foi no momento em que as chamas tinham alcançado o corpo, trazendo a percepção, deveras tardia, de que o consumo da gordura, do coração, dos rins e do fígado poderia produzir sons explosivos ou sibilantes perturbadores de ouvir.

Assim, muitas crianças foram afastadas pelas mães — algumas foram sem reclamar, outras ficaram decepcionadas. Assim, o final da fogueira tornou-se uma cerimônia predominantemente masculina, e ligeiramente escandalosa, ainda que não, nesse caso, ilegal.

Juliet ficou ali, de olhos arregalados, se balançando sentada sobre os calcanhares, com o rosto colado no calor. Não estava exatamente ali. Pensou em quem mesmo?, Trelawny?, salvando o coração de Shelley das chamas. O coração, com seu longo histórico de significados. Que estranho pensar em como até naquela época, há não tanto tempo assim, um órgão da carne fosse considerado tão precioso, o *locus* da coragem e do amor. Era só carne, queimando. Nada que tivesse a ver com Eric.

Penelope não sabia nada do que estava acontecendo. Saiu uma notinha no jornal de Vancouver — não a respeito da fogueira na praia, claro, só do afogamento — mas nenhuma notícia de jornal ou rádio chegava até ela, no meio das montanhas Kootenay. Quando voltou a Vancouver, ela ligou para a mãe, da casa de sua amiga Heather. Christa respondeu — ela tinha voltado tarde demais para a cerimônia, mas estava com Juliet, e ajudando como podia. Christa disse que Juliet não estava — era mentira — e pediu para falar com a mãe de Heather. Ela explicou o que tinha acontecido, e disse que ia levar Juliet de carro a Vancouver, elas iriam imediatamente, e Juliet contaria pessoalmente a Penelope quando chegassem.

Christa deixou Juliet na casa em que estava Penelope, e Juliet entrou sozinha. A mãe de Heather levou-a até o solário, onde Penelope estava esperando. Penelope recebeu a notícia com uma expressão de medo, e então — quando Juliet pôs um tanto formalmente os braços em torno dela — com certo constrangimento. Talvez na casa de Heather, no solário branco, verde e laranja, com os irmãos de Heather jogando basquete no quintal, notícias tão dramáticas assim mal conseguissem ser absorvidas. A cremação não foi mencionada — naquela casa, naquele bairro, certamente teria parecido algo incivilizado, grotesco. Naquela casa, também, o comportamento de Juliet era mais jovial do que se esperava — ela estava agindo como *alguém que sabe brincar*.

A mãe de Heather entrou após bater de leve — com copos de chá gelado. Penelope bebeu de um gole e foi falar com Heather, que tinha ficado à espreita no corredor.

A mãe de Heather então conversou com Juliet. Pediu desculpas por se intrometer com questões práticas, mas disse que o tempo era curto. Ela e o pai

de Heather iam de carro para o leste dali a alguns dias para ver familiares. Iam ficar longe um mês, e tinham planejado levar Heather. (Os meninos iam para o acampamento.) Mas agora Heather tinha decidido que não queria ir, ela tinha implorado para ficar na casa, com Penelope. Uma menina de catorze anos e outra de treze não poderiam realmente ficar sozinhas, e tinha-lhe ocorrido que Juliet pudesse apreciar algum tempo longe, um refresco, depois do que tinha enfrentado. Depois de sua perda e sua tragédia.

Assim, Juliet logo se viu morando num mundo diferente, numa casa grande e impecável, decorada com cores vivas e bonitas, com aquilo que chamam de conveniências — mas que para ela eram luxos — por todo canto. Isso numa rua sinuosa ladeada de casas similares, atrás de arbustos podados e vistosos leitos de flores. Mesmo o clima, para aquele mês, foi perfeito — quente, com brisa, claro. Heather e Penelope iam nadar, jogavam *badminton* no quintal, iam ao cinema, assavam biscoitos, se empanturravam e faziam dieta, se bronzeavam, enchiam a casa de canções cujas letras pareciam sentimentais e irritantes a Juliet, às vezes convidavam amigas, não exatamente convidavam meninos mas tiveram conversas longas, provocantes e erráticas com alguns dos que passavam pela casa ou tinham se agrupado nas casas por perto. Por acaso, Juliet ouviu Penelope dizer a uma das meninas que foram visitar:

— Bem, para falar a verdade, eu nem conhecia ele direito.

Ela estava falando do pai.

Que estranho.

Ela nunca tinha tido medo de sair no barco, como Juliet, quando o mar estava virado. Ela o atazanava para ser levada e muitas vezes conseguia. Quando ia atrás de Eric, em seu colete laranja tão profissional, carregando os equipamentos que conseguia, ela sempre tinha uma expressão particular de seriedade e dedicação. Ela reparava nos ajustes das armadilhas e ficou hábil, rápida e implacável no descabeçamento dos camarões. Num certo estágio de sua infância — entre os oito e onze anos, talvez — ela sempre dizia que seria pescadora quando crescesse, e Eric dizia que hoje as meninas também pescavam. Juliet achava possível, já que Penelope era inteligente mas não livresca, além de exuberantemente atlética, e corajosa. Mas Eric, quando Penelope não estava ouvindo, dizia esperar que essa ideia fosse embora, que não desejava aquela vida para ninguém. Ele sempre falava assim, falava das dificuldades e da incerteza do trabalho que escolhera, mas se orgulhava, parecia a Juliet, exatamente dessas coisas.

E agora ele era posto de lado. Por Penelope, que tinha recentemente pintado as unhas de roxo e exibia uma tatuagem falsa na barriga. Ele, que tinha preenchido a vida dela. Ela o punha de lado.

Mas Juliet tinha a sensação de estar fazendo a mesma coisa. Naturalmente, ela estava ocupada procurando emprego e um lugar para morar. Ela já tinha colocado à venda a casa na Whale Bay — ela não conseguia sequer imaginar continuar ali. Tinha vendido a picape e dado os equipamentos de Eric, e todas as armadilhas que foram recuperadas, e o bote inflável. O filho crescido de Eric, que morava em Saskatchewan, tinha vindo pegar o cachorro.

Ela se candidatou a um emprego no departamento de referências da biblioteca da universidade, e a um emprego na biblioteca pública, e tinha a sensação de que ia conseguir um ou outro. Procurou apartamentos nas áreas de Kitsilano, Dunbar e Point Grey. A limpeza, o asseio e a praticidade da vida urbana continuavam a surpreendê-la. Era assim que as pessoas viviam nos lugares em que o trabalho do homem não se dava ao ar livre, e onde várias operações a ele relacionadas não terminavam em ambientes fechados. E onde o clima podia influenciar seu estado de espírito, mas não sua vida, onde questões drásticas como a mudança de hábitos dos camarões e do salmão, bem como sua disponibilidade, eram tão somente interessantes, ou sequer dignas de nota. A vida que ela estava levando na Whale Bay, há tão pouco tempo, parecia caótica, atulhada e exaustiva em comparação. E ela própria tinha sido purgada dos humores dos últimos meses — estava viva e competente, e mais bonita.

Eric devia vê-la agora.

Ela pensava assim em Eric o tempo todo. Não que ela não se desse conta de que Eric estava morto — isso não aconteceu nem por um instante. Mas mesmo assim ela continuava se referindo constantemente a ele, em sua cabeça, como se ele ainda fosse a pessoa para quem a existência dela fosse mais importante. Como se ele ainda fosse a pessoa em cujos olhos ela esperava brilhar. Também a pessoa para quem ela apresentava argumentos, informações, surpresas. Isso nela era um hábito tão forte, e acontecia de modo tão automático, que o fato da morte dele não parecia interferir nisso.

Sua última briga também não estava inteiramente resolvida. Ela ainda o responsabilizava por sua traição. Agora, quando ela se exibia um pouco, era em resposta a isso.

A tempestade, a recuperação do corpo, a fogueira na praia — aquilo tudo parecia um desfile a que ela tinha sido obrigada a assistir e no qual tinha sido obrigada a acreditar, que ainda não tinha nada a ver com Eric e com ela própria.

Ela conseguiu o emprego na biblioteca de referências, achou um apartamento de dois quartos que cabia certinho no orçamento, Penelope voltou para Torrance House, mas em regime de externato. Os pertences delas na Whale Bay foram entregues, a vida delas ali havia acabado. Até Christa estava se mudando, e viria para Vancouver na primavera.

Na véspera de Christa chegar, um dia em fevereiro, Juliet estava de pé embaixo da cobertura do ponto de ônibus depois do trabalho vespertino. A chuva do dia terminara, havia uma faixa de céu claro a oeste, vermelha onde o sol tinha se posto, na direção do estreito de Georgia. Esse sinal dos dias que iam ficando mais compridos, a promessa da mudança da estação, teve nela um efeito inesperado e esmagador.

Ela se deu conta de que Eric estava morto.

Como se aquele tempo todo, enquanto estava em Vancouver, ele tivesse ficado esperando em algum lugar, esperando para ver se ela retomaria sua vida com ele. Como se estar com ele fosse uma opção que tivesse permanecido aberta. A vida dela desde que tinha chegado ali ainda tinha sido vivida contra um plano de fundo de Eric, sem que ela jamais tivesse compreendido que Eric não existia. Nada dele existia. A memória dele no mundo cotidiano e ordinário estava em retirada.

É isso então o luto. Ela tem a sensação de que um saco de cimento foi derramado dentro dela e logo endureceu. Ela mal consegue se mexer. Entrar no ônibus, sair do ônibus, andar meia quadra até seu prédio (por que ela está morando ali?) é como escalar um precipício. E agora ela precisa esconder isso de Penelope.

Na mesa do jantar ela começou a tremer, mas não conseguia relaxar os dedos para soltar a faca e o garfo. Penelope veio até a mesa e abriu as mãos dela. Disse:

— É o papai, não é?

Juliet depois disse a algumas pessoas — como Christa — que aquelas pareceram as palavras mais profundamente libertadoras, as mais ternas, que qualquer pessoa jamais lhe tinha dito.

Penelope passou as mãos frias de cima a baixo pelo lado de dentro dos braços de Juliet. Telefonou para a biblioteca no dia seguinte para dizer que a mãe estava doente, e cuidou dela por alguns dias, faltando a escola até que Juliet se recuperasse. Ou pelo menos até o pior passar.

Durante aqueles dias, Juliet contou tudo a Penelope. Christa, a briga, a fogueira na praia (que até então ela tinha conseguido, quase por milagre,

esconder dela). Tudo.

— Eu não devia jogar tudo isso em você.

Penelope disse:

— É, bem, talvez não. — Mas acrescentou, firme: — Mas eu te perdoo. Acho que não sou mais criança.

Juliet voltou para o mundo. Crises como a que ela tinha tido no ponto de ônibus iam e vinham, mas nunca com a mesma força.

Graças a seu trabalho de pesquisa na biblioteca, ela conheceu algumas pessoas do canal da tv da Província, e aceitou um emprego que lhe ofereceram. Ela estava trabalhando ali havia um ano quando começou a fazer entrevistas. Toda a leitura indiscriminada que ela fizera por anos (e que Ailo tanto censurava, na época da Whale Bay), todas as pequeninas informações que ela tinha guardado, seu apetite aleatório e sua assimilação rápida, agora viriam a calhar. E ela cultivava um estilo autodepreciativo, vagamente implicante, que normalmente parecia ser bem recebido. Diante das câmeras, pouca coisa parecia perturbá-la. Mas, na verdade, ela voltava para casa e ficava repassando tudo, soltando gemidos ou palavrões ao recordar algo que podia ser percebido como gaguejo ou tropeço, ou, pior ainda, uma pronúncia errada.

Após cinco anos, os cartões de aniversário pararam de chegar.

— Isso não significa nada, disse Christa. — O único propósito deles era dizer a você que ela está viva em algum lugar. Agora ela entendeu que você captou a mensagem. Ela confia em você para não mandar ninguém rastreá-la. Só isso.

— Será que eu joguei coisas demais nas costas dela?

— Ah, Jul.

— Não estou falando só da morte de Eric. Os outros homens, depois. Deixei ela ver aflição demais. A minha aflição idiota.

Pois Juliet tinha tido dois casos entre as idades de catorze e de vinte e um anos de Penelope, e durante ambos ela conseguiu ficar febrilmente apaixonada, ainda que depois se envergonhasse. Um dos homens era bem mais velho do que ela, e tinha um casamento sólido. O outro era bem mais jovem, e ficava alarmado com suas emoções fáceis. Depois até ela se indagou a respeito delas. Realmente não tinha se importado nem um pouco com ele, disse.

— Eu acharia que não — disse Christa, que estava cansada. — Não sei.

— Deus do céu. Que burra fui eu. Eu não fico mais assim por causa de homem, fico?

Christa não falou que poderia ser por falta de candidatos.

— Fica não, Jul. Fica não.

— Na verdade, não fiz nada tão terrível assim — disse Juliet então, melhorando os ânimos. — Por que eu fico lamentando que seja minha culpa? Ela é uma charada, isso sim. Preciso encarar isso.

— Uma charada e uma insensível — disse ela, numa paródia de resolução.

— Não — disse Christa.

— Não — disse Juliet. — Não, não é verdade.

Depois de passar o segundo junho sem notícias, Juliet decidiu se mudar. Nos primeiros cinco anos, como dissera a Christa, ela tinha esperado por junho, perguntando-se o que viria. Do jeito que as coisas estavam agora, ela tinha de se perguntar todos os dias. E ficar decepcionada todos os dias.

Ela se mudou para um arranha-céu no West End. Chegou a pensar em jogar fora o que havia no quarto de Penelope, mas no fim guardou tudo em sacos de lixo e levou consigo. Agora ela só tinha um quarto, mas havia espaço de armazenagem no porão.

Ela começou a correr no parque Stanley. Agora ela raramente mencionava Penelope, inclusive para Christa. Tinha um namorado — era assim que se dizia agora — que nunca tinha ouvido falar nada sobre sua filha.

Christa foi ficando cada vez mais magra e temperamental. Muito repentinamente, num janeiro, morreu.

Não se fica para sempre aparecendo na televisão. Por mais que um rosto agrade os espectadores, chega uma hora em que eles preferem alguém diferente. Juliet recebeu outras propostas — pesquisa, redação de narração de documentários de natureza — mas recusou-as com alegria, dizendo que precisava de uma mudança total. Voltou para as Letras Clássicas — um departamento ainda menor do que antes — e sua intenção era continuar a escrever sua tese de doutorado. Ela saiu do apartamento no arranha-céu e foi para um conjugado, para poupar dinheiro.

Seu namorado arrumou um emprego de professor na China.

O conjugado ficava no porão de uma casa, mas as portas de correr no fundo davam para o térreo. E ali ela tinha um pequeno pátio de tijolos, uma treliça com ervilha-de-cheiro e clemátis, ervas e flores em potes. Pela primeira vez na vida, e numa escala bem mais humilde, ela cuidava de plantas, como seu pai tinha cuidado.

Às vezes as pessoas lhe diziam — nas lojas, ou no ônibus do campus — “Com licença, mas seu rosto me parece tão familiar”, ou “Você não é aquela

senhora que costumava aparecer na televisão?” Mas após cerca de um ano isso passou. Ela passava muito tempo sentada lendo, bebendo café nas mesas da calçada, e ninguém a notava. Deixou o cabelo crescer. Durante os anos em que ficou pintado de vermelho, ele perdeu o vigor de seu castanho natural — agora era de um castanho prateado, fino e ondulado. Ela se lembrava da mãe, Sara. Do cabelo macio, louro, esvoaçante, ficando cinza e depois branco.

Ela não tinha mais espaço para receber ninguém para jantar, e perdeu o interesse em receitas. Comia refeições que eram nutritivas o bastante, mas monótonas. Sem ter exatamente essa intenção, perdeu o contato com a maioria dos amigos.

Não era de espantar. Ela agora vivia uma vida o mais diferente possível da vida da mulher famosa, vivaz, interessada, infinitamente bem informada que um dia fora. Ela vivia entre os livros, lendo durante a maior parte de suas horas de vigília e sendo obrigada a aprofundar ou alterar alguma premissa que tivesse tomado como ponto de partida. Com frequência ela perdia o noticiário mundial por uma semana inteira.

Ela tinha desistido da tese e ficado interessada em alguns autores conhecidos como romancistas gregos, cuja obra surgiu bem tardiamente na história da literatura grega (começando no primeiro século Antes da Era Comum, como agora ela tinha aprendido a dizer, e indo até o começo da Idade Média). Aristides, Longo, Heliodoro, Aquiles Tácio. Boa parte da obra deles está perdida, ou fragmentada, e é também considerada indecente. Mas há um romance escrito por Heliodoro, *História etíope* (originalmente de uma biblioteca particular, obtido durante o sítio de Buda), que é conhecido na Europa desde sua impressão em Basileia em 1534.

Nessa história, a rainha da Etiópia dá à luz um bebê branco, e teme ser acusada de adultério. Assim, ela entrega o bebê — uma menina — aos cuidados dos gimnosofistas — isso é, os filósofos nus, que são ermitões e místicos. A menina, chamada Caricleia, acaba sendo levada a Delfos, onde se torna uma das sacerdotisas de Ártemis. Ali ela conhece um nobre da Tessália chamado Teágenes, que se apaixona por ela e, com a ajuda de um egípcio inteligente, tira-a dali. A rainha da Etiópia, por sua vez, nunca deixou de ter saudades da filha e contratou exatamente aquele egípcio para procurá-la. Fatalidades e aventuras sucedem-se até que todos os principais personagens se encontram em Méroe, e Caricleia é resgatada — de novo — exatamente na hora em que está prestes a ser sacrificada por seu próprio pai.

Ali havia um excesso de temas interessantes, e a história exercia sobre Juliet um fascínio naturalmente prolongado. Ela tentou descobrir o máximo que podia sobre aquele povo, normalmente chamado de filósofos hindus. Será que, nesse caso, se presumia que a Índia ficasse ao lado da Etiópia? Não — Heliodoro veio numa época tardia o bastante para conhecer melhor geografia. Os gimnosofistas teriam de ser um povo errante, espalhados por uma grande área, atraindo e repelindo aqueles em cujo meio viviam com sua ferrenha devoção à pureza da vida e do pensamento, seu desprezo pelas posses materiais, inclusive por roupas e comida. Uma bonita donzela criada entre eles poderia perfeitamente ser possuída de um afã por uma vida de nudez e de êxtase.

Juliet tinha feito um novo amigo, chamado Larry. Ele dava aulas de grego, e tinha deixado Juliet guardar os sacos de lixo no porão da sua casa. Ele gostava de imaginar como eles transformariam a *História etíope* num musical. Juliet colaborava com essa fantasia, inventando até canções maravilhosamente bobas e efeitos de palco absurdos. Mas ela tinha um desejo secreto de bolar um final diferente, que envolveria renúncia, uma procura no passado, em que a garota com certeza encontraria trapaceiros e charlatães, impostores, porcas imitações daquilo que estava realmente procurando. Que era, enfim, a reconciliação com a rainha da Etiópia, errante, arrependida, essencialmente magnânima.

Juliet estava quase certa de ter visto a Mãe Shipton ali em Vancouver. Ela tinha levado algumas roupas que nunca mais ia usar (seu guarda-roupas ia ficando cada vez mais utilitário) a um bazar beneficente do Exército da Salvação, e, ao colocar a bolsa no chão da sala de coleta viu uma senhora gorda de *muumuu* colocando etiquetas em calças. A mulher estava conversando com os outros funcionários. Ela parecia uma supervisora, uma capataz bem-humorada mas vigilante — ou talvez tivesse o ar de uma mulher que assumiria aquele papel tendo ou não alguma superioridade oficial.

Se era de fato a Mãe Shipton, ela tinha decaído no mundo. Mas nem tanto. Afinal, se era a Mãe Shipton, será que ela não teria reservas de otimismo e de autoaprovação a ponto de tornar impossível uma queda verdadeira?

Reservas de conselhos, de conselhos perniciosos, também.

Ela chegou a nós com uma sede enorme.

Juliet contou a Larry sobre Penelope. Ela precisava ter alguém que soubesse.

— Será que eu deveria ter conversado com ela sobre uma vida mais nobre? — disse. — Sobre sacrifício? Sobre abrir sua vida para as necessidades de

estranhos? Nunca pensei nisso. Devo ter agido como se o fato de ela ficar igual a mim fosse bom o bastante. Será que isso a deixou nauseada?

Larry não era um homem que quisesse de Juliet algo além de sua amizade e de seu bom humor. Ele era aquilo que se costumava chamar de um solteirão das antigas, assexuado até onde ela conseguia dizer (mas provavelmente ela não conseguia dizer o suficiente), melindroso quanto a qualquer revelação pessoal, infinitamente divertido.

Dois outros homens apareceram querendo ficar com ela. Um ela conheceu quando ele se sentou em sua mesa na calçada. Tinha acabado de ficar viúvo. Ela gostava dele, mas sua solidão era tão aguda, e ele a cortejava tão desesperadamente, que ela ficou alarmada.

O outro homem era o irmão de Christa, com quem ela tinha se encontrado diversas vezes durante a vida da amiga. A companhia dele combinava com ela — sob muitos aspectos, ele era como Christa. O casamento dele tinha acabado havia muito tempo, mas ele não estava desesperado — ela sabia, por Christa, que tinha havido mulheres dispostas a se casarem com ele, que ele tinha evitado. Mas ele era racional demais, a escolha dela era quase a sangue frio, havia algo de humilhante nisso.

Mas por que humilhante? Se ela não o amava.

Foi enquanto ela ainda estava saindo com o irmão de Christa — o nome dele era Gary Lamb — que ela esbarrou em Heather, numa rua do centro de Vancouver. Juliet e Gary tinham acabado de sair de um cinema onde tinham ido ver uma sessão no início de noite, e estavam discutindo onde jantar. Era uma noite quente de verão, a luz ainda não tinha se ausentado do céu.

Uma mulher se separou de um grupo na calçada. Veio direto falar com Juliet. Uma mulher magra, talvez perto dos quarenta. Estilosa, com mechas caramelo no cabelo escuro.

— Senhora Porteous. Senhora Porteous.

Juliet conhecia a voz, mas jamais reconheceria o rosto. Heather.

— Que coisa incrível — disse Heather. — Estou passando três dias aqui e vou embora amanhã. Meu marido está participando de um congresso. Estava pensando que não conheço mais ninguém aqui e aí me viro e vejo a senhora.

Juliet perguntou onde ela estava morando agora e ela falou que era em Connecticut.

— E umas três semanas atrás eu estava visitando o Josh (lembra do meu irmão Josh?) eu estava visitando meu irmão Josh e a família dele em Edmonton

e esbarrei em Penelope. Simplesmente assim, na rua. Não, na verdade foi no shopping, naquele shopping enorme que tem lá. Ela estava com alguns dos filhos dela, ela tinha levado as crianças para comprar uniformes para aquela escola lá que eles frequentam. Os meninos. Ficamos as duas estupefatas. Eu não a reconheci imediatamente, mas ela me reconheceu. Tinha descido de avião, claro. Lá daquele lugar ao norte. Mas ela diz que é bem civilizado, mesmo. E disse que você ainda estava morando aqui. Mas estou com esse grupo — são os amigos do meu marido — e realmente não tive tempo de telefonar...

Juliet fez algum gesto para dizer que claro que não havia tempo e que ela não esperava receber um telefonema.

Ela perguntou quantos filhos Heather tinha.

— Três. Todos uns monstros. Espero que cresçam logo. Mas minha vida é uma brincadeira em comparação com a de Penelope. *Cinco*.

— Pois é.

— Preciso correr agora, vamos ver um filme. Não sei nada sobre ele. Nem gosto de filmes franceses. Mas foi totalmente ótimo encontrar você assim. Minha mãe e meu pai se mudaram para White Rock. Eles sempre viam você na tv. Costumavam contar vantagem para os amigos que você tinha morado na nossa casa. Dizem que você saiu, você não aguentou mais?

— Algo assim.

— Já vou, já vou. — Ela abraçou e beijou Juliet, do modo como todo mundo fazia agora, e correu para juntar-se a seu grupo.

Então. Penelope não morava em Edmonton — ela tinha *descido* para Edmonton. De avião. Isso queria dizer que ela devia morar em Whitehorse ou em Yellowknife. Que outro lugar poderia ser descrito como *bem civilizado*? Talvez ela estivesse sendo irônica, escarnecendo um pouco de Heather, quando disse aquilo.

Ela tinha cinco filhos e pelo menos dois eram meninos. Eles estavam comprando uniformes escolares. Isso significava uma escola particular. Isso significava dinheiro.

Heather não a reconheceu de imediato. Será que isso significava que ela tinha envelhecido? Que estava fora de forma depois de cinco filhos, que não tinha *cuidado de si mesma*? Como Heather tinha. Como Juliet tinha, numa certa medida. Que ela era uma dessas mulheres para quem toda a ideia dessa luta parecia ridícula, uma confissão de insegurança? Ou simplesmente algo para que ela não tinha tempo — algo distante demais de sua consideração.

Juliet pensou em Penelope envolvida com transcendentalistas, tendo se tornado uma mística, passando a vida em contemplação. Ou então — exatamente o contrário, mas algo ainda radicalmente simples e espartano — tinha pensado nela ganhando a vida de maneira rude e arriscada, pescando, talvez com um marido, talvez também com alguns filhos pequenos e fortes, nas águas frias da Passagem Interior, ao lado da costa da Colúmbia Britânica.

Nada disso. Ela estava vivendo a vida de uma matrona próspera e prática. Casada com um médico, talvez, ou com algum desses funcionários públicos responsáveis pelas partes ao norte do país no momento em que seu controle está sendo gradual e cuidadosamente, mas com certo alarde, entregue ao povo nativo. Se ela algum dia reencontrasse Penelope, elas poderiam rir a respeito de quão errada Juliet tinha estado. Quando contassem a respeito de seus encontros distintos com Heather, como aquilo era esquisito, ririam.

Não. Não. O fato certamente era que ela já tinha rido demais perto de Penelope. Coisas demais tinham sido piadas. Assim como coisas demais — coisas pessoais, amores que talvez não tenham sido mais do que gratificações — foram tragédias. Faltaram-lhe inibições maternas suficientes, além de decoro e autocontrole.

Penelope tinha dito que ela, Juliet, ainda estava morando em Vancouver. Ela não tinha dito a Heather nada a respeito do rompimento. Certamente não. Se Heather soubesse, não teria falado de um jeito tão relaxado.

Como Penelope sabia que ela ainda estava ali, a menos que tivesse conferido no catálogo telefônico? E, se tinha conferido, o que significava isso?

Nada. Não faça isso significar alguma coisa.

Ela andou até a ponta da calçada para ficar junto de Gary, que, com tato, tinha se afastado da cena do reencontro.

Whitehorse, Yellowknife. Era realmente doloroso saber os nomes desses lugares — lugares para os quais ela podia pegar um avião. Lugares em que ela podia vagar pelas ruas, bolando planos para conseguir dar uma olhada.

Mas ela não estava tão louca. Ela não podia estar tão louca.

No jantar, ela pensou que a notícia que tinha acabado de absorver a colocava numa situação melhor para se casar com Gary, ou para morar com ele — o que quer que ele quisesse. Não havia nada com que se preocupar, nem para deixar em suspenso, em relação a Penelope. Penelope não era um fantasma, ela estava segura, na medida em que qualquer pessoa pode estar segura, e provavelmente era tão feliz quanto qualquer pessoa. Ela tinha se distanciado de Juliet e muito

provavelmente da lembrança de Juliet, e não havia nada melhor para Juliet fazer do que distanciar-se também.

Mas ela tinha dito a Heather que Juliet estava morando em Vancouver. Será que ela tinha dito *Juliet*? Ou *Mãe. Minha mãe*.

Juliet disse a Gary que Heather era filha de antigos amigos. Ela nunca tinha falado com ele sobre Penelope, e ele nunca tinha dado qualquer sinal de saber da existência dela. Era possível que Christa tivesse contado algo, e que ele tivesse ficado quieto por considerar que aquilo não era da conta dele. Ou que Christa tivesse contado, e ele tivesse esquecido. Ou que Christa nunca tivesse dito nada sobre Penelope, nem mesmo seu nome.

Se Juliet vivesse com ele, o fato de Penelope nunca viria à tona, Penelope não existiria.

E Penelope não existia. A Penelope buscada por Juliet tinha sumido. A mulher que Heather tinha visto em Edmonton, a mãe que tinha levado os filhos a Edmonton para comprar uniformes escolares, que tinha mudado tanto de rosto e de corpo que Heather não a reconheceu, não era ninguém que Juliet conhecesse.

Será que Juliet acredita nisso?

Se Gary notou que ela estava agitada, fingiu não reparar. Mas foi provavelmente naquela noite que os dois entenderam que nunca ficariam juntos. Se tivesse sido possível que eles ficassem juntos, ela talvez tivesse dito a ele: *Minha filha foi embora sem se despedir de mim e na verdade na época ela nem sabia que estava indo. Não sabia que era para sempre. Então pouco a pouco, imagino, ela foi percebendo o quanto queria ficar longe. Foi simplesmente um jeito que ela encontrou de dar conta da vida.*

Talvez seja explicar isso para mim que ela não consiga. Ou talvez ela não tenha tempo de explicar, mesmo. Você sabe, a gente sempre acha que existe essa ou aquela razão e fica tentando achar razões. E eu poderia falar muito sobre o que eu fiz errado. Mas acho que a razão pode ser algo que não é tão fácil de desenterrar. Alguma coisa como uma pureza da natureza dela. Sim. Uma certa fineza, um rigor e uma pureza, uma honestidade tremendamente sólida nela. Meu pai, quando não gostava de alguém, costumava dizer que não tinha serventia para aquela pessoa. Será que essas palavras não podem querer dizer aquilo que simplesmente estão dizendo? Penelope não tem serventia para mim.

Talvez ela me ache insuportável. É possível.

Juliet tem amigos. Nem tantos agora — mas amigos. Larry continua a visitar, e a brincar. Ela prossegue os estudos. A palavra *estudos* não parece descrever

muito bem o que ela faz — *pesquisas* seria melhor.

E, com o dinheiro curto, ela trabalha algumas horas por semana no café em cujas mesas ela costumava passar tanto tempo. Ela acha que esse trabalho é um bom contrapeso a seu envolvimento com os gregos antigos — tanto que ela acha que não iria embora nem se pudesse se dar esse luxo.

Ela continua tendo esperanças de que Penelope se manifeste, mas sem se desgastar muito com isso. Ela espera do jeito que as pessoas que já aprenderam sua lição esperam por bênçãos imerecidas, remissões espontâneas, coisas desse tipo.

Paixão

Há não muito tempo, Grace foi procurar a casa de veraneio dos Travers no vale de Ottawa. Havia muitos anos que ela não ia àquela região do país, e claro que tinha havido mudanças. Agora a Estrada 7 evitava cidades que costumava atravessar, e seguia reto por lugares em que, segundo o que ela lembrava, costumava haver curvas. E aquela parte do Escudo Canadense tem muitos lagos pequenos, que o mapa comum não tem espaço para identificar. Mesmo depois de ela ter localizado o lago Little Sabot, ou de ter achado que tinha, parecia haver estradas demais levando até ele a partir da estrada do condado, e depois, quando ela tinha escolhido uma dessas estradas, um número grande demais de estradas pavimentadas cruzando-a, todas com nomes de que ela não conseguia lembrar. Na verdade, não havia nenhum nome de rua quando ela tinha estado ali havia mais de quarenta anos. Nem asfalto. Havia só uma única estrada de terra que ia dar no lago, e a outra estrada de terra que, bem desordenadamente, seguia sua margem.

Agora havia uma cidadezinha. Ou um subúrbio, talvez desse para chamar assim, porque ela não viu nenhum correio, nem a menos promissora das lojas de conveniências. O assentamento estava disposto umas quatro ou cinco ruas ao longo do lago, com pequenas casas costuradas bem perto em lotes pequenos. Algumas delas eram sem dúvida locais de veraneio — as janelas já estavam tapadas com tábuas para o inverno. Mas muitas outras exibiam sinais de que eram habitadas o ano inteiro — habitadas, em muitos casos, por pessoas que enchiam os quintais de aparelhos de ginástica de plástico, churrasqueiras, bicicletas ergométricas, motocicletas e mesas de piquenique, onde algumas delas estavam sentadas, almoçando ou tomando cerveja naquele dia de setembro que ainda estava quente. E por outras pessoas, nem tão visíveis — eram talvez estudantes, ou hippies velhos que moravam sozinhos — que colocavam bandeiras, lençóis ou folhas de papel-alumínio no lugar das cortinas. Casas

pequenas, em sua maioria decentes, baratas, algumas preparadas para aguentar o inverno, outras não.

Grace teria decidido voltar caso não tivesse visto a casa octogonal, com os entalhes contornando o telhado, e portas parede sim, parede não. A casa dos Woods. Ela sempre se lembrava dela como se tivesse oito portas, mas parecia haver apenas quatro. Ela nunca tinha estado dentro para ver como, ou se, o espaço estava dividido em cômodos. Ela achava que ninguém da família Travers jamais tinha estado dentro também. Antigamente, a casa era cercada por grandes sebes, e pelos brilhantes álamos que sempre farfalhavam com o vento que corria pela margem. O sr. e a sra. Woods eram velhos — como Grace agora — e não pareciam receber visitas de quaisquer amigos ou filhos. Sua casa pitoresca e original agora tinha uma aparência desamparada, deslocada. Os vizinhos, com seus enormes aparelhos de som e seus veículos às vezes desmembrados, seus brinquedos e seus varais, estavam aglomerados dos dois lados dela.

Foi a mesma coisa com a casa dos Travers quando ela a encontrou, a mais ou menos uns quatrocentos metros naquela rua. A rua agora passava na frente dela, em vez de terminar ali, e as casas dos dois lados estavam a pouquíssimos metros da varanda larga que a cercava por inteiro.

Tinha sido a primeira casa que Grace tinha visto construída daquele jeito — um piso, o telhado principal continuando ininterruptamente por cima da varanda, de todos os lados. Depois ela viu muitas outras como aquela, na Austrália. Um estilo que fazia pensar em verões quentes.

Antigamente dava para sair correndo da varanda, passar por um trecho arenoso de mato e morangos selvagens, também propriedade da família Travers, e então pular — não, na verdade, ir entrando aos poucos — no lago. Agora mal dava para ver o lago, por causa da enorme casa — uma das poucas casas comuns de subúrbio ali, com garagem para dois carros — que tinha sido construída ao longo daquele caminho mesmo.

O que Grace estava realmente procurando quando empreendeu essa expedição? Talvez o pior tivesse sido ela conseguir exatamente aquilo que pensava que estava querendo. Um teto para abrigá-la, janelas com telas, o lago na frente, e, atrás, o bloco de bordos e cedros e a fragrância da resina dos choupos. Tudo perfeitamente preservado, o passado intacto, porque dela própria não seria possível dizer a mesma coisa. Encontrar algo tão diminuído, ainda existente mas tornado irrelevante — como agora parecia a casa dos Travers, com as claraboias acrescentadas, sua assustadora pintura azul — poderia doer menos a longo prazo.

E se você vê que tudo se foi? Você protesta. Se alguém aparece para te ouvir, você lamenta a perda. Mas será que uma sensação de alívio não passaria por você, uma sensação de que antigas confusões ou obrigações foram varridas para longe?

O sr. Travers tinha construído a casa — isso é, ele tinha mandado construí-la, como presente surpresa de casamento para a sra. Travers. Quando Grace a viu pela primeira vez, a casa teria talvez trinta anos. Os filhos da sra. Travers tinham nascido separados por longos intervalos — Gretchen tinha uns vinte e oito, vinte e nove anos, já estava casada e também era mãe, e Maury, com uns vinte e um, estava no último ano da faculdade. E ainda havia Neil, no meio dos trinta. Mas Neil não era Travers. Era Neil Borrow. A sra. Travers tinha sido casada antes, com um homem que morrera. Ela tinha ganhado a vida, e sustentado o filho, como professora de inglês corporativo numa escola de secretárias. O sr. Travers, quando se referia a essa época da vida dela antes de conhecê-lo, falava de um tempo de agruras quase comparáveis à servidão penal, algo que dificilmente poderia ser compensado por uma vida inteira de conforto, a qual ele ofereceria com um sorriso.

Não era assim, de jeito nenhum, que a própria sra. Travers falava desse período. Ela tinha morado com Neil numa casa enorme, antiga, dividida em apartamentos, não muito distante da ferrovia de Pembroke, e muitas das histórias que ela contava na mesa do jantar diziam respeito a coisas que tinham acontecido ali, aos outros inquilinos, e ao senhorio franco-canadense, de quem ela imitava o francês rude e inglês confuso. As histórias talvez tivessem títulos, como as histórias de Thurber que Grace tinha lido na *Antologia do humor americano*, encontrada inexplicavelmente na estante da biblioteca nos fundos da sala do décimo ano da escola. (Naquela estante também havia *The Last of the Barons* [*O último dos barões*] e *Two Years Before the Mast* [*Dois anos diante do mastro*].)

“A noite em que a velha sra. Cromarty saiu pelo telhado.” “Como o carteiro cortejou a srta. Flowers.” “O cão que comia sardinhas.”

O sr. Travers nunca contava histórias, e pouco tinha a dizer no jantar, mas, se ele visse você olhando, digamos, a lareira de pedra aparelhada, ele poderia dizer “Você tem interesse por pedras?”, e contar de onde cada uma delas tinha vindo, e como ele tinha procurado e procurado aquele granito rosa em particular, porque a sra. Travers certa vez exclamara diante de uma pedra dessas, vislumbrada num trecho da estrada aberto no meio da rocha. Ou ele talvez

mostrasse algumas características nem tão diferentes assim que ele mesmo tinha acrescentado ao desenho da casa — as prateleiras do armário do canto que giravam para fora na cozinha, o espaço para guardar coisas debaixo dos bancos nas janelas. Ele era um homem alto, encurvado, que falava baixo e tinha cabelo fino, penteado para cobrir a careca. Usava sapatos de banho quando entrava na água, e, ainda que não parecesse gordo nas roupas habituais, nessas horas exibia uma panqueca de carne branca dobrada transbordando por cima do calção de banho.

Grace trabalhou naquele verão no hotel de Bailey's Falls, ao norte do lago Little Sabot. No começo da temporada, a família Travers tinha ido jantar ali. Ela não tinha reparado neles — eles não estavam numa das mesas que ela servia, e aquela noite estava cheia. Ela estava arrumando uma mesa para um novo grupo quando percebeu que alguém esperava para falar com ela.

Era Maury. Ele disse:

— Eu queria saber se você não gostaria de sair comigo um dia desses.

Grace mal tirou os olhos da arrumação dos talheres. Disse: — Alguém te desafiou? — porque a voz dele estava alta e nervosa, e ele ficou parado ali todo duro, como que forçando a si mesmo. E era sabido que às vezes os rapazes de algum grupo dos chalés ficavam desafiando uns ao outros a chamar alguma garçonete para sair. Não era totalmente piada — eles realmente apareciam, se o convite fosse aceito, ainda que às vezes eles só quisessem levá-las para dentro do carro, sem nem ir ao cinema ou tomar um café. Assim, para uma garota, aceitar era considerado muito vergonhoso, coisa de gente necessitada.

— O quê? — disse ele, dolorosamente, e então Grace parou e olhou-o. Ela teve a impressão de tê-lo visto por inteiro naquele momento, o verdadeiro Maury. Assustado, intenso, inocente, determinado.

— Ok — disse ela, rapidamente.

Talvez ela quisesse ter dito ok, calma aí, eu sei que você não foi desafiado, eu sei que você não faria isso. Ou ok, eu saio com você. Ela mesma mal sabia o que tinha sido. Mas ele entendeu como concordância, e imediatamente combinou — sem abaixar a voz, nem reparar nos olhares que estava recebendo dos clientes em volta deles — que a pegaria depois do trabalho na noite seguinte.

Ele a levou ao cinema. Viram *O pai da noiva*. Grace detestou. Ela detestava garotas que eram como Elizabeth Taylor naquele filme, detestava garotas ricas mimadas de quem nada se esperava além de que fizessem bajulações e

exigências. Maury disse que aquilo era para ser só uma comédia, mas ela disse que a questão não era essa. Ela não conseguia explicar qual era. Qualquer um pensaria que era porque ela trabalhava como garçonne e era pobre demais para fazer faculdade, e que se ela quisesse qualquer coisa parecida com aquele casamento ela teria de passar anos poupando para pagar do próprio bolso. (Maury realmente achava isso, e ficava tomado de respeito, quase de reverência.)

Ela não conseguia explicar ou entender muito bem que não era simplesmente ciúme que ela sentia, era raiva. E não por que ela não podia fazer compras nem se vestir daquele jeito. Era porque era assim que se esperava que as garotas fossem. Era isso que os homens — as pessoas, todo mundo — achavam que elas deviam ser. Bonitas, valorizadas, mimadas, egoístas, de miolo mole. Era isso que devia ser uma menina, era por isso que alguém devia se apaixonar. Então ela ia virar mãe e ia ficar toda piegas dedicada aos filhinhos. Não ia mais ser egoísta, só ia ter miolo mole. Para sempre.

Ela estava praguejando a respeito disso sentada ao lado de um garoto que tinha se apaixonado por ela porque tinha acreditado — instantaneamente — que a inteligência e a alma dela eram íntegras, especiais, e que tinha visto a pobreza dela como um verniz romântico em cima daquilo. (Ele teria sabido que ela era pobre não por causa do emprego que ela tinha, mas por causa de seu forte sotaque do vale de Ottawa, do qual naquele momento ela não estava ciente.)

Ele honrou os sentimentos dela a respeito do filme. De fato, agora que ele tinha ouvido os esforços zangados dela para explicar, ele se esforçava para dizer alguma coisa, por sua vez. Ele dizia que agora percebia que não era uma coisa tão simples assim, tão *feminina*, quanto ciúme. Ele percebia isso. Era que ela não tolerava a frivolidade, que não se contentava em ser como a maioria das garotas. Ela era especial.

Grace sempre se lembrava do que estava usando naquela noite. Saia bailarina azul escura, blusa branca — e pelos ilhós da guarnição de renda era possível ver a parte de cima dos seios —, e um cinto elástico largo, cor-de-rosa. Havia uma discrepância, sem dúvida, entre a maneira como ela se apresentava e a maneira como ela queria ser julgada. Mas nada nela era afetado, atrevido ou polido segundo o estilo daquela época. Um pouco rota nas bordas, na verdade, dando um certo ar cigano, com as pulseiras baratas pintadas de prata, e o longo cabelo encaracolado, de aparência selvagem, que ela tinha de colocar numa rede quando servia as mesas.

Especial.

Ele tinha falado dela para a mãe, e a mãe disse: “Você precisa trazer essa sua Grace para jantar.”

Era tudo novo para ela, tudo imediatamente delicioso. Na verdade, ela se apaixonou pela sra. Travers, bem como Maury tinha se apaixonado por ela. Não era da natureza dela, claro, ficar tão abertamente pasma, em tanta veneração, quanto ele.

Grace tinha sido criada pela tia e pelo tio, na verdade sua tia-avó e seu tio-avô. A mãe tinha morrido quando ela tinha três anos, e o pai dela tinha se mudado para Saskatchewan, onde tinha outra família. Seus pais postiços eram bondosos, até orgulhosos dela, mesmo que desorientados, mas não eram dados a conversar. O tio ganhava a vida empalhando cadeiras, e tinha ensinado Grace a empalhar, para poder ajudá-lo, e em algum momento assumir seu lugar, porque sua vista estava ficando ruim. Mas aí ela tinha arrumado o emprego de verão em Bailey’s Falls, e, ainda que fosse difícil para ele — para a tia também — deixá-la ir, eles achavam que ela precisava conhecer a vida antes de se assentar.

Ela estava com vinte anos e tinha acabado de concluir o secundário. Devia ter terminado um ano antes, mas tinha feito uma escolha peculiar. Na cidadezinha pequenina onde morava — não era longe da Pembroke natal da sra. Travers — havia uma escola secundária, que oferecia cinco anos, para preparar você para os exames do governo e aquilo que então era chamado de matrícula dos veteranos. Nunca era necessário estudar todas as matérias oferecidas, e, no fim de seu primeiro ano — que deveria ter sido o último, o décimo terceiro — Grace tentou os exames de história, botânica, zoologia, inglês, latim e francês, e teve notas altas, ainda que não fosse necessário. Mas lá estava ela em setembro, de volta, querendo estudar física e química, trigonometria, geometria e álgebra, ainda que essas matérias fossem consideradas particularmente difíceis para meninas. Ao terminar aquele ano, ela teria feito todas as matérias do décimo terceiro ano, exceto grego, italiano, espanhol e alemão, que não eram ensinadas por professor nenhum em sua escola. Ela foi honrosamente bem em todos os três ramos da matemática e nas ciências, ainda que seus resultados não tenham sido tão espetaculares quanto os do ano anterior. Ela tinha até considerado, à época, aprender sozinha grego, espanhol, italiano e alemão, para poder tentar aqueles exames no ano seguinte. Mas o diretor da escola teve uma conversa com ela para dizer que aquilo não a levaria a nada, já que ela não ia poder fazer faculdade, e

de qualquer jeito nenhum curso universitário exigia tantas matérias. Por que ela estava fazendo aquilo? Ela tinha algum plano?

Não, disse Grace, ela só queria aprender tudo que era possível aprender de graça. Antes de iniciar sua carreira de empalhadora.

Era o diretor que conhecia o gerente da pousada, e disse que ia falar dela caso ela quisesse fazer um teste para um emprego de verão como garçom. Também ele falou em conhecer a vida.

Então nem o homem encarregado de todo o estudo daquele lugar achava que o estudo tinha a ver com a vida. E todas as pessoas a quem Grace contou o que tinha feito — ela contava para explicar por que demorou a sair do secundário — disseram algo do tipo *você devia estar maluca*.

Exceto a sra. Travers, que tinha sido mandada para uma faculdade profissionalizante e não para uma faculdade de verdade, porque lhe disseram que tinha de ser útil, e agora, como disse, mais do que nunca desejava ter em vez disso — ou primeiro — enchido a cabeça daquilo que era inútil.

— Mas é verdade que você precisa ganhar a vida — disse. — Empalhar cadeiras parece de qualquer jeito uma coisa útil de se fazer. Vamos ter de esperar e ver.

Ver o quê? Grace não queria pensar no futuro nem por um instante. Ela queria que a vida continuasse exatamente como agora. Ao trocar turnos com outra garota, ela tinha conseguido ficar com os domingos livres, a partir do café da manhã. Isso significava que ela sempre trabalhava até tarde no sábado. Na verdade, significava que ela tinha trocado tempo com Maury por tempo com a família de Maury. Ela e Maury agora nunca podiam ver um filme, nunca podiam ter um encontro só deles. Mas ele a pegava no fim do turno, por volta das onze, e eles andavam de carro, paravam para tomar um sorvete ou comer um hambúrguer — Maury tinha escrúpulos quanto a levá-la a um bar, porque ela ainda não tinha completado vinte e um anos — e então eles acabavam ficando no carro em algum lugar.

As lembranças de Gracie dessas sessões no carro — que podiam durar até uma ou duas da manhã — mostraram-se muito mais nebulosas do que suas lembranças de estar sentada à mesa de jantar redonda dos Travers ou — quando todo mundo finalmente levantava e ia para outro lugar, com café ou bebidas geladas — sentada no sofá de couro acastanhado, nas cadeiras de balanço, nas cadeiras de palha acolchoadas, no outro canto da sala. (Não havia discussão a respeito de lavar os pratos e limpar a cozinha — uma mulher que a sra. Travers chamava de “minha amiga, a digna srta. Abel” viria de manhã.)

Maury sempre arrastava almofadas para o tapete e sentava ali. Gretchen, que no jantar só usava jeans ou calças militares, costumava sentar de pernas cruzadas numa cadeira larga. Tanto ela quanto Maury eram grandes, de ombros largos, com algo da boa aparência da mãe — seu cabelo ondulado cor de caramelo, seus calorosos olhos castanhos. Até, no caso de Maury, uma covinha. *Bonitinho*, era o que as outras garçonetes diziam de Maury. Elas assoviavam de leve. *Fiu, fiu*. A sra. Travers, porém, mal tinha um metro e meio, e debaixo de seus *muumuus* de cores vivas ela parecia não gorda, mas robusta e rechonchuda, como alguém que ainda não esticou. E o brilho, a resolução de seus olhos, a jovialidade sempre prestes a irromper, não tinham sido ou não poderiam ser imitados ou herdados. Em suas bochechas, nada além de um vermelho irregular, quase uma irritação. Provavelmente era esse o resultado de sair em qualquer clima sem levar em conta sua tez, e, assim como sua figura, assim como seus *muumuus*, era um sinal de sua independência.

Às vezes, além da família, havia convidados nessas noites de domingo. Um casal, talvez só uma pessoa, normalmente próxima da idade do sr. e da sra. Travers, e de costume parecendo-se com eles no sentido de que as mulheres seriam entusiasmadas e espirituosas, e os homens mais reservados, lentos, tolerantes. As pessoas contavam histórias divertidas, em que no mais das vezes a piada era com elas mesmas. (Grace há tanto tempo conversa de um jeito tão empolgado que às vezes fica enjoada de si mesma, e é difícil para ela lembrar de como um dia aquelas conversas no jantar pareciam novas. De onde ela veio, a maior parte das conversas animadas assumia a forma de piadas sujas, que, é claro, não era bem-vista por sua tia e seu tio. Nas raras ocasiões em que eles recebiam visitas, havia elogios à comida ou desculpas por ela, discussões sobre o tempo, e um fervoroso desejo de que a refeição acabasse tão cedo quanto possível.)

Depois do jantar na casa dos Travers, se o frio da noite permitisse, o sr. Travers acendia a lareira. Eles jogavam aquilo que a sra. Travers chamava de “jogos idiotas de palavras”, nos quais, na verdade, as pessoas precisavam ser muito inteligentes, mesmo que inventassem definições bobas. E era neles que alguém que tinha ficado todo calado durante a refeição podia começar a brilhar. Argumentos de mentirinha poderiam ser construídos a partir de premissas imensamente absurdas. Wat, marido de Gretchen, fazia isso, e, após algum tempo, também Grace, para o deleite da sra. Travers e de Maury (com Maury falando, para diversão de todos menos de Grace: “Estão vendo só? Eu falei. Ela é inteligente”). E era a própria sra. Travers a primeira a inventar palavras com

definições estapafúrdios, garantindo que o jogo não ficasse sério demais, nem algum jogador ansioso demais.

A única vez em que houve um problema em que alguém ficou chateado com um jogo foi quando Mavis, que era casada com Neil, filho da sra. Travers, veio jantar. Mavis e seus dois filhos estavam hospedados não muito longe, na casa dos pais dela, mais perto do lago. Naquela noite só havia familiares e Grace, e a expectativa era de que Mavis e Neil trouxessem os filhos pequenos. Mas Mavis veio sozinha — Neil era médico, e acabou que estava ocupado em Ottawa aquele fim de semana. A sra. Travers ficou decepcionada, mas animou-se, perguntando numa consternação brincalhona:

— Mas as crianças não estão em Ottawa, né?

— Infelizmente não — disse Mavis. — Mas não estão sendo particularmente encantadoras. Tenho certeza de que iam ficar reclamando o jantar inteiro. O neném está cheio de brotoejas com o calor e só Deus sabe o que é que deu no Mikey.

Era uma mulher magra e bronzeada num vestido roxo, com uma faixa roxa larga segurando o cabelo escuro. Bonita, mas com bolsas de tédio ou desaprovação escondidas nos cantos da boca. Deixou quase toda a comida intocada no prato, explicando que era alérgica a curry.

— Ah, Mavis. Que pena — disse a sra. Travers. — Isso vem de agora?

— Que nada. Tenho há séculos, mas costumava tentar ser educada. Mas aí cansei de passar metade da noite vomitando.

— Se você pelo menos tivesse me avisado... O que é que a gente pode oferecer?

— Não se preocupe, estou bem. Não estou com fome mesmo, com esse calor e as alegrias da maternidade.

Ela acendeu um cigarro.

Depois, num jogo, ela entrou numa discussão com Wat a respeito de uma definição que ele usou, e, quando o dicionário provou que era aceitável, ela disse:

— Ah, mil perdões. Acho que não pertenço à mesma classe que vocês.

E quando chegou a hora de cada um entregar sua palavra numa tira de papel para a rodada seguinte, ela sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não tenho uma palavra.

— Ah, Mavis — disse a sra. Travers.

E o sr. Travis disse:

— Vamos lá, Mavis. Qualquer palavra serve.

— Mas eu não tenho qualquer palavra. Sinto muito mesmo. Estou só me sentindo burra hoje à noite. Vocês todos podem ir jogando sem mim.

Foi o que eles fizeram, todo mundo fingindo que não havia nada errado, enquanto Mavis fumava e continuava a sorrir com seu sorriso determinado meigamente ferido. Pouco tempo depois ela se levantou e disse que estava terrivelmente cansada, e não podia deixar os filhos sozinhos com os avós por mais tempo, que a visita tinha sido agradável e instrutiva, e que agora ela precisava ir para casa.

— Preciso dar a vocês um dicionário Oxford no próximo Natal — disse ela a ninguém em particular enquanto saía soltando uma amarga risadinha.

O dicionário dos Travers, que Wat tinha usado, era americano.

Quando ela tinha saído, nenhum deles olhou para o outro. A sra. Travers disse:

— Gretchen, você teria forças para fazer um bule de café para nós todos?

E Gretchen foi para a cozinha, murmurando:

— Quanta diversão. Jesus chorou.

— Bom. Ela tem uma vida difícil — disse a sra. Travers. — Com os dois pequeninos.

Durante a semana Grace tinha uma folga de um dia, entre a limpeza do café da manhã e a arrumação para o jantar, e quando a sra. Travers ficou sabendo disso, começou a ir de carro até Bailey's Falls para trazê-la para passar aquelas horas livres no lago. Maury estaria trabalhando naquela hora — ele estava trabalhando durante o verão com a equipe que fazia reparos na Estrada 7 — , Wat estaria no escritório em Ottawa e Gretchen, nadando ou andando de bote com os filhos no lago. Normalmente a própria sra. Travers anunciaria que tinha de fazer compras, ou preparativos para o jantar, ou cartas a escrever, e ela deixaria Grace sozinha na sala de estar, grande, fresca, ao abrigo das sombras, com seu sofá de couro eternamente com mossas e suas estantes repletas.

— Pode ler o que quiser — dizia a sra. Travers. — Ou então pode se enroscar e dormir se preferir. O trabalho é duro, você deve estar cansada. Não se preocupe que eu te levo de volta a tempo.

Grace nunca dormia. Ficava lendo. Mal se mexia, e, sob a bermuda, suas pernas nuas ficavam suadas e grudadas no couro. Talvez fosse por causa do intenso prazer da leitura. Muitas vezes ela não via a sra. Travers nem um segundo antes da hora de ser levada de volta para o trabalho.

A sra. Travers não iniciava nenhuma conversa até que tivesse passado tempo o bastante para que os pensamentos de Grace tivessem se desemaranhado

do livro em que ela estava. Então ela poderia mencionar que ela mesma o tinha lido, e dizer o que tinha achado — mas sempre de um jeito que era ao mesmo tempo ponderado e descontraído. Por exemplo, a respeito de *Anna Kariênina*, ela disse:

— Não sei quantas vezes li, mas sei que no começo eu me identifiquei com Kitty, e depois com Anna, ah, foi horrível, com Anna, e agora, sabe, da última vez eu o tempo todo simpatizei com Dolly. Dolly quando vai para o campo, sabe, com aquelas crianças todas, e precisa descobrir como lavar roupa, é esse o problema dos lavadouros. Acho que é assim que mudam as suas simpatias quando você fica mais velho. A paixão vai sendo jogada atrás dos lavadouros. Mas nem preste atenção em mim. Você não está prestando, está?

— Nem sei se presto muita atenção em ninguém.

Grace ficou surpresa consigo mesma e se perguntou se soou presunçosa ou pueril.

— Mas gosto de ouvir a senhora falar.

A sra. Travers riu.

— Eu gosto de me ouvir falar.

Por alguma razão, por volta dessa época, Maury tinha começado a falar em casamento. Isso não aconteceria por um bom tempo — não até ele terminar a faculdade e começar a trabalhar como engenheiro — mas ele falava disso como algo que tanto ela quanto ele deviam achar natural. *Quando estivermos casados*, ele dizia, e, em vez de fazer perguntas ou de contradizê-lo, Grace ficava ouvindo, curiosa.

Quando estivessem casados, eles teriam uma casa no lago Little Sabot. Não perto demais dos pais dele, não longe demais. Seria só um lugar de veraneio, claro. O resto do tempo eles morariam onde quer que seu trabalho de engenheiro os levasse. Eles poderiam viver em qualquer lugar — no Peru, no Iraque, nos Territórios do Noroeste. Grace adorava a ideia dessas viagens — muito mais do que a ideia daquilo que ele chamava, com severo orgulho, de *nossa própria casa*. Nada disso parecia vagamente real para ela, mas a verdade é que a ideia de ajudar o tio, de assumir a vida de empalhadora de cadeiras, na cidade e na mesma casa em que ela tinha crescido, também nunca tinha parecido real.

Maury ficava perguntando o que ela tinha dito à tia e ao tio a respeito dele, e quando ela ia levá-lo à casa dela para conhecê-los. Até esse uso fácil que ele fazia da palavra *casa* parecia ligeiramente desajustado a ela, ainda que

certamente fosse um uso que ela mesma tivesse feito. Parecia mais adequado dizer *onde minha tia e meu tio moravam*.

Na verdade, em suas breves cartas semanais ela não tinha feito nada além de mencionar que estava “saindo com um rapaz que trabalha por aqui durante o verão”. Ela talvez tivesse dado a entender que ele trabalhava no hotel.

Não que ela nunca tivesse pensado em se casar. Essa possibilidade — uma meia certeza — tinha estado em seus pensamentos, junto com a vida de empalhadora de cadeiras. Apesar do fato de que ninguém nunca a tinha cortejado, ela tinha pensado que isso iria acontecer, algum dia, e exatamente daquele jeito, com o homem se decidindo imediatamente. Ele a veria — talvez ele tivesse trazido uma cadeira para consertar — e, ao vê-la, se apaixonaria. Ele seria bonito, como Maury. Apaixonado, como Maury. Prazerosas intimidades físicas se seguiriam.

Era isso que não tinha acontecido. No carro de Maury, ou na grama sob as estrelas, ela estava disposta. E Maury estava pronto, mas não disposto. Ele sentia que era responsabilidade dele protegê-la. E a facilidade com que ela se oferecia o deixava sem saber o que fazer. Ele sentia, talvez, que era frio. Uma oferta deliberada que ele não conseguia entender e que não cabia de jeito nenhum na maneira como ele a enxergava. Ela própria não captava o quanto era fria — ela achava que sua demonstração de desejo devia ser o primeiro passo para os prazeres que ela conhecia, na solidão e na imaginação, e ela achava que cabia a Maury assumir o comando. O que ele não fazia.

Esses cercos deixavam ambos perturbados e ligeiramente zangados ou envergonhados, de modo que eles não conseguiam parar de se beijar, de se agarrar, de usar palavras amorosas, para trazer compensações um para o outro ao dizer boa noite. Era um alívio para Grace estar sozinha, deitar na cama do dormitório e apagar as últimas horas da cabeça. E ela achava que devia ser um alívio para Maury dirigir sozinho estrada afora, reorganizando as impressões da sua Grace para que pudesse permanecer completamente apaixonado por ela.

A maioria das garçonetes foi embora depois do Dia do Trabalho e voltou para a escola ou para a faculdade. Porém, o hotel ficava aberto até o Dia de Ação de Graças com uma equipe reduzida — da qual Grace faria parte. Esse ano havia uma história de abrir de novo no começo de dezembro para uma temporada de inverno, ou ao menos uma temporada de Natal, mas ninguém na equipe da cozinha ou do refeitório parecia saber se isso ia acontecer mesmo. Grace escreveu à tia e ao tio como se a temporada de Natal fosse certa. Na verdade, ela

não mencionou fechamento nenhum, exceto talvez depois do Ano Novo. Assim, eles não deviam contar com ela.

Por que ela fez isso? Ela nem tinha nenhum outro plano. Ela tinha dito a Maury que achava que devia passar aquele ano ajudando o tio, talvez tentando arrumar outra pessoa para aprender a empalhar, enquanto ele, Maury, fazia o último ano da faculdade. Ela tinha até prometido que ia levá-lo para uma visita no Natal, para que ele conhecesse a família dela. E ele tinha dito que o Natal seria um bom momento para formalizar o noivado. Estava poupando o salário de verão para comprar um anel de diamante para ela.

Também ela estava poupando o salário. Para poder pegar o ônibus para Kingston, e visitá-lo durante o período escolar.

Ela falava isso, prometia, com tanta facilidade. Mas será que ela acreditava, ou sequer desejava que isso acontecesse?

— Maury tem excelente caráter — disse a sra. Travers. — Bem, você pode ver isso por conta própria. Ele vai ser um homem querido e descomplicado, como o pai. Não como o irmão. Neil, o irmão dele, é muito inteligente. Não estou querendo dizer que Maury não é, certamente ninguém vira engenheiro sem ter alguns miolos na cabeça, mas Neil... Neil é profundo.

Ela riu de si mesma.

— *Jaz nas profundezas insondáveis do oceano*, o que é isso que eu estou dizendo? Por muito tempo Neil e eu não tivemos ninguém além de nós mesmos. Por isso eu acho que ele é especial. Mas às vezes as pessoas que são as mais divertidas podem ser melancólicas, não é mesmo? Você fica se perguntando a respeito delas. Mas de que serve ficar preocupada com os filhos crescidos? Com Neil eu me preocupo um pouco, e com Maury só um pouquinho de nada. E com Gretchen eu nunca nem me preocupo. Porque as mulheres sempre têm alguma coisa, não é mesmo?, para animar. Os homens não.

A casa no lago não foi fechada até o Dia de Ação de Graças. Gretchen e as crianças tiveram de voltar para Ottawa, claro, por causa da escola. E Maury, cujo trabalho tinha acabado, teve de voltar para Kingston. A sra. Travers só vinha nos finais de semana. Mas normalmente, a sra. Travers tinha dito a Grace, ela ficava às vezes com convidados, às vezes sozinha.

Então seus planos mudaram. Ela voltou para Ottawa com o sr. Travers em setembro. Isso aconteceu inesperadamente — o jantar do fim de semana estava cancelado.

Maury disse que ela volta e meia tinha um problema nervoso.

— Ela precisa descansar — disse. — Ela precisa ficar no hospital algumas semanas, mais ou menos, e precisam estabilizá-la. Ela sempre volta bem.

Grace disse que sua mãe era a última pessoa que ela esperava que tivesse esse tipo de problema.

— Qual a causa?

— Acho que não sabem — disse Maury.

Mas depois de um instante ele disse:

— Bem. Pode ser o marido. Quer dizer, o primeiro marido. O pai de Neil. O que aconteceu com ele etc.

O que tinha acontecido era que o pai de Neil tinha se matado.

— Ele era instável, acho. Mas talvez não seja isso — continuou. — Pode ser outra coisa. Os problemas que as mulheres têm por volta dessa idade. Mas mesmo assim tudo bem, eles hoje dão jeito fácil, com remédios. Os remédios são espetaculares. Nem é preciso se preocupar.

No Dia de Ação de Graças, como Maury tinha previsto, a sra. Travers tinha saído do hospital e estava se sentindo bem. O jantar de Ação de Graças acontecia no lago, como sempre. E acontecia no domingo — também como sempre, para dar tempo de fazer as malas e fechar a casa na segunda. E isso era uma feliz coincidência para Grace, porque domingo continuava a ser seu dia de folga.

A família inteira estaria presente. Não haveria convidados — a menos que se contasse Grace. Neil, Mavis e seus filhos ficariam na casa dos pais de Mavis, e jantariam lá na segunda, mas passariam o domingo na casa dos Travers.

Quando Maury trouxe Grace para o lago na manhã de domingo, o peru já estava no forno. Por causa das crianças, o jantar seria mais cedo, por volta das cinco. As tortas estavam no balcão da cozinha — abóbora, maçã, mirtilo selvagem. Gretchen estava encarregada da cozinha — ela tinha tanta coordenação como cozinheira quanto como atleta. A sra. Travers estava sentada na mesa da cozinha, tomando café e trabalhando num quebra-cabeças com Dana, filha mais nova de Gretchen.

— Ah, Grace — disse ela, subitamente levantado para um abraço, na primeira vez que ela fazia isso, e espalhando, com um movimento desajeitado da mão, as peças do quebra-cabeça.

Dana choramingou: “vovó”, e Janey, sua irmã mais velha, que tinha ficado olhando criticamente, recolheu as peças.

— Nós podemos colocá-las de volta — disse. — Não foi a intenção da vovó.

— Onde fica o molho de cranberry? — disse Gretchen.

— No armário — disse a sra. Travers, ainda apertando os braços de Grace e ignorando o quebra-cabeça destruído.

— *Onde* no armário?

— Ah. Molho de cranberry — disse a sra. Travers. — Bom, eu que faço. Primeiro eu coloco a cranberry num pouco de água. Então deixo em fogo baixo, não, acho que primeiro eu enxáguo.

— Bom, não tenho tempo para fazer isso tudo — disse Gretchen. — Quer dizer que não tem molho em lata?

— Acho que não. Não devo ter, porque sou eu que faço.

— Vou ter de mandar alguém ir comprar.

— E se você pedisse à sra. Woods?

— Não. Praticamente nunca falei com ela. Não tenho coragem. Alguém vai ter de ir comprar.

— Meu amor, hoje é Dia de Ação de Graças — disse delicadamente a sra. Travers. — Não vai ter nada aberto.

— Aquela loja na estrada fica sempre aberta.

Gretchen elevou a voz.

— Cadê o Wat?

— Está no bote — gritou Mavis do quarto de trás. Gritou em tom de aviso, porque estava tentando botar o bebê para dormir. — Ele saiu de bote com o Mikey.

Mavis tinha vindo em seu próprio carro com Mikey e o bebê. Neil vinha depois — ele precisava dar uns telefonemas.

E o sr. Travers tinha ido jogar golfe.

— É só que eu preciso que alguém vá comprar o molho — disse Gretchen. Ela esperou, mas não veio oferta nenhuma do quarto. Levantou as sobrancelhas para Grace.

— Você não dirige, dirige?

Grace disse que não.

A sra. Travers olhou em volta para ver onde estava sua cadeira, e sentou-se, com um grato suspiro.

— Bem — disse Gretchen. — O Maury dirige. Cadê o Maury?

Maury estava no quarto da frente procurando seu short de natação, ainda que todo mundo tivesse dito que a água estaria fria demais para nadar. Ele disse que a loja não estaria aberta.

— Vai estar — disse Gretchen. — Eles vendem combustível. E se não estiver tem aquela perto da entrada de Perth, você sabe, com as casquinhas de

sorvete...

Maury queria que Grace fosse com ele, mas as duas menininhas, Janey e Dana, ficavam puxando-a para vir junto com elas ver o balanço que o avô tinha colocado no bordo norueguês ao lado da casa.

Descendo os degraus, ela sentiu a alça de uma de suas sandálias arrebentar. Tirou as duas sandálias e andou sem dificuldade na terra arenosa, nas ervas pisadas, e nas muitas folhas recurvadas que já tinham caído.

Primeiro ela empurrou as crianças no balanço, depois elas a empurraram. Foi quando ela pulou do balanço, descalça, que uma perna dobrou e ela soltou um ganido de dor, sem saber o que tinha acontecido.

Era o pé, não a perna. A dor tinha vindo da sola do pé esquerdo, que tinha sido cortado pela borda afiada de uma concha.

— Dana trouxe essas conchas — disse Janey. — Ela ia fazer uma casa para o caramujo dela.

— Ele fugiu — disse Dana.

Gretchen, a sra. Travers e até Mavis vieram correndo de casa, achando que o grito tinha vindo de alguma das crianças.

— Ela está com o pé sangrando — disse Dana. — Tem sangue no chão todo. Janey disse:

— Ela cortou numa concha. A Dana deixou essas conchas aí, ela ia construir uma casa pro Ivan. Ivan, o caracol dela.

Então trouxeram uma bacia, água para lavar o corte, uma toalha, e todo mundo estava perguntando o quanto estava doendo.

— Nem tanto — disse Grace, mancando nos degraus, com as duas garotinhas competindo para lhe dar apoio e geralmente se metendo no caminho.

— Nossa, está feio — disse Gretchen. — Mas por que você não estava de sandália?

— Arrebentou a alça — disseram Dana e Janey juntas, enquanto um conversível cor de vinho, sem fazer quase som nenhum, suavemente guinava para estacionar.

— Bom, é isso que eu chamo de oportuno — disse a sra. Travers. — Aí está o homem mesmo de que nós precisamos. O médico.

Era Neil, a primeira vez que Grace o via. Era alto, magro, de movimentos rápidos.

— A maleta — gritou alegremente a sra. Travers. — Já temos um caso para você.

— Que máquina, hein? — disse Gretchen. — É nova?

Neil disse:

— É uma maluquice, isso sim.

— Agora o neném acordou.

Mavis deu um suspiro de acusação inespecífica e voltou para dentro de casa.

Janet disse severamente:

— Não dá para fazer nada que o neném acorda.

— Melhor *você* ficar quieta — disse Gretchen.

— Não me diga que você não trouxe — disse a sra. Travers. Mas Neil tirou uma maleta de médico do banco de trás, e ela disse: — Ah, trouxe sim, que bom, nunca se sabe.

— É você a paciente? — disse Neil a Dana. — O que foi? Engoliu um sapo?

— É ela — disse Dana, com dignidade. — É *Grace*.

— Estou vendo. Ela engoliu um sapo.

— Ela *cortou o pé*. Está sangrando sem parar.

— Numa concha — disse Janey.

Então Neil disse “Com licença” para as sobrinhas, e sentou no degrau abaixo de Grace, cuidadosamente levantou o pé e disse: “Me dá aquele pano ou alguma coisa”, e então cuidadosamente enxugou o sangue para dar uma olhada no corte. Agora que ele estava perto assim dela, Grace notou um cheiro que tinha aprendido a identificar naquele verão, trabalhando na pousada — o cheiro de bebida com menta.

— Sangrando mesmo — disse ele. — Sem parar. Isso é bom, vai limpando. Está doendo?

Grace disse:

— Um pouco.

Ele perscrutou o rosto dela, mas só por um instante. Talvez se perguntando se ela tinha percebido o cheiro, e o que tinha pensado.

— Imagino. Está vendo ali onde saiu a pele? Vamos ter de ir olhar ali embaixo para ver se está limpo, e depois eu vou dar um ou dois pontos. Eu tenho umas coisas para passar ali, então não vai doer tanto quanto você talvez ache que vai.

Ele ergueu os olhos para Gretchen.

— Ei. Vamos tirar a plateia daqui.

Ele não tinha dito uma palavra, não ainda, para a mãe, que agora repetia que era uma coisa tão boa que ele tivesse chegado bem na hora em que chegou.

— Um escoteiro — disse ele. — Sempre de prontidão.

As mãos dele não pareciam bêbadas, nem os olhos. Ele também não parecia o tio brincalhão que encarnava quando falava com as crianças, nem o provedor de tagarelice tranquilizante que tinha escolhido ser com Grace. Ele possuía uma testa alta e pálida, uma crista cacheada compacta cinza-escuro, olhos acinzentados e brilhantes, e uma boca larga, de lábios finos, que parecia retorcida por alguma vigorosa impaciência, ou apetite, ou dor.

Quando o corte estava enfaixado, nos degraus — Gretchen tinha voltado à cozinha e levado as crianças consigo, mas a sra. Travers ficou, olhando com atenção, apertando os lábios como que prometendo que não faria interrupções — Neil disse que achava que seria boa ideia levar Grace até a cidade, até o hospital.

— Para tomar uma antitetânica.

— Não está doendo tanto — disse Grace.

Neil disse:

— Não é esse o problema.

— Concordo — disse a sra. Travers. — Tétano é uma coisa horrível.

— Não vamos demorar — disse ele. — Aqui. Grace? Grace, eu te levo até o carro.

Ele a abraçou pelo lado. Ela colocou a sandália boa, e conseguiu colocar os dedos na outra para poder ir arrastando. O curativo estava bem arrumado e firme.

— Vou lá e já volto — disse ele, enquanto ela se sentava no carro. — Peça desculpas.

A Gretchen? A Mavis.

A sra. Travers veio da varanda, com aquele olhar levemente ébrio de entusiasmo que parecia natural nela, e, naquele dia, realmente irreprimível. Ela colocou a mão na porta do carro.

— Que bom — disse ela. — Muito bom. Grace, foi Deus que te mandou. Você vai tentar não deixar ele beber hoje, não vai? Você vai conseguir.

Grace ouviu essas palavras, mas mal conseguiu levá-las em consideração. Ela estava consternada demais com a mudança na sra. Travers, com aquilo que parecia um aumento de volume, uma rigidez em todos os seus movimentos, um ar aleatório e um tanto febril de benevolência, um contentamento lacrimoso vazando de seus olhos. E uma sutil crosta aparecendo nos cantos de sua boca, feito açúcar.

O hospital ficava em Carleton Place, a cinco quilômetros dali. A estrada virava um viaduto acima da ferrovia, e eles o cruzaram a tanta velocidade que Grace

teve a impressão de que o carro tinha saído do chão, de que eles estavam voando. Praticamente não havia movimento na estrada, ela não estava com medo, e de qualquer jeito não havia nada que ela pudesse fazer.

Neil conhecia a enfermeira que estava de plantão na emergência, e depois de ter preenchido um formulário e deixado ela dar uma olhada no pé de Grace (“Belo trabalho”, disse ela, sem interesse), pôde ir adiante e aplicar ele mesmo a injeção antitetânica. (“Agora não vai doer, mas talvez doa depois.”) Na hora em que ele acabou, a enfermeira reapareceu no cubículo e disse:

— Tem um cara na sala de espera que vai levar ela pra casa.

Ela disse a Grace:

— Ele está dizendo que é seu noivo.

— Diga a ele que ela ainda não acabou — disse Neil. — Não. Diga que já fomos embora.

— Falei que vocês estavam aqui.

— Mas quando você voltou nós tínhamos ido embora — disse Neil.

— Ele falou que você era irmão dele. Ele não vai ver o seu carro no estacionamento?

— Parei lá atrás. Parei na parte dos médicos.

— Su-per es-per-to — disse a enfermeira, de lado.

E Neil disse para Grace:

— Você não queria ir para casa agora, queria?

— Não — disse Grace, como se tivesse visto a palavra escrita na frente dela, na parede. Como se estivesse fazendo um teste no oftalmologista.

Outra vez ela foi levada até o carro, a sandália caindo da alça dos dedos, e acomodada nos bancos cor de creme. Eles pegaram uma rua secundária ao sair do estacionamento, um jeito pouco familiar de sair da cidade. Ela sabia que eles não iam ver Maury. Ela não tinha de pensar nele. Menos ainda em Mavis.

Ao descrever essa passagem, essa mudança em sua vida, mais tarde, Grace talvez dissesse — ela dizia — que era como se um portão tivesse fechado com um estrondo atrás dela. Mas na época não houve estrondo — a aquiescência simplesmente percorreu-a, os direitos daqueles que ficavam para trás foram suavemente anulados.

Sua lembrança daquele dia permaneceu nítida e detalhada, ainda que houvesse uma variação nas partes em que ela se detinha.

E mesmo em alguns dos detalhes ela poderia estar errada.

Primeiro eles foram de carro para o oeste seguindo a Estrada 7. Nas lembranças de Grace, não há nenhum outro carro na estrada, e a velocidade deles se aproxima da do voo no viaduto. Isso não pode ser verdade — deve ter havido gente na estrada, pessoas indo para casa naquela manhã de domingo, indo passar o Dia de Ação de Graças com a família. A caminho da igreja ou voltando da igreja. Neil deve ter diminuído quando passou pelo meio dos povoados ou na beira das cidadezinhas, e nas muitas curvas da velha estrada. Ela não estava acostumada a andar de conversível com a capota arriada, o vento nos olhos, o vento comandando seu cabelo. Isso lhe deu a ilusão de velocidade constante, de um perfeito voo — não frenético, mas miraculoso, sereno.

E ainda que Maury, Mavis e o resto da família tivessem sido varridos de sua mente, algum resquício da sra. Travers permanecia, pairando, transmitindo num sussurro e com um risinho estranho e envergonhado sua última mensagem.

Você vai saber como fazer.

Grace e Neil não conversaram, claro. Pelo que ela lembra, seria necessário gritar para se fazer ouvir. E o que ela lembra é, para dizer a verdade, difícil de distinguir de suas ideias, de suas fantasias daquela época, a respeito de como devia ser o sexo. O encontro fortuito, os sinais mudos mas fortes, a fuga quase silenciosa em que ela própria figuraria mais ou menos como uma cativa. Uma entrega etérea, a carne agora apenas uma carga de desejo.

Finalmente eles pararam, em Kaladar, e foram para o hotel — o velho hotel que ainda está ali. Tomando a mão dela, enlaçando os dedos aos dela, andando mais lentamente para acompanhar seus passos irregulares, Neil levou-a até o bar. Ela entendeu que era um bar, ainda que nunca tivesse estado num bar antes. (A pousada de Bailey's Falls ainda não tinha o alvará — as pessoas bebiam dentro dos quartos ou numa dita boate bem fuleira que ficava na estrada.) Era exatamente como ela teria esperado — um salão escuro e abafado, com cadeiras e mesas colocadas de volta após uma faxina apressada, um odor de desinfetante que não apagava o odor de cerveja, uísque, charutos, cachimbos, homens.

Não havia ninguém ali — talvez só abrisse à tarde. Mas será que agora já não era tarde? A percepção dela do tempo parecia falha.

Então veio um homem de outro cômodo, e falou com Neil. Ele disse: “Olá, doutor”, e foi para trás do bar.

Grace achava que seria assim — em todo lugar que eles fossem, haveria alguém que Neil já conhecia.

— Você sabe que é domingo — disse o homem com a voz severa, alta, quase gritando, como se quisesse ser ouvido no estacionamento. — Não posso te

vender nada aqui no domingo. E não posso vender nada para ela, nunca. Ela não deveria nem estar aqui. Ficou claro?

— Sim, senhor. Realmente, senhor — disse Neil. — Concordo integralmente, senhor.

Enquanto os dois homens conversavam, o homem atrás do bar pegou uma garrafa de uísque de uma prateleira escondida, serviu um pouco num copo e empurrou-o para Neil por cima do balcão.

— Está com sede? — disse ele a Grace. Ele já estava abrindo uma Coca. Passou-a para ela sem copo.

Neil colocou uma nota no balcão e o homem e a afastou.

— Já falei — disse ele. — Não posso vender.

— E a Coca? — disse Neil.

— Não posso vender.

O homem guardou a garrafa, Neil bebeu o que estava no copo bem rápido.

— Você é um bom homem — disse ele. — O espírito da lei.

— Pode levar a Coca. Quanto mais rápido ela sair daqui, mais feliz eu vou ficar.

— Com certeza — disse Neil. — Ela é uma boa menina. Minha cunhada. Futura cunhada. Pelo que entendi.

— É verdade?

Eles não voltaram para a Estrada 7. Em vez disso, pegaram a estrada ao norte, que não era pavimentada, mas era larga o bastante e bem nivelada. A bebida pareceu ter tido o efeito oposto ao que a bebida supostamente teria na direção de Neil. Ele tinha desacelerado até a velocidade comedida, até cuidadosa, exigida por aquela estrada.

— Você não se importa? — disse ele.

Grace disse:

— Me importo com o quê?

— Com ser levada para qualquer lugar.

— Não.

— Eu preciso da sua companhia. E o seu pé, como está?

— Está bem.

— Deve estar doendo um pouco.

— Nada de mais. Está bem.

Ele pegou a mão que não estava segurando a garrafa de Coca, apertou a palma contra sua própria mão, deu uma lambida, e deixou-a cair.

— Você achou que eu estava raptando você com propósitos escusos?

— Não — mentiu Grace, pensando em como aquela palavra lembrava a mãe dele. *Excusos*.

— Houve um tempo em que você estaria certa — disse ele, como se ela tivesse respondido sim. — Mas não hoje. Acho que não. Hoje você está segura como em uma igreja.

O tom diferente na voz dele, que tinha se tornado íntima, franca, baixa, e a lembrança dos lábios dele pressionados contra a pele dela, seguidos pelo roçar da língua, afetaram Grace de tal maneira que ela ouvia as palavras, mas não o sentido, do que ele lhe dizia. Ela conseguia sentir cem, centenas de roçadas da língua dele, uma dança suplicante, por sua pele inteira. Mas ela conseguiu dizer:

— Nem sempre as igrejas são seguras.

— De fato. De fato.

— E eu não sou sua cunhada.

— Futura. Não falei futura?

— Nem isso.

— Ah. Bem. Acho que não me surpreende. Não. Não surpreende.

Então a voz dele mudou de novo, ficou profissional.

— Estou procurando uma saída por aqui, à direita. É uma estrada que eu devia reconhecer. Você conhece essa região?

— Por aqui não conheço não.

— Conhece Flower Station? Oompah, Poland? Snow Road?

Ela não tinha ouvido falar delas.

— Tem uma pessoa que eu quero ver.

Foi feito um desvio, para a direita, com alguns murmúrios duvidosos da parte dele. Não havia placas. A estrada era mais estreita e mais difícil, com uma ponte de uma pista só e piso de tábuas. As árvores da floresta de madeira de lei enlaçavam seus galhos acima. As folhas estavam demorando a mudar de cor naquele ano por causa do clima estranhamente quente, e por isso aqueles ramos ainda estavam verdes, excetuando um ou outro aqui e ali que se destacava como uma bandeira. Havia uma sensação de santuário. Por quilômetros Neil e Grace ficaram quietos, e ainda não tinha havido uma interrupção nas árvores, nenhum fim da mata. Mas então Neil rompeu o silêncio.

Ele disse: “Você sabe dirigir?”, e, quando Grace disse que não, ele disse:

— Acho que você devia aprender.

Ele queria dizer naquela hora mesmo. Parou o carro, saiu e foi até o lado dela, e ela teve de ir para trás do volante.

— Não tem lugar melhor do que esse.

— E se vier alguma coisa?

— Não vai vir nada. Se vier, a gente dá um jeito. Por isso eu escolhi uma reta. E não se preocupe, você faz tudo com o pé direito.

Eles estavam no começo de um longo túnel debaixo das árvores, o chão salpicado de luz do sol. Ele não se deu ao trabalho de explicar nada sobre como os carros funcionavam — simplesmente mostrou a ela onde colocar o pé, fez com que ela treinasse passar a marcha, e então disse:

— Agora vai, e faz o que eu mandar.

O primeiro salto do carro assustou-a. Ela travou a marcha, e achou que ele ia acabar imediatamente com a lição, mas ele riu. Ele disse: “Calma, calma. Calma. Continua”, e ela continuou. Ele não falou de como ela guiava, nem do modo como isso fazia com que ela esquecesse do acelerador, exceto para dizer:

— Segue em frente, segue em frente, olha a estrada, não deixa o motor morrer.

— Quando eu posso parar? — disse ela.

— Só quando eu ensinar como se faz.

Ele a fez dirigir até que eles saíssem do túnel, e então deu instruções sobre o freio. Assim que ela parou, abriu a porta para eles poderem trocar de lugar, mas ele disse:

— Não. Isso é só uma pausa. Logo você vai começar a gostar. — E quando eles recomeçaram ela começou a ver que ele talvez estivesse certo. A súbita confiança dela quase os jogou numa vala. Mesmo assim, ele riu quando teve de pegar no volante, e a lição continuou.

Ele não permitiu que ela parasse até que eles tivessem dirigido uma distância que pareceu quilômetros, e tivessem feito — devagar — diversas curvas. Então ele disse que era melhor eles trocarem, porque ele não conseguia ter senso de direção se não estivesse dirigindo.

Ele perguntou como ela se sentia agora, e, ainda que ela estivesse toda tremendo, disse:

— Bem.

Ele deve ter recuperado o senso de direção após alguns quilômetros, quando eles chegaram a uma encruzilhada, porque ele virou à esquerda, e as árvores afinaram e eles enfrentaram uma estrada esburacada colina acima, e depois de alguns quilômetros chegaram a uma cidadezinha, ou ao menos a um aglomerado de construções ao longo da estrada. Uma igreja e uma loja, nenhuma das quais aberta para atender a seus propósitos originais, usadas provavelmente como habitações, a julgar pelos veículos em volta e pelas cortinas de aparência

lastimável nas janelas. Algumas casas no mesmo estado e atrás delas um estábulo que tinha desabado, com feno velho e escurecido protuberando pelas vigas partidas como vísceras inchadas.

Neil soltou uma exclamação festiva ao ver aquele lugar, mas não parou aí.

— Que alívio — disse ele. — Mas-que-alívio. Agora eu sei. Obrigado.

— É comigo?

— Por me deixar ensinar você a dirigir. Isso me acalmou.

— Te acalmou? — disse Grace. — Mesmo?

— Mesmo, juro. — Neil estava sorrindo, mas não olhou para ela. Ele estava ocupado olhando de um lado a outro pelos campos que se estendiam ao longo da estrada depois de ela passar pela cidadezinha. Ele estava falando como que para si mesmo.

— É por aqui. Tem de ser. Agora a gente sabe.

E ficou assim, até virar num caminho que não ia reto mas dava a volta num campo, evitando pedras e trechos de zimbro. No fim do caminho havia uma casa que não estava em melhor estado do que as casas da cidade.

— Agora, nesse lugar — disse ele —, nesse lugar eu não vou te levar. Vou ficar só cinco minutos.

Ele demorou mais do que isso.

Ela ficou sentada no carro, na sombra da casa. A porta da casa estava aberta, só a porta de tela estava fechada. A tela tinha trechos remendados, fios novos urdidos com os velhos. Ninguém veio olhá-la, nem um cão. E agora que o carro tinha parado, o dia ficava repleto de um silêncio antinatural. Antinatural porque você esperaria que uma tarde quente fosse cheia de zumbidos, chilreios e cricris de insetos na grama, nos arbustos de zimbro. Mesmo que não fosse possível enxergá-los em lugar nenhum, seu ruído pareceria subir de tudo que crescia na terra, até a linha do horizonte. Mas era tarde demais no ano, talvez tarde demais até para ouvir os gansos grasnando enquanto voavam para o sul. De qualquer jeito, ela não ouviu nada.

Parecia que ali eles estavam no topo do mundo, ou ao menos em um dos topos. O campo caía para todos os lados, as árvores em volta apenas parcialmente visíveis porque cresciam em terreno mais baixo.

Quem ele conhecia ali, quem morava naquela casa? Uma mulher? Não parecia possível que o tipo de mulher que ele fosse querer pudesse morar num lugar como aquele, mas o estranhamento com que Grace podia se deparar hoje não terminava. Não terminava.

Um dia aquilo fora uma casa de tijolos, mas alguém tinha começado a derrubar as paredes de tijolos. Paredes lisas de madeira foram desnudadas, embaixo, e os tijolos que as cobriam foram empilhados descuidadamente no quintal, talvez esperando para ser vendidos. Os tijolos deixados naquela parede da casa formavam uma linha diagonal, degraus de escada, e Grace, não tendo nada para fazer, reclinou o assento para contá-los. Fez isso ao mesmo tempo de brincadeira e a sério, como alguém que arranca as pétalas de uma flor, mas não com palavras tão óbvias quanto *Bem-me-quer, malmequer*.

É hoje. Não é. É hoje. Não é. Isso era tudo que ela ousava.

Ela viu que era difícil não perder a conta de tijolos dispostos assim em zigue-zague, sobretudo porque a linha ficava reta acima da porta.

Ela entendeu. O que mais isso podia ser? A casa de um contrabandista. Ela pensou no contrabandista em casa — um velho estafado, magricela, moroso e desconfiado. Ficava sentado nos degraus da frente com uma espingarda na noite de Halloween. E pintava números nas toras de lenha empilhadas perto de sua porta para saber quando alguma fosse roubada. Ela pensava nele — ou neste último — cochilando no calor de seu quarto sujo mas arrumado (ela sabia que seria assim por causa dos remendos na tela). Levantando-se da sua cama de armar, cheia de rangidos, ou de seu sofá, com uma capa manchada que alguma mulher parente sua, alguma mulher hoje morta, tinha costurado há muito tempo.

Não que ela já tivesse entrado na casa de um contrabandista, mas na terra dela eram tênues as linhas entre as maneiras humildes de viver que eram respeitáveis e as que não. Ela sabia como eram as coisas.

Que estranho que ela tivesse pensado em casar com Maury. Teria sido como que traiçoeiro. Traiçoeiro com ela própria. Mas não era traiçoeiro estar andando de carro com Neil, porque ele sabia algumas das mesmas coisas que ela sabia. E ela sabia cada vez mais, o tempo todo, a respeito dele.

E agora na entrada parecia que ela conseguia ver o tio, encurvado e perplexo, olhando para ela, como se ela tivesse ficado longe por anos e anos. Como se ela tivesse prometido voltar para casa e então tivesse esquecido, e nesse tempo todo ele devesse ter morrido, mas não tinha.

Ela fazia força para falar com ele, mas ele estava perdido. Ela estava acordando, se mexendo. Estava no carro com Neil, de novo na estrada. Tinha dormido de boca aberta e agora estava com sede. Ele virou para ela um instante, e ela notou, mesmo com o vento que soprava em volta deles, um odor fresco de uísque.

Era verdade.

— Você está acordada? Você estava dormindo que nem uma pedra quando eu saí dali — disse ele. — Desculpe, tive de fazer social por um tempinho. Você está apertada?

Esse era um problema no qual ela estava pensando, na verdade, quando eles pararam na casa. Ela tinha visto um banheiro ali atrás, atrás da casa, mas, por timidez, não quis sair e andar até ele.

Ele disse: — Aqui parece um lugar possível —, e parou o carro. Ela saiu e andou entre solidagos, flores de cenoura brava e asteráceas desabrochando, e acocorou-se. Ele ficou nessas flores do outro lado da estrada, de costas para ela. Quando ela voltou ao carro, viu a garrafa no chão do lado de seus pés. Mais de um terço de seu conteúdo já parecia ter ido embora.

Ele viu que ela estava olhando.

— Ah, não se preocupe — disse ele. — Só coloquei um pouquinho aqui.

Ele levantou um frasco.

— Mais fácil quando estou dirigindo.

No chão havia também outra Coca-Cola. Ele mandou que ela abrisse o porta-luvas para pegar o abridor de garrafas.

— Está gelada — disse ela, surpresa.

— Frigorífico. Eles cortam o gelo dos lagos no inverno e guardam na serragem. Ele deixa embaixo da casa.

— Tive a impressão de ter visto meu tio na entrada daquela casa — disse ela. — Mas eu estava sonhando.

— Pode me falar do seu tio. Pode me falar de onde mora. Do seu emprego. Do que você quiser. Eu simplesmente gosto de ouvir você falando.

Havia uma força nova na voz dele, e uma mudança em seu rosto, mas não tinha nada a ver com o brilho insano da embriaguez. Parecia só que ele tinha ficado doente — não terrivelmente doente, só abalado, meio mal — e agora estava querendo assegurar que estava bem. Ele tampou o frasco, colocou-o no chão e pegou a mão dela. Pegou-a de leve, um aperto de camarada.

— Ele é bem velho — disse Grace. — É meu tio-avô, na verdade. É empalhador, quer dizer, ele empalha cadeiras. Não dá para explicar, mas eu poderia mostrar se a gente tivesse uma cadeira para empalhar...

— Não estou vendo cadeira nenhuma.

Ela riu e disse:

— É chato, para dizer a verdade.

— Então me conta o que você acha interessante. O que você acha interessante?

Ela disse:

— Você.

— Ah. O que você acha interessante em mim? — A mão dele se afastou.

— O que você está fazendo agora — disse Grace, determinada. — O porquê.

— Você está falando da bebida? De por que eu estou bebendo?

A tampa saiu outra vez do frasco.

— Por que não me pergunta?

— Porque eu sei o que você vai dizer.

— O quê? O que é que eu vou dizer?

— Você vai dizer: “O que mais existe pra fazer?”, ou alguma coisa desse tipo.

— É verdade — disse ele. — É mais ou menos isso que eu diria. Bem, então você tentaria me dizer por que eu estou errado.

— Não — disse Grace. — Não. Não tentaria.

Quando ela disse aquilo, sentiu frio. Ela tinha achado que tinha sido séria, mas agora via que tinha tentado impressioná-lo com essas respostas, tentando mostrar que era tão sofisticada quanto ele, e no meio disso chegou a essa verdade do fundo do poço. Essa falta de esperança — genuína, razoável e perpétua.

Neil disse:

— Não tentaria? Não. Não tentaria. Que alívio. Você é um alívio, Grace.

Pouco depois, ele disse:

— Sabe de uma coisa? Estou com sono. Assim que acharmos um bom lugar vou estacionar e dormir. Só um pouquinho. Você se importa?

— Não. Acho que você devia dormir.

— Você vai tomar conta de mim?

— Vou.

— Ótimo.

O lugar que ele achou ficava numa cidadezinha chamada Fortune. Havia um parque nos arredores, ao lado de um rio, e um espaço com cascalho, para carros. Ele deitou o banco, e imediatamente adormeceu. A noite veio como vinha agora, por volta da hora do jantar, provando que aquele não era afinal um dia de verão. Pouco tempo antes havia gente fazendo piquenique de Ação de Graças ali — ainda havia alguma fumaça subindo de uma churrasqueira, e um cheiro de hambúrgueres no ar. O cheiro não deixou Grace exatamente com fome — fez com que ela se lembrasse de sentir fome em outras circunstâncias.

Ele foi dormir imediatamente, e ela saiu. Alguma poeira tinha grudado nela depois de todas as paradas e partidas da aula de direção. Ela lavou os braços, as mãos e o rosto numa bica. Então, tomando cuidado com o pé cortado, andou lentamente até a margem do rio, viu como ele era raso, com juncos rompendo a superfície. Uma placa advertia que ali eram proibidos palavrões, obscenidades e linguagem vulgar, que seriam punidos.

Ela experimentou os balanços, que eram voltados para o oeste. Empurrando-se para o alto, olhou para o céu claro — um verde leve, ouro esvanecente, uma intensa faixa de rosa no horizonte. O ar já estava esfriando.

Ela pensava que era coisa de toque. Bocas, línguas, peles, corpos, osso batendo contra osso. Inflamação. Paixão. Mas não era isso que tinha sido destinado a eles de jeito nenhum. Aquilo era brincadeira de criança, diante da maneira como ela o conhecia, do quão longe ela tinha enxergado nele, agora.

O que ela tinha visto era final. Como se ela estivesse na borda de um corpo d'água liso e escuro que se estendesse indefinidamente. Água fria, plana. Olhar para aquela água escura, fria e plana e saber que aquilo era tudo que havia.

Não era a bebida que era responsável. A mesma coisa ficava esperando, não importando o que acontecesse, o tempo inteiro. Beber, precisar beber — isso era só uma espécie de distração, como tudo o mais.

Ela voltou para o carro e tentou acordá-lo. Ele se mexeu, mas não acordou. Então ela deu outra volta para se aquecer, e para ver a melhor maneira de andar com aquele pé — agora ela lembrava que de manhã estaria trabalhando de novo, servindo o café.

Ela tentou mais uma vez, falando-lhe com urgência. Ele respondeu com diversas promessas e murmúrios, e outra vez adormeceu. Na hora em que ficou escuro de verdade, ela desistiu. Agora com o frio da noite instalado, alguns outros fatos ficaram claros para ela. Que eles não podiam ficar ali, que eles ainda estavam no mundo, afinal. Que ela tinha de voltar para Bailey's Falls.

Com alguma dificuldade, ela o colocou no banco do passageiro. Se isso não o despertasse, estava claro que nada despertaria. Ela demorou algum tempo para entender como ligar os faróis, e então começou a mover o carro, aos solavancos, lentamente, de volta à estrada.

Ela não tinha ideia das direções, e não havia viva- alma na rua a quem perguntar. Ela simplesmente foi dirigindo até o outro lado da cidade, e ali, para sua total felicidade, havia uma placa apontando o caminho para Bailey's Falls, entre outros lugares. Eram só quinze quilômetros.

Ela dirigiu pela estrada de duas pistas sem nunca passar de cinquenta quilômetros por hora. Havia pouco tráfego. Uma ou duas vezes um carro passava por ela, buzinando, e os poucos que vinham na direção oposta buzinavam também. Num caso foi porque ela estava indo devagar demais, e, no outro, porque ela não sabia como diminuir o farol. Não importa. Ela não podia parar para tomar coragem outra vez no meio da estrada. Ela só podia seguir em frente, como ele tinha dito. Seguir em frente.

De início ela não reconheceu Bailey's Falls, chegando ali daquele jeito desconhecido. Quando reconheceu, ficou mais assustada do que tinha ficado em todos os quinze quilômetros. Uma coisa era dirigir em território desconhecido, e outra virar no portão da pousada.

Ele estava acordado quando ela parou no estacionamento. Ele não demonstrou qualquer surpresa diante de onde eles estavam, ou do que ela tinha feito. Na verdade, ele disse a ela que as buzinas o tinham despertado, quilômetros atrás, mas que ele tinha fingido estar dormindo ainda, porque o mais importante era não sobressaltá-la. Ele, contudo, não tinha ficado preocupado. Sabia que ela ia conseguir.

Ela perguntou se ele estava acordado o bastante para dirigir agora.

— Acordadíssimo. Totalmente desperto.

Ele mandou que ela tirasse o pé da sandália, e tocou e apertou aqui e ali antes de dizer:

— Muito bom. Não tem calor. Não tem inchaço. Seu braço está doendo? Talvez nem doa.

Ele andou com ela até a porta, e agradeceu-lhe pela companhia. Ela ainda estava impressionada por estar de volta em segurança. Mal percebeu que era hora da despedida.

Para dizer a verdade, ela não sabe até hoje se aquelas palavras foram ditas, ou se ele apenas pegou-a, pôs os braços em volta dela, apertou-a com tanta força, com pressões tão contínuas, tão cambiantes, que parecia que mais de dois braços eram necessários, que ela estava cercada por ele, por seu corpo forte e fácil, exigindo e renunciando a tudo de uma vez, como se ele estivesse dizendo a ela que ela estava errada em desistir dele, que tudo era possível, mas que por outro lado ela não estava errada, ele queria ficar gravado nela e ir embora.

De manhã cedo, o gerente bateu na porta do dormitório, chamando Grace.

— Tem uma pessoa no telefone — disse ele. — Não precisa ir, só estão querendo saber se você estava aqui. Falei que ia verificar. Tudo bem então.

Devia ser Maury, pensou ela. Um deles, de qualquer jeito. Mas provavelmente Maury. Agora ela teria de lidar com Maury.

Quando ela desceu para servir o café — usando seus sapatos de lona — ela ficou sabendo do acidente. Um carro tinha batido no contraforte de uma ponte no meio da estrada para o lago Little Sabot. Tinha se enfiado direto ali, e estava completamente esmagado e incendiado. Nenhum outro carro se envolveu no acidente, e ao que tudo indicava, nenhum passageiro. O motorista teria de ser identificado pelos registros dentários. Ou talvez já tivesse sido, àquela altura.

— Que jeito de bater as botas — disse o gerente. — Melhor cortar logo a garganta.

— Pode ter sido um acidente — disse o cozinheiro, cuja natureza era otimista. — De repente ele só caiu no sono.

— É. Com certeza.

Agora o braço dela doía como se tivesse levado um golpe terrível. Ela não conseguia equilibrar a bandeja, tendo de carregá-la à sua frente, usando as duas mãos.

Ela não precisou ficar frente a frente com Maury. Ele escreveu uma carta a ela.

Diga apenas que ele te obrigou. Diga apenas que você não queria ir.

Ela escreveu de volta três palavras. *Eu quis ir.* Ela ia acrescentar *Desculpe*, mas se conteve.

O sr. Travers veio até a pousada vê-la. Foi polido e profissional, firme, frio, não rude. Ela o viu agora em circunstâncias que permitiam que ele viesse sozinho. Um homem que podia assumir o comando, que podia arrumar as coisas. Disse que era muito triste, que estavam todos muito tristes, mas que o alcoolismo era uma coisa terrível. Quando a sra. Travers estivesse um pouco melhor, ele ia viajar com ela, sair de férias, para algum lugar quente.

Então ele disse que tinha de ir, muitas coisas a fazer. Ao apertar sua mão, pôs um envelope nela.

— Nós dois esperamos que você vá fazer bom uso disso — disse ele.

O cheque era de mil dólares. Imediatamente ela pensou em devolvê-lo ou rasgá-lo, e às vezes ainda hoje ela pensa que teria sido ótimo fazer isso. Mas no fim, claro, ela não conseguiu. Naquela época, era dinheiro o bastante para garantir que ela pudesse começar a vida.

Ofensas

Eles saíram da cidade de carro por volta da meia-noite — Harry e Delphine no banco da frente, e Eileen e Lauren no de trás. O céu estava limpo e a neve tinha escorregado das árvores mas não tinha derretido embaixo delas nem nas pedras que ponteavam à margem da estrada. Harry parou o carro perto de uma ponte.

— Está bom aqui.

— Alguém pode ver a gente parado aqui — disse Eileen. — Podem parar para ver o que a gente está fazendo.

Ele começou a dirigir de novo. Viraram na primeira estradinha de terra, onde saíram todos do carro e desceram cuidadosamente o declive, só um trecho curto, entre negros cedros rendados. A neve estalando um pouquinho, ainda que o chão por debaixo estivesse mole e sujo. Lauren ainda estava de pijama debaixo do casaco, mas Eileen a tinha mandado colocar as botas.

— Que tal aqui? — disse Eileen.

Harry disse:

— Não é lá muito afastado da estrada.

— Afastado o bastante.

Fazia um ano que Harry largara o trabalho numa revista de notícias porque não aguentava mais. Comprara o jornal semanal daquela cidadezinha de que se lembrava da infância. Sua família tinha uma casa de veraneio num daqueles pequenos lagos ali perto, e ele lembrava de ter tomado sua primeira cerveja no hotel da rua principal. Ele, Eileen e Lauren foram jantar ali em seu primeiro domingo na cidade.

Mas o bar estava fechado. Harry e Eileen tiveram de beber água.

— Como pode? — disse Eillen.

Harry ergueu as sobrancelhas para o dono do hotel, que também era o garçom.

— Domingo? — disse.

— Não tenho a licença.

O dono tinha um sotaque forte — e desdenhoso, ao que parecia. Usava camisa e gravata, cardigã, e calças cujas pernas pareciam ter-se fundido uma na outra — completamente moles, amarrotadas, desfiadas, como uma pele exterior que estivesse escamando e ficando cinza enquanto a pele real devia estar por baixo.

— Que mudança, antigamente não era assim — disse Harry, e, como o homem não respondesse, ele pediu rosbife para todos.

— Que afável — disse Eileen.

— Europeu — disse Harry. — É a cultura deles. Eles não se sentem obrigados a sorrir o tempo todo.

Ele apontou coisas na sala de jantar que não tinham mudado — o pé-direito alto, o ventilador lento, até uma lúgubre pintura a óleo de um cão de caça com um pássaro alaranjado na boca.

Chegaram outros clientes. Uma família. Meninhas de sapato envernizado e piniquentos enfeites de renda, um bebê aprendendo a andar, um adolescente de paletó, semimorto de vergonha, diversos pais e pais de pais — um velho magricela e distraído e uma velha despejada de lado numa cadeira de rodas, com um ramallete no peito. Qualquer uma das mulheres de vestido florido teria dado umas quatro de Eileen.

— Aniversário de casamento — sussurrou Harry.

Ao sair, ele parou para apresentar-se e apresentar a família, para dizer-lhes que agora era ele quem estava no comando do jornal, e para dar parabéns. Ele esperava que eles não se importassem caso anotasse seus nomes. Harry era um homem de rosto largo e aparência de garoto, com pele bronzeada e cabelo castanho-claro brilhoso. Sua aura de bem-estar e sua gratidão geral contagiaram a mesa — ainda que não talvez o adolescente ou o casal de velhos. Ele perguntou há quanto tempo eles dois estavam casados e a resposta foi sessenta e cinco anos.

— Sessenta e cinco anos — exclamou Harry, estonteado com o fato. Perguntou se poderia dar um beijo na noiva e deu, tocando com os lábios sua orelha enquanto ela virava de lado a cabeça.

— Agora você tem de beijar o noivo — disse ele a Eileen, que deu um sorriso apertado e deu um beijinho no cocuruto do homem.

Harry perguntou a receita para um casamento feliz.

— A mamãe não fala — disse uma das gordas. — Mas vou perguntar ao papai.

Ela gritou no ouvido do pai:

— Sua recomendação para um casamento feliz?

Ele contorceu o rosto malandramente.

— Usar sempre rédea curta.

Todos os adultos riram, e Harry falou:

— Tudo bem, vou simplesmente colocar no jornal que você sempre fez questão de ter o ok da esposa.

Do lado de fora, Eileen disse:

— Como eles conseguem ficar tão gordos? Não consigo entender. Você ia precisar comer dia e noite para ficar enorme daquele jeito.

— Estranho — disse Harry.

— Aquilo era vagem enlatada — disse ela. — Em agosto. Não é agora a época da vagem? E aqui, no interior, onde supostamente plantam coisas?

— Estranhíssimo — disse ele, feliz.

Quase imediatamente foram feitas mudanças no hotel. Na antiga sala de jantar foi posto um teto falso — quadrados de papelão apoiados por tiras de metal. As grandes mesas redondas foram substituídas por pequenas mesas quadradas, e as cadeiras pesadas de madeira por cadeiras leves de metal, com assentos cobertos de plástico avermelhado. Por causa do teto rebaixado, as janelas tiveram de ser reduzidas a retângulos desproporcionalmente largos. Uma placa de neon numa delas dizia café bem-vindo.

O proprietário, cujo nome era sr. Palagian, nunca sorria nem dizia uma palavra além do necessário, apesar da placa.

Mesmo assim, o café ficava repleto de clientes ao meio-dia, ou no fim da tarde. Os clientes eram alunos do secundário, na maioria do nono ao décimo primeiro ano. Havia também alguns alunos mais velhos do primário. A grande atração do lugar era que todo mundo podia fumar ali. Não que você pudesse comprar cigarros se parecesse ter menos de dezesseis anos. O sr. Palagian era estrito quanto a isso. *Você não*, dizia ele, em sua voz pastosa e aborrecida. *Você não*.

Àquela altura ele tinha contratado uma mulher para trabalhar para ele, e se alguém que fosse jovem demais tentasse comprar cigarros com ela, ela ria.

— Quem você acha que engana, bebezinho?

Mas alguém que tivesse dezesseis anos ou mais podia pegar o dinheiro de quem fosse mais novo e comprar doze maços.

Letra da lei, dizia Harry.

Harry parou de almoçar ali — era barulhento demais — mas ainda ia tomar o café. Ele tinha esperanças de que um dia o sr. Palagian fosse amolecer e contar a história de sua vida. Harry tinha um arquivo cheio de ideias para livros e estava sempre à procura de histórias de vida. Alguém como o sr. Palagian — ou até aquela garçonne gorda e durona, disse ele — podia trazer consigo uma tragédia ou uma aventura contemporânea que daria um *best-seller*.

O importante na vida, dizia Harry a Lauren, era viver no mundo com interesse. Manter os olhos abertos e enxergar as possibilidades — ver a humanidade — em todas as pessoas que você encontrava. Prestar atenção. Se havia alguma coisa que ele tinha para ensinar a ela, era isso. *Prestar atenção*.

Lauren preparava o próprio café da manhã, habitualmente cereal com xarope de bordo no lugar de leite. Eileen levava sua xícara de café de volta para a cama e a tomava lentamente. Não queria conversar. Ela precisava concentrar-se para enfrentar o dia, trabalhando no escritório do jornal. Quando estava suficientemente concentrada — algum tempo depois de Lauren ter ido para a escola — ela saía da cama, tomava uma ducha e vestia uma de suas roupas casualmente provocantes. À medida que o outono ia passando, essa roupa normalmente consistia de um suéter de tecido grosso, uma saia curta de couro e meias de cores chamativas. Como o sr. Palagian, Eileen facilmente conseguia ter uma aparência diferente da de todo mundo na cidade, mas, ao contrário dele, ela era bonita, com seu cabelo negro bem curto e seus finos brincos de ouro, que eram como pontos de exclamação, e suas pálpebras vagamente cor de malva. Na redação do jornal, ela era direta, e sua expressão, remota, mas isso era pontuado por sorrisos vivos, estratégicos.

Eles tinham alugado uma casa no limite da cidade. O quintal dava para uma vastidão turística de saliências rochosas e encostas de granito, pântanos de cedro, pequenos lagos, e uma floresta transicional de álamos, bordos vermelhos, lariços e abetos. Harry adorava aquilo. Dizia que um dia acordariam e encontrariam um alce no quintal. Lauren voltava para casa depois da escola, quando o sol já estava baixo no horizonte e o calor moderado do dia outonal revelava-se uma fraude. A casa era fria e cheirava ao jantar da noite passada, a pó de café velho e ao lixo que lhe cabia levar para fora. Harry estava acumulando lixo orgânico — queria fazer uma horta no próximo ano. Lauren levava o balde de cascas, maçãs comidas, pó de café e sobras até a margem da floresta, de onde podiam surgir um alce ou um urso. As folhas dos álamos tinham amarelado, e os lariços brandiam peludas lanças alaranjadas contra as

escuras árvores verdes o ano todo. Ela jogava o lixo e o cobria de terra e grama cortada, da maneira como Harry tinha ensinado.

A vida dela era bem diferente do que tinha sido apenas há algumas semanas, quando ela, Harry e Eileen estavam dirigindo para um dos lagos para nadar nas tardes quentes. Então, depois, à noite, ela e Harry aventuravam-se em caminhadas pela cidade, enquanto Eileen lixava, pintava e botava papel de parede na casa, dizendo que sozinha fazia aquilo mais rápido e melhor. Tudo que ela queria que Harry fizesse na época era levar todas as suas caixas de papel, seu arquivo e sua escrivaninha para um quartinho imundo do porão, longe do caminho dela. Lauren tinha-o ajudado.

Uma das caixas de papelão que ela pegou estava estranhamente leve e parecia conter algo mole, não como papel, mais como roupas ou romãs. Na hora em que ela disse “O que é isso?”, Harry viu-a carregando a caixa e falou:

— Ei.

Então disse:

— Ah, meu Deus.

Ele tirou a caixa das mãos dela e colocou-a numa gaveta do arquivo, que fechou com força.

— Ah, meu Deus — disse ele novamente.

Ele quase nunca tinha falado com ela daquele jeito rude e exasperado. Olhava em volta como se pudesse haver alguém observando-os e bateu as palmas das mãos nas calças.

— Desculpe — disse. — Eu não esperava que você pegasse aquilo.

Ele colocou os cotovelos em cima do arquivo e apoiou a testa nas mãos.

— Bom — disse. — Bom, Lauren. Eu podia inventar alguma mentira, mas vou falar a verdade. Porque eu acredito que a gente deve contar a verdade para as crianças. Pelo menos quando elas chegam à sua idade, elas devem saber a verdade. Mas nesse caso vai ter de ser segredo. Tudo bem?

Lauren disse:

— Tudo bem.

— Tem cinzas aí dentro — disse Harry. Falou de um jeito peculiarmente mais baixo quando disse *cinzas*. — Não cinzas quaisquer. São as cinzas cremadas de um bebê. Esse bebê nasceu antes de você nascer. Ok? Sente aqui.

Ela sentou-se numa pilha de cadernos de capa dura que continham os escritos de Harry. Ele ergueu a cabeça e olhou para ela.

— Olha só, o que eu estou te contando deixa a Eileen muito perturbada e é por isso que precisa ser segredo. É por isso que você nunca ficou sabendo,

porque a Eileen não aguenta lembrar disso. Ficou claro agora?

Ela disse o que tinha de dizer. Sim.

— Bom, então, o que aconteceu foi que a gente teve uma filhinha antes de ter você. Uma bebezinha, e quando ela era bem pequenina Eileen ficou grávida. E isso foi um choque terrível para ela, porque ela estava acabando de descobrir o trabalho terrível que dá um novo bebê e lá estava ela, sem conseguir dormir e vomitando porque tinha náusea de manhã. A náusea não era só de manhã, era de manhã, de tarde e *de noite*, e ela simplesmente não sabia como ia aguentar. Estar grávida. Então uma noite, quando ela estava simplesmente fora de si, por alguma razão teve a ideia de que tinha de sair de casa. E entrou no carro, colocou o bebê na cadeirinha e saiu dirigindo, e estava escuro, chovendo, e ela estava dirigindo rápido demais e não viu uma curva. Então. O bebê não estava fixado direito e saiu voando da cadeirinha. E Eileen quebrou as costelas e teve concussões, e por um tempo pareceu que íamos perder os dois bebês.

Ele respirou fundo.

— Quer dizer, já tínhamos perdido um. Ela morreu quando voou da cadeirinha. Mas não perdemos o bebê na barriga de Eileen. Porque. Era você. Entendeu? Você.

Lauren acenou muito de leve com a cabeça.

— Então a razão por que não te contamos isso, além do estado emocional de Eileen, é que talvez isso fizesse com que você não se sentisse muito bem vinda. Não nas primeiras circunstâncias. Mas você precisa acreditar em mim que foi. Ah, Lauren. Foi sim. E é.

Ele tirou o braço do arquivo e veio abraçá-la. Estava com cheiro de suor e do vinho que ele e Eileen tinham tomado no jantar, e Lauren sentiu-se muito desconfortável e incomodada. A história não tinha-a perturbado, ainda que as cinzas fossem um pouco macabras. Mas ela acreditou quando ele disse que aquilo perturbava Eileen.

— É por causa disso que vocês brigam? — disse ela bruscamente, e ele a soltou.

— As brigas — disse ele com tristeza. — Eu acho que pode haver algo disso por trás delas. Por trás da histeria dela. Você sabe que eu me sinto mal a respeito disso tudo. Me sinto mal mesmo.

Quando eles saíam para dar suas caminhadas ele às vezes perguntava a ela se estava preocupada ou triste a respeito do que ele tinha contado. Ela dizia “Não” numa voz firme, um tanto impaciente, e ele dizia “Que bom”.

Toda rua tinha uma curiosidade — a mansão vitoriana (hoje um asilo), a torre de tijolos que era tudo que tinha sobrado de uma fábrica de vassouras, o cemitério que remontava a 1842. E por alguns dias houve uma feira de outono. Eles olharam os caminhões sulcando a terra um a um, levando na caçamba blocos de cimento que escorregavam para a frente, fazendo com que eles sacudissem e tivessem de parar para que a distância entre um outro fosse medida. Harry e Lauren escolheram cada qual um caminhão para o qual torcer.

Agora Lauren tinha a impressão de que todo aquele tempo tinha tido uma aura de falsidade, de um entusiasmo bobo e descuidado, que não levava minimamente em conta o peso do cotidiano, ou da realidade, que ela tinha de carregar desde o início das aulas e da publicação do jornal, e da mudança do tempo. Um urso ou um alce eram verdadeiros animais selvagens matutando suas próprias necessidades — não eram motivos para ficar empolgada. E agora ela não ia ficar dando pulinhos e gritando como tinha feito na feira, torcendo por seu caminhão. Alguém da escola podia vê-la e achar que ela era louca.

O que era próximo do que eles pensavam, de qualquer jeito.

Seu isolamento na escola se baseava no conhecimento e na experiência, que, como ela meio que sabia, podiam parecer inocência e pedantismo. As coisas que para outros eram fantásticos mistérios não eram tão misteriosas para ela, e ela não conseguia fingir que fossem. E era isso que a apartava, assim como saber pronunciar *L'Anse aux Meadows* e ter lido *O senhor dos anéis*. Ela tinha tomado meia garrafa de cerveja aos cinco anos e experimentado maconha aos seis, ainda que não tivesse gostado de nenhuma das duas coisas. Às vezes ela tomava um pouco de vinho no jantar, e até que gostava. Ela tinha ouvido falar de sexo oral, de todos os métodos anticoncepcionais, e sabia o que os homossexuais faziam. Ela via Harry e Eileen nus com certa regularidade, e também um grupo de amigos deles nus em volta de uma fogueira na floresta. Naquelas mesmas férias ela saiu sorrateiramente com outras crianças para ver pais esgueirando-se graças a um furtivo consentimento nas tendas de mães que não eram suas esposas. Um dos garotos tinha sugerido sexo a ela e ela tinha concordado, mas ele não conseguia fazer nenhum progresso, eles ficaram zangados um com o outro e depois ela passou a sentir ódio quando via a cara dele.

Tudo isso era ali um fardo para ela — um fardo que lhe dava uma sensação de vergonha e de peculiar tristeza, até de privação. E não havia muito que ela pudesse fazer além de lembrar, na escola, de chamar Harry e Eileen de pai e mãe. Aquilo parecia torná-los maiores, mas não tão nítidos. Seus tensos contornos ficavam ligeiramente borrados quando eles eram chamados daquele

jeito, suas personalidades ficavam levemente maquiadas. Diante deles, ela não tinha técnica para fazer isso acontecer. Ela não conseguia nem admitir que talvez fosse reconfortante.

Algumas meninas da turma de Lauren, achando a proximidade do café irresistível mas sem coragem de entrar, iam para o saguão do hotel e procuravam o banheiro. Ali passavam quinze ou trinta minutos prendendo o próprio cabelo, ou umas o cabelo das outras, em estilos diferentes, passando o batom que talvez tivessem roubado da Stedmans, cheirando o pescoço e o pulso umas das outras, que elas tinham borrifado com todos os perfumes que podiam experimentar de graça na farmácia.

Quando elas chamaram Lauren para ir junto, ela suspeitou de algum truque, mas foi mesmo assim, em parte porque ela realmente detestava voltar sozinha nas tardes cada vez mais curtas para a casa na margem da floresta.

Assim que elas entraram no saguão, algumas meninas pegaram-na e empurraram-na até o balcão, onde a mulher do restaurante estava sentada num banco de bar, fazendo algumas contas numa calculadora.

O nome daquela mulher — Lauren já o tinha ouvido da boca de Harry — era Delphine. Ela tinha um cabelo fino e longo que podia ser louro esbranquiçado ou talvez fosse realmente branco, porque jovem ela não era. Ela provavelmente tinha de sacudir o cabelo da cara com frequência, como estava fazendo agora. Seus olhos, atrás dos óculos de casco de tartaruga escuros, eram encapuzados por pálpebras roxas. Seu rosto era largo, assim como seu corpo, pálido e macio. Mas não havia nela nada de indolente. Seus olhos, agora erguidos, eram de um azul claro e uniforme, e ela passava os olhos de uma garota para outra como se vileza nenhuma delas pudesse surpreendê-la.

— É ela — disseram as meninas.

A mulher — Delphine — agora olhava para Lauren. Ela disse:

— Lauren? Tem certeza?

Lauren, perplexa, disse sim.

— Bem, perguntei se tinha alguém na escola de nome Lauren — disse Delphine, referindo-se às outras meninas como se elas já estivessem longe, isoladas de sua conversa com Lauren.

— Perguntei porque uma coisa foi encontrada aqui. Alguém deve ter deixado cair no café.

Ela abriu uma gaveta e ergueu uma corrente de ouro. Pendendo da corrente havia letras que diziam Lauren.

Lauren sacudiu a cabeça.

— Não é seu? — disse Delphine. — Que pena. Já perguntei aos garotos da escola. Então acho que vou ter de guardar. Alguém pode vir atrás disso.

Lauren falou:

— Você pode colocar um anúncio no jornal do meu pai.

Ela não percebeu que podia ter dito apenas “o jornal” até o dia seguinte, quando passou por algumas meninas no corredor da escola e ouviu uma voz fininha dizendo *o jornal do meu pai*.

— Até podia — disse Delphine. — Mas aí podia vir todo tipo de gente dizendo “é minha”. Inclusive mentindo o nome. É de ouro.

— Mas ninguém ia poder usar — observou Lauren —, se aquele nome não fosse da própria pessoa.

— Talvez não. Mas não acho que isso ia impedir ninguém.

As outras meninas se dirigiram para o banheiro.

— Ei, vocês — Delphine chamou-as. — Aí não pode.

Elas viraram, surpresas.

— Como não?

— Porque não pode, e pronto. Vocês podem ir ficar de brincadeira em outro lugar.

— Você nunca impediu a gente de ir lá antes.

— Antes era antes e agora é agora.

— Mas é público.

— Não é — disse Delphine. — O da prefeitura é público. Então podem se mandar.

— Eu não estava me referindo a você — disse ela a Lauren, que estava prestes a ir atrás das outras. — Lamento que a corrente não seja sua. Você pode voltar daqui a um dia ou dois. Se ninguém aparecer perguntando, então fica para você, tem seu nome, afinal.

Lauren voltou no dia seguinte. Ela realmente não se importava com a corrente — ela não conseguia imaginar alguém andando por aí com o nome pendurado no pescoço. Ela só queria ter alguma coisa para fazer, algum lugar para ir. Ela podia ter ido à redação do jornal, mas depois de ouvir o jeito como tinham falado *o jornal do meu pai*, não quis fazer isso.

Ela tinha decidido não entrar se o sr. Palagian estivesse no balcão no lugar de Delphine. Mas Delphine estava bem ali, regando uma planta feia na janela da frente.

— Ah, que bom — disse Delphine. — Não apareceu ninguém perguntando por ela. Vamos dar até o fim da semana. Tenho a sensação de que ela ainda vai ficar para você. Você pode entrar sempre a essa hora do dia. Eu não trabalho no café durante a tarde. Se eu não estiver no saguão, é só tocar o sino, que em algum lugar eu estou.

Lauren disse “ok” e virou-se para ir embora.

— Você quer sentar um minuto? Eu estava pensando em tomar um chá. Você toma chá? Pode? Ou prefere um refrigerante?

— Um refrigerante de limão — disse Lauren. — Por favor.

— Num copo? Você quer um copo? Gelo?

— Pode ser assim mesmo — disse Lauren. — Obrigada.

Delphine trouxe de qualquer jeito um copo com gelo.

— Achei que ainda não tinha gelado o bastante — disse ela. Ela perguntou a Lauren onde ela preferia sentar: numa das cadeiras de couro gastas perto da janela ou no banco alto atrás do balcão. Lauren escolheu o banco alto, e Delphine sentou no outro banco.

— Agora, quer me contar o que você aprendeu na escola hoje?

Lauren disse:

— Bem...

O rosto de Delphine desfez-se num sorriso.

— Só perguntei de brincadeira. Eu detestava quando me perguntavam isso. Para começar, eu nunca conseguia lembrar de nada que eu tivesse aprendido naquele dia. E, no mais, eu não fazia a menor questão de falar da escola quando não estava lá. Então vamos pular isso.

Lauren não ficou surpresa com o evidente desejo de fazer amizade daquela mulher. Ela tinha sido criada achando que crianças e adultos podiam viver em pé de igualdade, ainda que tivesse reparado que muitos adultos não entendiam isso e que não era boa ideia insistir. Ela notava que Delphine estava um pouco nervosa. Por isso ficava falando sem parar, por isso ria em momentos estranhos, e por isso recorreu à manobra de abrir a gaveta e pegar uma barra de chocolate.

— Só um doce para acompanhar o seu refrigerante. Para fazer valer a pena voltar para me ver, hein?

Lauren ficou envergonhada pela mulher, ainda que contente em aceitar a barra de chocolate. Ela nunca ganhava doce em casa.

— Não precisa me dar nada para eu vir te visitar — disse ela. — Eu gostaria de vir.

— Oh-oh. Então não preciso, não? Mas que garota, você. Ok, então me devolve o chocolate.

Ela foi pegar o chocolate, e Lauren se abaixou para protegê-lo. Dessa vez ela riu também.

— Eu estava falando da próxima vez. Da próxima vez não precisa me dar nada.

— Mas dar uma vez, tudo bem. É isso?

— Eu queria ter alguma coisa para fazer — disse Lauren. — Em vez de só voltar para casa.

— Você não visita suas amigas?

— Não tenho na verdade amiga nenhuma. Só comecei a escola em setembro.

— Bom, se aquele bando que ficava vindo aqui serve de amostra do que você pode escolher, eu diria que você está melhor assim. E que tal a cidade?

— É pequena. Tem algumas coisas legais.

— É um buraco. Todas elas são buracos. Já entrei em tantos buracos na minha vida que você ia achar que já era para os ratos terem comido meu nariz a essa altura. Ela batucou o nariz de cima a baixo com os dedos. Suas unhas combinavam com as pálpebras.

— Ainda está aqui — disse ela, como que duvidando.

É um buraco. Delphine dizia coisas assim. Ela falava com veemência — não discutia, mas afirmava, e seus juízos eram severos e caprichosos. Ela falava de si mesma — de seus gostos, do funcionamento de seu corpo, como se fossem um mistério monumental, algo único e definitivo.

Ela tinha alergia a beterraba. Se um mísero pinguinho de suco de beterraba lhe descesse goela abaixo, seus tecidos inchariam e ela teria de ir para o hospital, e precisaria de uma cirurgia de emergência para poder respirar.

— E você? Tem alguma alergia? Não? Que bom.

Ela acreditava que toda mulher devia ter mãos cuidadas, não importando o tipo de trabalho que tivesse de fazer. Ela gostava de usar esmalte azul carregado ou cor de ameixa. E gostava de usar brincos, grandes e estrepitosos, mesmo no trabalho. Brincos pequeninos não lhe diziam nada.

Ela não tinha medo de cobras, mas gatos lhe davam uma sensação esquisita. Ela achava que um gato devia ter vindo e deitado em cima dela quando ela era bebê, atraído pelo cheiro de leite.

— E você? — disse ela a Lauren. — Do que você tem medo? Qual sua cor favorita? Você já teve sonambulismo? Fica bronzeada ou vira um pimentão? Seu cabelo cresce rápido ou devagar?

Não que Lauren não estivesse acostumada a alguém ter interesse nela. Harry e Eileen tinham interesse — Harry, especialmente — em suas ideias e opiniões e naquilo que ela achava das coisas. Às vezes esse interesse lhe dava nos nervos. Mas ela nunca tinha percebido que podia haver todas essas outras coisas, fatos arbitrários, que podiam parecer deliciosamente importantes. E ela nunca teve a sensação — como tinha em casa — de que poderia haver qualquer outra pergunta por trás das perguntas de Delphine, nunca a sensação de que, se não tomasse cuidado, teria a intimidade violada.

Delphine lhe ensinava piadas. Dizia que conhecia centenas de piadas, mas que só contava a Lauren aquelas que não fossem impróprias. Harry não teria achado bonito contar piadas a respeito das pessoas de Newfoundland (*Newfies*), mas Lauren ria de bom grado.

Ela disse a Harry e a Eileen que depois da escola ia sempre visitar uma amiga. Não chegava a ser mentira. Eles pareciam contentes. Mas, por causa deles, ela não levou a corrente de ouro com seu nome quando Delphine disse que ela podia levar. Fingiu estar preocupada porque a dona ainda podia vir buscá-la.

Delphine conhecia Harry, servia-lhe o café da manhã no café, e poderia ter comentado com ele as visitas de Lauren, mas aparentemente não comentou.

Ela às vezes colocava uma placa — *Toque o sino para ser atendido* — e levava Lauren consigo a outras partes do hotel. Às vezes havia hóspedes, e era preciso arrumar as camas, esfregar privadas e pias, passar aspirador no chão. Lauren não podia ajudar.

— Fica só sentada aí e conversa comigo — disse Delphine. — Esse trabalho faz a gente se sentir sozinha.

Mas era ela quem falava. Falava da vida sem nenhuma espécie de sequência. Os personagens apareciam e desapareciam e Lauren teria de saber quem eles eram sem perguntar. As pessoas chamadas de sr. e de sra. eram bons patrões. Outros patrões eram o Velho Barriga de Porco, o Velho Cu de Cavalo (*Não repita o que eu falo*), e eles eram terríveis. Delphine tinha trabalhado em hospitais (*Como enfermeira? Sério?*), em campos de tabaco, em restaurantes legazinhos e em espeluncas, num acampamento de lenhadores, onde cozinhava, numa garagem de ônibus, onde fazia a limpeza e via coisas nojentas demais para

ser mencionadas, e numa loja de conveniências aberta 24 horas onde lhe apontaram uma arma e ela pediu demissão.

Às vezes ela passava um tempo mais amiga de Lorraine e às vezes de Phyl. Phyl ficava pegando coisas emprestadas sem perguntar — pegou emprestada a blusa de Delphine e usou-a num baile e suou tanto que arruinou a parte embaixo do braço. Lorraine tinha terminado o secundário, mas cometeu um grande erro quando casou com o bestalhão que escolheu e agora com certeza estava arrependida.

Delphine podia ter casado. Alguns homens com quem ela tinha saído tinham se dado bem, outros viraram uns zeros à esquerda, e de outros ainda ela não tinha ideia do que tinha acontecido. Ela gostava de um garoto chamado Tommy Kilbride, mas ele era católico.

— Você provavelmente não sabe o que isso significa para uma mulher.

— Significa que você não pode usar nenhum método anticoncepcional — disse Lauren. — Eileen era católica, mas largou porque não concordava. Eileen, minha mãe.

— Sua mãe não ia precisar se preocupar mesmo, do jeito que o negócio aconteceu.

Lauren não entendeu. Então achou que Delphine devia estar falando de ela, Lauren, ser filha única. Ela devia pensar que Harry e Eileen gostariam de ter tido mais filhos depois dela mas que Eileen não podia. Até onde Lauren sabia, não era esse o caso.

Ela disse:

— Eles podiam ter tido mais se quisessem. Depois de mim.

— Isso é o que você acha, né? — disse Delphine, brincando. — Talvez não pudessem ter mais. De repente te adotaram.

— Não. Não adotaram. Eu sei que não.

Lauren estava a ponto de contar o que tinha acontecido quando Eileen estava grávida, mas não falou nada porque Harry tinha insistido tanto que era segredo. Ela tinha superstição quanto a quebrar promessas, ainda que tivesse reparado que os adultos com frequência não se importavam em quebrar as deles.

— Não me olhe tão séria — disse Delphine.

Ela pôs as mãos no rosto de Lauren e bateu com as unhas cor de amora em suas bochechas.

— Estou só brincando.

A secadora da lavanderia do hotel estava quebrada, Delphine tinha de pendurar a roupa de cama e as toalhas molhadas, e como estava chovendo o melhor lugar

para fazer isso era o antigo estábulo. Lauren ajudava a carregar os cestos cheios de lençóis brancos, indo pelo pequeno quintal de cascalho atrás do hotel até o estábulo de pedra vazio. Tinha sido colocado ali um chão de cimento, mas ainda subia um cheiro da terra embaixo, ou talvez das paredes de pedra e resíduos. Terra úmida, pele de cavalo, ricas notas de urina e couro. O espaço estava vazio, tirando os varais e algumas escrivaninhas e cadeiras quebradas. Os passos delas ecoavam.

— Tenta chamar seu nome — disse Delphine.

Lauren chamou:

— Del-fi-iiin.

— O *seu* nome — disse Lauren, e chamou de novo. — *Del-fi-iin*.

— Não gosto do meu nome — disse Delphine. — Ninguém gosta do próprio nome.

— Eu não *não* gosto do meu.

— Lauren é legal. É um nome legal. Escolheram um nome legal para você.

Delphine tinha desaparecido atrás do lençol que estava pregando no varal. Lauren quis saber que tal ficava assobiar.

— Cantar é que fica bom aqui — disse Delphine. — Canta a sua música favorita.

Lauren não conseguia pensar numa música que fosse a sua favorita. Aquilo pareceu deixar Delphine atônita, exatamente como ela tinha ficado atônita quando descobriu que Lauren não sabia piada nenhuma.

— Conheço milhões — disse ela. — E começou a cantar.

— *Moon River, wider than a mile...*

Aquela era uma canção que Harry cantava às vezes, sempre zombando da canção, ou de si mesmo. O jeito de Delphine cantá-la era bem diferente. Lauren sentiu o calmo lamento na voz de Delphine atraindo-a para os lençóis brancos ondulantes. Os lençóis mesmos pareciam que iam dissolver em volta dela — não, em volta dela e de Delphine — criando uma sensação de aguda doçura. O canto de Delphine era como um abraço, amplo, no qual você podia se jogar. Ao mesmo tempo, sua emoção solta deu a Lauren um tremor no estômago, uma distante ameaça de náusea.

— *Waiting round the bend*

My huckleberry friend...

Lauren interrompeu-a pegando uma cadeira sem assento e arrastando sua perna no chão.

— Tem uma coisa que eu vinha querendo te perguntar — disse Lauren resolutamente a Harry e Eileen, na mesa de jantar. — Por algum acaso existe a chance de eu ter sido adotada?

— De onde você tirou essa ideia? — disse Eileen.

Harry parou de comer, levantou as sobrancelhas num aviso a Lauren, e então começou a brincar.

— Se fôssemos adotar uma criança — disse ele —, você acha que íamos pegar uma que fizesse tantas perguntas enxeridas?

Eileen se levantou, mexendo no zíper da saia. A saia caiu, e ela abaixou a meia-calça e a calcinha.

— Olha aqui — disse ela. — Assim você vai ver.

A barriga dela, que parecia lisa quando ela estava vestida, agora exibia certo volume e alguma flacidez. Sua superfície, ainda levemente bronzeada até a marca do biquíni, estava coberta de listras de um branco morto que rebrilhavam à luz da cozinha. Lauren as tinha visto antes mas não tinha achado nada — elas pareciam apenas parte do corpo particular de Eileen, como as pintas geminadas em sua clavícula.

— Isso são marcas de esticar a pele — disse Eileen. — Carreguei você até aqui na frente.

Ela estendeu a mão a uma distância impossível à frente do corpo.

— Convencida agora?

Harry colocou sua cabeça contra Eileen, aconchegando-a em sua barriga nua. Então tirou-a e falou com Lauren.

— Caso você esteja se perguntando por que não tivemos mais filhos, a resposta é que você é a única filha de que precisamos. Você é inteligente e bonita e tem senso de humor. Como é que a gente ia saber se depois viria alguém tão bom? Além do mais, não somos uma família comum. A gente gosta de andar por aí. Experimentar coisas, ser flexível. Temos uma filha, que é perfeita e se adapta bem. Não há necessidade de forçar a sorte.

Seu rosto, que Eileen não podia ver, estava dirigindo a Lauren um olhar muito mais sério do que suas palavras. Uma prolongada advertência, misturada com decepção e surpresa.

Se Eileen não estivesse ali, Lauren o teria questionado. E se eles tivessem perdido os dois bebês, em vez de um só? E se ela mesma nunca tivesse estado dentro de Eileen e não fosse responsável por aquelas marcas na barriga dela? Como ela podia ter certeza de que não tinha sido pega como substituta? Se havia uma coisa importante que ela não sabia, por que não poderia haver outra?

Essa ideia era perturbadora, mas tinha um encanto distante.

Quando Lauren voltou ao saguão do hotel depois da escola, ela estava tossindo.

— Vem aqui em cima — disse Delphine. — Tenho um remédio bom pra isso.

No momento em que ela estava colocando a placa de *Toque o sino para ser atendido*, o sr. Palagian entrou no saguão, vindo do café. Num pé ele usava um sapato e no outro uma pantufa, rasgada para acomodar um pé enfaixado. Bem no lugar onde devia estar seu dedão, havia uma mancha de sangue seco.

Lauren achou que Delphine iria tirar a placa quando viu o sr. Palagian, mas não tirou. Tudo que ela disse a ele foi: “Melhor você trocar esse curativo quando puder.”

O sr. Palagian acenou com a cabeça mas não olhou para ela.

— Vou descer logo — ela lhe disse.

O quarto dela ficava no terceiro andar, debaixo do beiral. Subindo e tossindo, Lauren disse:

— O que aconteceu com o pé dele?

— Que pé? — disse Delphine. — De repente alguém pisou nele, sei lá. Talvez com o salto do sapato, hein?

O teto do quarto tinha uma forte inclinação dos dois lados da lucerna. Havia uma cama de solteiro, uma pia, uma cadeira, uma escrivaninha. Na cadeira havia uma chapa elétrica com uma chaleira em cima. Em cima da escrivaninha, fileiras lotadas de produtos de maquiagem, pentes e comprimidos, uma lata de saquinhos de chá e uma lata de chocolate em pó. O edredom era de rayon, fino, com listras branco e castanho-claro, como o da cama dos hóspedes.

— Não está muito arrumado, não é? — disse Delphine. — Eu não passo muito tempo aqui.

Ela encheu a chaleira na pia e ligou a chapa, e então arrancou o edredom para tirar um cobertor.

— Tira esse casaco — disse ela. — Fica enrolada nisso aqui, bem quentinha.

Ela encostou no radiador.

— Demora o dia todo até algum calor chegar aqui.

Lauren fez o que lhe foi mandado. Duas xícaras e duas colheres foram tiradas da gaveta de cima, chocolate quente foi medido a partir da lata. Delphine disse:

— Só faço com água quente. Imagino que você esteja acostumada com leite. Eu não tomo leite no chá nem em nada. Se eu trago leite para cá, ele azeda. Não tenho geladeira.

— Tudo bem com água — disse Lauren, ainda que nunca tivesse tomado chocolate quente daquele jeito. Ela teve um súbito desejo de estar em casa, embrulhada no sofá e vendo tv.

— Bom, não fica sentada aí — disse Delphine, numa voz ligeiramente irritada ou nervosa. — Sente-se, fique à vontade. A chaleira não demora.

Lauren sentou na beira da cama. De repente Delphine virou de lado, pegou-a por debaixo de braço — fazendo com que ela voltasse a tossir — e içou-a de modo a que ela sentasse com as costas para a parede, e os pés suspensos acima do chão. Suas botas foram retiradas, e Delphine logo apertou seus pés, para ver se as meias estavam molhadas.

Não.

— Ei. Eu ia pegar um negócio para dar um jeito nessa tosse. Cadê meu xarope para tosse?

Da mesma gaveta de cima saiu uma garrafa meio cheia de líquido âmbar. Delphine serviu uma colher cheia.

— Abre a boca — disse. — O gosto não é tão ruim assim.

Lauren, depois de ter engolido, disse:

— Tem uísque nisso?

Delphine examinou a garrafa, que não tinha rótulo.

— Não estou vendo onde diz isso. Você está? Sua mamãe e seu papai vão dar ataque se eu te der uma colherada de uísque para a sua tosse?

— Às vezes meu pai me faz um toddy.

— Faz, é mesmo?

Agora a chaleira estava apitando e a água foi servida nas xícaras. Delphine mexia rápido, esmagando as pelotas, falando com elas.

— Vamos lá, suas safadas. Vamos logo — afetando boa disposição.

Havia algo errado com Delphine hoje. Ela parecia muito perturbada e agitada, talvez zangada no fundo. Ela também era grande demais, exuberante demais, vistosa demais para aquele quarto.

— Você olha esse lugar — disse ela, e eu sei no que você deve estar pensando. Você está pensando: caramba, ela deve ser pobre. Por que ela não tem mais coisas? Mas eu não acumulo coisas. Pela boa razão de que já tive experiências demais tendo de juntar tudo e ir embora. Você bem se assenta e

alguma coisa acontece e você tem que ir embora. Mas eu poupo. As pessoas iam ficar surpresas com o que eu tenho no banco.

Ela deu a Lauren sua xícara, e acomodou-se cuidadosamente na cabeceira da cama, o travesseiro nas costas, os pés com meias no lençol exposto. Lauren tinha uma repulsa toda particular a pés em meias de nylon. Não a pés nus, nem a pés com meias, nem a pés em sapatos, nem pés em meias de nylon cobertos com sapatos, só pés com meias de nylon assim expostos, particularmente tocando qualquer outro tecido. Aquela era só uma sensação pessoal esquisita — como a sensação que lhe davam os cogumelos, ou flocos de cereal amolecendo no leite.

— Bem na hora em que você chegou essa tarde eu estava me sentindo triste — disse Delphine. — Estava pensando numa garota que eu conhecia e pensando que, se eu soubesse onde ela estava, escreveria uma carta. O nome dela era Joyce. Eu estava pensando no que tinha acontecido na vida dela.

O peso do corpo de Delphine fazia o colchão afundar, de modo que Lauren tinha dificuldade em não escorregar na direção dela. O esforço que ela estava fazendo para tentar não colidir com aquele corpo era embaraçoso, e fazia com que ela tentasse ser particularmente educada.

— Quando você a conheceu? — disse. — Quando era nova?

Delphine riu.

— Pois é. Quando eu era nova. Ela também era nova e tinha de sair de casa e ficava por aí com um cara e acabou pegando barriga. Você entendeu o que eu quis dizer com isso?

Lauren disse:

— Ficou grávida.

— Isso. Então ela não estava nem aí, achou que talvez aquilo fosse passar, quem sabe. Ha-ha. Como se fosse gripe. O cara com quem ela estava já tinha dois filhos com outra mulher com quem ele não era casado mas que era mais ou menos esposa dele, e ele ficava sempre pensando em voltar para ela. Mas antes de voltar ele foi pego. E ela, Joyce, também, porque ela ficava entregando as coisas dele por aí. Ela colocava dentro daqueles tubos de Tampax, sabe como eles são? Você sabe do que eu estou falando?

— Sei — respondeu Lauren às duas perguntas. — Claro. Droga.

Delphine emitia um gorgolejo, engolindo o líquido.

— Isso é tudo totalmente confidencial, entendeu?

Nem todas as pelotas de pó de chocolate quente tinham sido batidas e dissolvidas, e Lauren não quis batê-las com a colher que ainda estaria com o gosto do dito xarope de tosse.

— Ela obteve liberdade condicional, então não foi tão ruim estar grávida, foi o que a livrou disso. E o que aconteceu depois, ela se juntou com uns cristãos e eles conheciam um médico que junto com a esposa cuidava das meninas depois de elas terem bebês e davam um jeito de os bebês serem adotados imediatamente. Não era só porque eles eram bonzinhos, eles estavam ganhando dinheiro com esses bebês, mas de qualquer jeito assim ela ficou longe dos assistentes sociais. Daí ela teve o bebê e nunca nem viu. Tudo que ela sabe é que era menina.

Lauren procurou um relógio com os olhos. Não parecia haver nenhum. Delphine tinha um relógio de pulso, mas estava embaixo da manga de seu suéter preto.

— Então ela saiu dali e foi acontecendo uma coisa atrás da outra com ela e ela nem pensou no bebê. Ela achava que ia casar e ter mais filhos. Pois bem, isso não aconteceu. Não que ela se importasse muito, considerando algumas das pessoas com quem isso não aconteceu. Ela até fez algumas cirurgias para que não acontecesse. Sabe que tipo de cirurgia?

— Abortos — disse Lauren. — Que horas são?

— Você realmente é uma garota que sabe das coisas — disse Delphine. — Isso. Pois é. Abortos. — Ela levantou a manga para olhar o relógio. — Nem cinco horas ainda. Eu só ia dizer que ela começou a pensar naquela garotinha e a se perguntar o que tinha acontecido com ela, então começou a investigar para descobrir. Então ela teve sorte e achou as mesmas pessoas. Os cristãos. Ela teve de brigar um pouco com eles mas conseguiu algumas informações. Ela achou os nomes do casal que ficou com a menina.

Lauren foi serpeando até sair da cama. Meio tropeçando no lençol, colocou a xícara em cima da escrivaninha.

— Preciso ir agora — disse. Ela olhou pela pequena janela. — Está chovendo.

— Está? Que novidade. Você não quer saber o resto?

Lauren estava colocando as botas, tentando fazer isso de um jeito distraído para Delphine não reparar muito.

— Parece que o homem estava trabalhando para uma revista aí, então ela foi lá e disseram que ele não estava, mas disseram onde ele tinha ido. Ela não sabia que nome tinham dado à filha dela mas essa foi outra coisa que ela conseguiu descobrir. Você nunca sabe o que vai descobrir se não tentar. Você está tentando fugir de mim?

— Preciso ir embora. Meu estômago está revirando. Estou resfriada.

Lauren deu um puxão no casaco que Delphine tinha colocado no gancho alto atrás da porta. Quando não conseguiu tirá-lo imediatamente, seus olhos ficaram cheios de lágrimas.

— Eu nem conheço essa Joyce — disse ela, triste.

Delphine transferiu os pés para o chão, levantou da cama lentamente, colocou sua xícara na escrivaninha.

— Se o seu estômago está revirando você devia deitar. Provavelmente você bebeu aquilo muito rápido.

— Quero só o meu casaco.

Delphine pegou o casaco mas segurou-o alto demais. Quando Lauren agarrou-o, ela não soltou.

— Qual o problema? — disse ela. — Você não está chorando, está? Nunca imaginei que você fosse ser chorona. Ok, ok. Aqui. Eu estava só te provocando.

Lauren vestiu os braços nas mangas mas não conseguiu se entender com o zíper. Enfiou as mãos nos bolsos.

— Tudo bem? — disse Delphine. — Tudo bem agora? Ainda amigas?

— Obrigada pelo chocolate.

— Não vá andar tão rápido, o seu estômago precisa se acalmar.

Delphine se curvou. Lauren recuou, com medo de que o cabelo branco de Delphine, as sedosas cortinas suspensas de cabelo fossem entrar em sua boca.

Se alguém já tem idade o bastante para ter o cabelo branco, então ele não devia ser comprido.

— Eu sei que você consegue guardar segredo, eu sei que as nossas visitas e conversas e tudo nosso é segredo. Um dia você vai entender. Você é uma menina ótima. Vem cá.

Ela beijou a cabeça de Lauren.

— Não precisa se preocupar com nada — disse ela.

Grandes flocos de neve estavam caindo reto, deixando nas calçadas uma camada fofinha que se derretia em trilhas negras em que as pessoas andavam, e depois ficavam cheias de novo. Os carros andavam com cuidado, exibindo faróis de amarelo borrado. Lauren olhava em volta aqui e ali para ver se alguém a estava seguindo. Ela não conseguia enxergar muito bem por causa da neve que engrossava e da luz que diminuía, mas não achou que alguém estivesse.

A sensação em seu estômago era tanto de inchaço quanto de vazio. Parecia que ela se livraria daquilo comendo a comida certa, por isso ao chegar em casa foi direto para o armário da cozinha e serviu-se de uma tigela do cereal de

sempre. Não havia mais xarope de bordo, mas ela achou um pouco de xarope de milho. Ela ficou na cozinha fria, comendo sem sequer ter tirado as botas e sua roupa de sair, e olhando o jardim recém esbranquiçado. A neve tornava as coisas visíveis, mesmo com a luz da cozinha acesa. Ela via a si mesma refletida contra o fundo do quintal nevado com pedras escuras encapuzadas de branco, e ramos sempre-verdes já tombando com a carga branca.

Ela mal tinha posto a última colher na boca quando teve de correr ao banheiro para vomitar tudo — flocos de cereal ainda quase inalterados, visco de xarope, fios escorregadios de chocolate pálido.

Quando seus pais chegaram em casa, ela estava deitada no sofá, ainda de botas e casaco, vendo televisão.

Eileen tirou suas roupas de sair, trouxe-lhe um cobertor e tomou sua temperatura — estava normal — e então apalpou sua barriga para ver se estava dura, e a fez flexionar o joelho direito até o peito para ver se isso lhe dava dor do lado direito. Eileen sempre se preocupava com apendicite porque uma vez tinha ido a uma festa — aquele tipo de festa que durava dias — em que uma garota tinha morrido por causa de um apêndice supurado, e todo mundo estava doidão demais para perceber que o estado dela era grave. Quando concluiu que o apêndice de Lauren não era parte do problema, ela foi buscar o jantar, e Harry fez companhia a Lauren.

— Acho que você está com escolite — disse ele. — Eu mesmo costumava ter. Só que quando eu era criança a cura ainda não tinha sido inventada. Sabe qual é a cura? Ficar deitado no sofá vendo tv.

Na manhã seguinte Lauren falou que ainda estava se sentindo mal, ainda que não fosse verdade. Ela recusou o café da manhã, mas assim que Harry e Eileen saíram de casa ela pegou um enorme pão de canela, que comeu sem esquentar enquanto via tv. Ela limpou os dedos grudentos no cobertor, e tentou pensar no futuro. Ela queria passá-lo ali mesmo, dentro de casa, no sofá, mas, a menos que pudesse inventar alguma doença de verdade, ela não enxergava como isso seria possível.

O noticiário da televisão acabara e uma das novelas diárias tinha começado. Ali estava um mundo que lhe tinha sido familiar quando ela teve bronquite na primavera passada, e do qual ela tinha se esquecido completamente. Apesar de sua deserção, não parecia que tinha havido grandes mudanças. A maioria dos mesmos personagens ainda aparecia — em novas circunstâncias, claro — e eles agiam das mesmas maneiras (magnânimos, implacáveis, sexy, tristes) e tinham o mesmo jeito de olhar à distância e as mesmas frases inconclusas que se

referiam a acidentes e a segredos. Ela gostou de vê-los um pouco, mas então apareceu algo em sua mente que começou a preocupá-la. Também naquelas histórias as crianças e os adultos muitas vezes acabavam pertencendo a famílias muito diferentes daquelas que tinham aceitado como a própria. Estranhos que às vezes eram malucos e perigosos apareciam do nada com suas afirmações e emoções catastróficas, vidas eram viradas de cabeça para baixo.

Isso um dia poderia ter parecido a ela uma possibilidade atraente, mas não era mais o caso.

Harry e Eileen nunca trancavam as portas. Imagina só, dizia Harry, a gente num lugar onde você pode simplesmente sair e nunca trancar a porta. Lauren então levantou e trancou-as, a da frente e a de trás. Então fechou as cortinas em todas as janelas. Não estava nevando hoje, mas nada tinha derretido. A neve nova já tinha uma tonalidade acinzentada, como se tivesse ficado velha durante a noite.

Não havia jeito de ela cobrir as janelinhas na porta da frente. Havia três, em forma de lágrima, alinhadas na diagonal. Eileen as detestava. Ela tinha arrancado o papel de parede e pintado as paredes daquela casa ordinária com cores inesperadas — azul-celeste, rosa-amora, amarelo limão — ela tinha arrancado os carpetes e lixado o piso, mas não havia nada que se pudesse fazer com aquelas míseras janelinhas.

Harry dizia que elas nem eram tão más assim, que havia uma para cada um, e na altura certa para cada um deles ver lá fora. Ele deu a elas os nomes de Papai Urso, Mamãe Urso e Bebê Urso.

Quando a novela acabou e um homem e uma mulher começaram a falar de plantas para interiores, Lauren caiu num sono leve, que ela mal entendeu que era sono. Ela entendeu que devia ter sido quando acordou de um sonho com um animal, uma espécie de doninha cinza de inverno ou uma raposa bem magra — ela não tinha certeza — observando a casa em plena luz do dia no quintal. No sonho, alguém lhe dizia que aquele animal era hidrófobo, porque não tinha medo de humanos nem das casas em que eles viviam.

O telefone estava tocando. Ela colocou o lençol na cabeça para não ouvir. Ela tinha certeza de que era Delphine. Delphine querendo saber como ela estava, por que ela estava se escondendo, o que ela tinha achado da história que ela tinha contado, quando ela vinha ao hotel?

Era mesmo Eileen, querendo saber como Lauren estava se sentindo e como estava seu apêndice. Eileen deixou o telefone tocar dez ou quinze vezes, então

saiu correndo da redação do jornal sem colocar o casaco e dirigiu para casa. Quando encontrou a porta trancada, bateu nela com o punho e fez sacudir a maçaneta. Ela apertou o rosto contra a janela da Mamãe Urso e gritou o nome de Lauren. Ela conseguia ouvir a televisão. Correu até a porta de trás e bateu e gritou de novo.

Lauren ouviu tudo isso, claro, com a cabeça debaixo do cobertor, mas ela demorou um pouco para perceber que era Eileen e não Delphine. Quando percebeu isso, foi andando de leve até a cozinha arrastando o cobertor atrás de si, ainda meio pensando que a voz podia ser um truque.

— Deus do céu, o que é que você tem? — disse Eileen, lançando seus braços em torno dela. — Por que a porta estava trancada, por que você não atendeu o telefone, que brincadeira é essa?

Lauren resistiu por cerca de quinze minutos, com Eileen ora abraçando-a, ora gritando com ela. Então cedeu e contou tudo. Foi um grande alívio, mas mesmo assim, enquanto tremia e chorava, ela tinha a sensação de que algo íntimo e complexo estava sendo trocado por segurança e conforto. Não era possível contar toda a verdade porque ela própria não conseguia explicá-la. Ela não conseguia dizer o que queria, até o ponto em que não queria mais absolutamente.

Eileen ligou para Harry e disse que ele tinha de vir para casa. Ele teria de vir andando, ela não podia ir buscá-lo, ela não podia sair de perto de Lauren.

Ela foi destrancar a porta da frente e achou um envelope, colocado na abertura do correio da porta, mas sem selo, sem nada escrito, exceto lauren.

— Você ouviu isso passando pela abertura? — disse ela. — Ouviu alguém na varanda, como é que essa merda aconteceu?

Ela rasgou o envelope e tirou a corrente de ouro com o nome de Lauren.

— Esqueci de contar essa parte — disse Lauren.

— Tem um bilhete.

— Não leia — gritou Lauren. — Não *leia*. *Eu não quero ouvir*.

— Deixa de ser boba. Não vai morder. Ela só diz que ligou para a escola e você não estava lá, então ela achou que você estava doente e aqui está um presente para te alegrar. Ela diz que de qualquer jeito foi ela que comprou para você, que ninguém perdeu. O que isso significa? Ia ser um presente de aniversário quando você fizesse onze anos em março, mas ela quer te dar agora. De onde ela tirou essa ideia de que o seu aniversário era em março? O seu aniversário é em junho.

— Eu sei — disse Lauren na voz exausta, infantil e amuada que tinha voltado a usar.

— Está vendo só? — disse Eileen. — Ela errou tudo. É louca.

— Mas ela sabia seu nome. Sabia onde você estava. Como ela sabia disso tudo se você não me adotou?

— Não sei como ela sabia, mas ela está errada. Ela errou tudo. Olha só. Vamos pegar a sua certidão de nascimento. Você nasceu no hospital Wellesley em Toronto. Vou te levar lá, posso te mostrar a sala exata — Eileen olhou de novo para o bilhete e esmigalhou-o na mão.

— Aquela vaca. Ligando para a escola — disse ela. — Vindo até a nossa casa. Uma maluca.

— Esconde isso — disse Lauren, referindo-se à corrente. — Afasta isso. *Agora.*

Harry não ficou tão zangado quanto Eileen.

— Ela parecia uma pessoa perfeitamente normal em todas as vezes que eu falei com ela — disse. — Ela nunca me falou nada disso.

— E nemalaria — disse Eileen. — Ela queria atingir a Lauren. Você tem de ir lá e conversar com ela. Senão eu vou. Estou falando sério. Hoje.

Harry disse que iria.

— Vou botar ela nos conformes — falou. — Com certeza. Não vai mais ter problema. Que vergonha.

Eileen fez o almoço mais cedo. Fez hambúrgueres com maionese e mostarda, do jeito que Harry e Lauren gostavam. Lauren terminou o dela antes de perceber que provavelmente tinha errado em demonstrar tanto apetite.

— Está melhor? — disse Harry. — Vamos voltar para a escola essa tarde?

— Ainda estou resfriada.

Eileen disse:

— Não. Nada de voltar para a escola. E vou ficar em casa com ela.

— Realmente não vejo por que isso seria necessário — disse Harry.

— E pode dar isso para ela — disse Eileen, enfiando o envelope no bolso dele. — Não se preocupe, nem precisa olhar, é só o presente idiota dela. E fala para ela parar de fazer isso senão vai ter encrenca. Nunca mais. Nunca.

Lauren nunca mais precisou voltar à escola, não naquela cidade.

Durante a tarde, Eileen telefonou para a irmã de Harry — com quem Harry não estava falando, por causa de críticas que o marido da irmã tinha feito ao estilo de vida de Harry — e elas falaram da escola que a irmã tinha frequentado,

uma escola particular de meninas em Toronto. Seguiram-se mais telefonemas, foi marcada uma reunião.

— Não é questão de dinheiro — disse Eileen. — Harry tem dinheiro o bastante. Ou tem como arrumar. Não é também só porque isso aconteceu — ela continuou. — Você não merece ter de crescer nessa porcaria de cidade. Você não merece ficar com sotaque de caipira. Já venho pensando nisso o tempo todo. Eu só estava adiando até você ficar um pouquinho mais velha.

Harry disse, quando chegou em casa, que certamente isso dependia do que Lauren queria.

— Você quer sair de casa, Lauren? Achei que você gostava daqui. Achei que você tinha amigos.

— Amigos? — disse Eileen. — Ela tinha aquela mulher. Del-phi-ne. Você realmente falou com ela? Ela captou a mensagem?

— Falei — disse Harry. — Captou.

— Você devolveu a propina?

— Se você faz questão de chamar assim. Devolvi.

— Chega de encrenca. Ela entendeu que chega de encrenca?

Harry ligou o rádio e eles ouviram as notícias durante o jantar. Eileen abriu uma garrafa de vinho.

— O que é isso? — disse Harry numa voz levemente ameaçadora. — Uma celebração?

Lauren tinha aprendido os sinais, e achou que tinha visto o que havia a enfrentar agora, o preço que havia a pagar pelo miraculoso resgate — por nunca ter de voltar à escola ou chegar perto do hotel, talvez nunca ter de andar nas ruas de novo, nunca ter de sair de casa nas duas semanas que faltavam para as festas do Natal.

O vinho podia ser um dos sinais. Às vezes. Às vezes, não. Mas quando Harry pegou a garrafa de gim e serviu meio copo para si próprio, sem acrescentar nada além de gelo — e logo ele não estaria colocando nem gelo — o curso estava determinado. Tudo talvez ainda pudesse ser alegre, mas a alegria seria dura como uma faca. Harry falaria com Lauren, e Eileen falaria com Lauren, mais do que qualquer um dos dois normalmente falava com ela. Volta e meia eles falariam um com o outro, de um jeito quase normal. Mas haveria no recinto um descuido que ainda não tinha sido expresso em palavras. Lauren esperaria, ou tentaria esperar — mais precisamente, ela costumava tentar esperar — que de algum modo eles fossem impedir a irrupção da briga. E ela sempre tinha acreditado — ainda acreditava — que não era a única a ter essa

esperança. Eles tinham também. Em parte tinham. Mas em parte estavam ansiosos pelo que estava por vir. Eles nunca superavam essa ansiedade. Nunca houve uma vez em que aquela sensação estava presente, a mudança no ar, o brilho ofuscante que tornava todas as formas, toda a mobília e todos os utensílios, mais agudos, ainda que mais densos — nunca houve uma vez em que o pior não tivesse se seguido.

Lauren costumava não conseguir ficar no quarto, ela tinha de estar onde eles estavam, jogando-se neles, protestando e chorando, até que um ou outro a pegasse e a levasse de volta para a cama, dizendo:

— Tudo bem, tudo bem, não precisa encher o saco, é só não encher o saco, é a nossa vida, a gente tem de poder conversar.

“Conversar” significava andar pela casa disparando condenações precisas, guinchos de contradição, até que eles tivessem a necessidade de começar a jogar cinzeiros, garrafas, pratos um contra o outro. Uma vez Eileen correu para fora e se jogou no gramado, arrancando nacos de terra e grama, enquanto Harry sibilava da porta:

— Ah, faça isso mesmo, dê um show para eles.

Uma vez Harry se trancou no banheiro, gritando:

— Só tem um jeito de sair desse tormento.

Os dois tinham ameaçado usar comprimidos e navalhas.

— Ah, meu Deus, não vamos fazer isso — disse uma vez Eileen. — Por favor, vamos parar de fazer isso.

E Harry tinha respondido numa voz chorosa aguda que cruelmente imitava a dela:

— É você que fica fazendo isso — pare *você*.

Lauren tinha desistido de tentar entender o porquê das brigas. Era sempre alguma coisa nova (essa noite ela não estava a par, e provavelmente era por ela ir para longe, Eileen tomar a decisão sozinha) e sempre a mesma coisa —, uma coisa que era deles, que eles nunca conseguiam largar.

Ela também tinha desistido da ideia de que havia neles um espaço de ternura — de que Harry fazia piada o tempo todo porque estava triste, e que Eileen estava brusca e desdenhosa por causa de alguma coisa em Harry que parecia isolá-la — e que se ela, Lauren, apenas conseguisse explicar isso a cada um deles, as coisas iriam melhorar.

No dia seguinte eles ficariam mudos, quebrados, envergonhados e bizarramente entusiasmados.

— As pessoas precisam fazer isso, é ruim reprimir os sentimentos — disse Eileen uma vez a Lauren. — Existe até a teoria de que reprimir a raiva dá câncer.

Harry se referia às brigas como discussões.

— Eileen é uma mulher muito volúvel. Tudo que eu posso dizer, meu amor, ah, meu Deus, tudo que eu posso dizer é... que essas coisas acontecem.

Nessa noite Lauren efetivamente adormeceu antes que eles comessem o estrago. Antes até que ela tivesse certeza de que eles iam causá-lo. A garrafa de gim ainda não tinha aparecido quando ela foi para a cama.

Harry acordou-a.

— Desculpe — disse. — Desculpe, meu amor. Você pode levantar e vir aqui embaixo?

— Já é de manhã?

— Não. Ainda é tarde da noite. Eileen e eu queremos conversar com você. Temos uma coisa para discutir com você. É meio que sobre o que você já sabe. Vamos, vamos. Quer as pantufas?

— Detesto pantufas — Lauren recordou-o. Ela foi à frente dele descendo as escadas. Ele ainda estava vestido e Eileen também estava vestida, esperando no corredor. Ela disse a Lauren:

— Tem alguém aqui que você conhece.

Era Delphine. Delphine estava sentada no sofá, usando um casaco acolchoado por cima das calças pretas e do suéter de sempre. Lauren nunca a tinha visto antes em roupas de sair. Seu rosto pendia para a frente, sua pele parecia estufada, seu corpo, imensamente derrotado.

— Não podemos ir até a cozinha? — disse Lauren. Ela não sabia por quê, mas a cozinha parecia mais segura. Um lugar menos especial, e com a mesa como apoio caso todos sentassem em volta dela.

— Lauren quer ir para a cozinha, vamos para a cozinha — disse Harry.

Quando eles estavam sentados ali, ele disse:

— Lauren. Eu expliquei que contei a você sobre o bebê. Sobre o bebê que tivemos antes de você e sobre o que tinha acontecido com aquele bebê.

Ele esperou até ela dizer:

— Sim.

— Posso falar agora? — disse Eileen. — Posso dizer uma coisa a Lauren?

Harry disse:

— Ora, claro.

— Harry não suportava a ideia de mais um bebê — disse Eileen, olhando para suas mãos no colo abaixo da mesa. — Ele não suportava a ideia de todo aquele caos em casa. Ele precisava escrever. Ele queria realizar coisas, por isso não podia ter caos. Ele queria que eu fizesse um aborto, então eu falei que ia fazer, depois disse que não ia mais, depois falei que ia, mas não consegui, e tivemos uma briga e eu peguei o bebê e entrei no carro, eu ia para a casa de uns amigos. Eu não estava correndo e com certeza não estava bêbada. Foi só a luz fraca na estrada e o tempo ruim.

— E a cadeirinha também não estava presa — disse Harry. — Mas vamos deixar isso de lado — disse ele. — Eu não estava insistindo num aborto. Eu posso ter mencionado um aborto, mas de jeito nenhum eu te forçaria. Eu não falei disso com Lauren porque seria perturbador para ela. Não tem como não ser perturbador.

— Sim, mas é verdade — disse Eileen. — Lauren aguenta ouvir, ela sabe que não é como se fosse *ela*.

Lauren falou, surpreendendo-se a si mesma.

— Era eu — disse. — Era quem, se não era eu?

— Sim, mas não era eu que queria fazer aquilo — disse Eileen.

— Você não era totalmente *contrária* — disse Harry.

Lauren falou:

— Chega.

— Isso é exatamente o que nós prometemos que não íamos fazer — disse Harry. — Não foi isso que prometemos que não íamos fazer? E devíamos pedir desculpas a Delphine.

Delphine não tinha olhado para ninguém enquanto essa conversa acontecia. Ela não tinha levado sua cadeira até a mesa. Ela não parecia reparar quando Harry dizia seu nome. Não era só a derrota que a mantinha imóvel. Era um peso de obstinação, até de repulsa, que Harry e Eileen não conseguiam notar.

— Conversei com a Delphine hoje à tarde, Lauren. Falei com ela da bebê. Era a filha dela. Eu nunca te contei que aquela bebê era adotada porque isso parecia piorar tudo — nós adotamos a bebê, e depois só fizemos besteira. Cinco anos tentando, nunca achamos que fôssemos ficar grávidos, então adotamos. Mas Delphine era a mãe antes de tudo. Demos à bebê o nome de Lauren e depois demos a você o nome de Lauren — acho que porque era o nosso nome favorito e também nos dava a sensação de estar recomeçando. E Delphine queria saber da bebê dela e descobriu que a tínhamos pegado e naturalmente se equivocou e achou que era você. Ela veio para cá para encontrar você. É tudo muito triste.

Quando eu contei a verdade a ela, ela compreensivelmente queria provas, então falei para ela vir hoje à noite e mostrei os documentos. Ela nunca quis roubar você nem nada assim, só queria ser sua amiga. Ela só estava sozinha e confusa.

Delphine puxou para baixo o zíper do casaco, como se quisesse mais ar.

— E eu também disse a ela que ainda tínhamos, que nunca tínhamos chegado a, que nunca pareceu a hora certa de...

Ele acenou para a caixa de papelão que estava pousada no balcão.

— Então mostrei isso para ela também. Então, essa noite, como uma família — disse ele —, essa noite, enquanto tudo está completamente escancarado, nós vamos sair e fazer isso. E vamos nos livrar disso tudo — da tristeza e da culpa. Delphine, e Eileen e eu, e queremos que você venha conosco. Tudo bem para você? Tudo bem com você?

Lauren disse:

— Eu estava dormindo. Estou resfriada.

— Você pode perfeitamente fazer o que Harry falou — disse Eileen.

Delphine ainda não erguia os olhos. Harry pegou a caixa no balcão e deu a ela.

— Talvez você é quem deva carregá-la — disse ele. — Tudo bem?

— Está tudo bem com todo mundo — disse Eileen. — Vamos logo.

Delphine ficou lá na neve, segurando a caixa, então Eileen disse: “Posso?”, e tirou-a respeitosamente das mãos dela. Abriu-a e ia oferecê-la a Harry, e então mudou de ideia e estendeu-a a Delphine. Delphine ergueu um punhado de cinzas, mas não estendeu a caixa para passá-la adiante. Eileen pegou um punhado e deu a caixa a Harry. Depois de pegar algumas cinzas, ele ia passar a caixa a Lauren, mas Eileen disse:

— Não, ela não precisa.

Lauren já tinha colocado as mãos nos bolsos.

Não havia vento nenhum, então as cinzas simplesmente caíram onde Harry, Eileen e Delphine as derramaram, na neve.

Eileen falou como se estivesse com dor de garganta.

— Pai nosso, que estais nos céus...

Harry disse claramente:

— Eis Lauren, que era nossa filha e que todos nós amamos... vamos dizer isso todos juntos. — Ele olhou para Delphine, depois para Eileen, e todos disseram “Eis Lauren”, com a voz de Delphine bem baixinha, murmurando, e a

de Eileen cheia de sinceridade forçada e a de Harry sonora, presidente, seriíssima.

— E dizemos adeus a ela e a entregamos à neve...

No final Eileen disse apressadamente:

— Perdoai os nossos pecados. Nossas ofensas. Perdoai nossas ofensas.

Delphine ficou no banco de trás com Lauren para a viagem de volta à cidade. Harry tinha aberto a porta para ela entrar no banco da frente ao lado dele, mas ela passou por ele e foi para o de trás. Abrindo mão do assento mais importante, agora que ela não era a portadora da caixa. Ela pôs a mão no bolso do casaco acolchoado para pegar um Kleenex e ao fazer isso trouxe algo que caiu no chão do carro. Ela resmungou involuntariamente ao estender o braço para procurá-la, mas Lauren tinha sido mais rápida. Lauren pegou um dos brincos que ela tantas vezes tinha visto Delphine usar — brincos que iam até os ombros, de contas coloridas, que cintilavam por seu cabelo. Brincos que ela devia estar usando naquela noite, mas achou melhor guardar no bolso. E só o tato daquele brinco, a sensação das frias contas brilhosas deslizando por seus dedos, fez Lauren subitamente ansiar pelo desaparecimento de diversas coisas, para que Delphine voltasse a ser a pessoa que tinha sido no começo, sentada atrás do balcão do hotel, ousada e brincalhona.

Delphine não disse uma palavra. Pegou o brinco sem que seus dedos se tocassem. Mas pela primeira vez naquela noite, ela e Lauren olharam-se diretamente. Os olhos de Delphine se alargaram e por um instante surgiu uma expressão familiar neles, de escárnio e conspiração. Ela deu de ombros e colocou o brinco no bolso. E só — daquele momento em diante, ela simplesmente ficou olhando a nuca de Harry.

Quando Harry diminuiu para deixá-la no hotel, ele disse:

— Seria bom se você pudesse vir jantar com a gente alguma noite em que não esteja trabalhando.

— Eu trabalho todas as noites — disse Delphine.

Ela saiu do carro e disse “Tchau” para ninguém em particular, e foi pisando na calçada lamacenta até chegar ao hotel.

A caminho de casa, Eileen disse:

— Sabia que ela não vinha.

Harry disse:

— Bem. Talvez ela tenha apreciado termos convidado.

— Ela não liga para nós. Ela só ligava para Lauren, quando achava que Lauren era dela. Agora nem para Lauren ela liga.

— Bom, nós ligamos — disse Harry, erguendo a voz. — Ela é nossa.

— Amamos você, Lauren — disse ele. — Só quero te dizer isso mais uma vez.

Dela. Nossa.

Alguma coisa estava espetando os tornozelos nus de Lauren. Ela estendeu o braço para baixo e viu que blocos inteiros de carrapichos, estavam grudados nas calças de seu pijama.

— Estou cheia de carrapichos de debaixo da neve. *Centenas* de ouriços.

— Eu vou tirá-los de você quando chegarmos em casa — disse Eileen. — Agora não dá pra fazer nada.

Lauren estava tirando furiosamente os carrapichos do pijama. E assim que ela os soltou, viu que eles estavam pendurados em seus dedos. Ela tentava soltá-los com a outra mão e logo eles estavam agarrados em todos os outros dedos. Ela já estava tão por aqui daqueles carrapichos que queria bater as mãos e gritar alto, mas ela sabia que a única coisa que podia fazer era sentar e esperar.

I

— Vou morrer — disse Robin uma noite, anos atrás. — Vou morrer se o vestido não estiver pronto.

Eles estavam na varanda cercada de tela da casa de ripa na rua Isaac. Willard Greig, que morava na casa ao lado, estava jogando *rummy* na mesa de jogo com Joanne, irmã de Robin. Robin estava sentada no sofá, franzindo o rosto para uma revista. O cheiro de nicotina lutava com o cheiro de ketchup em fogo baixo em alguma cozinha da rua.

Willard ficou observando Joanne sorrindo levemente antes de perguntar, com voz neutra:

— O que foi que você disse?

— Eu disse que vou morrer.

Robin estava provocadora.

— Vou morrer se o vestido não estiver pronto amanhã. A lavanderia.

— Foi isso que eu achei que você tinha dito. Vai morrer?

Você nunca conseguia pegar Joanne dizendo nenhuma frase daquele tipo. Seu tom era tão brando, seu desdém tão imensamente quieto, seu sorriso — que agora desaparecera — não passava de um canto de boca minimamente erguido.

— Bem, vou — disse Robin, audaciosa. — Preciso dele.

— Ela *precisa* do vestido, vai *morrer*, ela vai ao *teatro* — disse Joanne a Willard, em tom de confiança.

Willard disse:

— Joanne, calma.

Os pais dele, e ele próprio, tinham sido amigos dos pais da menina — ele ainda pensava nelas duas como as meninas — e agora que todos os pais estavam mortos, ele sentia que era seu dever garantir que as filhas se estranhassem o mínimo possível.

Joanne tinha agora trinta anos, Robin vinte e seis. Joanne tinha corpo de criança, o peito estreito, o rosto comprido e macilento, e cabelo liso, fino, castanho. Ela nunca tentou fingir ser algo além de uma pessoa sem sorte, interrompida no meio do caminho entre a infância e a maturidade feminina. Interrompida, de certo modo mutilada, por uma asma severa e persistente desde a infância. Ninguém esperava que uma pessoa com aquela aparência, uma pessoa que não conseguia sair de casa no inverno ou ser deixada sozinha durante a noite, tivesse uma capacidade tão devastadora de captar as tolices de outras pessoas mais afortunadas. Nem que tivesse um estoque tão enorme de desprezo. Willard tinha a impressão de que durante toda a vida delas ele tinha visto os olhos de Robin ficarem cheios de lágrimas de raiva, e ouvindo Joanne dizer: “O que é que você tem agora?”.

Essa noite Robin tinha sentido apenas uma leve estocada. Amanhã era o dia de ela ir a Stratford, e ela já sentia que estava vivendo fora do alcance de Joanne.

— O que você vai ver, Robin? — perguntou Willard, para apaziguar as coisas o máximo que podia. — É Shakespeare?

— É sim. *Como gostais*.

— E você consegue acompanhar direitinho? Shakespeare?

Robin disse que sim.

— Mas você é um prodígio.

Havia cinco anos que Robin fazia isso. Ia ao teatro todo verão. Tinha começado quando ela morava em Stratford, estudando para ser enfermeira. Ela ia com uma colega que ganhava ingressos da tia, que trabalhava com os figurinos. A garota que ganhava os ingressos morreu de tédio — a montagem era *Rei Lear* — por isso Robin não falou nada do que achou. Ela não conseguiria ter expressado, de qualquer jeito — ela preferiria ter saído do teatro sozinha, e não ter tido de falar com ninguém por pelo menos vinte e quatro horas. Ela então decidiu voltar. E voltar sozinha.

Não seria difícil. A cidade em que ela tinha crescido, e onde, depois, ela teve de encontrar emprego por causa de Joanne, ficava a apenas cinquenta quilômetros de distância. As pessoas dali sabiam que os textos de Shakespeare estavam sendo apresentados em Stratford, mas Robin nunca tinha ouvido falar de ninguém indo ver nenhum. Pessoas como Willard tinham medo de possíveis olhares de desprezo das pessoas da plateia, além de ter o problema de não acompanhar o vocabulário. E pessoas como Joanne tinham certeza de que ninguém nunca jamais poderia realmente gostar de Shakespeare, e, portanto, se

qualquer pessoa dali fosse até lá, era porque estava querendo se misturar com os de cima, os quais não estavam gostando de verdade, mas só querendo mostrar que estavam. Aqueles poucos na cidade que tinham o hábito de ver montagens teatrais preferiam ir a Toronto, ao Royal Alex, quando um musical da Broadway estava em turnê.

Robin gostava de ficar num lugar bom, então só tinha dinheiro para a matinê de sábado. Escolheu um dos textos que estava sendo apresentado num de seus fins de semana de folga do hospital. Ela nunca lia o texto antes, e não se importava se era tragédia ou comédia. Não tinha ainda visto ninguém ali que conhecesse, no teatro ou nas ruas, e achava isso ótimo. Uma das enfermeiras com quem ela trabalhava lhe tinha dito: “Eu nunca teria coragem de ir sozinha”, e isso fez Robin perceber o quanto ela devia ser diferente da maioria das pessoas. Ela nunca se sentia mais à vontade do que nessas horas, cercada de estranhos. Depois do teatro ela andava até o centro, seguindo o rio, e achava algum lugar barato para comer — normalmente um sanduíche, sentada num banco alto no balcão. E às vinte para as oito ela pegava o trem para casa. Era isso. Contudo, aquelas poucas horas enchiam-na de uma segurança de que a vida para a qual ela estava voltando, que parecia tão provisória e insatisfatória, era só temporária e podia ser facilmente tolerada. E havia um brilho por trás dela, por trás daquela vida, por trás de tudo, expresso pela luz do sol vista pelas janelas do trem. A luz do sol e as longas sombras nos campos no verão, como os vestígios da montagem na cabeça.

Ano passado ela tinha visto *Antônio e Cleópatra*. Quando acabou, ela andou pela margem do rio, e reparou que havia um cisne negro — o primeiro que ela jamais vira — um sutil intruso deslizando e se alimentando a uma pequena distância dos bancos. Talvez tenha sido o reluzir das asas dos cisnes brancos que a fez pensar em comer num restaurante de verdade daquela vez, não sentada na frente de um balcão. Toalha de mesa branca, algumas flores recém-colhidas, uma taça de vinho, e alguma coisa diferente para comer, como mexilhões ou galeto. Ela fez um movimento para dar uma olhada na carteira, para verificar quanto dinheiro tinha.

E a carteira não estava no lugar. A bolsinha de pano de estampa *paisley* presa a uma corrente de prata não estava, como de hábito, pendurada em seu ombro, mas tinha sumido. Ela tinha andado sozinha quase o caminho todo do teatro até o centro sem reparar que ela tinha sumido. E claro que seu vestido não tinha bolsos. Ela não tinha passagem de volta, nem batom, nem pente, nem dinheiro. Nenhum centavo.

Ela lembrou que durante a apresentação tinha segurado a bolsa no colo, debaixo do programa. O programa também não estava com ela. Será que os dois tinham escorregado no chão? Mas não — ela lembrava de estar com a bolsa no cubículo do banheiro feminino. Ela a tinha pendurado pela corrente no gancho que ficava atrás da porta. Mas não a tinha deixado ali. Não. Ela tinha olhado para si mesma no espelho acima da pia, tinha pego o pente para mexer no cabelo. Seu cabelo era escuro, e fino, e ainda que ela o visualizasse cheio como o de Jackie Kennedy, e colocasse bobs na hora de dormir, ele tendia a ficar liso. Tirando isso, ela tinha gostado do que tinha visto. Seus olhos eram verde-acinzentados, suas sobrancelhas, negras, sua pele ficava bronzeada ela querendo ou não, e tudo isso estava lindamente decorado por seu vestido verde-abacate de algodão acetinado, de cintura fina e saia rodada, com pequenas pregas fazendo fileiras em torno dos quadris.

Foi ali que ela deixou. Na bancada ao lado da pia. Admirando a si mesma, dando voltinhas e olhando por cima do ombro para conseguir enxergar o V no vestido nas costas — ela achava bonitas suas costas — e verificando que não havia nenhuma alça de sutiã aparecendo em lugar nenhum.

E, numa maré de vaidade, de tola satisfação, ela tinha arremetido para fora do banheiro feminino, deixando a bolsa para trás.

Ela subiu o declive até a rua e partiu rumo ao teatro pelo caminho mais direto. Saiu andando o mais rápido que podia. Não havia quase sombra na rua, e havia muito trânsito, no calor do fim da tarde. Ela estava quase correndo. Isso fazia com que o suor escorresse das mangas do vestido. Ela seguiu arduamente pelo forno do estacionamento — agora vazio — e declive acima. Não havia mais sombra ali, e ninguém por perto no prédio do teatro.

Mas ele não estava trancado. No saguão vazio ela parou um instante para recuperar a vista após a ofuscação do lado de fora. Ela conseguia sentir o coração batendo, os pingos de umidade brotando em seu lábio superior. As bilheterias estavam fechadas, assim como o balcão de refrescos. As portas interiores do teatro estavam trancadas. Ela subiu as escadas até o banheiro, os sapatos estrepitando nos degraus de mármore.

Tomara que esteja aberta, tomara que esteja aberta, tomara que a bolsa esteja ali.

Não. Não havia nada no balcão venoso e polido, nada nas lixeiras, nada em gancho nenhum atrás de porta nenhuma.

Um homem estava esfregando o chão do saguão quando ela foi ao andar de cima. Ele disse a ela que talvez a bolsa tivesse sido entregue à seção de achados

e perdidos, mas que a seção estava fechada. Com alguma relutância, ele interrompeu a limpeza e levou-a mais um lance de escadas abaixo até um cubículo que continha diversos guarda-chuvas, pacotes e até casacos e chapéus, além de um cachecol amarronzado de raposa de aparência nojenta. Mas não havia nenhuma bolsa de pendurar de estampa *paisley*.

— Você não teve sorte, disse ele.

— Será que está debaixo do meu assento? — suplicou ela, ainda que tivesse certeza de que não poderia estar.

— Já varremos ali.

Não havia então nada para ela fazer além de subir as escadas, atravessar o saguão, e ir à rua.

Ela andou na direção oposta à do estacionamento, procurando uma sombra. Ela conseguia imaginar Joanne dizendo que o homem da limpeza já tinha guardado sua bolsa para levar para a esposa ou para a filha, que era assim que as pessoas eram num lugar como aquele. Ela procurou um banco ou um muro baixo para sentar enquanto pensava o que fazer. Não estava vendo nada parecido em lugar nenhum.

Veio um cachorro grande por trás dela e cutucou-a ao passar. Era um cachorro marrom-escuro, com longas pernas e uma expressão arrogante e teimosa.

— Juno. Juno — chamou um homem. — Olha por onde anda.

“Ela é só jovem e rude — disse ele a Robin. — Acha que é dona da calçada. Ela não é perigosa. Você ficou com medo?”

Robin disse:

— Não.

A perda de sua bolsa a preocupava e ela não tinha pensado que ainda por cima viria o ataque de um cachorro.

— Quando as pessoas veem um doberman, costumam ficar assustadas. Os dobermans têm fama de ferozes, e ela é treinada para ser feroz quando está de vigia, mas não quando está passeando.

Robin mal sabia distinguir uma raça de cachorro de outra. Por causa da asma de Joanne, elas nunca tiveram cães ou gatos em casa.

— Tudo bem, disse ela.

Em vez de seguir adiante até onde a cachorra Juno estava esperando, seu dono chamou-a de volta. Ele fixou a trela que estava carregando à sua coleira.

— Eu deixo ela solta lá na grama. Ali embaixo do teatro. Ela gosta. Mas aqui em cima ela tem de ficar presa na coleira. Eu tinha ficado com preguiça.

Você está doente?

Robin nem sequer ficou surpresa com essa mudança de direção na conversa. Ela disse:

— Perdi minha bolsa. Foi culpa minha. Deixei na pia do banheiro do teatro e voltei para procurar, mas ela tinha sumido. Simplesmente fui embora e deixei ela ali quando acabou.

— O que estava em cartaz hoje?

— *Antônio e Cleópatra* — disse ela. — Meu dinheiro estava na bolsa, e também minha passagem de trem para casa.

— Você veio de trem? Para ver *Antônio e Cleópatra*?

— Vim.

Ela se lembrou do conselho que sua mãe tinha dado a ela e a Joanne a respeito de viajar de trem, ou de viajar para qualquer lugar. Tenha sempre algum dinheiro dobrado e preso com alfinete à sua roupa de baixo. E também nunca fique conversando com um estranho.

— Você está rindo de quê? — disse ele.

— Não sei.

— Bom, pode continuar rindo — disse ele — porque vou ficar contente em te emprestar algum dinheiro para o trem. A que horas sai?

Ela disse a que horas, e ele disse:

— Tudo bem. Mas antes disso você precisa comer um pouco. Senão vai ficar com fome e não vai aproveitar a viagem de trem. Não tenho nada aqui comigo, porque quando saio para passear com Juno não trago dinheiro. Mas a minha loja fica aqui perto. Vem comigo e eu pego na caixa.

Ela estava preocupada demais, até aquele momento, para reparar que ele falava com sotaque. Qual era? Não era francês, nem holandês — os dois sotaques que ela achava que conseguia reconhecer, francês da escola e holandês dos imigrantes que às vezes eram pacientes no hospital. E a outra coisa em que ela reparou foi que ele falou em aproveitar a viagem de trem. Ninguém que ela conhecia falaria de um adulto fazendo isso. Mas ele falava como se fosse algo muito natural e necessário.

Na esquina da rua Downie, ele disse:

— Vamos virar aqui. Minha casa é aqui do lado.

Ele disse casa, quando antes tinha dito *loja*. Mas talvez sua loja ficasse em sua casa.

Ela não estava preocupada. Depois ela se perguntou por quê. Sem hesitar um instante, ela tinha aceitado sua oferta de socorro, permitido que ele a

resgatasse, achado inteiramente natural que ele não levasse dinheiro consigo em seus passeios mas pudesse pegar na caixa da loja.

Uma razão disso podia ter sido seu sotaque. Algumas das enfermeiras zombavam dos sotaques dos fazendeiros holandeses e de suas esposas — pelas costas deles, claro. Por isso, Robin adquiriu o hábito de tratar essas pessoas com especial consideração, como se tivessem dificuldades de fala, ou até um certo retardamento mental, ainda que ela soubesse que isso não fazia sentido. Um sotaque, portanto, incitava nela uma certa dose de benevolência e polidez.

E ela de jeito nenhum o tinha examinado de perto. No começo ela estava perturbada demais, e agora não era fácil, porque eles estavam andando lado a lado. Ele era alto, tinha pernas longas, e andava rápido. Uma coisa em que ela tinha reparado tinha sido o brilho do sol refletindo no cabelo dele, que era cortado rente como uma barba que arranha, e a ela parecia de prata brilhante. Isso é, grisalho. Sua testa, larga e comprida, também reluzia ao sol, e ela tinha de algum modo ficado com a impressão de que ele estava uma geração na frente dela — uma pessoa cortês, ainda que levemente impaciente, professoral, mandona, que exigia respeito, nunca intimidade. Depois, do lado de dentro, ela conseguiu ver que o cabelo grisalho estava misturado com um ruivo ferrugem — ainda que sua pele tivesse um tom azeitonado incomum para uma pessoa ruiva — e que seus movimentos ali às vezes pareciam artificiais, como se ele não estivesse acostumado a ter companhia no lugar onde vivia. Ele provavelmente não tinha mais do que dez anos de idade do que ela.

Ela tinha confiado nele por razões errôneas. Mas não tinha se equivocado ao fazê-lo.

A loja realmente ficava numa casa. Uma casa estreita de tijolos que sobrara de dias distantes, numa rua que em que os demais edifícios tinham sido construídos para ser lojas. Havia aquele tipo de porta da frente com degrau e janela que uma casa comum teria, e na janela havia um sofisticado relógio. Ele destrancou a porta, mas não desviou a placa que dizia *Fechado*. Juno foi se metendo à frente dos dois, e outra vez ele pediu desculpas por ela.

— Ela acha que é função dela verificar que aqui não tem ninguém que não deveria estar, e que nada está diferente de quando ela saiu.

O lugar era cheio de relógios. Madeira escura e madeira clara, figuras pintadas e tampos dourados. Ficavam em prateleiras, no chão e até no balcão, no qual se podia fazer negócio. Atrás dele, alguns ficavam em bancos, com os mecanismos expostos. Juno esgueirava-se com jeito entre eles, e era possível ouvir os baques dela subindo a escada.

— Você tem interesse em relógios?

Robin disse “Não” antes de pensar em ser educada.

— Tudo bem, então não preciso começar a minha ladainha — disse ele, levando-a pelo caminho que Juno tinha tomado, passando ao lado de uma porta do que provavelmente era um banheiro, e subindo a íngreme escadaria. Então eles chegaram a uma cozinha onde tudo era limpo, brilhoso e asseado, e Juno estava esperando ao lado de uma tigela vermelha no chão, balançando a cauda.

— Espere um pouquinho — disse ele. — Espere. Espere. Você não está vendo que nós temos uma convidada?

Ele se postou de lado para que Robin adentrasse a grande sala da frente, que não tinha tapete nas largas tábuas pintadas e nenhuma cortina, mas só persianas, nas janelas. Havia um aparelho de som ocupando um bocado de espaço ao longo de uma parede, e um sofá ao longo da parede oposta, daquele tipo que é desdobrado para virar cama. Algumas cadeiras de lona, e uma estante com livros numa prateleira e revistas nas outras, perfeitamente empilhadas. Nenhum retrato, almofada ou ornamento à vista. A sala de um homem solteiro, com tudo deliberado, necessário e proclamando uma certa satisfação austera. Muito diferente das outras instalações de solteiro que Robin conhecia — as de Willard Greig, que mais pareciam um acampamento solitário montado casualmente em meio à mobília de seus falecidos pais.

— Onde você gostaria de sentar? — disse ele. — No sofá? É mais confortável do que as cadeiras. Vou fazer para você uma xícara de café e você senta aqui e toma enquanto eu faço um jantarzinho. O que você costuma fazer das outras vezes, entre a hora que a apresentação acaba e o trem vai para casa?

Os estrangeiros falavam de um jeito diferente, deixando um pouquinho de espaço entre as palavras, como fazem os atores.

— Eu dou uma caminhada — disse Robin. — E vou comer alguma coisa.

— Igual a hoje, então. Você fica entediada quando come sozinha?

— Não. Eu fico pensando no que eu vi no teatro.

O café era bem forte, mas ela se acostumou com ele. Ela não achou que devia se oferecer para ajudá-lo na cozinha, como teria feito com uma mulher. Ela levantou e cruzou a sala quase na ponta dos pés e pegou uma revista. E no exato momento em que ela a levantou, percebeu que isso seria inútil — as revistas estavam todas impressas em papel marrom de má qualidade, num idioma que ela não conseguia nem ler, nem identificar.

Na verdade, ela se deu conta, no momento em que a abriu em seu colo, que não conseguia nem identificar todas as letras.

Ele chegou com mais café.

— Ah, disse ele. — Então você lê a minha língua?

Aquilo soou sarcástico, mas os olhos dele a evitavam. Era quase como se, dentro da própria casa, ele tivesse ficado tímido.

— Nem sei que língua é essa, respondeu ela.

— É sérvio. Algumas pessoas dizem sérvio-croata.

— É de lá que você vem?

— Eu sou de Montenegro.

Agora ela estava desorientada. Ela não sabia onde ficava Montenegro. Do lado da Grécia? Não — ali era a Macedônia.

— Montenegro fica na Iugoslávia — disse ele. — Ou ao menos é isso que nos dizem. Mas nós não concordamos.

— Achei que não dava para sair desses países — disse ela. — Desses países comunistas. Achei que não dava para simplesmente ir embora como qualquer pessoa e vir para o ocidente.

— Ah, dá sim.

Ele falou como se aquilo não lhe interessasse muito, ou como se tivesse esquecido.

— Você consegue sair se realmente quiser. Eu saí há quase cinco anos. E hoje é mais fácil. Logo vou voltar e depois espero sair de novo. Agora preciso fazer o seu jantar. Senão você vai embora com fome.

— Só uma coisa — disse Robin. — Por que eu não consigo ler essas letras? Quer dizer, que letras são essas? O alfabeto é assim no lugar de onde você vem?

— O alfabeto cirílico. Que nem o grego. Agora eu vou cozinhar.

Ela sentou com as páginas com letras estranhas no colo e teve a impressão de entrar num mundo estrangeiro. Um pedacinho de um mundo estrangeiro na rua Downie em Stratford. Montenegro. Alfabeto cirílico. Seria rude, pensou ela, ficar perguntando-lhe muitas coisas. Fazer com que ele se sentisse um objeto de estudo. Ela teria de controlar-se, ainda que agora conseguisse pensar em dezenas de questões.

Todos os relógios lá embaixo — ou a maioria deles — começaram a soar a hora. Já eram sete da noite.

— Tem algum trem mais tarde? — gritou ele da cozinha.

— Tem. Às cinco para as dez.

— Ele serve? Alguém vai ficar preocupado?

Ela disse que não. Joanne não ia gostar, mas não dava exatamente para chamar aquilo de ficar preocupada.

O jantar era um cozido ou sopa grossa, servido numa tigela, com pão e vinho.

— Estrogonofe — disse ele. — Espero que você goste.

— Está delicioso — disse ela, falando a verdade. Ela não estava tão certa quanto ao vinho, ela teria preferido algo mais adocicado. — É isso que se come em Montenegro?

— Não exatamente. A comida de Montenegro não é grande coisa. Não é na culinária que está a nossa identidade.

Então certamente não haveria problema em dizer: “Onde está a sua identidade?”

— Sua identidade?

— Canadense.

— Não. Onde está a identidade do seu povo?

Aquilo a deixou irritada, ela se sentiu idiota. Mas mesmo assim riu.

— Não sei. Acho que em nada em particular.

“As pessoas em Montenegro se distinguem por berrar, gritar e brigar. Elas são como a Juno. Precisam de disciplina.”

Ele levantou para colocar um pouco de música. Ele não perguntou o que ela queria ouvir, o que foi um alívio. Ela não queria que ele perguntasse quais compositores ela preferia, quando só conseguia lembrar de Mozart e Beethoven e nem tinha certeza de que conseguia distinguir a obra dos dois. Ela realmente gostava de música *folk*, mas achava que ele podia julgar aquela preferência cansativa e condescendente, associando-a com alguma ideia que ela tinha de Montenegro.

Ele colocou uma espécie de jazz.

Robin nunca tinha tido um amante, nem sequer um namorado. Como isso tinha acontecido, ou não acontecido? Ela não sabia. Havia Joanne, claro, mas havia outras garotas, com dificuldades parecidas, que tinham conseguido. Uma razão talvez fosse que ela não tinha dado tanta atenção a esse assunto cedo o bastante. Na cidade em que ela morava, a maioria das garotas firmava um compromisso sério com alguém antes de terminar o secundário, e algumas nem terminavam, mas saíam para casar-se. Claro que se esperava que as garotas da classe superior — as poucas cujos pais tinham dinheiro para mandá-las para a faculdade — se desligassem de qualquer namorado escolar antes de ir buscar melhores candidatos. Os rapazes descartados logo eram capturados, e as meninas que não tinham agido rápido o suficiente viam sua escolha limitada. Depois de uma certa

idade, qualquer homem novo que chegasse provavelmente já viria equipado com uma esposa.

Mas Robin tinha tido sua oportunidade. Ela tinha ido para outra cidade estudar enfermagem, o que deveria ter proporcionado a ela um novo começo. As moças que estudavam enfermagem tinham chance com os médicos. Nisso também ela fracassou. Ela não percebeu na época. Ela era séria demais, talvez fosse esse o problema. Ela levava algo como *Rei Lear* a sério demais, em vez de levar a sério as oportunidades dos bailes e dos jogos de tênis. Havia um certo tipo de seriedade que podia anular a beleza de uma moça. Mas era difícil pensar em qualquer exemplo no qual ela invejasse qualquer garota por causa do homem que ela tinha conseguido. Para dizer a verdade, ela ainda não conseguia pensar em ninguém com quem gostaria de ter se casado.

Não que ela fosse inteiramente contra o casamento. Ela estava só esperando, como se tivesse quinze anos, e só às vezes ela ficava cara a cara com sua verdadeira situação. Ocasionalmente uma das mulheres com quem ela trabalhava arrumava um encontro para ela, e então ela ficava chocada com o candidato que tinha sido considerado adequado. E recentemente até Willard tinha dado um susto nela, brincando que um dia devia se mudar, e ajudá-la a cuidar de Joanne.

Algumas pessoas já estavam justificando-a, até elogiando-a, simplesmente presumindo que desde sempre ela tinha planejado dedicar a vida a Joanne.

Quando eles acabaram de comer, ele perguntou se ela gostaria de caminhar ao longo do rio antes de pegar o trem. Ela concordou, e ele disse que eles só poderiam fazer isso se ele soubesse o nome dela.

— Talvez eu queira apresentar você — disse ele.

Ela falou.

— Robin, como o pássaro?

— Como *Robin Redbreast* [\[2\]](#). — disse ela, como tantas vezes tinha dito antes, sem pensar. Agora ela estava tão envergonhada que a única coisa que conseguia fazer era continuar falando alguma coisa.

— Sua vez de me dizer o seu.

O nome dele era Daniel.

— Danilo. Mas aqui, Daniel.

— Então aqui é aqui — disse ela, ainda naquele tom impertinente que era o resultado da vergonha por *Robin Redbreast*. — Mas onde fica lá? Em Montenegro, você mora na cidade ou no campo?

— Eu morava nas montanhas.

Enquanto eles estavam sentados na sala acima da loja dele havia uma distância, e ela em momento nenhum temeu — e nunca quis — que a distância fosse alterada por qualquer movimento brusco, desajeitado ou insinuante da parte dele. Nas poucas ocasiões em que isso tinha acontecido com outros homens ela tinha ficado constrangida por eles. Agora, por necessidade, ela e aquele homem andavam bem perto um do outro, e se encontrassem alguém seus braços podiam roçar um no outro. Ou ele poderia ir para logo atrás dela a fim de sair do caminho e seu braço ou tórax poderiam tocar as costas dela um segundo. Essas possibilidades, e o conhecimento de que as pessoas que eles encontrassem os veriam como um casal, provocaram nela algo como um zumbido, uma tensão por seus ombros e naquele braço específico.

Ele perguntou-lhe sobre *Antônio e Cleópatra*, se ela tinha gostado (sim) e de que parte ela tinha gostado mais. O que veio à mente dela foram os vários beijos ousados e convincentes, mas ela não podia dizer isso.

— Aquela parte no final — disse ela — quando ela vai colocar a víbora no corpo — ela ia dizer *seio*, então mudou, mas *corpo* não soou muito melhor — e o velho chega com a cesta de figos em que está a víbora e eles meio que ficam brincando. Acho que eu gostei porque você não esperava aquilo naquela hora. Quer dizer, eu gostei de outras coisas também, gostei de tudo, mas aquilo foi diferente.

— Pois é — disse ele. — Também gosto daquilo.

— Você viu a montagem?

— Não. Agora eu estou poupando meu dinheiro. Mas teve uma época em que eu li um bocado de Shakespeare, você lê quando está aprendendo inglês. De dia eu aprendia como funcionavam os relógios, de noite eu aprendia inglês. O que você aprendeu?

— Não aprendi grande coisa — disse ela. — Não na escola. Depois da escola eu aprendi o que é preciso aprender para ser enfermeira.

— Para ser enfermeira tem que aprender muito. Imagino que sim.

Depois disso eles falaram do frescor da noite, de como era bem-vindo, e de como as noites tinham ficado perceptivelmente mais compridas, mesmo que ainda houvesse agosto inteiro pela frente. E falaram de Juno, de como ela queria ter vindo com eles mas tinha se acomodado imediatamente quando ele lembrou a ela de que ela tinha de ficar e vigiar a loja. Essa conversa pareceu mais um subterfúgio combinado previamente, como um disfarce convencional para aquilo que a cada minuto ia ficando mais inevitável, mais necessário entre eles.

Mas, à luz da estação ferroviária, o que quer que houvesse de promissor ou de misterioso imediatamente sumiu. Havia pessoas fazendo fila no guichê, e ele ficou atrás delas, esperando sua vez, e comprou a passagem dela. Eles andaram até a plataforma, onde os passageiros estavam esperando.

— Se você escrever seu nome completo e o endereço num papel — disse ela — eu mando seu dinheiro imediatamente.

Agora vai acontecer, pensou ela. E *agora* foi nada. Nada vai acontecer. Tchau. Obrigado. Vou mandar o dinheiro. Sem pressa. Obrigado. Incômodo nenhum. Obrigado mesmo assim. Tchau.

— Vamos andar por aqui — disse ele. Eles andaram pela plataforma, afastando-se da luz.

— Melhor não se preocupar com o dinheiro. Ele é tão pouco e talvez nem chegue, porque logo, logo eu vou viajar. Às vezes o correio demora.

— Ah, mas eu preciso te pagar.

— Vou te falar como você vai me pagar, então. Está prestando atenção?

— Estou.

— Vou estar aqui no verão seguinte no mesmo lugar. Na mesma loja. No máximo em junho vou estar aqui. No próximo verão. Então você vai escolher o que vai assistir, vai vir aqui de trem e vai até a loja.

— E aí eu te pago?

— Isso. E eu vou preparar um jantar, nós vamos tomar vinho, eu vou te contar o que aconteceu no ano e você vai me contar também. E eu quero outra coisa.

— O quê?

— Que você use o mesmo vestido. O vestido verde. E que o seu cabelo esteja com o mesmo penteado.

Ela riu.

— Para você me reconhecer.

— Sim.

Eles estavam na extremidade da plataforma, e ele disse “Cuidado aqui”, e depois “Tudo bem?”, na hora em que eles pisaram no cascalho.

— Tudo bem — disse Robin — com abandono na voz, ou por causa da superfície incerta do cascalho ou porque agora ele a segurava pelos ombros, e logo passava as mãos por seus braços nus.

— Foi importante a gente ter se conhecido — disse ele. — Eu acho. Você acha?

Ela disse:

— Foi.

— Foi. Foi.

Ele passou as mãos atrás dos braços dela para segurá-la mais de perto, pela cintura, e eles se beijaram, de novo e de novo.

A conversa de beijos. Sutil, absorvente, destemida, transformadora. Quando pararam, estavam os dois tremendo, e foi com certo esforço que ele conseguiu controlar a voz, tentando falar num tom neutro.

— Não vamos escrever cartas. Cartas não são boa ideia. Vamos simplesmente lembrar um do outro e no verão seguinte vamos nos encontrar. Você não precisa me avisar, simplesmente venha. Se você ainda sentir a mesma coisa, vai simplesmente vir.

Eles já ouviam o trem. Ele ajudou-a a subir na plataforma, e então não a tocou mais, mas andou apressadamente ao lado dela, procurando alguma coisa no bolso.

Logo antes de deixá-la, ele entregou-lhe uma folha de papel dobrada.

— Escrevi antes de sairmos da loja — disse.

No trem ela leu o nome dele. *Danilo Adzic*. E as palavras *Bjelojevici*. *Minha aldeia*.

Ela voltou andando da estação, debaixo das árvores escuras e cheias. Joanne não tinha deitado ainda. Estava jogando paciência.

— Desculpe eu ter perdido o primeiro trem — disse Robin. — Já jantei. Comi estrogonofe.

— Então é esse o cheiro que eu estou sentindo.

— Também tomei uma taça de vinho.

— Estou sentindo o cheiro também.

— Acho que vou direto para a cama.

— Acho que é melhor.

Levando atrás de mim nuvens de glória, pensou Robin subindo as escadas. Vinda de Deus, que é nosso lar.[\[3\]](#)

Que bobagem, sacrilégio até, se desse para acreditar em sacrilégio. Ser beijada numa plataforma de trem com ordens para voltar dali a um ano. Se Joanne ficasse sabendo, o que diria? Um estrangeiro. Os estrangeiros pegam essas meninas que ninguém mais quer.

Por algumas semanas as duas irmãs mal se falaram. Então, vendo que não havia telefonemas nem cartas, e que Robin só saía de noite para ir à biblioteca,

Joanne relaxou. Ela sabia que alguma coisa tinha mudado, mas não achou que fosse sério. Começou a fazer brincadeiras com Willard.

Na frente de Robin, ela dizia:

— Sabia que nossa menina ali começou a ter misteriosas aventuras em Stratford? Pois é. Estou te dizendo. Chegou em casa cheirando a bebida e goulash. Sabe que cheiro isso tem? De vômito.

O que ela provavelmente pensava era que Robin tinha ido a algum restaurante esquisito, com alguns pratos europeus no cardápio, e pediu uma taça de vinho para acompanhar a refeição, achando-se toda sofisticada.

Robin estava indo à biblioteca para ler sobre Montenegro.

“Há mais de dois séculos”, lia ela, “os montenegrinos continuam sua luta contra os turcos e os albaneses, o que para eles era quase todo o dever do ser humano. (Daí a fama dos montenegrinos de ser dignos, belicosos e de ter aversão ao trabalho, esta última uma constante piada iugoslava.)”

Que dois séculos eram esses, ela não conseguia descobrir. Ela leu sobre reis, bispos, guerras, assassinatos, e sobre o maior dos poemas sérvios, chamado “A grinalda da montanha”, escrito por um dos reis de Montenegro. Ela mal conseguia guardar uma palavra do que lia. Tirando o nome, o verdadeiro nome de Montenegro, que ela não sabia pronunciar. *Crna Gora*.

Ela olhava mapas, nos quais já era difícil achar o país mesmo, mas em que finalmente era possível, com uma lupa, conhecer os nomes das diversas cidades (nenhuma delas Bjelojevici) e os rios Moraca e Tara, e as cordilheiras sombreadas, que pareciam estar por toda parte, menos no vale Zeta.

A necessidade dela de continuar essa investigação era difícil de explicar, e ela não tentou explicá-la (ainda que, é claro, sua presença na biblioteca fosse notada, bem como sua absorção). O que ela devia estar tentando fazer — e o que ela ao menos meio que conseguiu fazer — era fixar Danilo em algum lugar real com um passado real, pensando que aqueles nomes que ela aprendia deviam ser conhecidos dele, que aquela história devia ter sido a que ele tinha aprendido na escola, que ele devia ter visitado alguns daqueles lugares quando era garoto ou rapaz. E talvez estivesse visitando, agora. Quando ela tocava um nome impresso com o dedo, ela podia estar tocando o lugar mesmo onde ele estava.

Ela também tentou aprender algo em livros e em diagramas sobre a fabricação de relógios, mas nisso não teve sucesso.

Ele permanecia com ela. A ideia dele estava presente na hora em que ela acordava, e nas pausas no trabalho. As celebrações de Natal traziam-lhe a mente as cerimônias da Igreja Ortodoxa, a respeito das quais ela tinha lido, padres

barbudos em vestes douradas, velas e incenso, canto lúgubre e profundo em língua estrangeira. O tempo frio e o gelo distante no lago faziam-na pensar no inverno nas montanhas. Ela tinha a sensação de ter sido escolhida para conectar-se com aquela estranha parte do mundo, escolhida para um destino diferente. Estas eram as palavras que ela costumava usar consigo. *Destino. Amante. Não namorado. Amante.* Às vezes ela pensava no modo casual e relutante como ele tinha falado em entrar e sair do país, e estava temerosa por ele, imaginando-o envolvido em esquemas escusos, em tramas e perigos cinematográficos. Era provavelmente bom que ele tivesse decidido que não haveria cartas. A vida dela teria sido inteiramente sugada por sua composição e por sua espera. Escrever e esperar, esperar e escrever. E, claro, preocupar-se, caso elas não chegassem.

Ela agora tinha algo para levar consigo o tempo todo. Estava ciente de um brilho em si, em seu corpo, em sua voz e em tudo que fazia. O brilho fazia com que ela andasse de um jeito diferente, sorrisse sem motivo, tratasse os pacientes com uma ternura incomum. Ela se comprazia em contemplar uma coisa de cada vez, o que podia fazer enquanto cumpria suas tarefas, enquanto jantava com Joanne. A parede nua do quarto, com os retângulos de luz estriada refletida nela pelas lâminas das persianas. O papel áspero das revistas, com seus desenhos antiquados no lugar de fotografias. A grossa tigela de porcelana, com uma faixa amarela em volta, em que ele serviu o estrogonofe. A cor de chocolate do focinho de Juno, e suas pernas magras e fortes. Depois o ar mais frio das ruas, e a fragrância dos leitos de flores municipais e das lamparinas ao longo do rio, em torno das quais toda uma civilização de pequeninos insetos ficava girando e se precipitando.

O peito afundando e então se fechando quando ele voltou com a passagem. Mas depois disso a caminhada, os passos calculados, a descida da plataforma para o cascalho. Pelas finas solas dos sapatos, ela sentia as pedrinhas pontudas.

Nada havia desvanecido para ela, por mais repetitivo que fosse aquele programa. Suas memórias, e o tecido de suas memórias, simplesmente iam escavando um sulco mais profundo.

Foi importante a gente ter se conhecido.

Foi. Foi.

Mas, quando junho chegou, ela ficou adiando. Ela ainda não tinha escolhido o que ia assistir, nem mandado comprar o ingresso. Por fim, ela achou que o melhor seria escolher o dia do aniversário, o mesmo dia do ano passado. Naquele dia apresentariam *Como gostais*. Ocorreu-lhe que ela podia

simplesmente ir à rua Downie, e pular a ida ao teatro, porque ela estaria demasiado preocupada ou empolgada para reparar nela. Ela achava, porém, que alterar a sequência do dia poderia dar azar. Ela comprou o ingresso. E levou o vestido verde para a lavanderia. Desde aquele dia ela não o usava, mas ela queria que ele estivesse perfeitamente limpo, viçoso como se fosse novo.

A passadeira da lavanderia tinha faltado alguns dias naquela semana. Seu filho estava doente. Mas prometeram que ela voltaria, que o vestido estaria pronto na manhã de sábado.

— Vou morrer — disse Robin. — Vou morrer se aquele vestido não estiver pronto.

Ela olhou Joanne e Willard, jogando *rummy*. Ela os tinha visto naquela pose tantas vezes, e agora era possível que nunca os visse outra vez. Como eles estavam longe da tensão e da ousadia, do risco da vida dela.

O vestido não estava pronto. O filho ainda estava doente. Robin considerou trazer o vestido para casa e passá-lo ela mesma, mas achou que estaria nervosa demais para fazer um bom trabalho. Ainda mais com Joanne olhando. Ela foi imediatamente ao centro, à única loja de vestidos aceitável, e teve sorte, achou, de encontrar outro vestido verde, com caimento igualmente bom, mas reto e sem manga. A cor não era abacate, mas verde-limão. A mulher da loja disse que aquela era a cor do ano, e que saias rodadas e cinturas marcadas estavam fora de moda.

Pela janela do trem ela viu a chuva começar. Ela nem tinha guarda-chuva. E no assento à frente dela havia uma passageira que ela conhecia, uma mulher que tinha tirado a vesícula poucos meses atrás, no hospital. Ela era alguém que achava que duas pessoas que se conheciam, que se encontravam no trem e estavam indo para o mesmo lugar deveriam ficar conversando.

— Minha filha vai me encontrar — disse ela. — Podemos levar você até onde você vai. Ainda mais na chuva.

Não estava chovendo quando elas chegaram a Stratford, havia sol e estava muito quente. Mesmo assim, Robin não viu alternativa além de aceitar a carona. Ficou no banco de trás com duas crianças tomando picolé. Pareceu um milagre que um líquido rosa ou laranja não tivesse pingado em seu vestido.

Ela não conseguiu esperar o fim da apresentação. Estava tremendo no ar-condicionado do teatro porque o vestido era feito de material muito fino e não tinha manga. Ou talvez porque estivesse nervosa. Foi pedindo desculpas até a

ponta da fileira, subiu o corredor com passos irregulares e foi para a luz diurna do saguão. Chovia de novo, torrencialmente. Sozinha no banheiro feminino, o mesmo em que ela tinha perdido a bolsa, ela ajeitou o cabelo. A umidade estava arruinando o volume, o cabelo que ela tinha deixado de bobes para que ficasse liso estava caindo em finas tiras encaracoladas em torno de seu rosto. Ela devia ter trazido laquê. Ela fez o melhor que podia, penteando de trás para a frente.

A chuva tinha parado quando ela saiu, e outra vez o sol estava brilhando, reluzindo na calçada molhada. Então ela partiu. Suas pernas pareciam fracas, como naquelas ocasiões em que ela tinha de ir ao quadro negro, na escola, para resolver um problema de matemática, ou quando tinha de ficar na frente da turma para recitar coisas de memória. Cedo demais ela chegou à esquina da rua Downie. Dali a poucos minutos sua vida mudaria. Pronta ela não estava, mas não conseguia esperar mais nada.

Na segunda quadra ela conseguiu ver à frente aquela estranha casinha, mantida no lugar pelos edifícios convencionais de lojas dos dois lados.

Mais perto ela chegava, mais perto. A porta estava aberta, como na maioria das lojas ao longo da rua — não eram muitas as que tinham colocado ar-condicionado. Havia só uma porta de tela para impedir a entrada das moscas.

Subindo os dois degraus, ela parou do lado de fora da porta. Mas não a empurrou por um instante, para poder acostumar os olhos ao interior semiescuro, e não tropeçar quando entrasse.

Ele estava ali, no espaço de trabalho atrás do balcão, ocupado debaixo de uma única lâmpada. Estava curvado para a frente, de perfil, absorto no trabalho que estava fazendo num relógio. Ela tinha temido alguma mudança. Ela tinha temido, na verdade, não estar lembrando dele com precisão. Ou que Montenegro talvez tivesse causado alguma alteração — dado-lhe um novo corte de cabelo, uma barba. Mas não — ele estava igual. A luz de trabalho brilhando em sua cabeça mostrava o mesmo cabelo curto e denso, brilhoso como antes, prateado com seu matiz ruivo-castanho. Um ombro espesso, levemente encurvado, manga dobrada revelando o musculoso antebraço. Em seu rosto uma expressão de concentração, de rigor, de perfeita apreciação por aquilo que estava fazendo, pelo mecanismo com que estava trabalhando. O mesmo olhar que tinha estado na cabeça dela, ainda que ela nunca o tivesse visto trabalhando em seus relógios antes. Ela tinha imaginado aquele olhar dirigido para ela.

Não. Ela não queria entrar. Ela queria que ele levantasse, viesse até ela, abrisse a porta. Então ela o chamou. Daniel. Sem coragem no último instante de

chamá-lo Danilo, por medo de pronunciar as sílabas estrangeiras desajeitadamente.

Ele não tinha ouvido — ou, provavelmente, por causa do que estava fazendo, ele demorou a erguer os olhos. Então ele ergueu os olhos, mas não na direção dela — ele parecia estar procurando alguma coisa de que precisava naquele momento. Mas ao erguer os olhos, ele a notou. Cuidadosamente tirou algo do caminho, empurrou a cadeira para levantar da mesa de trabalho, levantou-se e veio, relutante, até ela.

Ele sacudiu a cabeça de leve para ela.

A mão dela estava prestes a abrir a porta, mas ela não fez isso. Esperou que ele falasse, mas ele não falou. Ele estava perturbado. Permaneceu imóvel. Afastou os olhos dela, percorreu a loja com o olhar — mirou os relógios, como se eles talvez fossem dar alguma informação ou algum apoio. Quando fixou novamente o rosto dela, ele estremeceu, e involuntariamente — mas talvez vez não — mostrou os dentes da frente. Como se a visão dela lhe deixasse efetivamente assustado, temeroso de um perigo.

E ela ficou parada ali, congelada, como se ainda houvesse uma possibilidade de que aquilo fosse uma piada, uma brincadeira.

Então ele foi de novo na direção dela, como se tivesse decidido o que fazer. Sem olhar para ela, mas agindo com determinação e — ao menos foi o que lhe pareceu — repulsa, ele colocou a mão contra a porta de madeira, a porta da loja que estava aberta, e empurrou-a, fechando-a na cara dela.

Aquilo era um atalho. Com horror ela compreendeu o que ele estava fazendo. Ele estava fazendo essa encenação porque era um jeito mais fácil de livrar-se dela do que dar uma explicação, lidando com seu espanto e com suas delongas femininas, com seus sentimentos feridos, sua possível prostração e suas lágrimas.

Vergonha, vergonha terrível, era o que ela sentia. Uma mulher mais confiante, mais experiente, teria sentido raiva e ido embora numa distinta fúria. *Dane-se ele*. Robin tinha ouvido uma mulher no trabalho falando de um homem que a tinha abandonado. *Não dá para confiar em ninguém de cueca*. Aquela mulher tinha agido como se não tivesse ficado surpresa. E, lá no fundo, Robin agora também não estava surpresa, mas a culpa era dela. Ela deveria ter entendido aquelas palavras do último verão, a promessa e o adeus na estação, como uma tolice, uma gentileza desnecessária a uma fêmea solitária que tinha perdido a

bolsa e ia ao teatro sozinha. Ele teria lamentado isso antes de chegar em casa, e rezado para que ela não fosse levá-lo a sério.

Era bem possível que ele tivesse trazido uma esposa de Montenegro, que houvesse uma esposa no andar de cima — isso explicaria a cara de alarme, o tremor de receio. Se ele tivesse pensado em Robin, seria por medo de ela estar fazendo exatamente o que estava fazendo — sonhando seus tristes sonhos virginais, inventando seus planos tolos. As mulheres provavelmente já tinham feito papel de bobas por causa dele antes, e ele sempre tinha dado um jeito de se livrar delas. Aquele era um jeito. Melhor ser cruel do que delicado. Sem desculpas, sem explicações, sem esperanças. Finja que nem a reconhece, e, se isso não funcionar, bata a porta na cara dela. Quanto mais cedo ela começar a te odiar, melhor.

Mas com algumas delas dá mais trabalho.

Exatamente. E ali estava ela, chorando. Ela tinha conseguido segurar enquanto estava na rua, mas, no caminho que seguia o rio, estava chorando. O mesmo cisne negro nadando sozinho, as mesmas famílias de patinhos com seus pais grasnantes, o sol na água. Era melhor não tentar escapar, melhor não ignorar esse golpe. Se você fizesse isso por um instante, teria de enfrentar de novo o que estava te acertando, um imenso baque traumatizante no peito.

— Mais pontual esse ano, disse Joanne. — Que tal o teatro?

— Não vi tudo. Bem na hora em que eu estava entrando, algum bicho voou no meu olho. Fiquei piscando mas não consegui me livrar dele e tive de levantar e ir ao banheiro para ver se, lavando, ele saía. E aí uma parte dele deve ter ido para a toalha e aí eu esfreguei no outro olho também.

— Você está com cara de quem chorou até o olho cair. Quando você entrou, achei que tinha visto o texto mais triste do mundo. Melhor você lavar o rosto na água com sal.

— Eu ia lavar.

Havia outras coisas que ela ia fazer, ou não fazer. Nunca ir a Stratford, nunca andar naquelas ruas, nunca voltar a um teatro. Nunca usar os vestidos verdes, nem o limão nem o abacate. Evitar qualquer notícia de Montenegro, o que não devia ser muito difícil.

II

Agora o inverno de verdade está instalado e o lago está congelado quase até o molhe. O gelo é desigual, em alguns lugares parece que ondas enormes foram congeladas ali mesmo. Operários tiram as luzes de Natal. Há notícias de gripe. Os olhos das pessoas marejam ao andar contra o vento. A maior parte das mulheres está usando seu uniforme de inverno, calças de moletom e casaco acolchoado.

Mas não Robin. Quando ela sai do elevador para ir ao terceiro e último andar do hospital, ela está usando um longo casaco preto, saia de lã cinza, e uma blusa de seda lilás-acinzentada. Seu cabelo espesso, liso, carvão-acinzentado vai até o ombro, e ela traz pequenos diamantes nas orelhas. (Ainda se observa que, assim como antigamente, algumas das mulheres de melhor aparência, as que melhor ficaram, são as que não casaram.) Ela não precisa se vestir como enfermeira agora, porque trabalha em meio período e só naquele andar.

Você pode pegar o elevador até o último andar do jeito normal, mas descer é mais difícil. A enfermeira atrás do balcão precisa apertar um botão escondido para deixar você partir. Aquele andar é a ala psiquiátrica, ainda que raramente seja chamado assim. Ele dá vista para o lago a oeste, assim como o apartamento de Robin, e por isso costuma ser chamado de Hotel do Ocaso. E algumas pessoas mais velhas chamam-no de Royal York. Os pacientes ali ficam pouco tempo, ainda que, para alguns deles, esse pouco tempo fique se repetindo. Aqueles cujos delírios, tormentos ou retraimentos tornam-se permanentes são alojados em outro lugar, no Lar do Condado, devidamente chamado Casa de Cuidados de Longo Prazo, logo depois dos limites da cidade.

Em quarenta anos a cidade não cresceu muito, mas mudou. Há dois shopping centers, ainda que as lojas da praça continuem na luta. Há novas casas — uma comunidade de terceira idade — nas falésias, e duas das grandes casas com vista para o lago foram convertidas em prédios de apartamentos. Robin teve sorte o bastante de conseguir um desses. A casa na rua Isaac onde ela e Joanne moravam foi redecorada com vinil e transformada numa imobiliária. A casa de Willard continua mais ou menos igual. Ele teve um AVC há alguns anos, mas se recuperou bem, ainda que tenha de andar com duas muletas. Quando ele estava no hospital, Robin o via com frequência. Ele falava de como ela e Joanne tinham sido boas vizinhas, e de como se divertiam jogando cartas.

Joanne está morta há dezoito anos, e depois de vender a casa Robin se distanciou de todos os laços antigos. Não vai mais à igreja, e, excetuando aquelas pessoas que se tornam pacientes no hospital, ela raramente vê as pessoas que conhecia quando era jovem, as pessoas com quem frequentou a escola.

As perspectivas de casamento foram reabertas, de modo limitado, na época da vida em que ela está. Há viúvos à procura, homens abandonados. Normalmente eles querem uma mulher com experiência no casamento — ainda que um bom emprego também não atrapalhe. Mas Robin deixou claro que não está interessada. As pessoas que ela conhece desde que era jovem dizem que ela nunca teve interesse, é simplesmente assim que ela é. Algumas das pessoas que ela conhece hoje acham que ela deve ser lésbica, mas que foi criada num ambiente tão primitivo e repressor que não consegue admitir.

Hoje há na cidade tipos diferentes de pessoas, e foi com essas pessoas que ela fez amizade. Umas vivem juntas sem ser casadas. Outras nasceram na Índia, no Egito, nas Filipinas ou na Coreia. Os velhos modelos de vida, as regras dos tempos antigos, persistem numa certa medida, mas muita gente segue seu próprio caminho sem nem saber dessas coisas. Você pode comprar quase qualquer tipo de comida que quiser, e numa bela manhã de domingo pode sentar numa calçada tomando um café sofisticado e deleitar-se com o som dos sinos das igrejas, sem nem pensar nos ritos. A praia não fica mais cercada por estações ferroviárias e armazéns — é possível andar numa calçada por uma milha ao longo do lago. Há uma Sociedade Coral e uma Sociedade Teatral. Robin ainda é muito ativa na Sociedade Teatral, mas não atua mais tanto quanto antes. Há muitos anos, ela fez o papel de Hedda Gabler. A opinião geral foi de que o texto era desagradável mas que ela fez uma Hedda esplêndida. Um trabalho particularmente bom uma vez que o personagem — é o que as pessoas diziam — era tão oposto a ela na vida real.

Muita gente dali vai a Stratford esses dias. Já ela vai ao teatro em Niagara-on-the-Lake.

Robin repara nas três camas de armar alinhadas contra a parede oposta.

— O que é isso? — diz ela a Coral, a enfermeira no balcão.

— É só temporário — diz Coral, num tom dubio. — É a redistribuição.

Robin vai pendurar seu casaco e sua bolsa no closet atrás do balcão, e Coral lhe diz que esses casos são do condado de Perth. É alguma transferência por causa da lotação excessiva lá, diz. Alguém se equivocou e a casa do condado daqui ainda não está pronta para recebê-los, então ficou decidido que eles ficariam aqui por enquanto.

— Devo ir lá e dar um oi?

— Como quiser. Da última vez que eu olhei, estavam todos dormindo.

As três camas estão com os lados levantados, os pacientes estão deitados de barriga para cima. E Coral estava certa, nenhum parece acordado. Duas senhoras idosas e um senhor idoso. Robin se vira, depois vira de volta. Fica olhando o senhor. Sua boca está aberta e seus dentes falsos, se é que ele tem algum, foram removidos. Ele ainda tem cabelo, branco e bem curto. A carne caída, as bochechas afundadas, mas ainda um rosto largo nas têmporas, que retém uma certa aparência de autoridade e — como da última vez que ela viu — de perturbação. Retalhos de pele ressequida, pálida, quase prateada, provavelmente onde manchas cancerosas foram cortadas. Seu corpo desgastado, as pernas quase desaparecendo embaixo das cobertas, mas ainda alguma amplitude no peito e nos ombros, bem como ela se lembra.

Ela lê o cartão preso ao pé de sua cama.

Alexander Adzic.

Danilo. Daniel.

Talvez esse seja seu segundo nome. Alexander. Ou então ele mentiu, tomando o cuidado de só contar uma mentira ou meia mentira, desde o começo e quase até o fim.

Ela volta ao balcão e fala com Coral.

— Alguma informação sobre aquele homem?

— Por quê? Você o conhece?

— Talvez conheça.

— Vou ver onde está. Posso pedir.

— Sem pressa — diz Robin. — Só quando você tiver tempo. É só curiosidade. Melhor eu ir agora e ver os meus pacientes.

O trabalho de Robin consiste em falar com esses pacientes duas vezes por semana, escrever relatórios sobre eles, explicando como seus delírios ou depressões estão passando, se os comprimidos estão funcionando, e como seus estados de espírito são afetados pelas visitas que recebem dos parentes ou cônjuges. Ela trabalha nesse andar há anos, desde que a prática de manter pacientes psiquiátricos perto de casa foi reintroduzida na década de 1970, e ela conhece muitas das pessoas que sempre voltam. Ela fez alguns cursos extra para qualificar-se para o tratamento de casos psiquiátricos, mas de todo modo ela já levava jeito para isso. Em algum momento depois de voltar de Stratford, sem ter visto *Como gostais*, ela começou a sentir atração por esse trabalho. Alguma coisa — ainda que não o que ela estava esperando — *tinha* mudado sua vida.

Ela deixa o sr. Wray por último, porque geralmente ele quer mais tempo. Nem sempre ela pode lhe dar tanto quanto ele gostaria — isso depende dos

problemas dos outros. Hoje o resto deles está em geral melhorando, graças aos remédios, e tudo que fazem é pedir desculpas pelos problemas que causaram. Mas o sr. Wray, que acredita que suas contribuições à descoberta do dna nunca foram recompensadas nem reconhecidas, está em fúria por causa de uma carta a James Watson. A quem ele chama de Jim.

— Aquela carta que eu mandei ao Jim — diz ele. — Não sou burro de mandar uma carta como aquela e não guardar uma cópia. Mas ontem fui verificar meus arquivos e sabe o que eu descobri? Você sabe?

— Sumiu. Sumiu. Foi roubada.

— De repente está em outro lugar. Vou dar uma olhada.

— Não me surpreende. Eu devia ter desistido há muito tempo. Eu estou lutando contra os Poderosos e quem vence quando você luta contra Eles? Pode falar a verdade. Me fala. É para eu desistir?

— Você é que tem que decidir. Só você.

Ele começa a desfiar para ela, mais uma vez, os detalhes de seus infortúnios. Ele não era cientista, trabalhou como agrimensor, mas deve ter acompanhado o progresso científico a vida toda. A informação que ele deu a ela, e até os desenhos que conseguiu fazer com um lápis sem ponta, sem dúvida estão corretos. Só a história de ele ter sido trapaceado é boba e previsível, e provavelmente deve muito ao cinema e à televisão.

Mas ela sempre adora a parte da história em que ele descreve como a espiral se desfaz e os dois fios flutuam um para longe do outro. Ele mostra a ela como isso acontece, e com tanta graça, com mãos que demonstram tanta apreciação. Cada fio partindo em sua própria jornada programada para duplicar-se de acordo com suas próprias instruções.

Ele também adora aquilo, fica maravilhado, com lágrimas nos olhos. Ela sempre agradece pela explicação, e deseja que ele consiga parar por aí, mas claro que ele não consegue.

Mesmo assim, ela acredita que ele está melhorando. Quando ele começa a escarafunchar os detalhes da injustiça, a concentrar-se em algo como a carta roubada, isso significa que ele provavelmente está melhorando.

Com algum incentivo, com uma leve mudança do foco de sua atenção, ele poderia se apaixonar por ela. Isso já aconteceu com alguns pacientes, antes desse momento. Os dois casados. Mas isso não a impediu de dormir com eles, depois de eles receberem alta. Àquela altura, porém, os sentimentos tinham mudado. Os homens sentiam gratidão, ela sentia boa vontade, ambos sentiam algo como uma nostalgia deslocada.

Não que ela se arrependa. Hoje em dia há pouca coisa de que ela se arrependa. Certamente não de sua vida sexual, que tem sido esporádica e secreta, mas, no geral, reconfortante. O esforço dela para mantê-la secreta talvez mal fosse necessário, considerando a maneira como agora as pessoas já tinham uma imagem fixa dela — as pessoas que ela conhece hoje fizeram isso tão meticulosa e equivocadamente quanto as pessoas que ela conhecia muito tempo atrás.

Coral lhe entrega uma folha impressa.

— Pouca coisa, diz ela.

Robin agradece, dobra a folha e a leva até o closet, para colocá-la em sua bolsa. Ela quer estar sozinha quando lê-la. Mas não consegue esperar até chegar em casa. Ela desce até a Sala da Paz, que costumava ser a Sala de Oração. Ninguém estava ali buscando paz naquele momento.

Adzic, Alexander. Nascido em 3 de julho de 1924, Bjelojevici, Iugoslávia. Emigrou para o Canadá em 29 de maio de 1962, aos cuidados do irmão Danilo Adzic, nascido em Bjelojevici, em 3 de julho de 1924, cidadão canadense.

Alexander Adzic viveu com seu irmão Danilo até a morte deste último em 7 de setembro de 1995. Foi internado na Casa de Assistência de Longo Prazo do Condado de Perth em 25 de setembro de 1995, e desde essa data é paciente ali.

Alexander Adzic aparentemente é surdo-mudo desde o nascimento ou devido a alguma doença que se seguiu brevemente. Não havia instalações para educação especial quando ele era criança. O QI nunca foi determinado, mas ele era treinado no conserto de relógios. Não sabia a linguagem de sinais. Dependente do irmão e até onde se pode discernir, emocionalmente inacessível sem ele. Apatia, falta de apetite, hostilidade ocasional e regressão geral desde a entrada.

Revoltante.

Irmãos.

Gêmeos.

Robin queria esfregar aquela folha de papel na cara de alguém, de alguma autoridade.

Isso é ridículo. Isso eu não aceito.

Mesmo assim.

Shakespeare devia tê-la preparado. Em Shakespeare, os gêmeos são muitas vezes a razão de confusões e desastres. Um meio para o fim, isso é que esses truques deviam ser. E no final os mistérios são resolvidos, as brincadeiras são perdoadas, o verdadeiro amor ou algo assim é reacendido, e aqueles que foram ludibriados têm a elegância de não reclamar.

Ele devia ter saído para resolver alguma coisa. Rápida. Ele não teria deixado aquele irmão cuidando das coisas por muito tempo. Talvez ele tivesse dito ao irmão para fechá-la e não abri-la enquanto ele mesmo dava um passeio com Juno em volta da quadra. Ela tinha se perguntado por que Juno não estava lá.

Se ela tivesse chegado um pouco depois. Um pouco antes. Se tivesse ficado até o fim ou nem tivesse ido ao teatro. Se não tivesse se preocupado com o cabelo.

E então? Como eles teriam feito, ele com Alexander, ela com Joanne? Pelo modo como Alexander tinha agido naquele dia, não parecia que ele teria aceitado qualquer intrusão, qualquer mudança. E Joanne certamente teria sofrido. Menos, talvez, por ter o surdo-mudo Alexander em casa, do que por Robin se casar com um estrangeiro.

Difícil calcular agora, do jeito que as coisas eram naquela época.

Foi tudo estragado em um dia, em poucos minutos, não pouco a pouco, por lutas, esperanças e perdas, na maneira arrastada como essas coisas no mais das vezes costumam ser estragadas. E se é verdade que as coisas normalmente se estragam, o jeito mais rápido não é o mais fácil de suportar?

Mas você não acredita realmente nisso, não no seu próprio caso. Robin não acredita. Ainda agora ela às vezes anseia por sua chance. Ela não tem um instante de gratidão pela peça que lhe foi pregada. Mas ela consegue ter gratidão por tê-la descoberto. Isso, ao menos — a descoberta que deixa tudo inteiro, até o momento da intervenção frívola. Que deixa você revoltada, mas aquecida à distância, livre da vergonha.

Era outro, com certeza, o mundo em que eles tinham estado. Tão outro quanto qualquer mundo forjado no palco. Seu plano precário, sua cerimônia de beijos, a fé temerária que os envolvia de que tudo seguiria como tinham imaginado. Num caso desses, é só se mexer um centímetro para esse ou aquele lado, e tudo está perdido.

Robin teve pacientes que acreditam que pentes e escovas de dente precisam ficar alinhados na ordem correta, que os sapatos devem ficar voltados para a devida direção, que se deve contar passos, ou do contrário alguma punição virá.

Se ela tinha falhado nesse departamento, teria sido na questão do vestido verde. Por causa da mulher na lavadeira, da criança doente, ela usou o vestido verde errado.

Ela queria poder dizer isso a alguém. A ele.

larga o dante um pouco

13 de março de 1927. Agora vem o inverno, bem na hora em que devíamos estar avistando a primavera. Fortes tempestades interrompendo as estradas, escolas fechando. E algum sujeito que dizem que foi dar uma volta lá na ferrovia e provavelmente congelou. Hoje andei de sapato de neve bem no meio da rua e as únicas pegadas eram as minhas. E na hora em que voltei da loja as minhas pegadas estavam totalmente cobertas. Isso é porque o lago não congelou como de costume, e o vento que vem do oeste traz litros de umidade e joga em cima da gente na forma de neve. Fui comprar café e uma ou duas outras necessidades. Quem é que eu encontro na loja, senão Tessa Netterby, que eu não via há talvez um ano. Fiquei mal por nunca ter ido vê-la, porque eu costumava tentar manter meio que uma amizade depois de ela ter saído da escola. Acho que eu era a única que ia. Ela estava toda envolvida num xale enorme e parecia ter saído de um livro de histórias. Desproporcional na parte de cima, na verdade, porque ela tem aquele rosto largo, aquela grenha preta encaracolada e aqueles ombros largos, ainda que não deva ter mais de um metro e meio. Ela simplesmente sorriu, a mesma Tessa de sempre. E eu perguntei como ela estava — você sempre faz isso quando a encontra, sério, por causa do longo período do que quer que tenha sido que a tirou da escola quando ela tinha catorze anos. Mas você também pergunta porque não tem muito mais que consiga pensar para falar, ela não vive no mesmo mundo que o resto de nós. Ela não faz parte de clube nenhum, não pode fazer nenhum esporte e não tem nenhuma espécie de vida social normal. Ela tem meio que uma vida na qual existem pessoas e não tem nada de errado nisso, mas eu não tenho ideia de como falar disso e talvez nem ela.

O sr. McWilliams estava lá ajudando a sra. McWilliams na loja porque os caixas não tinham conseguido vir. Ele adora brincar e começou a brincar com Tessa, perguntando se ela não tinha ficado sabendo da chegada dessa tempestade

e por que ela não podia ter contado para a gente etc. e a sra. McWilliams mandou-o parar. Tessa simplesmente olhou como se nem tivesse ouvido e pediu uma lata de sardinhas. Isto fez com que eu me sentisse subitamente péssima: pensar nela sentando para jantar uma lata de sardinhas. O que é altamente improvável, não consigo imaginar por que ela não poderia cozinhar uma refeição como todo mundo.

A grande novidade que eu ouvi na loja foi que o telhado do Salão da Knights of Pythias desabou. Lá se vai nosso palco para *The Gondoliers*, que devia estrear no fim de março. O palco da Câmara Municipal não é grande o bastante e a antiga Ópera está sendo usada para guardar caixões da Hay's Furniture. Então hoje à noite devíamos ter ensaio mas nem sei quem vai conseguir chegar, nem o que vai acontecer.

16 de março. Decisão de pôr de lado *The Gondoliers* esse ano, só seis dentre nós foram ensaiar no teatro da Escola Dominical, então desistimos e fomos para a casa de Wilf tomar café. Wilf também anunciou que sua intenção era que aquela fosse sua última performance porque estava muito ocupado no consultório, e teríamos de arrumar outro tenor. Isso vai ser um golpe, porque ele é o melhor.

Ainda me sinto esquisita chamando um médico pelo nome, mesmo que ele só tenha uns trinta anos. A casa dele pertencia ao dr. Coggan e muita gente ainda a chama desse modo. Ela foi construída especialmente para ser uma casa de médico, com a ala do escritório se projetando para um dos lados. Wilf, porém, reformou-a por completo, algumas divisórias foram postas abaixo, então agora ela é bem espaçosa e iluminada, e Sid Ralston ficava provocando-o, dizendo que ele estava aprontando a casa para a futura esposa. Aquele assunto era bem sensível para Ginny naquele momento, mas Sid provavelmente não sabia. (Ginny tinha sido pedida em casamento três vezes. Primeiro, por Wilf Rubstone, depois por Tommy Shuttles, e depois por Euan McKay. Um médico, depois um optometrista, depois um pastor. Ela é oito meses mais velha do que eu, mas não acho que eu possa ter esperanças de chegar ao mesmo número. Acho que ela fica dando muita confiança a eles, ainda que sempre diga que não consegue entender e que toda vez que a pedem em casamento aquilo vem como que do nada. O que eu acho é que existe um jeito de transformar tudo em brincadeira e demonstrar para eles que você não aceitaria o pedido, antes de deixá-los fazerem papel de palhaço.)

Se algum dia eu tiver alguma doença muito séria, espero poder destruir esse diário ou examiná-lo e rabiscar todas as coisas rudes nele, caso eu morra.

Todos ficamos falando de um jeito bem sério, não sei por quê, e a conversa passou para as coisas que tínhamos aprendido na escola e quantas já tínhamos esquecido. Alguém mencionou o Clube de Debates que existia na cidade e como aquilo tudo tinha sido posto de lado depois da guerra, quando todo mundo comprou carros para andar, começou a ir ao cinema ver filmes e a jogar golfe. Como eram sérios os assuntos que eles discutiam. “Qual das duas é mais importante para a formação do Caráter Humano, a Ciência ou a Literatura?” Dá para imaginar conseguir hoje em dia que alguém queira ouvir essas coisas? A gente se sentiria bobo só de sentar desorganizadamente e falar disso. Então Ginny falou que devíamos formar um Clube do Livro e isso nos lembrou dos livros importantes que sempre quisemos ler mas nunca lemos de fato. Aqueles da coleção Harvard Classics que simplesmente ficam lá na estante atrás das portas de vidro na sala de estar ano após ano. Por que não *Guerra e paz*, disse eu, mas Ginny afirmou que já tinha lido. Então ficamos entre *Paraíso perdido* e *A divina comédia*, e *A divina comédia* acabou ganhando. Tudo o que sabemos é que não é bem lá uma comédia e que ela foi escrita em italiano, ainda que, claro, vamos ler em inglês. Sid achou que fosse em latim e falou que tinha lido uma dose suficiente daquilo nas aulas da srta. Hurt para durar a vida toda e todos morremos de rir da cara dele, então ele fingiu que sempre soube. De qualquer jeito, agora que *The Gondoliers* está suspenso provavelmente vamos ter tempo e vamos nos encontrar com intervalos de poucas semanas para incentivar uns aos outros.

Wilf nos mostrou a casa toda. A sala de jantar fica de um lado do salão e a sala de estar do outro, e a cozinha tem armários embutidos, pia dupla e o mais moderno forno elétrico. Tem um lavabo novo logo saindo do corredor dos fundos e um banheiro otimizado e os closets são tão grandes que dá para andar neles, com direito a espelhos de corpo inteiro na porta. A casa toda tem piso de carvalho dourado. Quando cheguei em casa, aqui pareceu tão tacanho e os lambris tão escuros e antiquados. Falei com o pai no café da manhã que podíamos fazer um solário na sala de jantar para termos pelo menos um cômodo iluminado e moderno. (Esqueci de dizer que Wilf mandou fazer um solário no lado da casa oposto ao consultório então há um bom equilíbrio.) O pai perguntou: para que precisamos de uma coisa dessas quando temos duas varandas para pegar o sol de manhã e de tardinha? Então estou vendo que não existe muita chance de eu chegar a algum lugar com meu plano de melhorias domésticas.

1 de abril. A primeira coisa que eu fiz quando acordei foi enganar meu pai. Saí desembestada pelo corredor gritando que um morcego tinha entrado no meu quarto pela chaminé e ele veio correndo do banheiro com o suspensório caído e espuma na cara toda e me mandou parar de gritar e de ficar histérica e voltar e pegar a vassoura. Então fui pegar, e me escondi nas escadas de trás fingindo que estava aterrorizada enquanto ele foi batendo o pé no chão, sem óculos, tentando achar o morcego. Todo mundo ficou com pena e eu gritei:

— Primeiro de abril!

Então logo depois Ginny ligou e perguntou:

— O que é que eu vou fazer? Meu cabelo está caindo, está todo espalhado pelo travesseiro, tem cachos inteiros do meu lindo cabelo pelo travesseiro todo e agora estou metade careca, nunca mais vou poder sair de casa, será que você pode vir aqui para ver se a gente consegue fazer uma peruca com o que caiu?

Então respondi com toda a frieza:

— É só você misturar um pouco de água e farinha e colar de volta. E não é curioso que isso tenha acontecido logo dia primeiro de abril?

Agora vem a parte que não estou exatamente morrendo de vontade de registrar.

Andei até a casa de Wilf sem nem esperar para tomar café porque sei que ele vai cedo para o hospital. Foi ele mesmo que abriu a porta, só de colete e camisa. Eu nem tinha me preocupado com o consultório, achando que ainda estaria fechado. Aquela senhora mais velha que fica lá cuidando da casa — nem sei o nome dela — estava mexendo nas coisas na cozinha. Imagino que ela é que devia ter aberto a porta, mas ele estava bem ali no corredor, se aprontando para sair.

— Que foi, Nancy? — disse ele.

Eu nem disse nada, só fiz uma cara de sofrimento e segurei minha garganta com força.

— O que é que você tem, Nancy?

Segurei de novo, coaxei de um jeito deprimente e sacudi a cabeça para dar a entender que eu não conseguia falar. Oh, coitadinha.

— Por aqui — diz Wilf, e me leva pelo corredor lateral que leva da porta da casa ao consultório. Vi a velha dando uma espiada, mas não deixei ninguém perceber que eu a tinha visto, só continuei a minha encenação.

— Agora — diz ele, colocando-me na cadeira do paciente e ligando as luzes. As persianas ainda estavam abaixadas e o lugar fedia a antisséptico ou

algo assim. Ele pegou um daqueles palitos que achatam a língua e o instrumento que ele tem para iluminar e olhar lá dentro da garganta.

— Agora abra o máximo que você puder.

Então eu abro, mas bem na hora em que ele vai apertar o palito na minha língua, eu grito:

— Primeiro de abril!

Não houve o menor sinal de riso na cara dele. Ele tirou o palito dali, desligou a luz no instrumento e não disse uma palavra até abrir com força a porta de saída do consultório. Então ele disse:

— Por acaso tem doentes que precisam dos meus cuidados, Nancy. Por que você não aprende a agir de acordo com a sua idade?

Então simplesmente fugi depressa dali com o rabo entre as pernas. Não tive coragem de perguntar por que ele não conseguia levar bem uma brincadeira. Sem dúvida aquela mulher xereta na cozinha dele vai espalhar pela cidade toda o quanto ele ficou zangado e como eu tive de ir embora de fininho, humilhada. Fiquei me sentindo mal o dia todo. E a pior coincidência, a mais idiota, é que até fiquei meio doente, com um pouco de febre e de dor de garganta, então só fiquei sentada na sala de estar com um cobertor nas pernas lendo o velho Dante. Amanhã à noite é a reunião do Clube de Leitura então preciso estar bem à frente de todos eles. O problema é que não guardei nada, porque o tempo todo que eu estava lendo eu também estava pensando em como era bobo o que eu tinha feito, e eu conseguia ouvi-lo me dizendo naquela voz toda cortante para agir de acordo com a minha idade. Mas então eu me via discutindo com ele na minha cabeça, dizendo que não é tão terrível se divertir um pouco na vida. Acho que o pai dele era pastor, será que isso explica a atitude dele? As famílias dos pastores se mudam com tanta frequência que ele nunca teria tempo de se enturmar com pessoas que crescem junto e entendem e brincam umas com as outras.

Ainda consigo vê-lo abrindo a porta com seu colete e sua camisa engomada. Alto e magro feito uma faca. Seu cabelo perfeitamente partido e seu bigode severo. Mas que desastre.

Fiquei me perguntando se eu devia escrever para dizer que, na minha opinião, uma brincadeira não é uma ofensa tão grave. Ou será que eu devia apenas escrever alguma espécie de pedido de desculpas digno?

Não posso perguntar para Ginny porque ele a pediu em casamento e isso significa que ela é uma pessoa de mais valor do que eu. E eu estou de um jeito que fico pensando se ela secretamente não está fazendo pouco de mim por causa disso. (Mesmo que ela tenha recusado.)

4 de abril. Wilf não apareceu no Clube de Leitura porque algum sujeito mais idoso teve um AVC. Então escrevi um bilhete a ele. Tentei escrever de um jeito arrependido mas sem ser humilde demais. Isso fica me perturbando mais do que tudo. Não o bilhete, mas o que eu fiz.

12 de abril. Tive a grande surpresa da minha estúpida e curta vida atendendo a porta ao meio-dia de hoje. Meu pai tinha acabado de chegar em casa e tinha sentado para almoçar e lá estava Wilf. Ele nunca respondeu o bilhete que escrevi e eu tinha me resignado com o fato de que ele pretendia sentir nojo de mim para sempre e que tudo que eu podia fazer no futuro era esnobá-lo porque eu não tinha escolha.

Ele perguntou se tinha interrompido meu almoço.

Não havia jeito de ele interromper o meu almoço porque eu tinha decidido parar de almoçar até perder dois quilos e meio. Enquanto meu pai e a sra. Box almoçavam eu simplesmente calava a boca e ficava lendo Dante.

Eu disse que não.

Ele disse pois bem, então, que tal sair para dar uma volta de carro com ele? Podíamos ver o gelo descongelar no rio, ele disse. Ele continuou falando e explicou que tinha ficado acordado a madrugada quase toda e tinha de abrir o consultório à uma da tarde, o que não lhe dava tempo para uma soneca, e o ar fresco ia lhe dar mais energia. Ele não disse por que tinha ficado acordado durante a noite então imaginei que fosse o parto de algum bebê e que ele achou que eu podia ficar encabulada se ele me contasse.

Falei que estava me preparando para começar a leitura do dia.

— Larga o Dante um pouco — disse ele.

Então peguei meu casaco e disse ao meu pai que íamos sair e entrei no carro dele. Fomos até a Ponte Norte, onde um bocado de gente, sobretudo homens e meninos no intervalo do almoço, tinha se reunido para olhar o gelo. Não havia esse ano blocos tão grandes, porque o inverno tinha demorado muito a começar. Mesmo assim o gelo batia contra os pilares da ponte, e se arrastava fazendo aquele barulhão que ele costuma fazer com as pequenas correntes de água passando no meio dos blocos. Não havia nada para fazer além de ficar lá olhando aquilo como se você estivesse atônito, e fiquei com frio no pé. O gelo pode estar quebrando mas o inverno não parecia ter desistido ainda, e a primavera parecia bem longe. Eu me perguntei por que razão nesse mundo tem gente que vai lá e acha isso tão divertido que fica observando por horas a fio.

Wilf também não demorou a ficar cansado daquilo. Voltamos para o carro e ficamos sem assunto até que eu peguei o touro à unha e perguntei se ele tinha recebido meu bilhete.

Ele disse que tinha sim.

Eu falei que me senti realmente uma boba por causa do que eu tinha feito (o que era verdade mas talvez tenha soado mais contrito do que eu pretendia).

Ele disse:

— Ah, nem se preocupe com isso.

Ele deu ré no carro e voltamos para a cidade e ele disse:

— Eu pretendia pedir você em casamento. Só que eu não ia pedir desse jeito. Eu queria criar mais clima. Fazer o pedido numa situação mais apropriada.

Eu disse:

— Quer dizer que você pretendia mas agora não pretende mais? Ou quer dizer que está pedindo?

Juro que quando eu falei isso eu não estava incitando ele a nada. Eu realmente só queria esclarecer.

— Quer dizer que estou pedindo.

O “sim” tinha saído da minha boca antes mesmo de eu conseguir superar o choque. Não sei como explicar. Eu disse sim de um modo gentil e educado mas não tão afoita. Parecia que eu tinha de conduzir a gente por aquele momento e depois a gente podia ficar relaxado e normal. Ainda que o fato seja que eu nunca tenha ficado exatamente relaxada e normal com o Wilf. Uma vez fiquei bem confusa com ele e achei que ele era ao mesmo tempo intimidador e engraçado, e desde a minha infeliz brincadeira de primeiro de abril simplesmente vivi morta de vergonha. Espero que eu não esteja dizendo que falei que sim, eu aceitava casar com ele, para superar minha vergonha. Lembro de pensar que eu precisava retirar aquele sim e dizer que eu precisava de tempo para pensar, mas seria difícil fazer isso sem jogar nós dois num emaranhado de vergonha pior do que nunca. E não sei no que é que eu preciso pensar.

Estou noiva do Wilf. Não consigo acreditar. É assim que acontece com todo mundo?

14 de abril. Wilf veio e falou com meu pai e eu saí e conversei com Ginny. Fui logo confessando que me sentia desconfortável contando a ela, então falei que eu esperava que ela não fosse ficar desconfortável de ser a minha dama de honra. Ela disse que claro que não ia ficar e nós duas ficamos muito emocionadas, nos abraçamos e demos umas fungadas.

— O que valem os homens diante das amigas? — disse ela.

E eu tive um daqueles momentos de não ligar para nada e disse que era tudo culpa dela de qualquer jeito.

Falei que não podia aguentar o coitado ser recusado por duas garotas.

30 de maio. Faz muito tempo que não escrevo aqui porque existe um redemoinho de coisas a fazer. O casamento está marcado para 10 de julho. Meu vestido está sendo feito pela srta. Cornish, que me deixa maluca de pé nas minhas roupas de baixo todas presas com alfinete e ela gritando para eu ficar quieta. É de marquise branco e não vou ter cauda porque tenho medo de acabar arrumando um jeito de tropeçar nela. Meu enxoval vai ter meia dúzia de camisolas de verão e um quimono japonês de seda lustrosa com estampa de lírios e três pares de pijamas de inverno, tudo comprado na Simpson's em Toronto. Parece que não é bom ter pijama no enxoval mas camisola não esquenta e de todo modo eu detesto camisola, porque elas sempre ficam emboladas em volta da barriga. Um monte de fronhas de seda e outras coisas, todas em pêssego ou “carnação”. A Ginny diz que eu devia fazer estoque agora que tenho a oportunidade, porque se tiver guerra na China vai haver muita escassez de coisas de seda. Ela como sempre perfeitamente atualizada com as notícias. O vestido de dama de honra dela é azul-cobalto.

Ontem a sra. Box fez o bolo. Parece que ele precisa de seis semanas para maturar então fizemos na última hora. Eu tive de mexer para dar sorte, e a massa estava tão cheia de frutas que achei que meu braço ia cair. Ollie estava ali então ele mexeu para mim enquanto a sra. Box não estava olhando. Que sorte isso vai trazer eu não sei.

Ollie é primo de Wilf e está de visita por alguns meses. Como Wilf não tem irmãos, ele — quer dizer, Ollie — vai ser o padrinho. Ele é sete meses mais velho do que eu, então parece que ele e eu ainda somos crianças de um jeito que Wilf não é (nem consigo imaginar que tenha sido um dia). Ele — Ollie — passou três anos num sanatório tratando tuberculose mas agora está melhor. Esvaziaram um dos pulmões dele enquanto ele estava ali. Eu já tinha ouvido falar disso e achei que então você tinha de ir vivendo com um pulmão só, mas parece que não é assim. Eles só esvaziam para que ele não seja usado durante o tratamento com remédios e encistam (não encestam) a infecção para ela ficar dormente. (Olha como eu estou entendendo tudo de medicina, agora que sou noiva de um médico!) Enquanto Wilf explicava isso, Ollie tapava os ouvidos. Ele diz que prefere não pensar no que fizeram e finge para si próprio que é oco,

igual a um boneco de celulose. Ele é uma pessoa totalmente diferente de Wilf mas eles parecem dar-se perfeitamente bem.

Vamos encomendar uma cobertura profissional na padaria, graças a Deus. Acho que sem isso a sra. Box não aguentaria o esforço.

11 de junho. Falta menos de um mês. Eu não devia nem estar escrevendo aqui, eu devia estar me ocupando das listas de casamento. Nem consigo acreditar que aquilo tudo vai ser meu. Wilf está atrás de mim para escolher o papel de parede. Achei que os cômodos eram todos engessados e pintados de branco porque era desse jeito que ele gostava, mas parece que ele simplesmente deixou-os assim para que a esposa pudesse escolher o papel de parede. Temo que eu tenha simplesmente ficado abismada com o trabalho mas então me recompus e lhe disse que achava que era muita consideração da parte dele mas que eu, de verdade, não conseguiria ter ideia do que eu gostaria até estar morando ali. (Ele devia ter esperanças de que tudo ficasse pronto quando voltássemos da lua de mel.) Então assim eu consegui adiar isso.

Ainda vou na madeireira meus dois dias por semana. Eu meio que esperava continuar indo mesmo depois de casada mas meu pai diz que claro que não. Ele ficou falando que não seria exatamente dentro da lei empregar uma mulher casada, a menos que ela fosse viúva ou estivesse em dificuldades, mas observei que não era emprego porque ele não me pagava mesmo. Então ele falou o que tinha ficado envergonhado de dizer de cara, que quando eu casasse haveria interrupções.

— Épocas em que você não vai sair em público — disse ele.

— Ah, não sei disso não — disse eu, e corei feito uma boba.

Então ele meteu na cabeça (ele meu pai) que seria bom se Ollie pudesse assumir o que eu estou fazendo e ele realmente espera (ele meu pai) que Ollie consiga se embrenhar no negócio e um dia ser capaz de assumir tudo. Talvez ele quisesse que eu me casasse com alguém que pudesse fazer isso — ainda que ele ache que Wilf é *um excelente partido*. E como Ollie está sem ocupação e é inteligente e bem formado (não sei exatamente nem onde nem o quanto ele estudou, mas é óbvio que ele sabe mais do que praticamente todo mundo por aqui), ele parece uma escolha excelente. E por essa razão tive de levá-lo para o escritório ontem e mostrar-lhe os livros de contabilidade etc., e meu pai levou-o e apresentou-o aos homens e a todo mundo que por acaso estivesse por perto e parece que foi tudo bem. Ollie estava prestando muita atenção e fez um jeito sério e profissional no escritório, e depois ficou alegre e brincalhão (mas não

brincalhão demais) com os operários, ele até mudou sua maneira de falar, e meu pai ficou todo contente e otimista. Quando eu dei boa noite ele me falou:

— Que golpe de sorte esse rapaz aparecer aqui. É um sujeito que está procurando um futuro e um lugar para chamar de casa.

E eu não disse o contrário, mas acho que a chance de Ollie ficar aqui gerenciando uma madeireira é igual a de eu ir atuar em esquetes na Broadway.

Ele simplesmente não consegue não querer causar boa impressão.

Uma vez fiquei pensando que Ginny ia tirá-lo das minhas mãos. Ela é culta, fuma, e, apesar de frequentar a igreja, as opiniões dela são daquele tipo que algumas pessoas poderiam chamar de ateias. E ela me falou que não achava que Ollie fosse feio ainda que ele esteja mais para baixinho (eu diria um metro e setenta, um e setenta e cinco). Ele tem os olhos azuis de que ela gosta e o cabelo cor de caramelo com uma franja ondulada caindo sobre a testa, o que parece tão intencionalmente charmoso. Ele foi muito gentil com ela, claro, quando eles se conheceram, e deixou-a falar um bocado, e depois que ela foi embora ele disse:

— Sua amiguinha é bem intelectual, hein?

“Amiguinha.” Ginny tem pelo menos a mesma altura que ele e eu com certeza tive vontade de lhe dizer isso. Mas é muito rude observar algo relacionado à altura para um homem que obviamente tem uma deficiência nessa área, por isso fiquei de bico fechado. Eu não sabia o que dizer sobre a parte de ela ser “intelectual” (por exemplo, por acaso Ollie leu *Guerra e paz?*), mas não consegui saber pelo tom dele se ele quis dizer que ela era ou não. Só consegui dizer que, se ela era, ele não estava muito preocupado com isso, e, se ela não era, então estava agindo como se fosse, e ele também não ligava para isso. Eu devia ter dito alguma coisa fria e desagradável, como “você é profundo demais para mim”, mas claro que só pensei nisso depois. E o pior foi que assim que ele disse isso, eu comecei, secretamente, no meu coração, a suspeitar de alguma coisa na Ginny, e enquanto eu a defendia (na minha cabeça), ao mesmo tempo eu concordava com ele meio às escondidas. Não sei se no futuro ela vai me parecer tão inteligente.

Wilf estava bem ali e devia ter ouvido a conversa inteira, mas não disse nada. Eu podia ter perguntado se ele não queria defender a menina que ele um dia tinha pedido em casamento, mas nunca deixei que ele soubesse o que eu sei a respeito disso. Ele normalmente só fica ouvindo Ollie e eu conversando, com a cabeça inclinada para a frente (do jeito que ele tem de fazer com a maioria das pessoas, ele é tão alto) e um pequeno sorriso no rosto. Nem tenho certeza se é um sorriso ou só o jeito da boca dele. De noite os dois visitam e normalmente

meu pai e Wilf ficam jogando baralho, e Ollie eu ficamos só batendo papo. Ou então Wilf, Ollie e eu ficamos jogando bridge a três mãos. (Meu pai nunca gostou de bridge porque por alguma razão ele acha grã-fino demais.) Às vezes Wilf recebe um telefonema do hospital ou de Elsie Bainton (sua empregada cujo nome não consigo lembrar — acabei de gritar e perguntar à sra. Box) e precisa sair. Ou às vezes quando o jogo de baralho acaba ele vai até o piano e toca de ouvido. Talvez sem nem saber. Meu pai vai para a varanda e fica sentado comigo e com Ollie e todos nós ficamos balançando as cadeiras e ouvindo. Então parece que Wilf está tocando piano só para si mesmo e não fazendo uma performance para nós. Ele não se incomoda se ouvimos ou não, nem se começamos a conversar. E de vez em quando a gente conversa, porque tem dias em que o negócio fica um pouco clássico demais para o meu pai, cuja música favorita é “My Old Kentucky Home”. Você vê que ele vai ficando inquieto, esse tipo de música faz ele ficar com a impressão de que o mundo está confuso, e para ele se acalmar a gente inicia uma conversa. Então ele — meu pai — é quem faz questão de dizer a Wilf que todos nós adoramos o que ele tocou e Wilf diz obrigado de um jeito educado e distraído. Ollie eu sabemos que é melhor não dizer nada porque sabemos que nesse caso ele não está nem aí para a nossa opinião, qualquer que seja.

Uma vez peguei Ollie cantando bem baixinho, seguindo o que Wilf estava tocando.

— A manhã vem raiando e Peer Gynt bocejando...

Sussurrei:

— O quê?

— Nada — disse Ollie. — É a música que ele está tocando.

Fiz ele soletrar. P-e-e-r G-y-n-t.

Eu devia me informar mais sobre música, seria algo para Wilf e eu termos em comum.

O tempo ficou subitamente quente. As peônias estavam grandes feito bumbuns de bebês e as flores dos arbustos de flor-de-noiva estão caindo como neve. A sra. Box fica dizendo que se isso se prolongar tudo vai ter secado quando chegar o casamento.

Enquanto eu escrevia isso, tomei três xícaras de café e nem sequer arrumei meu cabelo. A sra. Box fica me dizendo:

— Logo você vai ter de mudar esse seu jeito.

Ela quer dizer que a Elsie Como-se-chama disse a Wilf que vai se aposentar para eu poder assumir o comando da casa.

Então estou mudando meus caminhos e Adeus, Diário, ao menos por ora. Eu costumava ter a sensação de que alguma coisa bem peculiar ia acontecer na minha vida, e que seria importante ter registrado tudo. Será que era só impressão?

moça de blusa marinheira

— Nem pense que você pode se refestelar aqui — disse Nancy. — Tenho uma surpresa para você.

Ollie disse:

— Você é cheia das surpresas.

Era domingo e Ollie bem tinha esperanças de poder ficar refestelado. Uma coisa que ele nem sempre apreciava em Nancy era sua energia.

Ele achava que logo ela ia precisar dessa energia para a prole com a qual Wilf — de seu jeito fleumático e habitual — estava contando.

Depois da igreja, Wilf tinha ido direto para o hospital e Ollie tinha voltado para almoçar com Nancy e o pai dela. Nos domingos eles comiam comida fria — nesse dia a sra. Box ia à sua própria igreja e passava a tarde num longo descanso em sua própria casinha. Ollie tinha ajudado Nancy a arrumar a cozinha. Roncos profundos vinham da sala de jantar.

— É o seu pai — disse Ollie, depois de dar uma olhada. — Ele está dormindo na cadeira de balanço com o *Saturday Evening Post* nos joelhos.

— Ele nunca admite que vai dormir no domingo à tarde — disse Nancy. — Ele sempre acha que vai ler.

Nancy estava usando uma avental atado em sua cintura — não aquele tipo de avental usado para um trabalho de cozinha sério. Ela o tirou e o pendurou na maçaneta da porta e ajeitou o cabelo na frente de um espelhinho ao lado da porta da cozinha.

— Estou toda desarrumada — disse ela, numa voz lamentosa, não descontente.

— É verdade. Não consigo entender o que o Wilf enxerga em você.

— Cuidado ou vai levar uma.

Ela o levou porta afora, dando a volta nas groselheiras e chegando ao bordo em que — como ela já lhe tinha contado duas ou três vezes — costumava ficar seu balanço. Então foram pela viela de trás até o fim do quarteirão. Como era domingo, ninguém estava cortando a grama. Na verdade, não havia ninguém em nenhum dos quintais, e as casas tinham uma aparência cerrada, orgulhosa e

protetora, como se dentro de cada uma delas houvesse gente circunspecta como o pai de Nancy, temporariamente morta para o mundo enquanto tinha seu Merecido Descanso.

Isso não significava que a cidade estivesse totalmente quieta. Domingo à tarde era o momento em que as pessoas do interior e das cidadezinhas do interior desciam para a praia, que ficava a cerca de quatrocentos metros, no fundo de uma falésia. Havia uma mistura de gritinhos do escorregador e dos berros de crianças mergulhando e jogando água, de buzinas de carro, do apito do carrinho de sorvete, dos brados dos rapazes se exibindo e das mães febrilmente aflitas.

No fim da viela, do outro lado de uma rua mais pobre, não pavimentada, havia um prédio vazio que Nancy disse ser a velha neveira, e atrás havia um terreno baldio e uma ponte de pranchas sobre uma vala seca, e logo eles estavam numa estrada com largura suficiente para apenas um carro — ou, de preferência, para um cavalo e uma caleça. Dos dois lados da estrada havia uma murada de arbustos espinhosos com folhinhas verdes brilhosas e flores rosadas e secas espalhadas. Elas não deixavam passar nenhuma brisa, nem davam qualquer sombra, e os galhos tentavam pegar as mangas da camisa dele.

— *Rosas selvagens* — disse Nancy, quando ele perguntou que raio de coisa era aquilo.

— É essa então a surpresa?

— Você vai ver.

Ele estava morrendo de calor naquele túnel, e queria que ela diminuísse o passo. Muitas vezes ele se surpreendia com o tanto de tempo que passava com aquela menina, que não tinha nada de especial, exceto talvez por ser mimada, atrevida e egoísta. Talvez ele gostasse de perturbá-la. Comparada às garotas comuns, ela tinha a dose extra de inteligência que bastava para que ele pudesse fazer isso.

O que ele conseguia ver, à distância, era o telhado de uma casa, com algumas árvores de verdade lhe dando sombra, e, como não havia esperança de tirar de Nancy mais informações, ele se contentou em esperar que eles pudessem sentar-se quando chegassem ali, em algum lugar fresco.

— Não estamos sozinhos — disse Nancy. — Eu devia saber.

Um lúgubre Ford Model T estava parado no espaço de manobra no fim da estrada.

— De qualquer jeito, é só um — disse ela. — E vamos esperar que eles já estejam acabando.

Mas quando eles chegaram ao carro ninguém tinha saído da decente casa de um andar e meio — feita de tijolos que eram chamados de “brancos” naquela parte do país e “amarelos” na parte de onde vinha Ollie. (Na verdade, era um castanho-claro meio enegrecido.) Não havia sebe — só uma cerca de arame arrastando-se em volta do quintal, em que a grama não tinha sido cortada. E não havia um caminho cimentado levando do portão até a porta, só um caminho de terra. Não que isso fosse incomum fora de uma cidade — eram poucos os fazendeiros que faziam um calçamento, ou que possuíam um cortador de grama.

Talvez tivesse havido um dia leitos de flores — ao menos havia flores brancas e douradas de pé aqui e ali na grama comprida. Eram margaridas, ele tinha certeza, mas ele não conseguia perguntar a Nancy e correr o risco de ouvir suas correções zombeteiras.

Nancy conduziu-o até uma verdadeira relíquia de dias mais refinados ou mais relaxados — um balanço de madeira, completo mas sem pintura, com dois bancos, um virado para o outro. A grama não estava pisada em lugar nenhum por perto dele — aparentemente ele não era muito usado. Ele ficava à sombra de algumas árvores de folhas pesadas. Assim que sentou, Nancy pegou impulso, e, firmando-se entre os dois bancos, começou a mover aquele treco que rangia para a frente e para trás.

— Assim ela vai saber que a gente está aqui — disse ela.

— Ela quem?

— Tessa.

— Sua amiga?

— Claro.

— Uma amiga mais idosa? — disse Ollie, sem entusiasmo. Ele tinha tido inúmeras oportunidades de ver como Nancy era pródiga com aquilo que poderia ser chamado — em algum livro para meninas que ela talvez tivesse lido e levado a sério, provavelmente *era* chamado — de temperamento solar. As provocações inocentes que ela fazia com o pessoal mais velho da madeireira vinham-lhe à mente.

— Frequentamos a mesma escola, mim e Tessa. Tessa e eu.

Isso trouxe outra lembrança — a maneira como ela tinha tentado juntá-lo com Ginny.

— E o que tem de tão interessante nela?

— Você vai ver. Ah!

Ela pulou em pleno movimento e correu para uma bomba manual perto da casa. Teve início um vigoroso bombeamento. Ela teve de bombear por muito

tempo e com muita força até que viesse alguma água. E mesmo então ela não parecia cansada, ela continuou bombeando um tempo até encher a caneca de metal que tinha ficado esperando no gancho, e levou-a, derramando, até o balanço. Ele julgou, pelo olhar entusiasmado dela, que a caneca lhe seria oferecida imediatamente, mas na verdade ela a ergueu a seus próprios lábios e deu goles felizes.

— Não é a água da cidade — disse ela, estendendo-lhe a caneca. — É água de poço. Uma delícia.

Ela era o tipo de garota que bebia água sem tratamento de uma caneca de latão pendurada em cima de um poço. (As calamidades que tinham ocorrido no corpo dele o deixavam mais atento a esses riscos do que qualquer outro rapaz.) Ela também era um tanto exibida, claro. Mas era verdadeira e naturalmente imprudente, e repleta da pura convicção de que levava uma vida de sorte.

Ele não diria isso de si mesmo. Contudo, ele tinha a ideia — ele não conseguiria mencionar isso sem fazer piada — de que estava destinado a algo incomum, de que sua vida teria um certo sentido. Talvez fosse isso que os atraísse. Mas a diferença era que ele iria adiante, ele não aceitaria menos. Como ela teria de fazer — como já tinha feito — por ser menina. A ideia de escolhas mais amplas do que qualquer coisa que as meninas jamais conhecessem colocava-o subitamente à vontade, fazia com que ele sentisse compaixão por ela, e vontade de brincar. Havia momentos em que ele não precisava perguntar por que estava com ela, momentos em que provocá-la e ser provocado por ela fazia o tempo passar com animada facilidade.

A água *era* uma delícia, e estava maravilhosamente gelada.

— As pessoas vêm ver a Tessa — disse ela, sentando-se à frente dele. — Você nunca sabe quando vai ter alguém por aqui.

— Vêm, é? — disse ele. Ocorreu-lhe a súbita ideia de que ela poderia ser perversa o bastante, independente o bastante, para ser amiga de uma menina que era meio da vida, uma prostituta rural de ocasião. Para ter continuado amiga, de qualquer modo, de uma menina que agora era má.

Ela leu os pensamentos dele — às vezes ela era inteligente.

— Ah, *não* — disse ela. — Não quis dizer nada desse gênero. Puxa, essa é a pior ideia que eu já ouvi. Tessa é a última menina do mundo — isso é repulsivo. Você devia ficar com vergonha de si mesmo. Ela é a última menina — ah, você vai ver.

O rosto dela tinha ficado bem vermelho.

A porta abriu, e sem as prolongadas despedidas de sempre — ou sem qualquer despedida audível — um homem e uma mulher, de meia idade, combalidos mas não exauridos, como seu carro, vieram pelo caminho, olharam para o balanço e viram Nancy e Ollie, mas não disseram nada. Estranhamente, Nancy também não disse nada, não gritou nenhuma saudação animada. O casal foi para lados opostos do veículo, entrou e partiu.

Então uma figura saiu da sombra da portada e Nancy chamou-a.

— Ei, Tessa.

A mulher tinha o corpo de uma criança robusta. Uma cabeça grande, coberta de cabelo escuro encaracolado, ombros largos, pernas atarracadas. As pernas estavam nuas e ela trajava um figurino peculiar — saia e blusa marinheira. Era peculiar ao menos para um dia quente, considerando que ela não era mais estudante. Muito provavelmente era uma roupa que um dia tinha sido um uniforme escolar, e, como ela era daquelas pessoas que preferiam economizar, ela continuava a usá-lo em casa. Essas roupas nunca se desgastavam com o uso, e na opinião de Ollie também nunca ressaltavam os contornos de uma moça. Ela parecia desajeitada nele, nem mais, nem menos, do que a maioria das estudantes.

Nancy levou-o e apresentou-o, e ele disse a Tessa — daquela maneira insinuante que costumava ser aceitável com garotas — que ele já tinha ouvido falar muito nela.

— Não ouviu nada — disse Nancy. — Não acredite numa palavra do que ele diz. Eu só trouxe ele aqui porque não tinha ideia do que fazer com ele, para dizer a verdade.

As pálpebras de Tessa pesavam sobre seus olhos, que não eram muito grandes, mas que tinham um azul-claro surpreendentemente profundo. Quando ela os levantou para encarar Ollie, eles lhe dirigiram um brilho que não tinha qualquer afabilidade ou animosidade particular, nem mesmo curiosidade. Eles eram simplesmente muito profundos e seguros, e faziam com que fosse impossível para ele ficar dizendo tolices educadas.

— Melhor vocês entrarem — disse ela, indo à frente. — Espero que vocês não se importem se eu terminar de bater minha manteiga. Eu estava fazendo isso quando minhas últimas visitas chegaram e parei, mas se eu não continuar a manteiga pode ficar ruim.

— Batendo manteiga no domingo, que menina mais travessa — disse Nancy. — Está vendo, Ollie? É assim que se faz manteiga. Aposto que você simplesmente achava que ela saía prontinha da vaca e embalada para ir para a

loja. Vá batendo — disse ela a Tessa. — Se você se cansar, pode deixar que eu bato um pouco. Eu na verdade vim aqui convidar você para o meu casamento.

— Eu tinha ouvido falar — disse Tessa.

— Eu até mandaria um convite, mas não sei se você nem repararia nele. Achei que era melhor eu vir aqui e torcer o seu pescoço até você dizer que viria.

Eles foram direto para a cozinha. As persianas estavam abaixadas até o parapeito, um ventilador agitava o ar bem acima. A cozinha tinha cheiro de comida sendo feita, de tigelas de veneno de mosca, de óleo de carvão, de panos de prato. Esses cheiros todos talvez estivessem há décadas nas paredes e nas tábuas do assoalho. Mas alguém — sem dúvida a menina de respiração pesada, quase grunhindo, que batia manteiga — tinha se dado ao trabalho de pintar os armários e as portas de azul-turquesa.

Havia jornais espalhados em volta da bateadeira para poupar o chão, em que depressões assinalavam o desgaste das rotas habituais de trânsito entre a mesa e o fogão. Com a maioria das meninas do campo, Ollie teria feito a galanteria de pedir licença para bater, mas nesse caso ele não se sentia muito seguro de si. Ela não parecia uma menina carrancuda, essa Tessa, só madura demais para a idade, desalentadoramente direta e contida. Até Nancy, depois de um tempo, se aquietou em sua presença.

Surgiu a manteiga. Nancy levantou de súbito para dar uma olhada nela, e chamou-o para olhar também. Ele ficou surpreso com a cor pálida dela, quase nada amarela, mas não disse nada, achando que Nancy fosse censurá-lo por ser tão ignorante. Então as duas meninas colocaram o bocado pálido e pegajoso num pano na mesa e bateram-no com pás de madeira e envolveram-no com o pano. Tessa levantou uma porta no chão e as duas desceram por degraus que ele não teria imaginado estarem ali. Nancy deu um gritinho num momento em que quase perdeu o equilíbrio. Ele tinha a impressão de que Tessa teria feito tudo melhor sozinha mas que não se importava em conceder a Nancy alguns privilégios, como os que seriam concedidos a uma criança chata e encantadora. Ela deixou Nancy arrumar os jornais no chão enquanto ela própria abria as garrafas de limonada que tinha trazido do porão. Pegou um pedaço de gelo de um caixa no canto, lavou a serragem que havia nele, e quebrou-o com um martelo, na pia, para poder colocar um pouco nos copos. Outra vez ele não tentou ajudar.

— Agora, Tessa — disse Nancy, após um gole na limonada. — Agora é hora. Vou te pedir um favor. Gentilmente.

Tessa bebia sua limonada.

— Diga a Ollie — disse Nancy. — Diga a ele o que ele tem nos bolsos. Comece com o direito.

Tessa disse, sem erguer os olhos:

— Bom, imagino que tenha a carteira.

— Ah, continua — disse Nancy.

— Bom, ela está certa — disse Ollie. — Minha carteira está aqui. Agora ela tem de adivinhar o que tem nela? Porque não é muito.

— Esquece isso — disse Nancy. — Diga o que mais ele tem, Tessa. No bolso direito.

— O que é isso, hein? — disse Ollie.

— Tessa — disse Nancy, delicadamente. — Vamos, Tessa, você me conhece. Lembre que somos velhas amigas, somos amigas desde a primeira turma da escola. Faz isso por mim.

— Isso é algum jogo? — disse Ollie. — É algum jogo que você inventaram juntas?

Nancy riu dele.

— O que é que você tem? — disse ela. — Será que você tem alguma coisa aí que vai te dar vergonha? Alguma meia velha fedorenta?

— Um lápis — disse Tessa, bem baixinho. — Algum dinheiro. Moedas. Não sei o valor. Uma folha de papel, com algo escrito? Alguma coisa impressa?

— Tira tudo, Ollie — gritou Nancy. — Tira tudo.

— Ah, e chiclete — disse Tessa. — Acho que um chiclete. Acabou.

O chiclete estava desembrulhado e coberto de fiapos.

— Eu tinha esquecido que isso estava aqui — disse Ollie, ainda que não tivesse. Do bolso saíram um pequeno lápis, moedas de cinco e de dez centavos, uma notícia recortada e dobrada de jornal.

— Alguém me deu isso, disse ele, enquanto Nancy arrancava o recorte de sua mão e o desdobrava.

— *Estamos à procura de manuscritos originais de qualidade superior, tanto de poesia quanto de prosa* — leu ela em voz alta. — *Serão considerados seriamente...*

Ollie tirou o recorte da mão dela.

— Alguém me *deu* isso. Queriam minha opinião, saber se eu achava a empresa séria.

— Ah, Ollie.

— Eu nem sabia que ainda estava ali. Igual ao chiclete.

— Você não está surpreso?

— Claro que estou. Tinha esquecido.

— Não está surpreso com Tessa? Com o que ela *sabia*?

Ollie conseguiu sorrir para Tessa, ainda que estivesse calorosamente perturbado. Não era culpa dela.

— É o que muitos homens têm nos bolsos — disse ele. — Moedas? Claro. Lápis...

— Chiclete? — disse Nancy.

— Talvez.

— E o papel impresso. Ela disse *impresso*.

— Ela disse um papel. Ela não sabia o que tinha nele. Você não sabia, sabia? — disse ele a Tessa.

Ela sacudiu a cabeça. Olhou para a porta, ouvindo.

— Acho que tem um carro chegando.

Ela tinha razão. Todos o ouviam agora. Nancy foi dar uma olhada pela cortina e naquele momento Tessa deu a Ollie um sorriso inesperado. Não era um sorriso de cumplicidade ou de desculpas, nem o coquetismo de costume. Podia ter sido um sorriso de boas-vindas, mas sem qualquer convite explícito. Era só a oferta de algum calor, de um espírito tranquilo nela. E ao mesmo tempo havia um movimento de seus ombros largos, um acomodamento pacífico ali, como se o sorriso estivesse se espalhando pelo eu inteiro dela.

— Ah, caramba — disse Nancy. Mas ela tinha controlar sua empolgação, e Ollie, a surpresa e a atração que o balançavam.

Tessa abriu a porta bem na hora em que um homem saía do carro. Ele esperou no portão até Nancy e Ollie descerem pelo caminho. Ele provavelmente estava na casa dos sessenta, tinha ombros grossos, cara séria, e usava um terno de verão em tom pálido, com chapéu Christie. Seu carro era um *coupé* último tipo. Ele acenou para Nancy e Ollie com o mesmo breve respeito e com a mesma ausência deliberada de curiosidade que teria se eles estivessem saindo do consultório de um médico.

A porta de Tessa não demorou muito tempo fechada antes que outro carro aparecesse na outra ponta da estrada.

— Fila — disse Nancy. — Domingo à tarde fica cheio. No verão, pelo menos. As pessoas cruzam quilômetros e quilômetros para ver a Tessa.

— Para ela dizer a eles o que eles têm nos bolsos?

Nancy preferiu ignorar essa.

— Normalmente perguntam sobre coisas perdidas. Coisas de valor. De valor para eles, pelo menos.

— Ela cobra?

— Acho que não.

— Devia.

— Por que devia?

— Ela não é pobre?

— Ela não está passando fome.

— Talvez ela não acerte com muita frequência.

— Bom, acho que deve acertar, senão as pessoas não continuariam vindo ver ela, não é?

O tom da conversa deles ia mudando à medida que eles andavam pelos arbustos de rosas no claro túnel sem ar. Eles enxugavam o suor do rosto, e perdiam a energia para soltar disparos um contra o outro.

Ollie disse:

— Não consigo entender.

Nancy disse:

— Não sei se alguém entende. Não são só coisas que as pessoas perdem. Ela já localizou corpos.

— *Corpos?*

— Teve um homem que achavam que tinha saído do caminho da ferrovia, foi pego por uma tempestade de neve, morreu congelado e não conseguiam achar, e ela disse: olhem perto do lago no fundo do precipício. E foi certo. Nada de ferrovia. E uma vez uma vaca tinha sumido, ela falou que ela tinha se afogado.

— E daí? — disse Ollie. — Se isso é verdade, por que ninguém investigou? Quer dizer, cientificamente?

— É totalmente verdade.

— Não estou dizendo que eu não acredito nela. Mas eu queria saber como ela faz. Você nunca perguntou?

Nancy surpreendeu-o.

— Não seria rude perguntar? — disse ela.

Agora ela é que parecia já estar farta daquela conversa.

— Então — insistiu ele — ela ficava vendo coisas quando era criança na escola?

— Não. Não sei. Não que ela tivesse demonstrado.

— Ela era igual a todo mundo?

— Ela não era exatamente igual a todo mundo. Mas quem é? Quer dizer, eu nunca achei que *eu* fosse. Nem Ginny achou que *ela mesma* fosse. No caso da

Tessa, ela morava lá naquele lugar e tinha de ordenhar a vaca antes de ir para a escola de manhã, o que nenhum de nós fazia. Sempre tentei ser amiga dela.

— Claro — disse Ollie — delicadamente.

Ela continuou como se não tivesse ouvido.

— Acho que começou, porém — acho que deve ter começado quando ela estava doente. No nosso segundo ano do secundário ela ficou doente, e tinha convulsões. Ela largou a escola e nunca mais voltou, e foi nessa época que ela meio que ficou por fora de tudo.

— Convulsões — disse Ollie. — Ataques epiléticos?

— Nunca ouvi isso. Ah — ela se afastou dele — fui realmente nojenta.

Ollie parou de andar. Disse:

— Por quê?

Nancy parou também.

— Eu trouxe você aqui de propósito, para te mostrar que nós temos algo especial aqui. Ela. Tessa. Quer dizer, era para te mostrar a Tessa.

— Sim. E?

— Porque você acha que a gente não tem nada aqui que valha a pena ver. Você acha que a gente só serve para fazer brincadeira. Todos nós aqui. Então eu ia mostrar ela para você. Como uma aberração.

— *Aberração* não é um termo que eu fosse usar para ela.

— Era essa a minha intenção, porém. Eu mereço levar um chute na cara.

— Nem tanto.

— Eu devia ir lá e pedir perdão a ela.

— Eu não faria isso.

— Não?

— Não.

Naquela noite, Ollie ajudou Nancy a servir um jantar de comida fria. A sra. Box tinha deixado um frango pronto e salada de gelatina na geladeira, e Nancy tinha feito um bolo aerado no sábado, para ser servido com morangos. Eles colocaram tudo na varanda que recebia a sombra da tarde. Entre o prato principal e a sobremesa, Ollie levou os pratos e a salada de volta para a cozinha.

Do nada ele disse:

— Será que alguma daquelas pessoas leva alguma comida para ela? Um frango ou morangos?

Nancy estava mergulhando os morangos de melhor aparência em frutose. Após um instante, ela disse:

— Como?

— Aquela menina. Tessa.

— Ah — disse Nancy. — Ela tem umas galinhas, podia matar uma se quisesse. Também não vou ficar surpresa se ela plantar frutinhas vermelhas também. É muito comum, nas áreas rurais.

Seu acesso de contrição no caminho de volta lhe tinha feito bem, e agora tinha acabado.

— Não é só que ela não é uma aberração — disse Ollie. — É importante ela não se ver como uma aberração.

— Bom, claro que não.

“Ela está contente em ser quem é. Os olhos dela são impressionantes.”

Num grito, Nancy perguntou a Wilf se ele queria tocar piano enquanto ela se ocupava de terminar a sobremesa.

— Preciso bater o creme, e nesse clima vai demorar uma eternidade.

Wilf disse que eles podiam esperar, que estava cansado.

Ele tocou, porém, mais tarde, quando os pratos estavam lavados e estava ficando escuro. O pai de Nancy não ia ao culto noturno da igreja — ele achava que isso já era pedir demais — mas não permitia nenhuma espécie de jogo de baralho ou de tabuleiro no domingo. Folheou outra vez o *Post* enquanto Wilf tocava. Nancy sentou nos degraus da varanda, longe da vista dele, e fumou um cigarro na esperança de que seu pai não fosse sentir o cheiro.

— Quando eu estiver casada — disse ela a Ollie, que estava apoiado no corrimão —, quando eu estiver casada vou fumar quando eu bem entender.

Ollie, claro, não estava fumando, por causa dos pulmões.

Ele riu. Disse:

— Ora, ora. E isso é razão suficiente?

Wilf estava tocando, de ouvido, “Eine Kleine Nachtmusik”.

— Ele toca bem — disse Ollie. — Ele tem mãos ótimas. Mas as meninas costumavam dizer que elas eram frias.

Ele não estava pensando, porém, em Wilf, em Nancy ou naquele casamento deles. Estava pensando em Tessa, em como ela era peculiar, em como tinha compostura. Pensando em como estava ela naquela longa noite quente no fim da sua estrada de rosas selvagens. Será que ainda tinha visitas, será que ainda estava ocupada resolvendo os problemas das vidas das pessoas? Ou será que ela saía e sentava no balanço, rangendo de um lado para o outro, sem companhia além da lua nascente?

Ele viria a descobrir, em pouco tempo, que ela passava as noites carregando baldes d'água da bomba até seus tomates, firmando os feijões e as batatas, e que se ele quisesse ter alguma chance de falar com ela, teria de se ocupar disso também.

Durante esse tempo Nancy ficaria cada vez mais absorta nos preparativos do casamento, sem poder pensar um minuto em Tessa, e quase nada nele, exceto para dizer uma ou duas vezes que agora ele nunca parecia estar por perto quando ela precisava.

29 de abril. Caro Ollie,

Eu tinha achado que teríamos notícias suas desde que chegamos da cidade de Québec, e fiquei surpresa por não termos (nem no Natal!), mas acho que posso dizer que descobri por quê — diversas vezes comecei a escrever mas tive de adiar para colocar meus sentimentos em ordem. Eu poderia dizer que imagino que o artigo ou conto ou sei lá como chamam na *Saturday Night* estava bem escrito e com certeza sair na revista é coisa para se orgulhar. Meu pai não gostou da referência a um “pequeno” porto lacustre e gostaria de recordar a você que aqui fica o melhor mais movimentado porto desse lado do lago Huron e não estou segura se eu mesma gostei da palavra “prosaico”. Não sei se esse lugar aqui é mais prosaico do que outros, e o que você espera que seja — poético?

O maior problema, porém, é Tessa, e o que isso vai fazer com a vida dela. Acho que você não levou isso em conta. Não consegui falar com ela por telefone e não consigo ficar muito confortável atrás do volante de um carro (as razões eu vou deixar para a sua imaginação) para ir lá visitá-la. De qualquer modo, pelo que eu tenho ouvido, ela está inundada de visitantes e essa é a pior época de todas para os carros conseguirem chegar onde ela mora e os reboques ficam tirando as pessoas da vala (e eles nem recebem um obrigado por isso, só uma falação sobre como as condições aqui são primitivas). A estrada está absolutamente um caos, tão esburacada que não dá mais para consertar. As rosas selvagens certamente ficarão no passado. O conselho municipal está em polvorosa por causa do quanto isso vai acabar custando e muita gente está muito zangada por achar que Tessa está por trás de toda essa publicidade e cheia de dinheiro. Não acreditam que ela faz isso tudo por nada e se alguém ganhou algum dinheiro com isso foi você. Vou repetir o que meu pai falou: eu sei que você não tem cabeça de mercenário. Para você, o que interessa é só a glória de sair na revista. Perdoe-me se isso parece sarcástico. Nada de errado em ser ambicioso, mas e as outras pessoas?

Bom, talvez você estivesse esperando uma carta de parabéns, mas espero que você me desculpe, eu precisava desabafar.

Só mais uma coisa, porém. Eu queria perguntar: você estava o tempo inteiro pensando em escrever aquilo? Agora me dizem que você ficava indo e vindo sozinho da casa de Tessa diversas vezes. Você nunca falou disso comigo, nem me chamou para ir junto. Você nunca deu a entender que estava reunindo “material” (creio que é assim que você chamaria), e até onde eu sei você resumiu a experiência toda de um jeito bem presunçoso. E no seu texto inteiro não há uma só palavra sobre eu ter levado você lá e apresentado você a Tessa. Não há nenhum reconhecimento, assim como não houve nenhum reconhecimento particular, nem obrigado. E eu me pergunto se você foi sincero com Tessa a respeito das suas intenções ou se você pediu a ela permissão para exercitar — agora vou repetir as suas próprias palavras — a sua “curiosidade científica”. Você explicou o que estava fazendo com ela? Ou simplesmente veio e usou a nós, a “gente prosaica” daqui, para embarcar na sua “carreira de escritor”?

Bem, boa sorte, Ollie, não creio que eu vá voltar a ter notícias suas. (Não que tenhamos tido em algum momento a honra de alguma notícia sua.)

Sua cunhada,

Nancy.

Cara Nancy,

Nancy, devo dizer que acho que você está exagerando demais. Alguém inevitavelmente descobriria Tessa e escreveria alguma coisa, e por que não poderia ser eu essa pessoa? A ideia de escrever o artigo foi se formando na minha mente pouco a pouco, à medida que eu ia falar com ela. E eu estava agindo muito sinceramente por “curiosidade científica”, e jamais vou pedir desculpas por esse lado de minha natureza. Você parece achar que eu deveria ter pedido a sua permissão, ou informado a você todos os meus planos e movimentos, numa época em que você vivia numa agitação monumental por causa do seu vestido, dos seus chás e de quantas baixelas de prata você ganhava ou Deus sabe o quê.

Quanto a Tessa, você está deveras equivocada se acha que esqueci dela agora que o artigo foi publicado, ou que não considere o que isso fará com a vida dela. E, para dizer a verdade, recebi um bilhete dela que indica que as coisas não estão assim tão tumultuadas quanto você descreveu. De qualquer modo, ela não vai ter de suportar a vida aí muito mais tempo. Estou em contato

com algumas pessoas que leram o artigo e que estão muito interessadas. Existem pesquisas sérias a respeito disso, algumas aqui, mas a maior parte nos Estados Unidos. Acho que existe mais verba disponível para gastar nesse tipo de coisa e um interesse mais verdadeiro do outro lado da fronteira, por isso estou investigando algumas possibilidades lá — para Tessa como objeto de pesquisa e para mim como jornalista científico nessa linha — em Boston, Baltimore ou talvez na Carolina do Norte.

Lamento que você pense tão mal de mim. Você nem conta — excetuando um anúncio velado (feliz?) — como vai a vida de casada. Nem uma palavra sobre Wilf, mas imagino que você o tenha levado consigo à cidade de Québec e espero que vocês tenham se divertido. Espero que ele esteja próspero como sempre.

Sinceramente, Ollie.

Cara Tessa,

Aparentemente você mandou desligar seu telefone, o que pode ter sido necessário diante de toda a fama de que você está gozando. Não digo isso para soar malicioso. Hoje em dia parece ser comum que as palavras saiam de um jeito que não era a minha intenção. Estou grávida — não sei se você ficou sabendo — e isso parece me deixar toda irritável e ansiosa.

Imagino que você esteja passando por uma época muito ocupada e confusa, com toda essa gente que agora vai ver você. Deve ser difícil continuar a sua rotina normal. Se você puder, seria muito bom ver você. Então fica o convite, de verdade, para você aparecer e me encontrar se você vier à cidade (ouvi na loja que hoje você manda entregar suas compras). Você nunca viu por dentro a minha casa nova — quero dizer, com decoração nova, e nova para mim. E nem a minha casa antiga, pensando bem — era sempre eu que corria para te visitar. E não com a frequência que eu queria, aliás. A vida é sempre tão ocupada. Ganhando e gastando desperdiçamos nossas capacidades. Por que nos permitirmos estar sempre tão ocupados e deixamos de fazer as coisas que devíamos, ou que gostaríamos? Lembra de nós batendo a manteiga com as velhas pás de madeira? Eu me diverti fazendo aquilo. Foi quando eu trouxe Ollie para te ver e espero que você não se arrependa.

Agora, Tessa, espero que você não pense que eu estou me intrometendo ou me enxerindo onde não é da minha conta, mas Ollie falou comigo numa carta que está em contato com gente que está fazendo pesquisa ou algo assim nos Estados Unidos. Imagino que ele tenha comentado com você a respeito. Não sei

de que tipo de pesquisa ele está falando, mas devo dizer que quando li essa parte da carta dele tive um frio na espinha. Eu simplesmente sinto que não é bom para você ir embora daqui — se é nisso que você está pensando — e ir para um lugar onde ninguém conhece você, nem enxerga você como uma amiga ou como uma pessoa normal. Só achei que eu tinha que te dizer isso.

Outra coisa que eu acho que tenho que te dizer ainda que não saiba como. É o seguinte. O Ollie certamente não é má pessoa, mas ele impressiona — e agora que parei para pensar, não só as mulheres, mas os homens também — e não é que ele não saiba disso, mas ele não exatamente assume a responsabilidade por isso. Falando francamente, não consigo pensar em pior destino do que se apaixonar por ele. Ele parece estar pensando em fazer dupla com você de algum jeito para escrever sobre você ou sobre esses experimentos ou sobre o que quer que aconteça, e ele vai ser muito afável e natural, mas você pode confundir o jeito como ele age com algo a mais. Por favor não fique zangada comigo por eu dizer isso. Venha me ver.

Beijos, Nancy.

Cara Nancy,

Por favor não se preocupe. Ollie tem comentado tudo comigo. Quando você receber esse bilhete, estaremos casados e talvez já estejamos nos Estados Unidos. Lamento por não poder ver sua casa nova por dentro.

Sinceramente,
Tessa.

um buraco na cabeça

As colinas na região central de Michigan são cobertas por florestas de carvalho. A única visita de Nancy a esse lugar aconteceu no outono de 1968, depois que as folhas de carvalho tinham mudado de cor, mas enquanto ainda estavam nos galhos. Ela estava acostumada a trechos cobertos de madeira de lei, não florestas, com muitos bordos, cujas cores outonais eram vermelho e ouro. As cores mais escuras, os tons de ferrugem ou de vinho das grandes folhas de carvalho não melhoraram seu ânimo, nem à luz do sol.

A colina em que ficava o hospital particular era inteiramente desprovida de árvores, e ficava a uma certa distância de qualquer cidade ou povoado, e até de qualquer fazenda habitada. Era o tipo de prédio que você costumava ver ser “transformado” em hospital em cidades menores, depois de ter sido a grandiosa

casa de uma família importante que tinha morrido ou que não conseguia mantê-la. Dois conjuntos de janelas salientes de cada lado da porta da frente, uma lucerna ao lado da outra no terceiro andar. Tijolos velhos encardidos, e uma ausência de qualquer arbusto, sebe ou pomar de macieiras, só a grama cortada e um estacionamento de cascalho.

Nenhum lugar para alguém se esconder caso um dia cogitasse fugir.

Essa ideia não lhe teria ocorrido — ou não tão rapidamente — nos dias antes de Wilf ficar doente.

Ela estacionou o carro ao lado de alguns outros, perguntando-se se pertenciam à equipe ou aos visitantes. Quantos visitantes viriam a um lugar tão isolado?

Era preciso subir diversos degraus para ler a placa na porta da frente, que aconselhava que você se dirigisse à porta lateral. De perto, ela via grades em algumas janelas. Não nas janelas salientes — as quais, porém, não tinham cortinas — mas em algumas janelas em cima e embaixo, naquilo que seria um porão em parte na superfície.

A porta a que ela tinha sido aconselhada a ir ficava naquele nível mais baixo. Ela tocou a campainha, depois bateu, depois tentou a campainha de novo. Teve a impressão de conseguir ouvi-la tocar, mas não tinha certeza porque havia uma barulheira do lado de dentro. Ela tentou a maçaneta e, para sua surpresa — considerando as grades nas janelas — a porta se abriu. Lá estava ela no limiar da cozinha, da enorme e atarefada cozinha de um hospital psiquiátrico, onde muita gente lavava e limpava depois do almoço.

As janelas da cozinha não tinham proteção. O pé-direito era alto, amplificando o barulho, e as paredes e os armários eram pintados de branco. Diversas lâmpadas estavam acesas, ainda que a luz do claro dia de outono estivesse no máximo.

Ela foi imediatamente notada, claro. Mas ninguém pareceu ter pressa de recebê-la e verificar o que ela estava fazendo ali.

Ela reconheceu outra coisa. Junto da forte pressão da luz e do barulho, havia a mesma sensação que ela agora tinha em sua própria casa, a qual outras pessoas vindo à sua própria casa deviam perceber ainda mais intensamente.

A sensação de algo fora dos eixos, de um jeito que não poderia ser consertado nem alterado, mas apenas resistido, o máximo possível. Algumas pessoas, ao entrar nesses lugares, desistiam imediatamente, elas não sabem como resistir, sentem-se afrontadas ou assustadas, precisam fugir.

Um homem de avental branco veio empurrando um carrinho com uma lata de lixo. Ela não conseguia dizer se ele tinha vindo recebê-la ou se estava só cruzando seu caminho, mas ele estava sorrindo, parecia amigável, então ela lhe disse quem era e quem tinha vindo visitar. Ele ouviu, acenou diversas vezes com a cabeça, abriu um sorriso maior ainda, começou a mexer a cabeça de um lado para o outro e a bater de leve os dedos contra a boca — para mostrar que não podia falar ou que estava proibido de falar, como num jogo, e continuou seu caminho, levando o carrinho aos trancos e barrancos por uma rampa que dava num porão mais embaixo.

Ele devia ser um paciente, não um empregado. Devia ser o tipo de lugar em que as pessoas eram postas para trabalhar, caso conseguissem trabalhar. A ideia era que isso seria bom para elas, e talvez fosse.

Enfim apareceu uma pessoa de aparência responsável, uma mulher da mesma idade de Nancy, de paletó escuro — não trajando o avental branco que envolvia a maior parte do resto deles — e Nancy falou tudo de novo. Que tinha recebido uma carta, que seu nome tinha sido dado por um paciente — por um residente, como queriam que você falasse — como pessoa de contato.

Ela estava correta em ter imaginado que as pessoas na cozinha não eram empregados.

— Mas eles parecem gostar de trabalhar aqui — disse a diretora. — Eles ficam orgulhosos.

Sorrindo uma advertência para um lado e para o outro, ela levou Nancy a seu escritório, que era um sala ao lado da cozinha. Ficou claro enquanto elas conversavam que ela tinha de lidar com todo tipo de interrupção, tomando decisões a respeito do trabalho na cozinha e resolvendo reclamações sempre que alguém de avental branco dava voltas na frente da porta. Ela também provavelmente tinha de lidar com os arquivos, com as contas ou cobranças que estavam pregadas de maneira bem pouco profissional em ganchos pelas paredes. E ainda lidar com visitantes como Nancy.

— Vasculhamos os registros antigos que tínhamos e pegamos os nomes que foram dados como de parentes...

— Não sou parente — disse Nancy.

— ... ou outros, e escrevemos cartas como essa que você recebeu, só para termos algumas diretrizes sobre o modo como se gostaria que esses casos fossem tratados. Devo dizer que não tivemos muitas respostas. Bondade sua ter vindo de tão longe.

Nancy perguntou o que ela queria dizer com *esses casos*.

A diretora falou havia pessoas que estavam ali há anos e que talvez aquele não fosse o lugar delas.

— Entenda por favor que sou nova aqui — disse ela —, mas vou falar o que sei.

Segundo ela, aquele lugar tinha recebido literalmente todo tipo de pessoas, fossem doentes mentais verdadeiras, ou senis, ou que nunca se desenvolveriam normalmente, de jeito nenhum, ou pessoas cujas famílias não podiam ou não queriam cuidar delas. Sempre tinha havido, e ainda havia, muitos casos diferentes. Os mais sérios estavam todos na ala norte, sob segurança.

Originalmente aquele tinha sido um hospital particular, dirigido por um médico que era também seu proprietário. Após sua morte, a família — a família do médico — assumiu-o, e acabou que a família tinha seu próprio jeito de cuidar das coisas. O hospital tinha virado em parte hospital de caridade, e havia arranjos peculiares feitos para obter subsídios para pacientes carentes que não eram de jeito nenhum casos de caridade. Alguns dos que ainda constavam nos registros tinham na verdade falecido e outros não tinham os devidos registros ou a devida razão para estar ali. Muitos desses, claro, trabalhavam para sustentar-se e isso pode ter sido — era — normalmente bom para seu estado de espírito, mas mesmo assim era completamente irregular e contra a lei.

E agora o negócio é que tinha havido uma ampla investigação e aquele lugar ia ser fechado. O prédio, de qualquer jeito, era antiquado. A capacidade era pequena demais, e não era assim que as coisas eram feitas hoje. Os casos sérios iriam para uma casa enorme em Flint ou em Lansing — ainda não estava bem definido — e outros podiam ir para abrigos, para casas coletivas, seguindo a nova tendência, e havia ainda aqueles que conseguiriam ficar bem se fossem para junto da família.

Tessa era considerada um desses casos. Parecia que ela tinha precisado de alguns tratamentos elétricos quando veio, mas havia muito tempo que ela só tomava os medicamentos mais brandos.

— Tratamentos de choque? — perguntou Nancy.

— Talvez *terapia* de choque — disse a diretora, como se aquilo fizesse uma diferença particular. — Você diz que não é parente. Isso quer dizer que você não pretende levá-la.

— Meu marido — disse Nancy. — Meu marido é, ele poderia estar num lugar como aqui, acho, mas eu cuido dele em casa.

— Ah. Puxa — disse a diretora, com um suspiro que não demonstra descrença, mas também não mostrava simpatia. — E ainda há o problema de ela

aparentemente nem ser cidadã americana. Ela própria não acredita que é — imagino, então, que você não tenha mais interesse em vê-la?

— Tenho — disse Nancy. — Tenho sim. Foi para isso que eu vim.

— Ah. Bem. Ela está bem aqui do lado, na padaria. Ela trabalha na nossa padaria há anos. Acho que no começo tinha um padeiro, mas quando ele foi embora não contrataram ninguém mais, não precisaram, tendo a Tessa.

Ao levantar-se, ela disse:

— Agora. Talvez você queira que daqui a algum tempo eu apareça e diga que quero falar com você sobre uma coisa. Então você pode sair. A Tessa é muito inteligente e sabe para que lado o vento está soprando e pode ficar chateada ao ver você ir embora sem ela. Então vou te dar uma oportunidade para simplesmente sair de fininho.

Tessa não estava inteiramente grisalha. Os caracóis de seus cabelos estavam presos numa rede justa, mostrando sua testa sem rugas, brilhosa, ainda mais larga, alta e branca do que costumava ser. Sua silhueta também tinha se ampliado. Ela tinha seios grandes, que pareciam duros como rochas, forrados pelo avental branco de padeiro, e, apesar daquele fardo, apesar de sua posição naquele momento — curvada sobre uma mesa, passando o rolo numa grande extensão de massa — os ombros dela estavam retos e imponentes.

Ela estava sozinha na padaria, exceto por uma menina — não, uma mulher — alta, magra, de traços finos, cujo belo rosto constantemente se contorcia em bizarras carrancas.

— Ah, Nancy. É você — disse Tessa. Ela falava com muita naturalidade, ainda que com aquela galante tomada de fôlego, a intimidade involuntária, daqueles que carregam uma nobre carga de carne em seus ossos. — Parece com isso, Elinor. Deixe de ser boba. Vá pegar uma cadeira para a minha amiga.

Vendo que Nancy queria abraçá-la, como as pessoas hoje faziam, ela ficou desorientada.

— Ah, estou coberta de farinha. Além disso, a Elinor pode te morder. Ela não gosta quando as pessoas parecem muito íntimas de mim.

Elinor havia retornado apressada com uma cadeira. Nancy então fez questão de olhá-la cara a cara e de usar um tom afável.

— Muito obrigada, Elinor.

— Ela não fala — disse Tessa. — Mas é ela quem me ajuda. Eu não ia conseguir ficar sem ela. Ia, Elinor?

— Bom — disse Nancy. — Fiquei surpresa por você me reconhecer. Já defini um bocado desde os velhos tempos.

— Pois é — disse Tessa. — Eu me perguntei se você viria.

— Eu podia até ter morrido, imagino. Lembra da Ginny Ross? Morreu.

— Lembro.

Crosta de torta, era isso que Tessa estava fazendo. Ela cortou um círculo de massa e jogou-o numa forma de torta de latão, e ergueu-o, girando-o com uma mão e cortando-o com uma faca na outra. Fez isso, rapidamente, diversas vezes.

Ela disse:

— Wilf não morreu?

— Não, não morreu. Mas não está nada bem da cabeça, Tessa.

Tarde demais, Nancy percebeu que essa não tinha sido uma coisa delicada de se dizer, e tentou inserir uma nota amenizante.

— Ele ficou bastante excêntrico, o coitado do Wolfie.

Anos antes ela tinha tentado chamar Wilf de Wolfie, por achar que o nome era adequado a sua longa mandíbula, seu bigode fino e seus olhos brilhantes e austeros. Mas ele não gostava, suspeitava de escárnio, por isso ela tinha parado. Agora ele não se importava, e só dizer o nome fazia com que ela se sentisse bem-disposta e terna em relação a ele, o que ajudava nas circunstâncias atuais.

— Por exemplo, ele criou raiva de tapete.

— De tapete?

— Ele fica andando pela sala assim — disse Nancy, desenhando um retângulo no ar. — Tive de afastar a mobília das paredes. Fica dando uma volta depois da outra.

Inesperadamente, e como que pedindo desculpas, ela riu.

— Ah, tem gente aqui que faz isso — disse Tessa acenando a cabeça, com um ar de confirmação de quem está por dentro. Eles não querem que nada fique entre eles e a parede.

— E ele é muito dependente. É *Cadê a Nancy?* o tempo todo. Hoje em dia ele só confia em mim.

— Ele é agressivo? — falou Tessa de novo, como profissional, uma especialista.

— Não. Mas é desconfiado. Ele acha que tem gente vindo e escondendo as coisas dele. Ele acha que vem uma pessoa e fica mudando os relógios e até o dia do jornal. Depois dá ataque quando eu menciono o problema médico de alguém e faço um diagnóstico certo. A mente funciona de um jeito estranho.

Outra vez. Mais uma falta de tato.

— Ele fica confuso, mas não agressivo.

— Que bom.

Tessa pôs na mesa a forma de torta e começou a derramar recheio de uma lata grande, genérica, com uma etiqueta que dizia *Mirtilo*. O recheio tinha uma aparência um tanto rala e glutinosa.

— Aqui, Elinor — disse ela. — Aqui, seus restos.

Elinor tinha ficado parada de pé atrás da cadeira de Nancy — Nancy tinha tomado o cuidado de não se virar para olhar. Agora Elinor tinha se esgueirado para o lado da mesa sem erguer os olhos, e começado a juntar os pedacinhos de massa que a faca tinha cortado.

— Mas aquele homem morreu — disse Tessa. — Isso eu sei.

— De que homem você está falando?

— Daquele. Aquele seu amigo.

— Do *Ollie*? Você está dizendo que o Ollie morreu?

— E você não sabia? — disse Tessa.

— Não. Não.

— Achei que você tivesse ficado sabendo. O Wilf não sabia?

— O Wilf não *sabe* — disse Nancy de maneira automática, defendendo o marido ao colocá-lo nas fileiras dos vivos.

— Achei que fosse saber — disse Tessa. — Eles não eram parentes?

Nancy não respondeu. Claro que ela devia ter pensado que Ollie estava morto se Tessa estava ali.

— Acho que então ele não disse nada — disse Tessa.

— Wilf sempre foi ótimo em não dizer nada — disse Nancy. — Onde isso aconteceu? Você estava junto?

Tessa balançou a cabeça para dizer que não, ou que não sabia.

— Quando foi então? O que foi que te disseram?

— Ninguém me falou. Eles nunca iam me dizer nada.

— Ah, Tessa.

— Eu fiquei com um buraco na cabeça. Fiquei muito tempo.

— É que nem quando você costumava saber as coisas? — disse Nancy. — Lembra como era?

— Me deram gás.

— Quem? — disse Nancy, séria. — O que você quer dizer, te deram gás?

— Os responsáveis aqui. Me deram agulhas.

— Você tinha falado gás.

— Me deram as agulhas e o gás também. Era para curar minha cabeça. E para fazer eu não lembrar. De algumas coisas eu consigo lembrar, mas tenho dificuldade em dizer há quanto tempo aconteceram. O buraco ficou na minha cabeça muito tempo.

— O Ollie morreu antes ou depois de você vir para cá? Você não *lembra* de como ele morreu?

— Ah, eu vi ele. A cabeça dele estava envolvida num casaco preto. Com uma corda amarrada no pescoço. Alguém fez isso com ele.

Os lábios dela por um instante ficaram grampeados.

— Alguém devia ter ido para a cadeira elétrica.

— Talvez isso tenha sido algum pesadelo seu. De repente o seu sonho ficou misturado com o que aconteceu de verdade.

“Os tratamentos de choque”, pensou Nancy. Tratamento de choque deixava buraco na memória? Devia haver alguma coisa nas fichas. Ela iria falar de novo com a diretora.

Ela olhou o que Elinor estava fazendo com os restos de massa. Ela os tinha moldado engenhosamente, colocando neles cabeças, ouvidos e caudas. Ratinhos de massa.

Com um movimento ágil e certo, Tessa fez aberturas para o vapor nas crostas de cima das tortas. Os ratos foram para o forno com elas, em seu próprio prato de metal.

Então Tessa estendeu as mãos, e ficou esperando enquanto Elinor pegava uma toalhinha úmida para limpar todo resto de massa pegajosa ou camada de farinha.

— Cadeira — disse Tessa em voz baixa, e Elinor trouxe uma cadeira e colocou-a na ponta da mesa, perto de Nancy, para que Tessa pudesse sentar-se.

— E quem sabe você não podia ir fazer um pouco de chá para nós — disse Tessa. — Não se preocupe, vamos cuidar das suas iguarias. Vamos olhar os seus ratinhos.

— Vamos esquecer tudo isso que a gente estava falando — disse ela a Nancy. — Você não estava grávida, da última vez que eu tive notícias suas? Era menino ou menina?

— Menino — disse Nancy. — Isso foi há muito e muitos anos. E depois eu tive duas meninas. Todos já crescidos.

— Aqui você não repara como o tempo passa. Isso pode ser uma bênção, ou talvez não, não sei. O que é que eles estão fazendo então?

— O menino...

- Que nome você deu?
- Alan. Foi ser médico também.
- Médico. Muito bom.
- As meninas se casaram. Bom, Alan casou também.
- E os nomes? Delas, das meninas?
- Susan e Patricia. As duas viraram enfermeiras.
- Você escolheu nomes bonitos.

Foi trazido o chá — ali a chaleira tinha de ficar no calor o tempo todo — e Tessa serviu.

— Não é a melhor porcelana do mundo — disse ela, guardando para si própria uma xícara levemente rachada.

— Está ótimo — disse Nancy. — Tessa. Você lembra o que você conseguia fazer? Você conseguia... você conseguia saber as coisas. Quando alguém perdia alguma coisa, você conseguia dizer onde elas estavam.

- Que nada — disse Tessa. — Eu só fingia.
- Mas você não tinha como fingir.
- Não gosto de falar nisso.
- Desculpe.

A diretora apareceu na porta.

— Não quero perturbar o seu chá — disse ela a Nancy. — Mas se você não se importar de vir à minha sala só um minutinho quando terminar...

Tessa mal esperou a mulher estar fora de alcance.

— Isso é para você não precisar se despedir — disse ela.

Ela parecia estar se conformando a apreciar uma velha piada.

— É o truque dela. Todo mundo sabe. Eu sabia que você não tinha vindo me tirar daqui. E como você poderia?

— Isso não tem nada a ver com você, Tessa. É só que eu tenho o Wilf.

— Certo.

— Ele merece alguma coisa. Ele foi um bom marido para mim, o melhor que podia. Prometi a mim mesma que ele não teria de ir para um asilo.

— Não. Para um asilo, não — disse Tessa.

— Ah, que coisa mais idiota de se dizer.

Tessa estava sorrindo, e Nancy viu naquele sorriso a mesma coisa que a tinha deixado perplexa anos atrás. Não exatamente superioridade, mas uma benevolência extraordinária, injustificada.

— Você foi boa ao vir me ver, Nancy. Como você vê, ainda tenho saúde. É alguma coisa. Melhor você aparecer lá e ver o que ela está querendo.

— Eu não tenho nenhuma intenção ir lá ver o que ela quer — disse Nancy.
— Não vou sair de fininho. Tenho toda a intenção de me despedir de você.

Então agora não havia jeito de perguntar à diretora nada a respeito do que Tessa lhe tinha dito, e ela nem sabia, a bem da verdade, se devia perguntar — parecia ficar xeretando pelas costas de Tessa, e ainda podia provocar alguma retaliação. Nunca se sabia o que podia provocar retaliação, num lugar como aquele.

— Bem, não vá embora antes de comer um dos ratos de Elinor. Dos ratos cegos de Elinor. Ela quer que você coma. Agora ela gosta de você. E não se preocupe — eu tomo conta para que as mãos dela estejam sempre limpas, direitinho.

Nancy comeu o rato, e disse a Elinor que estava muito bom. Elinor aceitou apertar a mão dela, e então Tessa fez a mesma coisa.

— Se ele não estava morto — disse Tessa num tom deveras robusto e razoável —, por que ele não veio aqui me buscar? Ele disse que viria.

Nancy acenou com a cabeça.

— Vou te escrever — disse.

E ela tinha essa intenção, sinceramente, mas Wilf começou a dar tanto trabalho assim que ela voltou para casa, e toda a visita a Michigan ficou tão perturbadora, e no entanto tão fora da realidade, em sua cabeça, que ela nunca escreveu.

um quadrado, um círculo, uma estrela

Num dia de fim de verão no começo dos anos 1970, uma mulher estava andando por Vancouver, cidade que nunca tinha visitado antes e que, até onde ela sabia, nunca veria outra vez. Ela tinha andado de seu hotel no Centro até a ponte Burrard, e depois de algum tempo viu-se na Quarta Avenida. Naquela época, a Quarta Avenida era uma rua ocupada por lojinhas que vendiam incenso, cristais, imensas flores de papel, pôsteres de Salvador Dalí e do Coelho Branco, e também roupas baratas, ou fosforescentes e finas, ou com tons terrosos e pesadas como cobertores, feitas em partes pobres e lendárias do mundo. A música que tocava naquelas lojas ia te agredindo — parecia que ia te derrubar — à medida que você passava. E também as estranhas fragrâncias adocicadas, e a presença indolente de meninas e meninos, de moças e rapazes, que tinham praticamente se instalado na calçada. A mulher tinha lido e ouvido falar a respeito daquela cultura juvenil — era assim que ela achava que isso se

chamava. Aquilo tinha ficado em evidência por alguns anos, e na verdade era para estar diminuindo. Mas ela nunca tinha precisado abrir caminho por uma concentração tão grande daquilo, nem se encontrado, como parecia, inteiramente sozinha bem no meio dela.

Ela tinha sessenta e sete anos, era tão magra que seus quadris e seu peito tinham praticamente desaparecido, e tinha um andar audacioso, a cabeça projetada para a frente e virando para os lados de modo provocador, inquisitivo.

Não parecia haver ninguém por perto cuja idade tivesse uma diferença de menos de três décadas para a idade dela.

Um menino e uma menina se aproximaram dela com uma solenidade que mesmo assim parecia ligeiramente apatetada. Traziam faixas agaloadas em torno da cabeça. Queriam que ela comprasse um pequenino rolo de papel.

Ela perguntou se o papel dizia sua sorte.

— Quem sabe — disse a menina.

O menino, em tom de reprovação, disse:

— Ele traz sabedoria.

— Ah, nesse caso — disse Nancy, e colocou um dólar num barrete enfeitado e todo aberto.

— Agora me digam seus nomes — disse ela, com um sorriso que não conseguia reprimir e que não foi retribuído.

— João e Maria — disse a menina pegando a nota e enfiando-a em algum lugar dos panos que a cobriam.

— *João, Maria e Mibilisca* — disse Nancy. — *Foram atrás de uma odalisca...*

Mas o par se retirou, num profundo desdém e cansaço.

Então tudo bem. Ela foi adiante.

Haverá alguma lei que me proíba de estar aqui?

Um café muito modesto tinha uma placa na janela. Ela não comia desde o café da manhã no hotel. Agora já passava das quatro da tarde. Ela parou para ler o que estava sendo anunciado.

Viva a erva. E atrás daquelas palavras rabiscadas havia uma criatura de aparência raivosa, enrugada, quase chorosa, com um cabelo fino afastando-se de suas bochechas e de sua testa. Um cabelo pálido, seco, castanho-avermelhado. Use sempre uma cor mais clara do que o sua cor natural, dizia a cabeleireira. A cor do cabelo dela era escura, marrom-escuro, quase preto.

Não, não era. A cor dela agora era branco.

Acontece só umas poucas vezes na vida — ao menos só umas poucas se você é mulher — de você ficar cara a cara consigo mesmo assim, sem estar preparada. Era tão ruim quanto aqueles sonhos em que ela se via andando pela rua com um robe, ou descontraidamente usando só a parte de cima do pijama.

Durante os últimos dez ou quinze anos ela certamente tinha se dado ao trabalho de observar seu próprio rosto numa luz desfavorável para poder ver melhor os efeitos da maquiagem, ou decidir se já tinha mesmo chegado a hora de começar a pintar o cabelo. Mas ela nunca tinha tido um baque como esse, um momento em que ela via não apenas trechos problemáticos antigos e novos, ou alguma decadência que não podia mais ser ignorada, mas uma completa estranha.

Alguém que ela não conhecia e não gostaria de conhecer.

Ela relaxou sua expressão imediatamente e, claro, houve uma melhora. Daria para dizer que ela reconheceu a si mesma. E imediatamente começou a procurar esperanças, como se não houvesse um minuto a perder. Ela precisava passar laquê no cabelo para que ele não ficasse esvoaçando para longe do rosto daquele jeito. Ela precisava de um tom mais definido de batom. Coral brilhante, tão difícil de achar hoje, em vez desse aborrecido marrom rosado quase cor de boca que estava na moda. A determinação de encontrar o que precisava fez com que ela se virasse imediatamente — ela tinha visto uma farmácia três ou quatro quadras antes — e um desejo de não ter de passar de novo por João-e-Maria fizeram com que ela atravessasse a rua.

Se isso não tivesse acontecido, nunca teria havido o encontro.

Outra pessoa idosa estava caminhando pela calçada. Um homem, não alto, mas ereto e musculoso, careca até o cocuruto, onde havia uma franja de fino cabelo branco, soprando para todos os lados, exatamente como a dela. Camisa de brim aberta no pescoço, paletó velho e calças. Nada que desse a impressão de que ele estava tentando ficar parecido com os rapazes nas ruas — nada de rabo de cavalo, bandana ou jeans. E no entanto ele jamais poderia ser confundido com o tipo de homem que ela via diariamente nas últimas semanas.

Ela soube quase imediatamente. Era Ollie. Mas parou por completo, tendo uma razão considerável para achar que aquilo não poderia ser verdade.

Ollie. Vivo. Ollie.

E ele disse:

— Nancy!

A expressão no rosto dela (assim que ela superou um momento de terror, que ele aparentemente não notou) devia estar bem parecida com a expressão no

rosto dele. Incredulidade, riso, desculpas.

Desculpas por quê? Pelo fato de que eles não tinham se despedido como amigos, por eles nunca terem mantido contato um com o outro naqueles anos todos? Ou pelas mudanças que tinham acontecido em cada um deles, o modo como tinham de apresentar-se hoje, sem a menor esperança?

Nancy tinha mais razões para estar chocada do que ele, com certeza. Mas ela não falaria disso por um instante. Não até eles se situarem.

— Estou só passando a noite aqui — disse ela. — Quer dizer, noite passada e essa noite. Eu estava num cruzeiro para o Alasca. Com outras viúvas velhas. O Wilf morreu, você sabe. Já faz quase um ano. Preciso muito comer alguma coisa. Estou andando há horas. Mal sei como cheguei aqui. — E acrescentou, de maneira bem boba: — Eu não sabia que você morava aqui.

Porque ela não tinha pensado que ele morasse em lugar nenhum. Mas ela também não estava absolutamente certa de que ele tinha morrido. Até onde ela sabia, Wilf não tinha recebido notícia nenhuma nesse sentido. Ainda que ela não conseguisse tirar grandes informações de Wilf, ele tinha ficado inacessível, mesmo durante o período de sua breve excursão a Michigan para ver Tessa.

Ollie estava dizendo que não morava em Vancouver, que também estava só de passagem pela cidade. Ele tinha vindo para um procedimento médico, no hospital, coisa rotineira. Morava na ilha Texada. Onde exatamente, disse ele, era complicado demais para explicar. Bastava dizer que era preciso pegar três barcas para chegar de lá até aqui.

Ele a levou uma Kombi branca suja, estacionada numa rua lateral, e eles foram a um restaurante. A Kombi tinha cheiro de mar, de alga, de peixe e de borracha. E a verdade é que agora ele só comia peixe, jamais carne. O restaurante, que não tinha mais do que meia dúzia de mesinhas, era japonês. Um garoto japonês com o rosto suavemente curvado de um jovem sacerdote cortava peixe numa velocidade assustadora atrás do balcão. Ollie ergueu a voz: “Como vão as coisas, Pete?”, e o rapaz respondeu: “Ex-ce-len-tes”, com uma voz galhofeira norte-americana sem minimamente perder o ritmo. Nancy teve um átimo de constrangimento — teria sido por que Ollie tinha usado o nome do rapaz e o rapaz não tinha usado o de Ollie? E por que ela esperava que Ollie não reparasse em ela ter reparado nisso? Algumas pessoas — alguns homens — davam tanto valor a ficar amigo dos funcionários de lojas e restaurantes.

Ela achava intolerável a ideia de peixe cru, então comeu macarrão. Os pauzinhos eram estranhos para ela — não pareciam os pauzinhos chineses que ela tinha usado uma ou duas vezes — mas nada foi fornecido além deles.

Agora que eles estavam acomodados, era hora de ela falar de Tessa. Seria mais decente, porém, esperar que ele contasse a ela.

Assim, ela começou a falar do cruzeiro. Ela disse que nunca mais voltaria a um desses, nem para salvar a própria vida. Não por causa do tempo, ainda que ele tivesse ficado ruim às vezes, com chuva e neblina impedindo a vista. Na verdade, no cruzeiro tinha dado para apreciar vistas o bastante para uma vida inteira. Montanha após montanha e ilha após ilha e pedras e água e árvores. Todo mundo dizendo: que estupendo, não é mesmo?, que maravilhoso, não é mesmo?

Maravilhoso, maravilhoso, maravilhoso. Estupendo.

Eles viram ursos. Viram focas, leões-marinhos, uma baleia. Todo mundo tirando fotos. Suando, reclamando e com medo de suas câmeras novas não estarem funcionando direito. Depois veio a hora de sair do barco e de andar na famosa ferrovia até a famosa cidade mineira e mais fotos e atores vestidos como nos alegres anos de 1890 e o que é que a maioria das pessoas acabava fazendo ali? Fila para comprar caramelo.

Canções entoadas no trem. E, no barco, a bebida. Algumas pessoas desde o café da manhã. Jogos de cartas, apostas. Dança toda noite, com dez velhas para cada velho.

— Todas nós com faixas e cachos e lantejoulas e enfeitadas igual a cachorros em exibição. Estou te contando, a competição era selvagem.

Ollie riu em vários momentos dessa história, ainda que ela o tivesse pego uma vez olhando não para ela mas para o balcão, com uma expressão ausente e ansiosa. Ele tinha terminado sua sopa e talvez estivesse pensando no que viria depois. Talvez ele, como alguns outros homens, se sentisse insultado quando sua comida não vinha prontamente.

O macarrão de Nancy ficava fugindo dos pauzinhos.

— E meu Deus do céu. Eu ficava pensando o quê, mas o quê, eu vim fazer aqui? Todo mundo ficava me dizendo para eu fazer uma viagem. Wilf já estava fora de si havia alguns anos e eu cuidava dele em casa. Depois que ele morreu, as pessoas falavam que eu devia sair de casa e fazer um monte de coisa. Entrar para o Clube de Leitura da Terceira Idade, para as Caminhadas na Natureza da Terceira Idade, para a Pintura em Aquarela. Até os Visitantes Voluntários da Terceira Idade, que vão perturbar as pobres criaturas indefesas no hospital. Eu não tinha vontade de fazer nada daquilo, e então todo mundo começou com “vai viajar, vai viajar”, até meus filhos. Você precisa de umas boas férias. E eu ficava indecisa, eu não sabia realmente como viajar, e alguém disse, bem, você podia fazer um cruzeiro. Então eu pensei, é mesmo, eu podia fazer um cruzeiro.

— Que interessante — disse Ollie. — Não acho que perder a minha esposa fosse algum dia me dar a ideia de fazer um cruzeiro.

Nancy mal perdeu um segundo.

— Que inteligente da sua parte — disse ela.

Ela ficou esperando que ele dissesse alguma coisa sobre Tessa, mas seu peixe tinha chegado e ele ficou mexendo nele. Tentou convencê-la a experimentar um pouco.

Ela não queria. Na verdade, ela desistiu inteiramente da refeição, e acendeu um cigarro.

Ela disse que sempre tinha prestado atenção e esperado para ler algo mais que ele tivesse escrito depois daquele artigo que tinha causado tanto furor. O artigo mostrava que ele escrevia bem, disse ela.

Ele pareceu perplexo um instante, como se não conseguisse lembrar do que ela estava falando. Então sacudiu a cabeça, como se estivesse impressionado, e falou que aquilo tinha sido há muitos, muitos anos.

— Não era o que eu realmente queria.

— O que você quer dizer com isso? — disse Nancy. — Você não é do jeito que era, é? Você não é o mesmo.

— Claro que não.

— Quer dizer, tem alguma coisa básica, física, que simplesmente mudou. Seu corpo está diferente. Seus ombros. Ou não estou lembrando direito?

Ele disse que era isso mesmo, exatamente. Ele tinha percebido que queria uma vida mais física. Não. O que aconteceu, na ordem, foi um retorno do antigo demônio (ela supôs que ele estivesse falando da tuberculose) e ele percebeu que estava fazendo tudo errado, então mudou. Aquilo tinha sido anos atrás. Ele tinha virado aprendiz de construção naval. Então se juntou a um sujeito que fazia pesca em águas profundas. Cuidou dos barcos de um multimilionário. Isso foi em Oregon. Ele foi trabalhando até voltar para o Canadá, e ficou por ali — Vancouver — um tempo e depois comprou um terreno em Sechelt — de frente para o mar, quando ainda era barato. Abriu um negócio de caiaques. Construir, alugar, vender, dar aulas. Então chegou uma hora em que ele começou a achar que Sechelt estava cheio demais, e vendeu o terreno por praticamente nada para um amigo. Ele era a única pessoa que ele conhecia que não tinha ganhado dinheiro vendendo um terreno em Sechelt.

— Mas não é o dinheiro que guia a minha vida — disse ele.

Ele tinha ouvido falar dos terrenos que você conseguia na ilha Texada. E hoje ele não saía muito de lá. Fazia isso e aquilo para ganhar a vida. Ainda algo

com caiaques, alguma pescaria. Arrumava trabalhos de faz-tudo, de construtor, de carpinteiro.

— Eu me viro — disse ele.

Ele descreveu para ela a casa que tinha construído para si mesmo, que de fora parecia um casebre, mas que era uma delícia por dentro, ao menos para ele. Um loft com uma janelinha redonda. Tudo de que ele precisava bem onde ele podia pegar, de fora, nada em armários. A poucos passos da casa ele tinha uma banheira afundada na terra, no meio de um leito de ervas doces. Ele levava água quente ali de balde e se estatelava debaixo das estrelas, inclusive no inverno.

Ele plantava legumes, e os dividia com os cervos.

Durante todo o tempo em que ele contava aquilo, Nancy teve uma sensação infeliz. Não era descrença — apesar da única grande discrepância. Era mais uma sensação de perplexidade cada vez maior, e depois de decepção. Ele falava do jeito como certos homens falavam. (Por exemplo, um homem com quem ela tinha passado algum tempo no cruzeiro — no qual ela não tinha sido tão constantemente distante, tão antissocial quanto tinha dado a entender a Ollie.) Muitos homens não tinham uma palavra a dizer sobre suas vidas, exceto locais e datas. Mas havia outros, mais atualizados, que faziam esses discursos que pareciam casuais mas eram ensaiados, em que se dizia que a vida era mesmo uma jornada difícil, mas as tristezas tinham mostrado o caminho para coisas melhores, lições tinham sido aprendidas, e sem dúvida a alegria viria junto com a aurora.

Ela não tinha nada contra outros homens falarem desse jeito — ela normalmente conseguia pensar em outra coisa — mas, quando Ollie falou assim, inclinado do outro lado de uma mesa bamba, do outro lado de um prato de madeira com pedaços de peixe assustadores, uma tristeza se espalhou por ela.

Ele não era o mesmo. Ele realmente não era o mesmo.

E ela? Ah, o problema ali é que ela *era* exatamente a mesma. Falando do cruzeiro, ela tinha ficado toda empolgada — ela tinha gostado de ouvir a si mesma, de ouvir a descrição que ia saindo dela. Não que aquele fosse realmente o jeito como ela costumava falar com Ollie — era mais o jeito como ela gostaria de ter falado, e às vezes falava com ele em sua cabeça, depois de ele ter ido embora. (Não antes de ela ter superado a raiva que sentiu dele, claro.) Aparecia alguma coisa que fazia com que ela pensasse: queria poder contar a Ollie a respeito disso. Quando ela falava do jeito que queria com outras pessoas, ela às vezes ia longe demais. Ela conseguia perceber o que elas estavam pensando. *Cáustica*, ou *crítica*, ou até *amarga*. Wilf não usaria essas palavras, mas talvez

estivesse pensando-as, ela nunca conseguia dizer. Ginny sorria, mas não do jeito que costumava sorrir. Em sua meia-idade descasada ela tinha ficado furtiva, branda e caridosa. (O segredo veio à tona pouco antes de sua morte, quando ela admitiu ter virado budista.)

Assim, Nancy tinha sentido muita saudade de Ollie, sem jamais perceber exatamente do que ela tinha sentido saudade. Alguma coisa perturbadora ardendo nele como uma febre baixa, algo que ela não conseguia superar. As coisas que tinham dado nos nervos dela durante o breve período em que ela o tinha conhecido acabaram se mostrando as coisas que, em retrospecto, brilhavam.

Agora ele estava falando com convicção. Ele sorria nos olhos dela. Ela se lembrava de como ele podia ser charmoso. Mas ela tinha acreditado que esse jeito nunca seria usado com ela.

Ela tinha algum medo de que ele fosse dizer “Não estou sendo chato, estou?”, ou “Não é impressionante a vida?”.

— Tive uma sorte incrível — disse ele. — Sorte na vida. Ah, conheço algumas pessoas que não diriam isso. Elas diriam que eu não terminei nada que comecei, ou que não ganhei dinheiro nenhum. Elas diriam que eu perdi meu tempo quando estava por aí. Mas isso não é verdade.

“Eu ouvi o chamado — disse ele, erguendo as sobrancelhas, meio que sorrindo para si mesmo. — Sério, ouvi mesmo. Ouvi o chamado para fazer alguma coisa diferente. Alguma coisa diferente de preciso-de-sucesso. Que não tivesse a ver com o ego. Tive sorte o tempo todo. Sorte até de ter tido tuberculose. Ela me tirou da faculdade, onde minha cabeça teria ficado entupida de bobagem. E teria me impedido de ser recrutado se a guerra tivesse chegado mais cedo.”

— Você não podia ser recrutado à força de qualquer jeito, porque era casado — disse Nancy.

(Uma vez ela tinha ficado cínica o bastante para cogitar em voz alta para Wilf se aquele poderia ter sido um motivo para o casamento.

— Não estou muito interessado nas razões dos outros — disse Wilf.

Ele falou que não haveria guerra, de qualquer jeito. E não tinha havido, por mais uma década.)

— Bem, claro — disse Ollie. — Mas na verdade aquele não tinha sido um acordo extensivamente jurídico. Eu estava à frente do meu tempo, Nancy. Mas sempre esqueço que eu não era realmente casado. Talvez porque Tessa fosse uma

mulher muito profunda e séria. Se você estava com ela, você estava com ela. Nada era descontraído perto da Tessa.

— Então — disse Nancy, com toda a leveza que conseguia. — Então. Você e Tessa.

— Foi o *crash* de 29 que pôs tudo a perder — disse Ollie.

O que ele queria dizer com isso, como explicou, foi que a maior parte do interesse, e consequentemente do financiamento, tinha se esvaído. O financiamento para as investigações. Houve uma mudança de pensamento, e a comunidade científica se afastou daquilo que deve ter sido considerado uma frivolidade. Alguns experimentos continuaram por algum tempo, mas sem grande esmero, disse, e até as pessoas que pareciam as mais interessadas, as mais comprometidas — as pessoas que tinham entrado em contato com ele, disse Ollie, não tinha nem sido ele que as tinha procurado — essas pessoas foram as primeiras a ficar inacessíveis, a não responder suas cartas nem dar notícias, até que, no final, elas mandavam um bilhete pelas secretárias para dizer que estava tudo cancelado. Ele e Tessa foram tratados feito lixo por essas pessoas, como estorvos, como oportunistas, assim que a maré mudou.

— Acadêmicos — disse ele. — Depois de tudo aquilo por que a gente passou, colocando-nos à disposição deles. Não tenho a menor utilidade para eles.

— Achei que você lidava mais com médicos.

— Médicos. Carreiristas. Acadêmicos.

Para tirá-lo dessa digressão de antigas feridas e mau humor, Nancy perguntou sobre os experimentos.

A maioria envolvia cartas. Não cartas comuns, mas cartas especiais de percepção extrassensorial, com seus próprios símbolos. Uma cruz, um círculo, uma estrela, linhas onduladas, um quadrado. Colocavam uma carta de cada símbolo com a face exposta na mesa, e o resto do baralho era misturado e deixado com a face oculta. Tessa deveria dizer qual símbolo à frente dela seria igual ao símbolo da carta de cima do baralho. Esse era o teste aberto de correspondência. O teste cego de correspondência era igual, só que as cinco cartas-chave também ficavam com a face oculta. Outros testes aumentavam em dificuldade. Às vezes usavam dados, ou moedas. Às vezes nada além de uma imagem mental. Séries de imagens mentais, nada escrito. Examinador e cobaia na mesma sala, ou em salas separadas, ou a meio quilômetro de distância.

Então a taxa de acertos de Tessa era comparada com os resultados que você conseguiria com a mera sorte. A lei da probabilidade, que ele achava que era 20%.

Nada na sala além de mesa, cadeira e luz. Como uma sala de interrogatório. Tessa saía dali arrasada. Os símbolos a perturbavam por horas, não importando para onde ela olhasse. Ela começou a ter dores de cabeça.

E os resultados eram inconcludentes. Surgia todo tipo de objeção, não quanto a Tessa, mas quanto a os testes serem falhos. Diziam que as pessoas têm preferências. Quando você joga uma moeda, por exemplo, mais gente chuta cara do que coroa. Simplesmente porque sim. Esse tipo de coisa. E ainda por cima havia o que ele tinha dito antes, sobre a atmosfera da época, a atmosfera intelectual, que colocava essas investigações no terreno da frivolidade.

A noite estava caindo. A placa de fechado foi colocada na porta do restaurante. Ollie tinha dificuldade para ler a conta. Acabou que a razão por que ele tinha vindo a Vancouver, o problema médico, tinha a ver com os olhos dele. Nancy riu, pegou a conta da mão dele, e pagou.

— Claro — então eu não sou uma viúva rica?

Como eles não tinham terminado a conversa — nem perto de terminar, na opinião de Nancy — eles foram até um Denny's na mesma rua, para tomar café.

— De repente você prefere algum lugar mais chique — disse Ollie. — Você não prefere talvez tomar um drinque?

Nancy rapidamente falou que tinha bebido no navio o suficiente por um bom tempo.

— Eu bebi o suficiente para a minha vida inteira — disse Ollie. — Faz quinze anos que não bebo. Quinze anos e nove meses, para ser exato. Você reconhece um ex-alcoólatra quando ele conta os meses.

Durante o período dos experimentos, os parapsicólogos, ele e Tessa tinham feito alguns amigos. Ficaram conhecendo pessoas que tiravam seu sustento de suas capacidades. Não no interesse da chamada ciência, mas por aquilo que chamavam de adivinhação, ou leitura de mentes, ou telepatia, ou entretenimento vidente. Algumas pessoas se assentavam num bom lugar, trabalhando numa casa ou numa loja de rua, e ficavam assim por anos. Eram esses que iam dar conselhos pessoais, que previam o futuro, faziam mapa astral e alguns tipos de cura. Outros faziam apresentações públicas. Isso podia significar juntar-se a shows no estilo Chautauqua, compostos de palestras, leituras, cenas de Shakespeare, alguém cantando ópera e slides de viagens (Educação Sim, Sensação Não), e a partir daí era ladeira abaixo até as quermesses de última categoria que misturavam teatro de revista, hipnotismo e alguma mulher seminua envolvida em serpentes. Naturalmente, Ollie e Tessa preferiam

acreditar que pertenciam à primeira categoria. Educação sim, sensação não era de fato o que eles tinham em mente. Mas também sob esse aspecto o momento não era propício. Aquele tipo de coisa mais classuda já estava com os dias contados. Você ouvia música e podia adquirir uma certa cultura no rádio, e as pessoas já tinham visto todos os diários de viagem de que precisavam no salão da igreja.

A única maneira que eles arrumaram de ganhar algum dinheiro era viajar com espetáculos itinerantes, trabalhando em salões municipais ou em feiras de outono. Dividiam o palco com os hipnotizadores, com as mulheres das serpentes, com monologistas obscenos e com *strippers* que usavam penas. Aquele tipo de coisa também estava em decadência, mas a chegada da guerra trouxe um estímulo bizarro. A vida daquilo foi prolongada artificialmente por algum tempo quando o racionamento de combustível impediu as pessoas de irem às boates ou aos grandes cinemas da cidade. E a televisão ainda não tinha chegado para entretê-las com truques mágicos enquanto elas ficavam sentadas no sofá em casa. O começo dos anos 1950, Ed Sullivan etc. — aquilo foi realmente o fim.

Mesmo assim, houve boas plateias por algum tempo, casas cheias — Ollie às vezes se divertia, aquecendo a plateia com uma breve palestra, séria mas intrigante. E logo ele tinha virado parte do espetáculo. Eles tinham de criar alguma coisa mais emocionante, com mais drama ou mais suspense, do que aquilo que Tessa vinha fazendo sozinha. E havia outro fator a considerar. Ela aguentava bem, no que dizia respeito a seus nervos e a sua resistência física, mas seus poderes, quaisquer que fossem, não eram tão confiáveis. Ela começou a ter dificuldades. Ela tinha de se concentrar como nunca antes, e muitas vezes não funcionava. As dores de cabeça persistiam.

Aquilo que a maioria das pessoas suspeita é verdade. Essas apresentações são cheias de truques. Cheias de fingimento, cheias de ilusão. Às vezes só disso. Mas o que as pessoas — a maior parte das pessoas — esperam ocasionalmente também é verdade. Elas esperam que não seja tudo mentira. E é porque artistas como Tessa, que são realmente honrados, sabem dessa esperança e a compreendem — quem poderia compreendê-la melhor? — que eles podem começar a usar alguns truques e procedimentos, que vão dar resultado garantido. Porque toda noite, toda noite, esses resultados têm de aparecer.

Às vezes os meios são grosseiros, óbvios como a falsa divisória na caixa da moça que é serrada no meio. Um microfone escondido. O mais comum é que

seja usado um código, combinado entre quem está no palco e seu parceiro na plateia. Os códigos por si eram uma arte. São secretos, não existe nada escrito.

Nancy perguntou se o código dele, dele e de Tessa, era uma arte.

— Havia toda uma gama — disse ele, com o rosto brilhando. — Havia nuances.

Então ele disse:

— Na verdade, a gente às vezes era bem melodramático. Eu tinha uma capa preta...

— Ollie. Falando sério. Uma capa preta?

— Claro. Uma capa preta. E eu pegava um voluntário e tirava a capa e colocava em volta dele, depois de Tessa ter sido vendada — alguém da plateia fazia isso, garantia que ela estava vendada mesmo — e eu perguntava a ela: “Quem está na capa?”. Ou: “Quem é a pessoa na capa?” Ou então eu dizia “manta”. Ou “pano preto”. Ou: “Quem está aqui?”. Ou: “Quem você está vendo?”. “Qual a cor do cabelo?” “Alto ou baixo?” Eu usava as palavras, eu usava as menores inflexões da minha voz. Entrando em cada vez mais detalhes. Isso era só o nosso número de abertura.

— Você devia escrever a respeito.

— Eu pretendia. Pensei em fazer uma espécie de denúncia. Mas aí pensei: quem vai ligar? As pessoas ou querem ser enganadas, ou elas não querem ser enganadas. Elas não ligam para provas. Também pensei num romance de mistério. A ambientação se presta naturalmente a isso. Achei que eu podia ganhar um bom dinheiro e nós poderíamos sair daquela. E pensei num roteiro de filme. Você já viu aquele filme do Fellini...?

Nancy disse que não.

— Tudo bobagem, de qualquer jeito. Quer dizer, não o filme do Fellini. Estou falando das ideias que eu tinha. Na época.

— Me fala da Tessa.

— Acho que eu te escrevi. Não escrevi?

— Não.

— Devo ter escrito para o Wilf.

— Acho que ele teria me contado.

— Bem. Talvez eu não tenha escrito. Talvez eu estivesse num ponto baixo demais na época.

— Que ano foi isso?

Ollie não conseguia lembrar. A guerra da Coreia estava acontecendo. Harry Truman era presidente. De início parecia que Tessa estava só com gripe. Mas ela

não melhorava, ela ficava mais fraca, e ficou coberta de manchas roxas misteriosas. Ela estava com leucemia.

Eles ficaram enfurnados numa cidade nas montanhas no calor do verão. Tinham tido esperanças de chegar à Califórnia antes do inverno. Não conseguiram chegar nem à apresentação seguinte. As pessoas com as quais estavam viajando partiram sem eles. Ollie arrumou trabalho na estação de rádio da cidade. Ele tinha desenvolvido uma boa voz fazendo o espetáculo com Tessa. Ele lia as notícias no rádio, e fazia boa parte dos anúncios. Também escrevia alguns deles. O cara que normalmente fazia aquilo tinha saído para tentar a cura de Keeley, ou algo assim, numa clínica para bêbados.

Ele e Tessa foram do hotel para um apartamento mobiliado. Não tinha ar-condicionado, claro, mas eles tiveram sorte de ter uma varandinha com uma árvore fazendo sombra. Ele colocou o sofá ali para ele e Tessa pegarem ar fresco. Ele não queria ter de levá-la para o hospital — isso também custava dinheiro, claro, já que eles não tinham qualquer espécie de seguro — mas ele também pensava que ela ficava mais em paz ali, onde podia ver as folhas se mexendo. Mas ele acabou tendo de levá-la, e ali, em poucas semanas, ela morreu.

— Ela está enterrada lá? — disse Nancy. — Você não achou que nós íamos mandar dinheiro?

— Não — disse ele. — Não para as duas coisas. Não pensei em perguntar. Achei que era minha responsabilidade. E mandei cremá-la. Fui embora da cidade com as cinzas. Consegui chegar até a costa. Foi a última coisa que ela me disse, que queria ser cremada e queria ser espalhada nas ondas do oceano Pacífico.

Então foi isso que ele fez, disse. Ele lembrava do litoral de Oregon, da praia espremida entre o mar e a estrada, da neblina e do frio de manhã bem cedo, do cheiro da água do mar, da explosão melancólica das ondas. Ele tinha tirado os sapatos e as meias, enrolado as pernas da calça e entrado na água, e as gaivotas vieram atrás dele ver se ele tinha alguma coisa para elas. Mas tudo que ele tinha era Tessa.

— Tessa... — disse Nancy. Então não conseguiu continuar.

— Depois disso virei alcoólatra. Eu meio que conseguia ir vivendo, mas por muito tempo, lá dentro de mim, estava tudo morto. Até que eu simplesmente precisei sair daquela.

Ele não ergueu os olhos para Nancy. Houve um momento pesado, em que ele brincou com o cinzeiro com o dedo.

— Imagino que você tenha descoberto que a vida continua — disse Nancy.
Ele suspirou. Censura e alívio.
— Que língua mais afiada, Nancy.

Ele a levou de volta para o hotel onde ela estava. Havia muito som de metal batendo na Kombi, e um tremor e um rangido percorrendo o próprio veículo.

O hotel não era particularmente caro ou luxuoso — não havia porteiro por perto, nenhum montículo de flores de aparência carnívora para se olhar — e contudo, quando Ollie falou “Aposto que uma lata velha feito essa não passa aqui há muito tempo”, Nancy teve de rir e concordar com ele.

— E o seu barco?

— Perdi. Há milênios.

— Onde você vai dormir?

— Tenho uns amigos na Horseshoe. Ou então vou ficar bem aqui, se eu não estiver a fim de acordar eles. Já dormi aqui várias vezes.

O quarto dela tinha duas camas. Camas de casal. Ela podia ganhar um ou dois olhares safados, mas certamente podia aguentar. Já que a verdade estaria muito longe do que qualquer pessoa poderia estar pensando.

Ela inspirou o ar para preparar-se.

— Não, Nancy.

Aquele tempo todo ela tinha ficado esperando que ele dissesse uma palavra verdadeira. Toda aquela tarde ou talvez uma boa parte da vida dela. Ela tinha ficado esperando, e agora ele tinha dito.

Não.

Ela podia ser interpretada como uma recusa da oferta que ela não tinha exatamente feito. Ela podia ter soado a ela como arrogante, intolerável. Mas na verdade o que ela ouviu foi claro e terno e pareceu naquele momento mais pleno de compreensão do que qualquer palavra que já tinha sido dita a ela. *Não*.

Ela sabia o risco de qualquer coisa que ela pudesse dizer. O risco de seu próprio desejo, porque ela não sabia realmente que tipo de desejo era, nem qual era seu objeto. Eles tinham evitado o que quer que fosse aquilo anos atrás, e certamente teriam de evitar de novo agora que eram velhos — não terrivelmente velhos, mas velhos o bastante para parecer deploráveis e absurdos. E infelizes o bastante para ter passado seu tempo juntos mentindo.

Porque ela também tinha mentido, em seu silêncio. E, por ora, ela continuaria a mentir.

— Não — disse ele outra vez, mas sem vergonha. — Isso não daria certo.

Claro que não. E uma razão era que a primeira coisa que ela ia fazer quando chegasse em casa era escrever para aquele lugar em Michigan e descobrir o que tinha acontecido com Tessa, e trazê-la de volta para o seu lugar.

A estrada é fácil se você tem conhecimento para viajar com pouco.

O pedaço de papel que João-e-Maria tinham vendido a ela ainda estava no bolso do casaco. Quando ela finalmente físgou-o — já em casa, depois de ter passado quase um ano sem usar aquele casaco de novo — ela ficou perplexa e irritada com as palavras que estavam estampadas nele.

A estrada não era fácil. A carta para Michigan voltou sem ter sido aberta. Aparentemente aquele hospital nem existia mais. Mas Nancy descobriu que ela tinha como pedir informações, e decidiu obtê-las. Havia autoridades a quem ela podia escrever, registros a ser desenterrados, se possível. Ela não desistiu. Ela não admitiria que tinha perdido a pista.

No caso de Ollie, ela talvez tivesse de admitir. Ela tinha mandado uma carta para a ilha Texada — achando que só isso no endereço bastaria, devia haver tão pouca gente ali que qualquer pessoa poderia ser encontrada. Mas a carta voltou, com duas palavras escritas no envelope. *Mudou-se.*

Ela não aguentava abrir e ler o que tinha dito. Demais, ela tinha certeza.

moscas no parapeito

Ela está sentada na antiga cadeira de reclinar de Wilf no solário de sua própria casa. Ela não tem a intenção de ir dormir. É uma tarde clara de fim de outono — aliás, é dia da Grey Cup, e ela devia estar numa festa americana, vendo o jogo na tv. Deu uma desculpa na última hora. As pessoas estão começando a ficar acostumadas com ela fazendo esse tipo de coisa agora — uns dizem que estão preocupados com ela. Mas quando ela aparece, os velhos hábitos ou necessidades se reafirmam e ela às vezes não tem como evitar virar a alma da festa. Então eles param de se preocupar por um tempo.

Os filhos dizem ter esperanças de que ela não tenha decidido “viver no passado”.

Mas o que ela acredita estar fazendo, o que ela quer fazer se tiver tempo, não é tanto viver no passado, mas abri-lo e dar uma boa olhada nele.

Ela não acredita que está dormindo quando vê que está entrando em outro cômodo. O solário, a sala iluminada atrás dela, encolheu e virou um corredor escuro. A chave do hotel está na porta do quarto, como ela acredita que

costumavam estar as chaves, ainda que ela não tenha se deparado com isso em sua própria vida.

O lugar é pobre. Um lugar cansado para viajantes cansados. Uma luz no teto, uma barra com alguns cabides, uma cortina de material florido em rosa e amarelo que pode ser puxada para esconder as roupas penduradas. O material florido pode esconder a intenção de dar ao quarto uma nota de otimismo ou até de jovialidade, mas por alguma razão o efeito é o inverso.

Ollie deita na cama tão de repente, tão pesadamente, que as molas soltam um gemido triste. Parece que ele e Tessa andam de carro agora, e só ele dirige. Hoje, no primeiro calor e na primeira poeira da primavera, isso o deixou extraordinariamente cansado. Ela não sabe dirigir. Ela fez um bocado de barulho abrindo a mala dos figurinos e mais barulho ainda atrás da fina divisória de madeira do banheiro. Ele finge que está dormindo quando ela sai, mas pelas aberturas das pálpebras ele a enxerga olhando no espelho do armário, coberto de manchinhas nas partes em que a proteção ficou enodada. Ela usa a saia amarela de cetim na altura do tornozelo, e o bolero preto, com o xale preto estampado de rosas, a franja com quase meio metro. Ela é quem cria seus próprios figurinos, e eles não são nem originais, nem adequados. A pele dela agora tem *rouge*, mas está fosca. Seu cabelo está preso e com laquê, e seus rudes caracóis, alisados num capacete negro. Suas pálpebras estão roxas e suas sobrancelhas, erguidas e enegrecidas. Asas de corvo. As pálpebras se apertam pesadamente, como uma punição, sobre os olhos desvanecidos. Na verdade, todo o eu dela parece vergado pelas roupas, pelo cabelo e pela maquiagem.

Algun barulho que ele não tinha a intenção de fazer — de reclamação ou de impaciência — chega a ela. Ela vai até a cama e se curva para tirar os sapatos dele.

Ele diz para ela não se incomodar.

— Vou ter de sair daqui a um minuto — diz ele. — Vou ter de sair e falar com eles.

Eles significa as pessoas no teatro, ou os organizadores da atração, quem quer que sejam.

Ela não diz nada. Fica em frente ao espelho olhando-se, e então, ainda suportando o peso de seu pesado figurino e cabelo — é uma peruca — e de seu espírito, ela anda pelo quarto como se houvesse coisas a fazer, mas ela não consegue se decidir a fazer coisa nenhuma.

Mesmo quando ela se curvou para tirar os sapatos de Ollie, não olhou seu rosto. E se ele fechou os olhos no momento em que caiu na cama — como ela acha que fechou — pode ter sido para evitar ver o rosto dela. Eles se tornaram um casal profissional, dormem, comem e viajam juntos, próximos dos ritmos um da respiração do outro. Mas nunca, nunca — exceto quando estão unidos por sua responsabilidade perante a plateia — eles podem olhar um no rosto do outro, por medo de reparar em alguma coisa que é assustadora demais.

Não há um espaço adequado contra uma parede para a penteadeira com o espelho manchado — parte dele avança na frente da janela, cortando a pouca luz que pode entrar. Ela a olha dubia por um instante, e então concentra sua força para mover um canto dela alguns centímetros para dentro do quarto. Ali, no canto mais longínquo do parapeito, num ponto normalmente escondido pela cortina e pela penteadeira, há uma pequena pilha de moscas mortas.

Alguém que esteve recentemente naquele quarto passou tempo matando essas moscas, e depois juntou todos os pequeninos corpos e achou esse lugar para escondê-los. Eles estão metodicamente empilhados numa pirâmide que não se sustenta exatamente bem.

Ela grita ao ver aquilo. Não de nojo ou de susto, mas de surpresa, e talvez se possa dizer de prazer. *Ah, ah, ah.* Aquelas moscas encantam-na, como se fossem as joias em que se transformam quando vistas no microscópio, clarões de azul, ouro e esmeralda, asas de gaze cintilante. *Ah*, diz ela, mas não pode ser porque ela está vendo uma irradiação de insetos no parapeito. Ela não tem microscópio, e as moscas perderam todo seu lustre na morte.

É porque ela as viu ali, porque viu a pilha de corpos pequeninos, todos baralhados e caindo, acumulando pó juntos, ocultos naquele canto. Ela os viu em seu lugar antes de pôr a mão na penteadeira ou de mexer na cortina. Ela sabia que elas estavam ali, naquele seu jeito de saber as coisas.

Mas há muito tempo ela não sabe. Ela não tem sabido nada e vem dependendo de truques e planos combinados. Ela quase esqueceu, ela duvidou, que algum dia tivesse havido outro jeito.

Agora ela acordou Ollie, irrompeu em seu inquieto e curto descanso. O que foi, disse ele, algum bicho te mordeu? Ele resmunga ao levantar.

Não, diz ela. E aponta as moscas.

Eu sabia que elas estavam ali.

Ollie imediatamente sabe o que isso significa para ela, o alívio que deve ser, ainda que não consiga exatamente adentrar sua alegria. Isso porque ele também quase esqueceu algumas coisas — ele quase esqueceu que um dia acreditou nos

poderes dela, agora ele só fica ansioso por ela e por ele mesmo, para que seu fingimento funcione bem.

Quando você soube?

Quando olhei no espelho. Quando olhei na janela. Não sei quando.

Ela está tão feliz. Ela nunca costumava ficar feliz ou infeliz com o que conseguia fazer — ela achava normal. Agora os olhos dela brilham como se a poeira tivesse sido lavada deles, e sua voz soa como se sua garganta tivesse sido refrescada com água fresca.

Sim, sim, diz ele. Ela estende os braços e os coloca em volta do pescoço dele, e aperta a cabeça contra o peito dele com tanta força que os papéis até farfalham em seu bolso de dentro.

Esses são papéis secretos que ele ganhou de um homem que encontrou numa dessas cidades — um médico conhecido por cuidar de gente que vive em turnê e por obrigá-las a eventualmente realizar serviços que vão além do comum. Ele disse ao médico que está preocupado com sua esposa, que ela deita na cama e fica olhando o teto por horas a fio com uma expressão de concentração faminta no rosto, e passa dias sem dizer uma palavra, exceto quando necessário, diante de uma plateia (isso é tudo verdade). Ele perguntou a si mesmo, e então ao médico, se os extraordinários poderes dela talvez não estejam relacionados a algum perigoso desequilíbrio em sua mente e em sua natureza. Antigamente ela tinha convulsões, e ele se pergunta se alguma coisa desse tipo poderia estar prestes a acontecer de novo. Ela não é uma pessoa má, nem uma pessoa com maus hábitos, mas não é uma pessoa normal, é uma pessoa especial, e viver com uma pessoa especial pode ser um fardo, um fardo talvez maior do que um homem normal possa suportar. O médico entende isso e lhe fala de um lugar aonde ela pode ser levada, para descansar.

Ele teme que ela vá perguntar que barulho é esse que ela certamente ouve ao abraçá-lo. Ele não quer dizer *uns papéis* para que ela não pergunte: que papéis?

Mas se os poderes dela realmente voltaram — é isso que ele acha, junto com um retorno de seu respeito fascinado e quase esquecido por ela — se ela é como costumava ser, não é possível que ela possa saber o que estava naqueles papéis sem nem sequer colocar os olhos neles?

Ela sabe alguma coisa, mas está tentando não saber.

Porque se é isso que significa ela ter de volta o que um dia teve, o uso da visão profunda de seus olhos e as revelações instantâneas da sua língua, será que ela não ficaria melhor sem? E se a questão é ela abandonar essas coisas, e não elas abandonarem-na, será que ela poderia receber bem essa mudança?

Eles podiam fazer outra coisa, acha ela, eles podiam ter outra vida.

Ele diz a si mesmo que vai se livrar dos papéis assim que puder, que vai esquecer aquilo tudo, que ele também é capaz de esperança e de honra.

Sim. Sim. Tessa sente toda ameaça desaparecer do débil crepitar abaixo de sua bochecha.

A sensação de ter sido temporariamente poupada ilumina todo o ar. Tão clara, tão forte, que Nancy sente o futuro conhecido retrair-se diante de seu ataque, fugindo apressadamente como velhas folhas sujas.

Mas no fundo daquele momento alguma instabilidade aguarda, e Nancy está determinada a ignorá-la. Não adianta. Ela já está ciente de estar distante, afastada daquelas duas pessoas, e de ter retornado a si mesma. Parece que alguma pessoa calma e decidida — teria sido Wilf? — assumiu a tarefa de conduzi-la para fora daquele quarto com seus cabides e sua cortina florida. Delicada e inexoravelmente levando-a para longe daquilo que começa a desabar atrás dela, para desabar e enegrecer suavemente em algo como fuligem branda e cinza.

[1] Lizzie Borden foi protagonista de um famoso caso policial em 1892, no qual foi acusada de ter matado o pai e a madrasta com um machado. O julgamento declarou-a inocente. (n. t.)

[2] “Como o pássaro pisco de peito vermelho.” [n.t.]

[3] Há uma referência a versos da estrofe mais famosa de um dos mais famosos poemas da língua inglesa, “Ode: Intimations of Immortality”, de William Wordsworth: “But trailing clouds of glory do we come / From God, who is our home.” [n.t.]